
GALERA
HEX HALL
VOL.2 • A MALDIÇÃO
RACHEL HAWKINS

Obras da autora publicadas pela Galera Record

Série Hex Hall

Volume 1 – Sortilégio
Volume 2 – A maldição

RACHEL HAWKINS

HEX HALL

VOL. 2 • A MALDIÇÃO

Tradução de
CAMILA MELLO

1ª edição

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2012

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Hawkins, Rachel, 1979-
H325h Hex Hall: a maldição [recurso eletrônico] / Rachel Hawkins; tradução Camila Mello. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.
recurso digital (Hex Hall; 2)

Tradução de: Demonglass: a Hex Hall Novel
Sequência de: Hex Hall, vol. 1: sortilégio
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 9788501101006 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mello, Camila. II. Título. III. Série.

CDD: 028.5
CDU: 087.5

13-05320

Título original em inglês:
Demonglass: a Hex Hall Novel

Copyright © 2011 by Rachel Hawkins

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Adaptação de capa original: Renata Vidal da Cunha

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 9788501101006



Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para John, que disse:
— Sabe do que este livro precisa? De mais fogo.
E talvez de algumas espadas.
Desta *vez, querido, você tinha razão.*

Ainda me assombra, fantasma do além,
Sob o céu Alice vem
Sem ser vista por ninguém.

— Lewis Carrolla

CAPÍTULO 1



Em uma escola normal, ter aulas no pátio em um dia lindo de maio é ótimo. Você toma sol, lê poesia, sente a brisa balançando os cabelos...

No Hecate Hall, conhecido como Cadeia para Monstros, isso significava que iam me jogar dentro da água.

Minha turma de Perseguição aos Prodígios estava reunida em volta do lago lamacento ao pé do monte no qual ficava a escola. Nossa professora, Srta. Vanderlyden — ou a Vandy, como a chamamos — foi falar com Cal. Era o zelador, apesar de seus dezenove anos. A Vandy pegou uma corda com o rapaz, que estava esperando por nós perto da margem. Quando ele me viu, moveu a cabeça de maneira quase imperceptível; era como me cumprimentava em vez de acenar e berrar "E aí, Sophie!".

Definitivamente, fazia o tipo forte e quieto.

— Não está me ouvindo, Srta. Mercer? — perguntou a Vandy enrolando a corda no punho. — Eu disse venha aqui.

— Srta. Vanderlyden — respondi, tentando soar menos nervosa do que me sentia —, está vendo isto? — perguntei apontando para meus cabelos cacheados. — Fiz um permanente há poucos dias, então... acho que ainda não posso molhar a cabeça.

Ouvi uns risinhos discretos e, ao meu lado, minha companheira de quarto, Jenna, murmurou:

— Boa.

Quando cheguei ao Hecate, teria medo de responder à Vandy dessa maneira. Mas no final do semestre passado, vi minha bisavó matar uma amiga/inimiga, e o garoto que eu amava me feriu com uma faca.

Eu estava um pouco mais durona agora.

Acho que a Vandy não gostava disso, pois me repreendeu de forma ainda mais incisiva.

— À frente, no centro!

Resmunguei baixinho e passei pelo pessoal. Quando cheguei à margem do lago, tirei meus sapatos e meias e fiquei em pé ao lado da Vandy. Senti a lama viscosa embaixo dos meus pés descalços.

A corda arranhou minha pele enquanto a Vandy atava minhas mãos e meus pés. Assim que terminou, ela se levantou e parecia satisfeita.

— Agora entre no lago.

— Hum... e como exatamente vou andar até lá?

Fiquei com medo de que ela me mandasse ir pulando, uma cena tão ridícula que nem dava para imaginar. Cal se apresentou; torci para que fosse me salvar.

— Posso jogá-la do píer, Srta. Vanderlyden.

Não foi.

— Ótimo — disse a Vandy, assentindo com a cabeça, como se tivesse planejado aquilo. Cal se abaixou e me pegou no colo.

Ouvi mais risadas e alguns suspiros. Sabia que a maioria das meninas daria a vida para que Cal as carregasse, mas meu rosto ficou vermelho. Aquilo não era menos humilhante do que pular até o lago.

— Você não escutou o que ela estava dizendo, escutou? — perguntou ele com voz baixa.

— Não — respondi.

Enquanto a Vandy explicava por que um aluno teria de entrar no lago, eu estava falando para Jenna que *não* tinha ficado surpresa quando um menino me chamou de "Mercer" no dia anterior, da mesma forma que Archer Cross sempre me chamava. Não fiquei surpresa. Assim como também não tive aquele sonho no qual recriei vividamente o beijo que

Archer me deu em novembro. A diferença foi que, no sonho, ele não tinha a tatuagem no peito que o filiava ao L'Occhio di Dio, portanto não havia motivos para interromper o beijo e...

— O que estava fazendo? — perguntou Cal.

Por um segundo, achei que estivesse falando sobre o meu sonho, e fiquei totalmente envergonhada. Só depois percebi que não era isso.

— Ah, eu estava... hum, falando com Jenna. Fofoca de monstrinhas, você sabe como é.

Pensei ter visto aquele fantasma de um sorriso de novo, mas aí ele disse:

— A Vandy disse que bruxas de verdade escaparam de julgamentos na água fingindo se afogar e depois se libertando com seus poderes. Então quer que você afunde e depois se salve sozinha.

— Acho que afundar vai ser fácil — murmurei. — A outra parte... sei não.

— Vai dar tudo certo — disse —, e se você não voltar em alguns minutos, *eu* te salvo.

Meu coração deu um pulo, o que me surpreendeu. Não sentia aquilo desde que Archer desaparecera. Não devia ser nada. A luz do sol brilhava por entre os cabelos louros de Cal, e seus olhos de mel estavam iluminados pela luz refletida na água. Além disso, ele me carregava como se eu não pesasse nada. É claro que ia sentir frio na barriga com um cara como ele me dizendo uma coisa tão emocionante.

— Obrigada — respondi.

Olhei por cima do ombro dele e vi mamãe nos observando na varanda da casa que tinha sido de Cal. Estava morando conosco havia seis meses enquanto esperávamos que papai viesse me buscar para me levar ao Conselho, em Londres.

Seis meses depois, ainda estávamos esperando.

Mamãe franziu o rosto, e achei melhor mostrar o polegar para indicar que estava tudo bem. Tudo o que consegui fazer foi levantar as mãos amarradas, acertando Cal bem no queixo.

— Foi mal.

— Tudo bem. Deve ser estranho para você ter sua mãe por perto.

— Estranho para mim, estranho para ela, e provavelmente estranho para você, por ter saído da sua mansão.

— A Sra. Casnoff deixou que eu instalasse a jacuzzi em formato de coração no outro quarto.

— Cal — falei fingindo estar surpresa —, jura que acabou de fazer uma piada?

— Talvez — respondeu.

Chegamos ao final do píer. Olhei para a água e tentei não tremer.

— É claro que vou fingir, mas você tem alguma sugestão para que eu não me afogue? — perguntei a Cal.

— Não respire água.

— Ah, obrigada, ajudou muito.

Cal me pegou de outro jeito, o que me deixou tensa. Antes de me jogar no lago, inclinou-se para a frente e sussurrou:

— Boa sorte.

Caí na água.

Não posso dizer qual foi o meu primeiro pensamento enquanto afundava, porque só conseguia pensar repetidamente em um palavrão. A água estava fria demais para um lago na Geórgia em pleno mês de maio. Senti o frio penetrando os ossos. Meu peito começou a queimar imediatamente, e afundei por completo, parando no fundo lodoso do lago.

OK, Sophie, pensei. Sem pânico.

Olhei para a direita e vi um crânio sorrindo para mim na água turva.

Entrei em pânico. Meu primeiro impulso foi humano, e dobrei o corpo tentando desamarrar as cordas em volta dos tornozelos. Logo percebi que estava sendo muito idiota. Tentei me acalmar e concentrar meus poderes.

Cordas soltas, pensei, imaginando os nós se desfazendo. Senti que cederam um pouco, mas não o suficiente. Parte do problema era que minha magia vinha do solo (ou de algum lugar abaixo do solo, um fato sobre o qual não gostava nem de pensar) e era difícil tocá-lo com os pés enquanto tentava não me afogar.

CORDAS SOLTAS, pensei outra vez com mais força.

Elas se soltaram com violência e se desfiaram até que ficassem como um grande emaranhado de barbantes. Se não estivesse prendendo a respiração, teria suspirado. Soltei o que ainda sobrava e nadei até a superfície com pressa.

Subi uns trinta centímetros e senti alguma coisa me puxando de volta para o fundo do lago.

Olhei para os tornozelos esperando ver um esqueleto me segurando, mas não havia nada. Meu peito estava queimando e meus olhos, ardendo. Tomei impulso com os braços e as pernas tentando nadar para cima, mas era como se estivesse presa no fundo, mesmo que nada estivesse me prendendo.

Entrei em pânico de verdade quando comecei a ver manchas negras. Tinha de respirar. Movi os pés de novo, mas não adiantou. As manchas negras ficaram maiores e a pressão no peito era angustiante. Comecei a me perguntar há quanto tempo estava lá embaixo e se Cal ia mesmo cumprir a promessa de me salvar.

Fui impulsionada de repente para cima e arfei quando atingi a superfície, sentindo o ar queimando quando correu pelo peito; mas não era o fim. Continuei nadando até que estivesse totalmente fora do lago e me joguei no píer.

Meu ombro bateu na madeira e me contorci de dor. Sabia que minha saia estava levantada, mas não conseguia me importar com isso. Só fiquei respirando. Depois de um tempo, parei de sofrer e voltei a respirar normalmente.

Eu me sentei e tirei os cabelos molhados do rosto. Cal estava a poucos metros. Olhei para ele.

— Excelente salvamento.

Só depois percebi que Cal não estava olhando para mim, mas para a ponta do píer.

Segui seu olhar e vi um homem magro de cabelos negros. Estava em pé sem se mover e olhava para mim.

Senti dificuldade para respirar de novo.

Fiquei de pé, com as pernas tremendo, e arrumei minhas roupas encharcadas.

— Você está bem? — perguntou o homem com expressão preocupada.

Sua voz era mais poderosa do que esperaria de um homem tão pequeno, e tinha sotaque levemente britânico.

— Estou bem — falei, mas voltei a ver as manchas negras e meus joelhos estavam muito fracos para me sustentar.

A última coisa que vi antes de desmaiar foi meu pai vindo em minha direção enquanto eu desabava no píer.

CAPÍTULO 2



Pela segunda vez em seis meses, lá estava eu no escritório da Sra. Casnoff, enrolada em um cobertor. A primeira vez foi quando descobri que Archer era um membro do L'Occhio di Dio, um grupo de caçadores de demônios. Meu pai estava em pé ao lado da mesa segurando uma pasta marrom cheia de papéis enquanto a Sra. Casnoff estava sentada atrás do móvel em seu magnífico trono roxo.

Só se ouviam os sons dos papéis e dos meus dentes batendo, até que finalmente perguntei:

— Por que minha magia não me tirou do lago?

A Sra. Casnoff olhou para mim como se tivesse esquecido que eu estava lá.

— Nenhum demônio escaparia daquele lago — respondeu com voz de veludo. — Há feitiços de proteção lá. Eles... seguram qualquer coisa que não reconheçam como bruxa, fada ou mutante.

Eu me lembrei do crânio e concordei. Queria mais daquele chá que ela me ofereceu quando estive lá da última vez.

— Achei que fosse isso. Então a Vandy estava tentando me matar?

Os lábios da Sra. Casnoff se enrugaram um pouco.

— Não seja ridícula — respondeu. — Clarice não sabia sobre os feitiços de proteção.

Teria sido mais fácil acreditar se não tivesse desviado o olhar ao me dizer isso, mas, antes que eu pudesse continuar, papai colocou a pasta na mesa da Sra. Casnoff e disse:

— Que pasta impressionante você tem, Sophia. — Bateu palmas e continuou. — Se o Hecate oferecesse aulas em meio a um caos completo, você com certeza seria a aluna número um.

Bom saber de onde vinha meu sarcasmo, que devia ser a única característica que herdei. Já tinha visto fotos antes, mas era a primeira vez que o via em pessoa, e era difícil não ficar olhando. Era tão diferente do que esperei. Era bonito, sem dúvida, mas... não sei. Era meio arrumadinho demais. Parecia o tipo de pessoa que organizava os sapatos pela cor.

Dei uma olhada em mamãe e vi que estava fazendo exatamente o oposto: olhava para todos os lados, menos para o meu pai.

— É — respondi, prestando atenção nele —, o semestre passado foi intenso.

Papai levantou as sobrancelhas. Será que foi de propósito ou, como eu, não conseguia levantar apenas uma?

— "Intenso"? — Pegou a pasta de novo e leu por cima dos óculos. — No seu primeiro dia no Hecate, um lobisomem a atacou...

— Não foi exatamente um ataque — murmurei, mas ninguém prestou atenção.

— Porém, é claro, isso não é nada comparado ao que veio depois. — Papai folheou o arquivo. — Você insultou uma professora, o que resultou em detenção com um certo Archer Cross por um semestre no porão. Segundo as observações da Sra. Casnoff, vocês ficaram "íntimos". — Fez uma pausa. — É uma boa definição para seu relacionamento com o Sr. Cross?

— É — respondi com raiva.

Papai virou mais uma página.

— Bem, parece que eram... íntimos o suficiente para que você conseguisse ver a marca do L'Occhio di Dio no peito dele.

Fiquei encabulada e senti o abraço de mamãe mais apertado. Nos últimos seis meses, contei para ela sobre Archer, mas não tudo.

Deixei de falar exatamente sobre o beijo no porão.

— Agora, para a maioria das pessoas, ser quase assassinada por um bruxo que trabalha para o Olho seria o suficiente para um semestre. Mas você também se envolveu com um coven de bruxas negras liderado por — passou o dedo pela página —, ah, por Elodie Parris. A Srta. Parris e suas amigas Anna Gilroy e Chaston Burnett assassinaram o outro membro do coven, Holly Mitchell, e evocaram um demônio que por acaso é a sua bisavó, Alice Barrow.

Meu estômago deu um nó. Eu passara os últimos seis meses tentando esquecer o que tinha acontecido no outono. Escutar papai lendo aquilo com voz desprovida de emoção... Bem, digamos que estava começando a querer ter ficado no lago mesmo.

— Depois que Alice atacou Chaston e Anna, matou Elodie, e aí você a matou.

Vi seu olhar se mover dos papéis para minha mão direita. Uma cicatriz enrugada cruzava a palma como um suvenir daquela noite. O vidro do demônio deixa uma marca significativa.

Papai tossiu para limpar a garganta e colocou os papéis na mesa.

— É, Sophia, concordo. Você realmente teve um semestre bem intenso. O que é irônico, considerando que mandei você para cá para que ficasse a salvo.

Dezesseis anos de perguntas e acusações tomaram meu cérebro e me ouvi retrucando:

— O que teria acontecido se certas pessoas tivessem me informado sobre o fato de eu ser um demônio.

Atrás de papai, a Sra. Casnoff franziu o rosto e achei que fosse começar um sermão sobre respeito aos mais velhos, mas ele apenas me observou com olhos pequenos e azuis — iguais aos meus — e deu um sorrisinho.

— *Touché*.

O sorriso me quebrou. Olhei para o chão e falei:

— Então você está aqui para me levar para Londres? Estou esperando desde novembro.

— Podemos discutir isso mais tarde. Primeiro quero ouvir sua versão sobre os eventos do semestre passado. E sobre esse menino, Cross.

Fiquei ressentida e balancei a cabeça.

— De jeito nenhum. Se quiser saber a história, é só ler o que escrevi para o Conselho. Ou falar com a Sra. Casnoff, com a mamãe, ou com qualquer outra pessoa para quem contei o que aconteceu.

— Sophia, entendo que você esteja com raiva...

— É Sophie. Ninguém me chama de Sophia.

Ele contraiu os lábios.

— Muito bem. Sophie, mesmo que sua frustração seja compreensível, não ajuda neste momento. Eu gostaria de passar algum tempo conversando com você e sua mãe — deu uma olhada nela —, como uma família, antes de tocarmos no assunto da Remoção.

— Tarde demais — retruquei, livrando-me do cobertor e do abraço de mamãe. — Você teve dezesseis anos para conversar conosco como uma família. Não pedi que viesse aqui porque é o meu pai e porque quero um encontro emocionante. Pedi que viesse como chefe do Conselho para que me livre desses poderes idiotas.

As palavras saíram sem pausa. Se falasse mais devagar, ia começar a chorar, e já tinha chorado o suficiente nos últimos meses.

Papai olhou para mim. Seu olhar ficou frio e a voz, séria.

— Nesse caso, na qualidade de chefe do Conselho, rejeito seu pedido de passar pela Remoção.

Olhei para ele, sem acreditar.

— Você não pode fazer isso!

— Na verdade, Sophie, pode sim — intercedeu a Sra. Casnoff. — Tanto como chefe do Conselho quanto como seu pai, ele está agindo de acordo com as regras. Pelo menos até que você complete dezoito anos.

— Mas isso é daqui a mais de um ano!

— O que vai lhe dar tempo suficiente para compreender totalmente as implicações de sua decisão — disse papai.

Voltei a olhar para ele.

— OK, em primeiro lugar, ninguém fala assim. Em segundo lugar, *entendo* as implicações da minha decisão. Remover meus poderes vai me impedir de matar pessoas.

— Sophie, já conversamos sobre isso — disse mamãe. Era a primeira vez que se manifestava desde que entrou no escritório. — A possibilidade de você matar alguém, ou de sequer tentar, não é certa. Seu pai nunca perdeu o controle dos próprios poderes. — Suspirou e coçou um dos olhos. — E é uma solução tão drástica, filha. Não acho que você deva arriscar sua vida por um "talvez".

— Sua mãe tem razão — disse a Sra. Casnoff. — E lembre-se de que você resolveu passar pela Remoção um dia depois de ver uma amiga morrer. Talvez seja melhor ponderar um pouco mais.

Eu me sentei novamente.

— Entendo o que estão falando. Entendo. Mas... — Observei os três. Olhei para papai, a única pessoa que poderia compreender o que eu ia dizer. — Eu vi Alice. Vi o que era, o que fez, o que era capaz de fazer. — Olhei para as rosas no carpete da Sra. Casnoff, mas o que vi foi Elodie, pálida e suja de sangue. — Eu jamais, *jamais*, quero ficar daquele jeito. Prefiro mesmo morrer.

Mamãe se engasgou e a Sra. Casnoff ficou repentinamente interessada por alguma coisa na mesa.

Papai concordou.

— Tudo bem — respondeu. — Vamos fazer um acordo.

— James — protestou mamãe.

Seus olhares se encontraram e alguma coisa se passou entre eles antes que papai continuasse a falar.

— Seu ano letivo está quase no fim aqui no Hecate Hall. Venha passar o verão comigo, e se, no final, você ainda quiser passar pela Remoção, dou a permissão.

Ergui as sobrancelhas.

— Tipo, na sua casa? Na Inglaterra?

Meu pulso ficou acelerado. Archer já tinha sido visto três vezes na Inglaterra.

Papai fez uma pausa e, por um momento de terror, fiquei me perguntando se conseguia ler mentes.

— Na Inglaterra, sim. Não na minha casa. Vou passar o verão com uns... amigos.

— E não vão se importar se você levar a filha?

Papai sorriu para si.

— Acredite, eles têm espaço suficiente.

— E qual o objetivo disso?

Tentei parecer altiva e desdenhosa, mas acho que soei petulante.

Papai catou alguma coisa no casaco. Quando puxou um cigarro, a Sra. Casnoff emitiu um som. Papai suspirou e colocou-o de volta no bolso.

— Sophie — disse ele, frustrado —, quero conhecê-la e quero que me conheça antes de decidir jogar seus poderes, e possivelmente sua vida, fora. Você nem sabe ao certo o que significa ser um demônio.

Considerei a proposta do meu pai. Por um lado, não era sua maior fã naquele momento e não tinha certeza se queria ficar com ele em outro continente.

No entanto, se não fosse, ficaria estagnada como um demônio para sempre. Além disso, mamãe tinha se livrado da casa que estava alugando em Vermont, então eu provavelmente passaria o verão no Hecate com ela e com os professores. Cruzes.

Ou podia ir para a Inglaterra. Onde Archer estava.

— Mãe? — chamei, esperando por algum incentivo maternal. Ela parecia estar abalada depois de me ver quase morrendo e de ter de lidar com papai.

— Vou sentir muito a sua falta, mas seu pai tem razão. — Seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas foi forte e fez que sim com a cabeça. — Acho que você devia ir.

— Obrigado, Grace — respondeu papai.

Respirei fundo.

— OK — falei para ele. — Eu vou. Mas quero levar Jenna.

Ela também não tinha para onde ir no verão e eu queria pelo menos uma pessoa amiga por perto se ia passar meses em contato com meu lado

demoníaco.

— Tudo bem — disse papai sem hesitar.

Fiquei surpresa, mas tentei manter a linha.

— Ótimo.

— Falando nisso — continuou meu pai para a Sra. Casnoff —, estava pensando em levar Alexander Callahan conosco.

— Quem é Alexander Callahan? — perguntei. — Ah, sim. O Cal.

Era estranho pensar nele como *Alexander*. Era um nome tão formal. Cal tinha mais a ver.

— É claro — disse a Sra. Casnoff em tom profissional outra vez. — Tenho certeza de que podemos ficar sem ele por alguns meses. Se bem que sem os poderes de cura, com certeza teremos que investir na compra de mais bandagens.

— Por que quer levar Cal? — perguntei.

Os dedos do papai foram buscar algo no casaco novamente.

— Coisas do Conselho. Os poderes de Alexander são únicos, então queremos entrevistá-lo e fazer alguns testes.

Não gostei muito da ideia e alguma coisa me disse que Cal também não ia gostar.

— E vocês vão poder se conhecer melhor — continuou.

Senti o medo subindo pela coluna.

— Eu e Cal já nos conhecemos bem o suficiente — falei. — Por que preciso conhecê-lo melhor?

— Porque — disse papai olhando para mim, finalmente — vocês estão noivos.

CAPÍTULO 3



Levei meia hora para encontrar Cal. Até que foi bom, porque assim tive tempo para pensar em algo que não fosse um palavrão.

Há várias coisas bizarras que bruxas e bruxos fazem, mas isso de casamento arranjado é a mais nojenta. Quando uma bruxa completa treze anos, seus pais a prometem a um bruxo disponível, que seja compatível em termos de poderes e alianças familiares. É tão século XVIII.

Saí andando pela escola e imaginei Cal sentado com meu pai em uma sala imponente, cheia de cadeiras de couro e animais mortos na parede, mordendo a ponta de um charuto enquanto papai oferecia minha mão formalmente. Deviam até ter se abraçado.

Tudo bem, eles não são daquelas pessoas que fumam charuto e se abraçam, mas mesmo assim.

Finalmente o encontrei na casinha de jardinagem atrás da estufa, onde tínhamos as aulas de Defesa. Seu talento para a cura também funcionava em plantas. Estava passando as mãos sobre uma azaleia marrom e murcha quando abri a porta. Cerrou os olhos para se proteger de um raio de sol de fim de tarde que entrou comigo.

— Sabia que sou sua noiva? — indaguei.

Cal murmurou alguma coisa e voltou-se para as plantas.

— Sabia? — perguntei de novo, mesmo que aquilo já fosse uma resposta.

— Sim — respondeu.

Fiquei parada esperando que ele dissesse mais alguma coisa, mas era tudo o que tinha a dizer.

— Bem, eu não vou me casar com você — falei. — Acho esse negócio de casamento arranjado uma coisa nojenta e bárbara.

— Tudo bem.

Havia um saco de terra perto da porta. Peguei um punhado para jogar nas costas dele. Antes de ser atingido, Cal levantou uma das mãos e fez com que os grãos parassem em pleno ar. Depois de alguns segundos, os guardou de volta, devagar.

— Não acredito que você sabia e não me contou — falei, sentando-me no saco.

— Não tinha por quê.

— Como assim?

Cal limpou as mãos no jeans e se virou para me olhar. Estava suado e a camiseta úmida colava no peito de uma maneira que eu teria achado interessante caso não estivesse tão irritada. Como sempre, ele se parecia muito mais com um jogador de futebol americano do que com um bruxo.

Seu rosto não tinha qualquer expressão, mas Cal era sempre uma pessoa muito discreta.

— Quis dizer que você não cresceu com uma família Prodígio, então eu sabia que você ia achar o casamento uma coisa... Como é que você falou?

— Nojenta e bárbara.

— Isso. Então, para que fazer com que você ficasse estressada e hostil?

— Não estou sendo hostil — protestei. Cal deu uma olhada no saco de terra. Revirei os olhos. — Tá, tudo bem, mas estava com raiva porque você não me contou, e não porque estamos... noivos. Cara, não dá nem para falar, soa muito estranho.

— Sophie, isso não quer dizer nada — disse inclinando-se para a frente e colocando os cotovelos sobre os joelhos. — É tipo um contrato. Ninguém explicou isso a você?

Archer. Ele estava noivo de Holly, a colega de quarto de Jenna, que havia morrido. Se bem que também era um agente do Olho, então não sei se o que me falou era legítimo. Mas não queria pensar nele naquele momento.

— Explicaram — falei. — E podemos romper o noivado, não é? Não é para sempre.

— Exatamente. Tudo bem, então?

Mexi na terra que estava no chão com o dedo do pé.

— Sim. Tudo bem.

— Que bom — respondeu. — Então não tem motivo para rolar um clima estranho.

— Não.

Ficamos lá sentados naquele clima estranho até que voltei a falar.

— Ah! Quase me esqueci. Papai quer que você venha para a Inglaterra conosco neste verão.

Contei brevemente tudo o que tinha acontecido no escritório da Sra. Casnoff. Ele pareceu surpreso quando falei sobre a Vandy, e soltou um palavrão quando mencionei as entrevistas e os testes que queriam fazer, mas não me interrompeu. Quando terminei, disse:

— Cara, que merda.

— Pois é — concordei.

Ele se levantou e voltou a cuidar da azaleia, o que entendi como uma deixa para eu ir embora. Em vez de ir, falei:

— Desculpe por ter tentado jogar terra em você.

— Tranquilo.

Esperei que falasse mais alguma coisa. Ficou quieto, então me levantei do saco de terra.

— Vejo você em casa, querido — murmurei ao sair. Ele fez um som como o de uma risada, mas, em se tratando de Cal, duvidei que fosse isso.

O sol estava começando a se pôr quando subi os degraus da estranha mansão. Metade da construção datava de antes da Guerra Civil, metade era bem mais moderna. Assim era Hecate Hall. Já havia grilos estridulando e sapos coaxando ao redor do lago. Uma leve brisa com cheiro de mar e

madressilvas acariciava as videiras que subiam pelas paredes da escola. Virei o rosto e olhei para o jardim. Eu tinha odiado aquele lugar quando cheguei, mas ia sentir sua falta durante as férias de verão. Tanta coisa tinha acontecido desde que mamãe entrara ali pela primeira vez com o carro alugado. Por mais estranho que possa parecer, Hecate Hall era quase um lar.

Alguma coisa peluda roçou meu braço. Era Beth, uma lobisomem que conheci na minha primeira noite no Hecate.

— Lua cheia — grunhiu ela, apontando com o rosto para o céu que escurecia.

— É.

Os lobisomens mandavam no lugar quando era noite de lua cheia. Dei uma olhada para trás e vi vários deles agrupados na entrada.

— Nem acredito que o ano escolar já esteja quase acabando — disse Beth com aquela voz de menina com a boca cheia de vidro quebrado e amendoim.

— Nem me fale — respondi.

Seus olhos estavam grandes e amarelos, mas expressavam carinho quando disse:

— Vou sentir sua falta neste verão, Sophie.

Sorri. Poucos meses antes, Beth não confiava em mim, achando que eu era uma espiã a serviço do Conselho. Por sorte, o fato de eu quase ter morrido eliminara essas suspeitas. Toquei seu ombro.

— Também vou sentir sua falta, Beth.

Ela se inclinou para a frente e lambeu minha bochecha.

Esperei até que fosse embora e limpei o rosto.

— Eca.

OK, não ia sentir falta de algumas coisas do Hecate.

Fui para o terceiro andar, onde ficavam todas as meninas. Havia algumas pessoas reunidas no topo da escada, mas, fora isso, a noite estava bem calma.

Taylor, uma das mutantes, me viu e acenou.

— Ei, Soph! Fiquei sabendo que você foi nadar hoje — disse ela, vendo que eu continuava suja. — Por que ainda não mudou de roupa?

Coloquei os cabelos para trás da orelha.

— Eu, hum, não tive tempo.

Taylor gargalhou, fazendo um som surpreendentemente grave para uma menina tão delicada.

— Podia ter usado magia — falou.

Ah, sim.

— Do jeito que as coisas estão, achei melhor não arriscar.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Ah, entendo. Ainda mais com aquela Situação da Cama.

A Situação da Cama acontecera dois meses antes. Tentei mover minha cama usando magia. Em vez de se mexer alguns centímetros, ela saiu voando pela janela e ainda levou um pedaço da parede.

A Sra. Casnoff não se surpreendeu.

Ainda mais porque a Situação da Cama acontecera logo depois do Acidente com Doritos. Jenna queria comer; tentei fazer com que um saco de Doritos aparecesse, mas acabei enchendo o corredor com eles. Ainda havia migalhas pelo chão. Antes disso, teve o Problema do Creme (quanto menos falarmos sobre isso, melhor). Desde Alice e Elodie, minha magia tem estado meio... desregulada. Achei melhor parar de usá-la de uma vez.

Depois de me despedir de Taylor, continuei a caminho do meu quarto. Algumas alunas me cumprimentaram, outras comentaram sobre a cena no lago. Eu ainda ficava sem jeito com essa popularidade. Primeiro, achei que as pessoas haviam descoberto que eu era um demônio e resolveram ser legais comigo por medo de que eu fosse devorá-las. No entanto, segundo Jenna, que era mestre em ouvir conversas, todos ainda achavam que eu era uma bruxa negra superpoderosa. A Sra. Casnoff fez um ótimo trabalho acobertando a verdade sobre a morte de Elodie, o que significava que havia todos os tipos de rumores sobre o que tinha acontecido com ela. Na versão mais popular, Archer voltava à ilha Graymalkin e eu e Elodie tentávamos lutar contra ele com nossos poderes mágicos, o que levou à morte de Elodie.

Que pena que a verdade tenha sido muito mais complicada. E bem mais triste.

Estava quase à minha porta quando percebi um movimento com a visão periférica. Hecate Hall tinha vários fantasmas, então era comum vê-los dessa forma. Todavia, quando vi quem era, fiquei paralisada.

Mesmo sendo um espectro, Elodie estava linda. Seus cabelos ruivos desciam em volta do rosto em ondas, e sua pele estava transparente. Que pena que teria de passar toda a eternidade com o uniforme da escola, porém até mesmo vestindo aquilo ela ficava bonita.

Fazia o que todos os fantasmas faziam: andava sem rumo um tanto confusa. Tecnicamente, não estavam em nosso mundo, mas também não estavam do outro lado, portanto ficavam... presos.

Eu já tinha visto o espírito de Elodie e, toda vez, sentia uma onda de tristeza. Sua morte tinha sido culpa dela mesma. Elodie e o coven evocaram um demônio na esperança de prendê-lo e usar seus poderes. Até sacrificaram Holly para isso. Mesmo assim, Elodie passara seus últimos vestígios de poder para mim. Sem eles, eu nunca teria conseguido matar Alice.

Elodie passou por mim, olhos procurando por alguma coisa, pés sobrevoando o chão.

Era estranho que alguém tão vibrante fosse reduzida àquela alma pálida e triste, perdida para sempre no lugar onde morreu.

— Queria que você fosse logo para o outro mundo e seguisse seu caminho — sussurrei no silêncio do corredor.

O fantasma se virou e olhou para mim.

Meu coração pulou na garganta.

Era impossível. Fantasmas não podiam ver nem escutar os humanos. Eu devia ter percebido logo que Alice não era um fantasma, como disse ser. Elodie olhou para mim e sua expressão não era mais de dúvida e espanto, mas de irritação e um pouco de desdém.

Era o jeito que sempre me olhava enquanto estava viva.

— Elodie? — Mal murmurei o nome, mas no silêncio pareceu ensurdecedor. Ela continuou me observando, sem responder. — Está me

ouvindo? — perguntei mais alto.

Pausa. E aí, para meu espanto, ela fez que sim com a cabeça.

— Soph? — Minha porta se abriu e Jenna colocou a cabeça para fora. — Com quem está falando?

Olhei para Jenna e para Elodie, que já havia desaparecido.

— Com ninguém — respondi tentando não soar irritada. Não era culpa de Jenna ter me interrompido no meio de uma conversa com um fantasma que teoricamente não se comunicava com ninguém.

— Onde você estava? — perguntou Jenna quando me joguei na cama. — Fiquei preocupada.

— Foi uma tarde muito longa — respondi antes de começar o Conto do Escritório da Sra. Casnoff novamente.

Ao contrário de Cal, Jenna tinha muitas perguntas, então a história levou mais tempo. Omiti a parte em que descobri que Cal e eu estávamos noivos. Jenna já era fã dele, eu não queria acabar com sua diversão. Quando terminei de falar, estava muito cansada para descer e jantar — minha parte favorita do dia.

— Inglaterra — disse Jenna. — Isso não vai ser irado?

Coloquei um dos braços sobre meus olhos.

— Honestamente, Jen, não faço ideia.

Ela jogou um travesseiro em mim.

— Vai ser muito irado. E obrigada.

— Por quê?

— Por me deixar ir com você. Achei que talvez fosse querer ficar a sós com seu pai.

— Tá falando sério? Você foi parte do trato, amiga. Sem Jenna, nada de Inglaterra. Foi minha condição.

Ela deu um sorriso e balançou a cabeça. A mecha rosa de sua franja caiu sobre um olho.

— Não sei se aquela ilha é grande o suficiente para nós. Ah! Vamos usar algum tipo de magia de transporte para chegar lá, tipo um feitiço de viagem ou um portal mágico?

— Foi mal — disse, levantando-me para trocar de roupa. Afinal, meu uniforme ainda estava com o cheiro peculiar do lago. Ia ter de tomar um banho de pelo menos meia hora antes de dormir. — Perguntei a papai. Vamos de avião.

Jenna ficou desanimada.

— Que coisa mais... humana.

— Veja pelo lado positivo — falei colocando uma blusa azul limpa do Hecate. — É um avião particular, então pelo menos vai ser uma coisa humana e rica.

Ela se animou. Começamos a planejar que roupas levaríamos enquanto descíamos para o salão de jantar.

No entanto, quando nossos pratos já estavam cheios e acomodados sobre a mesa à qual sempre nos sentávamos, Jenna ficou séria.

— Sophie — chamou.

— O quê?

Ela brincou com a comida e parecia estar pensando no que dizer. Finalmente, resolveu ser objetiva.

— Archer está na Inglaterra.

O pedaço de presunto que eu estava mastigando virou areia na minha boca, mas forcei a voz para que soasse tranquila.

— Dizem. Não sei se a palavra de dois bruxos, que estavam bêbados, pelo que ouvi dizer, pode ser levada a sério.

Só que aquela não fora a única aparição. Um lobisomem disse ter visto um cara parecido com Archer quando o Olho atacou um celeiro em Londres. E teve também o vampiro que lutou com um agente de cabelo preto havia alguns meses perto da estação Victoria.

A Sra. Casnoff tinha um arquivo sobre Archer na última gaveta de sua mesa, que estava protegida contra feitiços, mas não contra lixas de unha e força de vontade.

— E mesmo assim — falei para Jenna abaixando os olhos —, essa aparição tem meses.

— Foi mês passado — corrigiu Jenna. E pelo tom de voz ela sabia que eu sabia. — E as pessoas já tinham falado que ele estava na Inglaterra

desde que desapareceu. Eu ouvi aquelas duas bruxas em Savannah.

— A Inglaterra é uma ilha enorme, Jenna — falei —, e mesmo que Archer esteja lá, duvido que esteja em algum lugar perto dos Prodígios. Isso seria burrice. Archer pode ser várias coisas, mas não é idiota.

Jenna voltou a prestar atenção na comida, mas quando os grãos de feijão deram a terceira volta em seu prato, desisti de comer e disse:

— Pode falar.

Ela descansou o garfo e olhou para mim.

— Mas o que você vai fazer se o encontrar?

Olhei para ela por um longo tempo. Sabia o que queria que eu dissesse. Queria que respondesse que o entregaria para o Conselho — que certamente o executaria — ou talvez até que o mataria.

Pela primeira vez em muito tempo eu me permiti lembrar de Archer, de verdade. Seus olhos castanhos e seu sorriso preguiçoso. Sua risada, e como me sentia quando estava com ele. O tom de voz quando me chamava de "Mercer".

A maneira como me beijou.

Abaixei a cabeça.

— Não sei — respondi finalmente.

Jenna suspirou, mas não falou mais nada sobre o assunto. Depois de certo tempo, voltamos a conversar sobre a viagem e fiz Jenna gargalhar quando me perguntei, em voz alta, se havia chá especial para vampiros na Inglaterra.

— Lá tomam o chá das cinco de verdade — falei, fazendo Jenna gargalhar de novo.

Estava me sentindo melhor quando saímos do salão, e Jenna deve ter sentido o mesmo, pois me abraçou para subirmos as escadas juntas.

No entanto, o pensamento que ela havia colocado em minha mente se recusava a sumir. Caí no sono com a imagem dos olhos de Archer, e desejando de todo o meu coração que ele não estivesse na Inglaterra.

Mas uma parte não muito pequena de mim desejava o contrário.

CAPÍTULO 4



Três semanas depois, partimos para a Inglaterra.

Mamãe e a Sra. Casnoff nos acompanharam até a barca que tomamos naquele fim de tarde. Os olhos de mamãe estavam vermelhos, portanto tive certeza de que havia chorado. No entanto, tentou parecer animada quando nos ajudou a levar as malas.

— Não se esqueçam de tirar muitas fotos — disse para mim —, e se voltar falando com sotaque inglês vou ficar muito aborrecida.

Paramos no deque. A brisa do mar balançava nosso cabelo. Jenna já tinha tomado um banco à sombra e Cal cochichava com a Sra. Casnoff. Ela ficou me olhando enquanto falava com ele e me perguntei se estava feliz por se livrar de mim durante o verão. Devia estar animada — o mais animada que conseguia ficar. Deus sabe quantos problemas eu trouxe para o Hecate Hall.

Também me perguntei se seria melhor ter contado sobre o fantasma de Elodie. Na verdade, *sabia* que devia ter contado. Se tivesse falado sobre Alice quando a vi pela primeira vez, talvez Elodie não tivesse virado um. Já havia pensado sobre isso mil vezes, mas lá estava cometendo o mesmo erro de novo.

Antes que pudesse pensar mais sobre isso, mamãe me abraçou. Éramos mais ou menos da mesma altura, então deu para sentir suas lágrimas

umedecendo minhas têmporas.

— Não vou passar seu aniversário com você no mês que vem. Nunca perdi um aniversário seu.

Minha garganta estava tão apertada que eu mal conseguia falar, portanto apenas estreitei o abraço.

— Sophie — disse papai aparecendo ao meu lado —, é hora de ir.

Fiz que sim com a cabeça e dei um último abraço em mamãe.

— Vou ligar toda hora, prometo — falei quando nos distanciamos. — E vou voltar logo.

Mamãe secou o rosto com as costas das mãos e me deu um de seus sorrisos arrasadores. Papai suspirou ao meu lado, mas quando olhei já tinha ido embora.

— Tchau, James — disse mamãe.

Cal, Jenna e eu ficamos em pé na grade do barco, que ia se afastando. A Sra. Casnoff ficou na margem observando nossa partida, mas mamãe já estava andando para dentro da floresta que cercava a praia. Ainda bem. Era um milagre que eu ainda não tivesse começado a chorar.

A barca deslizou pela água marrom. Dava para ver o topo do Hecate Hall acima das árvores.

— Não saio deste lugar desde que fiz treze anos — disse Cal com calma. — Há seis anos.

Nunca perguntei por que Cal foi parar no Hecate Hall. Não parecia ser o tipo de pessoa que fazia os feitiços perigosos que geralmente levavam bruxos àquela escola. Parece que resolveu ficar depois de seu aniversário de dezoito anos — se bem que eu nunca soube ao certo se foi uma escolha. Quanto mais nos distanciávamos, mais apreensivo ele ficava.

Até mesmo Jenna, que sempre formulava teses sobre como o Hecate era uma droga, parecia estar arrependida.

Olhei para as telhas contra o céu azul e tive um pressentimento muito forte, como se o sol tivesse se escondido atrás das nuvens.

Nós três nunca mais vamos voltar.

O pressentimento foi tão intenso que cheguei a tremer. Tentei afastá-lo da mente. Era ridículo. Estávamos indo passar três meses na Inglaterra e

voltaríamos para o Hecate em agosto. Eu não tinha o dom da premonição, estava apenas sendo paranoica.

Mesmo assim, o pressentimento me acompanhou até mesmo quando a ilha Graymalkin estava muito distante.

— Demônios deviam ser imunes ao *jet lag* — balbuciei horas e horas depois enquanto um carro preto nos levava para o interior da Inglaterra.

O longo voo da Geórgia até a Europa foi bem tranquilo. Exceto por Cal ter se sentado ao meu lado.

O que não era um problema. Claro.

Não passei a viagem toda superatenta por causa da presença dele, e não pulei na cadeira nas três vezes em que seu joelho bateu na minha perna. E depois desse terceiro esbarrão ele nem se virou para mim com cara de nojo e disse:

— Quer fazer o favor de ficar tranquila?

E quando Jenna nos lançou um olhar inquisitivo, não respondemos juntos "Nada!". Tudo isso teria sido muito estranho, mas não tinha nada de estranho rolando entre mim e Cal. Estava tudo indo bem entre nós.

— Você vai se sentir melhor logo — disse papai.

Pela primeira vez desde que o conheci, seus olhos brilhavam e ele parecia estar relaxado. Acho que voltar para casa faz isso mesmo.

Jenna estava praticamente quicando de alegria, mas Cal parecia estar tão cansado quanto eu. Não consegui dormir no avião. Seria capaz de pagar para dormir naquele instante. Meus olhos estavam pesados e ardendo, só conseguia pensar em desmaiar em uma cama. Afinal, meu pobre corpo achava que eram seis da manhã, mas era quase hora do almoço na Inglaterra. E a viagem de carro já parecia estar durando horas.

Quando o avião aterrissou, achei que o carro nos levaria para uma casa na cidade, ou talvez para o Conselho, para que papai pudesse resolver algumas coisas. Todavia, o carro passou pelas ruas lotadas e por pequenas casas construídas lado a lado, que me lembravam as histórias de Dickens.

Aos poucos, os prédios de tijolos deram lugar a árvores e montes verdes. Vi mais ovelhas do que achei que um dia veria.

— Então viemos até a Inglaterra para ficar no meio do nada? — perguntei encostando minha cabeça dolorida no ombro de Jenna.

— Isso mesmo — respondeu papai.

Cal sorriu. Bem, é claro que ficaria feliz em passar o verão todo em uma fazenda britânica, pensei com mau humor. Minhas imagens do Big Ben, do Palácio de Buckingham e da Ponte de Londres desapareceram. Ele teria acesso a todas as plantas com poderes de cura da Inglaterra...

Foi aí que vi uma casa.

Se bem que chamar aquilo de casa era como chamar a *Mona Lisa* de quadro, ou o Hecate Hall de escola. O termo era tecnicamente correto, mas nem de longe definia o objeto.

Essa casa era uma das maiores construções que eu já tinha visto, e era feita de uma pedra clara e dourada que parecia queimar. Ficava em um vale de vegetação densa; havia um gramado verde-esmeralda na frente e um monte coberto por uma floresta ao fundo. Um córrego fino e reluzente fazia uma curva graciosa em um dos lados da propriedade. Literalmente, centenas de vidraças brilhavam à luz do sol.

— Nossa — disse Cal, inclinando-se para olhar pela janela.

— É aqui que vamos ficar? — perguntei.

Papai apenas sorriu. Devia estar satisfeito com nossa reação.

— Eu disse que tinha quarto para todo mundo — falou.

Não contive um sorriso. Ficamos nos encarando por alguns segundos, mas desviei o olhar primeiro, indicando a casa com o nariz.

— Essas casas geralmente não têm um nome?

— Geralmente sim — respondeu papai. — Esta é a Abadia Thorne.

O nome era familiar, mas eu não sabia por quê.

— Era uma igreja?

— Não esta casa. Foi construída no final do século XVII. Mas havia uma abadia neste terreno.

Ouvimos uma pequena palestra sobre como a abadia fora completamente destruída na época de Henrique VIII, e como a propriedade

foi passada para a família Thorne.

Mas, honestamente, não estava nem escutando. Estava observando as várias pessoas que saíam pela porta da frente da casa. Aí vi um par de asas e comecei a me perguntar quem eram exatamente os amigos de papai.

O carro passou por uma ponte de pedra e estacionou em uma via circular. Papai saiu primeiro. Quando abriu a porta para mim, me arrependi por não ter vestido alguma coisa mais arrumada do que um jeans velho e uma camiseta verde.

Degraus incrivelmente largos nos levaram para um terraço feito da mesma pedra dourada do resto da casa. Havia seis pessoas em pé ali: dois jovens de cabelo preto que deviam ter a minha idade e quatro adultos. Deduzi que todos eram Prodígios. Bem, o elfo era óbvio, mas dava para sentir magia em torno dos outros também.

O dia estava mais quente do que eu havia esperado. Senti gotas de suor na testa. O som do cascalho em que pisei se misturou ao canto distante dos pássaros. Jenna apareceu ao meu lado. A alegria de antes havia desaparecido e ela estava segurando sua pedra de sangue.

Papai colocou uma das mãos nas minhas costas e me impulsionou pelos degraus.

— Pessoal, esta é Sophie. Minha filha.

De repente, senti alguma coisa no sangue. Alguma coisa como uma magia, porém mais negra, mais poderosa. Vinha dos dois adolescentes que estavam mais ao fundo. Eram os únicos que sorriam para mim, e o menino — que era estranhamente familiar — estava me encarando.

Quando percebi o que era, tive de me controlar para não engasgar.

Ambos eram demônios.

CAPÍTULO 5



Fiquei olhando para os dois adolescentes demônios, sentindo meu corpo dormente. Achei que os únicos da espécie, no mundo, éramos papai e eu, então...

Uma possibilidade repentina e aterrorizante me veio à mente: cara, será que aqueles dois eram meus meios-*irmãos*? Será que papai tinha me trazido até a Inglaterra para me apresentar a uma nova família?

— O que é isso? — falei, engasgada, referindo-me aos outros demônios.

Papai sorriu, orgulhoso.

— É o Conselho.

Atrás de mim, ouvi Cal soltando a respiração, como se a estivesse segurando havia algum tempo. Uma mulher de cabelos louros e longos veio até mim e ofereceu uma das mãos.

— Sophia, estamos muito felizes de ter você conosco durante o verão. Sou Lara.

Apertei sua mão e dei uma olhada nos demônios. Estavam cochichando.

— Lara é membro do Conselho e é minha vice, digamos assim — falou papai.

Lara não soltou minha mão.

— Ouvi muito sobre você, tanto do seu pai quanto de Anastácia.

— Da Sra. Casnoff?

Ai, meu Deus, se foi por ela que ficou sabendo das fofocas de Sophie Mercer, muito me surpreende que tenha me cumprimentado com um aperto de mão e não com um exorcismo.

— Lara e Anastácia são irmãs — disse papai.

— Ah, tá — respondi, processando a informação. Outra coisa me veio à cabeça. — Achei que o Conselho ficasse em Londres.

Uma linha profunda apareceu entre as sobrancelhas de Lara.

— Fica. Devido a alguns eventos inusitados, decidimos nos reposicionar durante o verão.

Agora que sabia que era irmã da Sra. Casnoff, dava para ver — e ouvir — a semelhança. Será que os demônios eram o "evento inusitado" ou alguma coisa *mais* estranha tinha acontecido? Não me surpreenderia.

Olhei para papai.

— Você disse que viríamos para a casa de uns amigos. Por que não me falou que me traria aqui?

Ele me olhou de volta.

— Porque você não teria vindo se eu tivesse contado.

Vi os demônios se distanciarem do grupo e irem na direção das portas enormes logo após o terraço. A menina me deu uma olhada antes de entrar.

— Sophie, este é o Conselho — disse papai. Voltei a prestar atenção nos Prodígios.

— É só isso? — ouvi Cal murmurar.

Eu tinha de admitir que também estava surpresa. Sempre havia imaginado o Conselho como um grupo enorme e obscuro de Prodígios com vestes longas.

Não sei se papai ouviu Cal ou se simplesmente leu nossas expressões, mas disse:

— São doze membros normalmente, mas só ficamos nós cinco aqui em Thorne.

— Cadê... — Jenna ia perguntar, mas foi interrompida por um homem que deu um passo à frente. Era mais velho que papai e seu cabelo branco brilhava ao sol.

— Sou Kristopher — disse. A voz era grossa e tinha um sotaque difícil de identificar. — É um prazer conhecê-la, Sophia. — Os olhos eram azuis como o gelo em vez de dourados, mas com certeza era um mutante. Dava para sentir.

Fiquei imaginando se conseguia se transformar em um Husky. Olhei para o outro homem. Tive de levar a cabeça toda para trás. Devia medir mais de dois metros e suas asas enormes me fizeram lembrar de óleo na água: eram pretas, mas ainda assim tinham todas as cores, de verde até rosa.

— Roderick — disse.

Minha mão desapareceu nas dele. A outra mulher era Elizabeth. Com seus cabelos grisalhos e óculos redondos, achei que se parecia com a avó de alguém; porém, quando fui apertar sua mão, ela me puxou e cheirou meu cabelo.

Que ótimo. Outro lobisomem-fêmea.

Papai falou alguma coisa do tipo conversamos mais tarde e, finalmente, entramos.

Jenna se surpreendeu quando chegamos ao hall. Se eu ainda não estivesse cansada de subir os degraus e assustada por causa dos demônios adolescentes, teria ficado surpresa também. Era um daqueles lugares nos quais você sente que, por mais que olhe, nunca vai ver tudo. Hecate também era surpreendente, mas não daquela forma. O mármore branco e preto sob meus pés era tão brilhoso que fiquei feliz por não estar usando saia. Fiquei quase cega pelos acres de superfície dourada. Assim como no Hecate, a entrada principal levava até escadas, mas as dali eram bem maiores e feitas de calcário. Os degraus eram cobertos por um carpete tão vermelho quanto sangue.

Lá em cima, o teto abobadado era coberto com um mural, mas não entendi o que estava pintado. Parecia uma cena violenta e trágica. Outros quadros naquele ambiente mostravam o mesmo tipo de imagem: homens sisudos apontando suas espadas contra mulheres chorosas, ou homens indo para a guerra em cavalos amedrontados.

Tremi. Mesmo em junho, era impossível sentir calor em um salão como aquele. Ou talvez meu arrepio fosse resultado de toda a magia: era como se cinco séculos de feitiços tivessem contaminado as pedras e madeiras da casa.

— Eles têm estátuas — disse Jenna — em um hall.

Havia mesmo duas estátuas de bronze de mulheres com véus guardando a escadaria gigantesca, onde outras pessoas estavam posicionadas. Vestiam uniformes pretos e tinham expressões idênticas.

— O que aquelas pessoas estão fazendo? — sussurrou Jenna no meu ouvido.

— Não sei — respondi com um meio sorriso —, mas acho que vai rolar um musical.

— Esses são nossos ajudantes — disse papai mostrando o grupo com o braço. — Se precisarem de qualquer coisa, eles ficarão felizes em ajudar.

— Ah — respondi baixinho. Achei que minha voz ecoaria naquele salão cavernoso. — Que bom.

Atrás dos ajudantes, no topo da escada, havia um arco de mármore. Papai apontou para lá e disse:

— Nossos escritórios temporários são por ali, mas podemos visitá-los depois. Tenho certeza que querem ver seus quartos agora.

Peguei papai pela manga da camisa e o afastei do grupo.

— Na verdade — sussurrei —, queria saber de onde vêm aqueles demônios. Eles não... não são meus irmãos, são?

Papai arregalou os olhos.

— Não — respondeu. — Meu Deus, não. Daisy e Nick são... Podemos falar sobre isso depois, mas não, não são nossos parentes.

— Então por que estão aqui?

Papai franziu o rosto e levantou os ombros.

— Porque não têm para onde ir, e aqui é o lugar mais seguro para eles.

Fazia sentido.

— Certo. Porque vocês podem dar um jeito neles se ficarem superdemoníacos.

Papai balançou a cabeça, surpreso.

— Não, Sophie, quis dizer que aqui é mais seguro para *eles*. Nick e Daisy já sofreram vários atentados.

Nem me deu tempo de reagir. Levantou uma das mãos e chamou Lara. Seus saltos altos fizeram barulho no mármore.

— Sophie, Lara preparou quartos lindos para você e seus convidados. Por que não se acomodam? Podemos conversar mais tarde.

Era óbvio que não era um pedido, então apenas encolhi os ombros.

— Claro.

Lara nos levou para uma porta alta de pedra que dava para outras escadas. Quando entramos ali, não deu para controlar a sensação de que entrávamos em uma tumba.

Lara deu várias informações estatísticas sobre o local, mas mal escutei. Era tudo inacreditável mesmo.

Acima de vinte mil metros quadrados. Mais de trezentos cômodos, dos quais trinta e um eram cozinhas. Noventa e oito banheiros. Trezentos e cinquenta e nove janelas. Duas mil quatrocentas e setenta e seis lâmpadas.

Jenna já estava balançando a cabeça quando chegamos ao quarto andar, onde nós três ficaríamos.

Cal foi levado para seu quarto primeiro e Jenna deu uma gargalhada quando olhamos. Não tinha como ser menos a cara dele. Quer dizer, acho que os lençóis verdes e as cortinas eram másculas, mas os móveis longos dourado e branco, com certeza não. Nem o imenso dossel.

— Nossa, Cal — falei, sentindo-me relaxada pela primeira vez. — Dá para fazer várias festinhas aqui. As meninas do Hecate vão morrer de inveja.

Cal deu um meio sorriso e senti o clima tenso entre nós sumir.

— Não é tão ruim assim — falou.

Ele se jogou na cama e sumiu no meio dela. Não contive a risada quando o vi afogado em um mar de panos fofos e travesseiros.

Lara pareceu estar ofendida.

— Essa cama pertenceu ao duque da Cornualha.

— É ótima — disse Cal com voz abafada. Levantou o polegar em sinal positivo, o que só fez com que eu e Jenna ríssemos mais ainda.

Séria, Lara nos levou para mais adiante no corredor. Abriu uma porta e mostrou um quarto que com certeza havia sido arrumado para Jenna. Havia cortinas rosa, móveis rosa e até mesmo uma colcha rosa. O quarto tinha vista para um pequeno jardim particular.

A brisa trazia cheiro de flores. Tive de admitir que estava impressionada. E um tanto surpresa.

— É perfeito — disse Jenna para Lara.

Seu sorriso era brilhante, mas sua pele estava pálida. Percebi de repente que Jenna não havia se alimentado desde que saímos do Hecate. Lara deve ter pensado a mesma coisa, pois atravessou o quarto e abriu um armário avermelhado. Havia um frigobar lá dentro cheio de sacos de sangue.

— O-negativo — disse Lara apontando para os sacos como se Jenna tivesse ganhado um prêmio em um show de horror. — Me disseram que é seu favorito.

Os olhos de Jenna ficaram escuros, e ela lambeu os lábios.

— É sim — respondeu com voz rouca.

— Então vamos deixá-la à vontade — disse Lara suavemente pegando meu braço. — O quarto de Sophie é no final do corredor.

— Ótimo — respondeu Jenna olhando para o sangue.

— Até mais — falei quando saímos. Jenna apenas fechou a porta e, acho, começou a se alimentar.

— Preparamos um quarto muito especial para você — disse Lara com certo tom nervoso. — Espero que goste.

Abriu uma porta a alguns metros do quarto de Jenna.

Por um momento, tudo o que consegui fazer foi ficar parada e olhar. O quarto não era apenas especial, era... incrível.

Uma fileira de três janelas que iam do chão ao teto dava para outro jardim, maior que o de Jenna. No centro, um chafariz jorrava água contra o ar da tarde. As cortinas eram de cetim branco com delicados desenhos verdes que pareciam imitar plantas. O papel de parede também era verde com longos caules de grama, como em uma floresta, pontuados com algumas flores coloridas.

A cama era branca como a neve e coberta por um tecido de seda pálido. Teria meu próprio sofá e duas cadeiras estofadas com veludo verde-maçã. Havia até alguns dos meus livros favoritos na cabeceira e uma foto de minha mãe em uma estante perto da janela.

— Amei — falei para Lara. O sorriso praticamente saltou em seu rosto.

— Que bom — respondeu. — Queria que você se sentisse o mais em casa possível.

— Você mandou muito bem — falei.

E mandou mesmo — se bem que tive a impressão de que o capricho foi mais por causa de papai do que por mim. Os quartos de Jenna e Cal eram legais, mas o meu recebeu um cuidado especial. Talvez ela quisesse apenas impressionar o chefe.

Aí percebi que talvez estivesse puxando o meu saco porque *eu* poderia ser sua chefe um dia. Senti muita vontade de me deitar, mas antes disso teria de ligar para mamãe e dizer que tinha chegado bem.

— Tem um telefone por aqui? — perguntei a Lara.

Ela pegou um celular do bolso do casaco e o entregou para mim.

— Na verdade, seu pai pediu que entregasse isto a você. O número dele está gravado na tecla 1 e o da sua mãe na tecla 2. Se precisar falar com alguém no Hecate Hall, é só apertar o 3.

Olhei para o celular. Não via nem usava um daqueles há quase um ano. Não eram permitidos no Hex Hall. Será que ainda sabia mandar mensagens? Lara apontou para uma mesa linda e, pela primeira vez, percebi um laptop prateado sobre ela.

— Seu pai também fez uma conta de e-mail para você, então tem mais essa forma de comunicação.

Não podíamos ter computadores no Hex Hall também — pelo menos não os alunos. A Sra. Casnoff devia ter um no quarto. Jenna e eu passamos uma aula chata de Evolução da Magia especulando sobre como seria seu endereço de e-mail. Jenna achava que devia ser uma coisa boba, tipo o nome dela mesmo, mas meu voto (e minha aposta de dez dólares) era para HexyLady@hecatehall.edu. Acho que finalmente ia descobrir.

— Vou deixar que ligue para sua mãe — disse Lara caminhando até a porta —, mas se precisar de qualquer coisa, é só avisar.

— Tudo bem — respondi distraída.

Tinha acabado de notar a porta que levava ao banheiro particular. Pelo que dava para ver, era três vezes maior do que meu quarto no Hecate.

Assim que Lara saiu, liguei para mamãe. Quando falei que estávamos na Abadia Thorne, sua voz mudou imediatamente.

— Ele a levou para *lá*? Disse por quê?

— Hum, não. Acho que deve ser para que eu acate logo meu destino como chefe do Conselho. Você entende.

Mamãe suspirou.

— É. Bem, fico feliz por você estar aí a salvo, mas por favor peça para seu pai me ligar assim que puder.

Prometi que sim, mas fui tomada por um cansaço enorme assim que desliguei. Não queria ter de lidar com meus pais, já tinha bastante coisa para processar.

Estava na Inglaterra. Com meu pai. Em uma mansão ridiculamente enorme que também era sede do Conselho e lar de outros dois demônios. Além disso tudo, não conseguia afastar a estranha sensação, quase um pressentimento, que estava comigo desde que saí do Hecate Hall.

E, claro, tinha também o fato de o menino de quem eu gostava estar no mesmo país matando vários monstros.

Eu com certeza ia precisar tirar uma soneca para conseguir lidar com aquilo tudo.

Fui para a cama. Não havia sido de nenhum duque, mas devia ter sido feita com penas de anjinhos. Tirei os sapatos e me deitei sobre os lençóis. Tudo tinha o cheiro de raios de sol e grama verde. Achei que fosse dormir por mais ou menos uma hora antes de ir falar com papai. E talvez pudesse pedir a Lara um mapa ou, melhor, um GPS para que me encontrasse naquele lugar. Fechei os olhos e dormi ainda me perguntando por que o nome Thorne soava tão familiar.

CAPÍTULO 6



De repente, uma pessoa estava me sacudindo e um berro ecoava na minha cabeça. Tive a sensação que vinha de mim. Desorientada, sentei-me, sentindo o coração quicando no peito.

— Sophie?

Jenna estava sentada ao meu lado na cama com os olhos arregalados.

— O que houve? — perguntei com voz rouca.

O quarto estava mais escuro do que quando me deitei e, por um segundo, achei que estivesse de volta no Hecate Hall.

— Você deve ter tido um pesadelo. Estava gritando. Berrando, na verdade.

Que constrangedor. E estranho. Não costumava ter pesadelos, nem mesmo depois do que aconteceu no semestre anterior. Procurei por uma imagem ou memória do sonho, mas era como se minha cabeça estivesse coberta por algodão. Só conseguia lembrar que estava correndo, e que estava com medo de... alguma coisa. Era estranho, mas minha garganta também ardia, como se eu tivesse gritado. Além disso, só me restaram o mesmo sentimento de medo que senti na barca, e o mesmo cheiro.

Fumaça.

Respirei fundo, mas nem o perfume agradável dos cobertores conseguia disfarçar o odor acre.

Tentei sorrir.

— Estou bem — falei —, foi só um sonho ruim.

Jenna não pareceu ter se convencido e abraçou os joelhos.

— O que você sonhou?

— Não sei ao certo — contei. — Acho que estava correndo. E tinha alguma coisa pegando fogo. Por perto.

Jenna enrolou a mecha rosa de cabelo nos dedos.

— Não foi tão ruim então.

— Não foi, mas a sensação do sonho... — Tremi ao me lembrar do terrível sentimento de perda. — Estava com medo, é claro, mas também estava triste. Mais do que triste. Arrasada. — Suspirando, encostei-me na cabeceira. — Senti uma coisa parecida quando saímos do Hecate. Tive uma sensação muito forte de que nunca mais voltaríamos. Pelo menos não nós três.

Uma das coisas de que mais gosto em Jenna é que ela nunca reage com exagero. Talvez porque seja uma vampira, ou talvez já fosse assim antes de ser transformada. De qualquer maneira, não surtou com minhas possíveis habilidades psíquicas. Apenas mordeu o polegar e manteve uma expressão pensativa antes de falar:

— Isso é um poder que os demônios têm? Conseguem ver ou sentir o futuro?

— Como é que vou saber? Alice foi o único demônio que conheci. A única coisa que fazia diferente das bruxas normais era sugar sangue, e isso não é tão impressionante assim. Nada pessoal.

— Sei que não é. Bem, talvez você possa perguntar ao seu pai. Não é essa a ideia desta viagem? Aprender o que é ser um demônio?

Emiti um som indicando que não queria fazer isso. Jenna sabiamente trocou de assunto.

— OK, então você teve um sonho sobre fogo e possivelmente sobre uma sensação psíquica de que vamos todos morrer na Inglaterra.

— Isso ajuda muito; obrigada, Jenna.

Ela me ignorou.

— Talvez não queira dizer nada. Às vezes, os sonhos são apenas sonhos.

— É — concordei. — Você provavelmente tem razão.

— E se esse sonho foi a única coisa estranha que aconteceu com você ultimamente, então... — Parou de falar quando viu minha expressão. — Esse sonho não foi a única coisa estranha que aconteceu.

Naquele instante, só queria me deitar de novo e me cobrir toda. Em vez disso, contei para Jenna sobre ter visto Elodie.

A julgar por sua reação, era exatamente o tipo de história que mais a surpreendia.

— Olhou para você? Tipo, diretamente para você mesmo?

Fiz que sim com a cabeça. Jenna respirou tão forte que sua franjinha mexeu.

— O que a Sra. Casnoff disse?

Fiquei nervosa.

— Eu, hum, não contei para ela ainda.

— O quê? Soph, você tem que contar. Isso pode significar alguma coisa, e depois que Alice... Olhe, entendo que viver no mundo normal tenha dificultado sua capacidade de confiar nas pessoas, mas não precisa mais ter segredos com a Sra. Casnoff. Ou comigo.

Senti culpa de novo. Era um sentimento já familiar. Jenna e eu nunca havíamos conversado sobre isso, mas ambas sabíamos que, se eu tivesse contado sobre Alice, Jenna não teria sido acusada dos ataques contra Chaston e contra Anna. E, é claro, Elodie ainda estaria viva.

— Vou mandar uma carta amanhã. Não! Posso ligar para ela. Lara me deu um celular.

Jenna se esticou.

— Sério? Que tipo de celular? Dá para baixar música e... — Parou de falar e sacudiu a cabeça. — Não. Não tente me seduzir com tecnologia, Sophie Mercer. Prometa — disse segurando meu braço.

Levantei uma das mãos e fiz o símbolo dos escoteiros. Ou pelo menos achei que era — podia ter sido aquele cumprimento do *Star Trek* também.

— Prometo solenemente contar para a Sra. Casnoff que o fantasma de Elodie olhou para mim. E se não contar, prometo comprar um pônei para Jenna. Um pônei *vampiro*.

Jenna tentou não sorrir, mas ninguém resiste a um pônei vampiro.

Eu me senti um milhão de vezes melhor quando começamos a rir. Jenna tinha razão. Eu podia confiar em algumas pessoas que mereciam saber o que estava se passando comigo. Meu coração ficou mais leve e decidi que, sendo ou não a central dos demônios, a Abadia Thorne era um lugar tão bom quanto qualquer outro para se virar uma página, ou para voltar ao zero, ou qualquer outro desses clichês relacionados a começar de novo.

Meus dias de segredo tinham terminado.

— Não gosto de você ter tido um pesadelo, mas ainda bem que está acordada — disse Jenna quando paramos de rir. — Queria falar com você.

— Sobre o quê?

— Ah, sei lá, talvez sobre seu pai ter nos trazido para o Conselho? — sua expressão era branda. — Deu para ver que alguma coisa assustou você.

— Foi óbvio?

— Não, mas, como vampira, consigo detectar mudanças sutis na energia emocional das pessoas.

Fiquei olhando para ela até que revirasse os olhos e dissesse:

— Tá bom, você ficou pálida e parecia que ia cair. Achei que fosse desmaiar a qualquer momento. — Seu rosto se iluminou e ela se sentou com uma postura mais reta. — Ai, meu Deus, você devia ter desmaiado, aí Cal teria segurado você e a trazido aqui para cima. — Soltou um berro no final da frase e agarrou meu braço.

— Eu gostava tanto de você quando era mal-humorada e angustiada, Jenna.

Jenna continuou sorrindo e pulando em volta da cama como se tivesse quatro anos de idade. Tive de rir. Afastei as cobertas e disse:

— Tá bom, admito que a imagem de Cal me carregando aqui para cima é... legal.

Jenna deu um suspiro contente.

— É, não é? E nem gosto de meninos.

Dei uma risada e peguei o tênis embaixo da cama. Sabia que seria melhor contar a Jenna sobre o noivado, mas não estava pronta para falar sobre isso com ninguém até entender o que estava sentindo.

— Não foi só o Conselho — falei para Jenna. — Viu aqueles dois atrás do pessoal do comitê de recepção?

— Vi, uma menina de cabelo preto e um cara que se parece com Archer.

Eu me sentei tão rápido que bati a cabeça na cabeceira da cama.

— O quê? — perguntei massageando a cabeça.

— Aquele garoto. Ele se parece muito com Archer. Na verdade, achei que isso tivesse feito você ficar com cara de quem vai vomitar.

Tentei me lembrar do menino ignorando o fato de que era um demônio.

— Sim — concordei —, acho que se parecem. O cabelo é igual. São altos. Meio metidos. — Meu estômago se contorceu. Seria melhor se Jenna não tivesse falado sobre Archer. — Enfim — falei, colocando os sapatos —, não foi isso que me assustou. Ele é um demônio. Os dois são.

O queixo de Jenna caiu.

— Mentira. Mas achei que você e seu pai fossem os únicos no mundo.

— Também achei. Daí minha cara de enjoo.

— O que acha que estão fazendo aqui?

— Não faço ideia.

Ficamos em silêncio por alguns instantes até que Jenna voltou a falar.

— Bem, devem ser demônios fracos. Tenho certeza que você e seu pai são bem melhores.

Sorri para ela.

— Jenna, como você consegue ser tão incrível?

Ela sorriu de volta.

— É outro poder vampiresco especial. — Saiu da cama. — Agora vamos. Dei uma explorada na abadia enquanto você tirava seu sono épico. Dormiu por quase três horas. Fiquei com medo de ir muito longe.

— Você com medo? Sabia que é capaz de destruir quase tudo que aparece na noite?

Jenna encolheu os ombros.

— Sabia, mas ser uma vampira não impede que me perca. Não estou a fim de ficar presa nesta casa assustadora por toda a eternidade.

— A Abadia Thorne não é assustadora — falei. — *Hecate* é assustador. Este lugar é apenas... diferente.

— É imenso — disse Jenna com olhos grandes. — Não ouviu o que Lara disse? Trinta e uma cozinhas. *Cozinhas*, Soph.

Fiquei com água na boca ao pensar em comida.

— Qual delas vai fazer nosso jantar de hoje?

Jenna e eu fomos para o corredor. Havia várias lâmpadas na parede, mas o lugar ainda era sombrio.

— É estranho pensar em uma família morando nesta casa — falei.

— Esta não foi nem a primeira residência dos Thorne — disse Jenna, como se estivesse citando um roteiro. — Tiveram uma mansão em Londres, um castelo na Escócia e um alojamento em Yorkshire. Infelizmente, perderam a maior parte de sua riqueza depois da Segunda Guerra, e em 1951 foram forçados a vender todas as propriedades, exceto esta, que ainda pertence à família.

— Cara. Como sabe tudo isso?

Jenna pareceu ficar com vergonha.

— Já falei. Você dormiu por muito tempo e fiquei entediada — disse. — Tem uma biblioteca insana lá embaixo, e eles têm vários livros sobre a história da casa. Várias coisas fascinantes aconteceram aqui. Sabe aquelas estátuas na entrada? Foram encomendadas por Philip Thorne em 1783, depois que a esposa dele cometeu suicídio se jogando das escadas.

— Bizarro — respondi.

Alguma coisa estava me incomodando. Era aquele nome, Thorne. Sabia que já tinha escutado esse nome, mas onde? E por que sentia que era tão importante?

Enquanto descíamos, Jenna contou mais coisas sobre o lugar.

— Ah! Uma coisa que li é muito legal. Na década de 1930, a Abadia Thorne foi uma escola para meninas.

Um alarme começou a soar dentro da minha cabeça.

— É mesmo?

— É. Durante a Blitz, quando os alemães bombardearam Londres, tiveram que tirar vários jovens da cidade, incluindo escolas inteiras. Os Thorne acharam que meninas fariam menos bagunça, então abriram a mansão para nove escolas de meninas.

E então, do nada, veio o clique. Eu sabia exatamente de onde conhecia o nome.

CAPÍTULO 7



Senti o estômago doer.

— Ai, meu Deus.

— Não é tão interessante — disse Jenna, mas balancei a cabeça.

— Não, não é isso. O livro tinha fotos das alunas?

— Tinha. Acho que vi algumas.

Dava para ouvir o sangue correndo nas minhas orelhas.

— Preciso ver esse livro. Agora.

Jenna me levou pelo braço por vários corredores que saíam do saguão principal.

— Deixei o livro no banco perto da janela — disse. — Aposto que ainda está lá.

Passamos por inúmeras portas fechadas e viramos em três halls diferentes até chegarmos à biblioteca. Assim como o resto da casa, a biblioteca era linda. E gigantesca.

Fiquei literalmente paralisada na porta por um segundo. Acho que nunca tinha visto tantos livros na vida. Eram prateleiras e mais prateleiras, e escadas em espiral que levavam para o andar de cima, onde havia ainda mais livros. Sofás se espalhavam pelo cômodo e as lâmpadas faziam poças de luz sobre o chão de madeira de lei. As janelas enormes no outro lado do salão davam para o rio. Os últimos raios de sol as iluminavam.

O banco perto da janela estava vazio.

— Merda — suspirou Jenna. — Juro que deixei o livro ali uns vinte minutos atrás.

— Lembra onde o encontrou? — perguntei. — Talvez alguém tenha entrado aqui e colocado o livro na prateleira.

Jenna mordeu o lábio.

— Acho que sim. Foi lá em cima perto de um armário muito estranho.

Segui Jenna até o segundo andar.

— Estranho como?

— Você vai ver. OK, eu estava nos fundos perto de uma pintura de um cara em um cavalo...

Dava para entender a dificuldade de Jenna. No andar de baixo, os livros ficavam alinhados com a parede, deixando o chão livre. No andar de cima, no entanto, havia pelo menos trinta estantes brigando por espaço, algumas tão próximas que tive de me virar para passar.

— Aha! — exclamou Jenna ao meu lado.

Estava na ponta dos pés examinando uma prateleira que ficava mesmo perto de uma pintura de um cara em um cavalo. O personagem tinha uma expressão irritada demais para quem usava um chapéu com pelugem.

Jenna estava com a mesma expressão.

— Não está aqui — disse. — Talvez seja melhor dar uma olhada lá embaixo de novo.

Fiquei decepcionada. Não sabia ao certo por que queria ver o livro. Já sabia onde havia escutado o nome Thorne antes e por que era tão importante.

Thorne era o sobrenome da mulher cujo feitiço transformou Alice em um demônio. A mulher que, sem querer, *me* fez ser um demônio. Não tinha dúvida de que Alice fora uma das alunas mandadas para a abadia durante a Blitz, e de que tudo começara ali.

Mesmo assim, queria ver uma foto de quando ainda não havia sido transformada.

— É — falei para Jenna. — Podemos procurar mais tarde. Não é tão importante.

Jenna não era idiota. Já me conhecia o suficiente para saber que eu estava mentindo, mas preferiu deixar para lá.

— Ah, dê uma olhada nisso.

No canto, logo abaixo do homem irritado em seu cavalo, havia uma pequena estante preta que batia na altura do peito. Estava cheia de poeira. Logo entendi por que Jenna disse que era estranha. Havia apenas um livro na prateleira, mas ficava dentro de uma caixa de vidro na qual símbolos que eu nunca tinha visto antes estavam desenhados.

— Tente abrir — disse Jenna.

Não tinha nenhuma alça, então passei os dedos pelas arestas da proteção tentando achar uma maneira de abri-la.

Tirei minha mão imediatamente.

— Nossa.

— Bizarro, não é? Está protegido por uma magia sinistra.

Magia sinistra era uma forma carinhosa de dizer. Meus dedos estavam queimando. A sensação foi parecida com a que senti quando toquei a marca do Olho no peito de Archer.

— Seja lá o que for, não querem mesmo que ninguém leia esse livro.

— Não mesmo — disse outra voz.

Jenna e eu levamos um susto e nos viramos.

Papai estava atrás de nós com um sorrisinho nos lábios. Suas mãos estavam atrás das costas.

— Esse livro é o grimório da família Thorne. É um livro de magia.

— Eu sei o que é um grimório — respondi irritada, mas ele continuou falando como se eu não tivesse dito nada.

— Contém as magias mais negras que o Prodígio conhece. O Conselho o trancou há muitos anos.

— Então os Thorne eram bruxos?

Papai passou uma das mãos sobre a estante. Eu me contorci de dor, mas ele pareceu não sentir o choque da magia.

— Eram sim — respondeu. — Bruxos negros, é claro. Muito poderosos e mestres em esconder dos humanos sua verdadeira identidade.

— Foram eles que transformaram Alice em um demônio, não foram?

Jenna se surpreendeu, mas papai apenas me observou.

— Foram. E você não é muito esperta por ter concluído isso tão rapidamente?

Ele parecia genuinamente feliz, e sua alegria me contagiou. Mesmo assim, respondi:

— Jenna me ajudou a deduzir isso. Leu alguma coisa sobre alunas vindo para cá na época da Blitz, e me lembro da Sra. Casnoff falando que o sobrenome da menina que transformou Alice era Thorne. É por isso que estamos aqui na biblioteca. Eu queria tentar ver Alice nas fotos do livro que Jenna estava lendo.

— Se quiser ver uma foto de sua bisavó na época em que esteve aqui, tenho uma. Por que não pediu logo?

Pensei em fazer um comentário sarcástico, mas achei melhor não. Ele tinha razão. Falar era mais lógico do que ficar brincando de detetive na biblioteca.

Graças a Deus, Jenna olhou para papai e disse:

— Sr. Atherton, Sophie passou os últimos dezesseis anos escutando mentiras aqui e ali. No Hecate, ela se especializou em descobrir as coisas sozinha. É um hábito difícil de mudar.

Jenna podia até ser uma loura baixinha com uma paixão quase patológica pela cor rosa, mas ainda assim era uma vampira, o que significa que conseguia intimidar quando queria. Naquele momento, tive vontade de dar um mega abraço nela.

Papai olhou para nós duas.

— A Sra. Casnoff me falou que vocês duas formam um time formidável. Estou vendo que sim. Bem, se as senhoritas já viram o que queriam na biblioteca, Sophie, será que poderíamos caminhar pelos arredores?

Será que tinha algum momento em que papai não soava como um personagem de Jane Austen? Difícil imaginar minha mãe, sempre tão prática, apaixonada por um cara como ele. Nunca achei que ela fosse o tipo de mulher que cai em qualquer papo. Se bem que *eu* nunca achei que fosse me apaixonar por um garoto bonito que mata Prodígios; então, quem sou eu para julgar?

— Está ficando escuro — disse para papai.

— Ah, ainda tem bastante luz. E a imagem da casa neste momento do dia é espetacular.

Nesse pouco tempo em que passei com papai, aprendi a ler seus olhos e não sua voz. Naquele momento, seus olhos diziam que eu ia ter de dar uma volta com ele, quisesse ou não.

— Tudo bem — respondi. — Por que não?

— Excelente! Tudo bem você ficar um pouco sozinha, certo? — perguntou para Jenna.

Ela me deu uma olhada.

— Claro, Sr. Atherton — disse. — Vou, hum, ver o que Cal está fazendo.

— Ótima ideia — respondeu papai, dando o braço para mim. — Podemos?

CAPÍTULO 8



Fomos até a porta da frente e passamos por um dos empregados. Estava tirando pó da mesa de mármore no corredor. Em vez de usar um espanador ou um pano, simplesmente colocava as mãos sobre a superfície. A poeira ia subindo, formando uma nuvem, e sumia. Ver aquilo foi tão chocante quanto ter um celular e um computador. No Hecate, ninguém era tão... bem, tão *casual* com magia. A Sra. Casnoff com certeza não nos deixaria usar feitiços para fazer limpeza.

Papai respirou fundo quando caminhamos pelo caminho de cascalho.

— Maravilhoso. Está sentindo este cheiro, Sophie?

— Hum... que cheiro?

— Lavanda. A Abadia Thorne tem pés de lavanda em todos os jardins. O cheiro fica melhor ainda em tardes como esta.

Respirei fundo. O cheiro era *mesmo* muito bom e a tarde estava linda; não fazia nem muito calor nem muito frio, e as sombras já produziam desenhos sobre o gramado. Eu provavelmente teria aproveitado mais se não estivesse no Lar dos Demônios Caprichosos.

Caminhamos em silêncio. Minha mão estava sobre o braço de papai, o que era bom e estranho ao mesmo tempo. Enquanto andávamos, eu só conseguia ter um pensamento: este é meu *pai*. Estou passeando com meu

pai, que está agindo como se não tivesse sido o pai mais ausente do mundo por quase dezessete anos.

Passamos pela ponte de pedras e subimos um pequeno monte. Paramos no topo e nos viramos para a casa.

Papai tinha razão. A vista era linda. Aninhada no vale, a Abadia Thorne estava banhada por uma luz sutil e dourada. Ao longe, a floresta parecia se curvar ao redor da construção, protegendo-a como um abrigo. Eu queria apreciar a vista, mas, olhando para a mansão, só conseguia pensar em como minha vida seria diferente se Alice nunca tivesse ido para lá.

— Me apaixonei por esta casa desde o primeiro momento em que a vi — disse papai, calmo.

— Só acho que podia ser um pouco maior — falei. — Preciso de pelo menos quinhentos quartos para não me sentir claustrofóbica, entende?

Era uma piada boba, mas papai riu do mesmo jeito.

— Achei que você fosse gostar. É onde nascemos, de alguma maneira. Quer ouvir a história?

Apesar de estar com a boca seca e as pernas tremendo, tentei soar tranquila.

— Pode ser.

— Os Thorne eram bruxas e bruxos negros. Por centenas de anos, conseguiram manter sua identidade em segredo enquanto usavam poderes para aumentar a riqueza e a influência da família. Eram ambiciosos e espertos, mas não perigosos. Pelo menos não até a guerra.

— Qual guerra?

Papai olhou para mim, surpreso.

— Você não aprendeu sobre a guerra no Hecate?

Pensei sobre minhas aulas no ano anterior, mas tinha de admitir que havia passado muito tempo pensando em outras coisas, tipo Archer, Jenna e como as meninas estavam sendo atacadas misteriosamente. Não tinha como me culpar por não ter prestado tanta atenção nas aulas.

— Devo ter aprendido. Só não me lembro.

— Em 1935, o L'Occhio di Dio e o Prodígio entraram em guerra. Foi uma época infeliz na nossa história. Milhares foram mortos em ambos os

lados.

Ele parou de falar e limpou os óculos com um lenço.

— Naquela época, havia apenas dois membros da família Thorne, Virginia e seu irmão mais novo, Henry. Parece que foi Virginia quem teve a ideia de criar um demônio para lutar contra o Olho. Ninguém havia conseguido fazer isso antes, mas Virginia decidiu tentar. Levou anos, mas finalmente encontrou o ritual que queria em um antigo grimório.

— E é esse livro que está trancado na estante?

— É. De acordo com os registros do Conselho, ela queria fazer o ritual em si mesma, mas o chefe do Conselho se recusou a permitir isso. Achou que seria mais seguro tentar em um ser humano normal. Para a sorte de Virginia, havia centenas de meninas hospedadas aqui.

Tremi.

— E ela escolheu Alice.

— Escolheu.

— Por quê? Você disse que havia centenas de meninas aqui. Pegou o nome de Alice de dentro de um chapéu ou coisa parecida?

— Honestamente, não sei, Sophie. Sempre acreditei que o fato de Alice estar grávida na época influenciou a decisão. Talvez ela e Henry... Bem, de qualquer maneira, Virginia nunca contou o motivo para ninguém, e, depois do ritual, Alice não tinha como falar nada.

Cocei o nariz com as costas da mão.

— Em histórias assim, geralmente existe um diário mágico escondido em um baú com todas as respostas. Alguma chance de encontrarmos um?

— Acredito que não. Enfim, acho que o resto da história você já conhece. Virginia fez o ritual, mas alguma coisa deu errado. Nunca saberemos o que aconteceu naquela noite, mas o resultado foi que Virginia e o irmão morreram e Alice virou um demônio.

— Um monstro — murmurei lembrando da morte de Elodie.

Eu me sentei na grama e abracei os joelhos. Papai suspirou e, depois de certo tempo, sentou-se ao meu lado.

— Vai ficar com marca de grama no seu terno.

— Tenho outros ternos. Sabe de uma coisa? Não é a primeira vez que a escuto usar essa palavra para se referir a nós. Posso perguntar por quê?

Ergui as sobrancelhas.

— Sério? Você precisa perguntar por que um demônio é sinônimo de um monstro para mim?

— Quando você achava que era apenas uma bruxa, usava a palavra "monstro" para se referir a você?

— É claro que não.

— E mesmo assim as bruxas, as fadas, os mutantes, os demônios... Todos têm a mesma origem.

— Como assim?

Papai pegou uma folha e começou a picotá-la, distraído.

— Éramos todos anjos.

— Sei que o Prodígio normal era — falei. — São descendentes dos anjos que não escolheram um lado na guerra entre Deus e Lúcifer.

Papai olhou para mim.

— Bem, os demônios são anjos que tomaram um lado. O errado, como sabemos.

— E daí? Só porque eram anjos não significa que são... que somos do bem.

— Não, mas isso nos torna um pouco mais complexos do que monstros. Por exemplo, você não ficou incomodada em descobrir que era uma bruxa negra, cujos poderes são parecidos com os nossos. Um demônio não é nada mais do que uma bruxa negra muito poderosa.

— Ou Hogaroth, o Pegajoso, aquele personagem de RPG — murmurei.

— O quê?

— Nada... Quando Virginia mandou que um demônio possuísse Alice, isso significa que Alice — tipo, a Alice de verdade, sua alma — foi embora e ficou apenas um monstro em seu corpo?

Papai gargalhou.

— Meu Deus, não. Foi isso que você achou esse tempo todo?

Cruzei os braços.

— Bem, como ia saber? Não tinha ninguém com paciência para responder a todas as minhas perguntas demoníacas.

Papai parou de rir e ficou um tanto constrangido.

— Tem razão. Me perdoe. Não, quando um demônio é evocado, o que aparece é apenas uma... força grande e escura, basicamente. É isso que o exílio no inferno causa a um anjo. Ele perde tudo, menos seu poder. Eles não têm nomes, personalidade, nem mesmo um corpo. Não são mais do que magia pura e concentrada.

— Nossa.

— Possessão não é nem a palavra certa para o que acontece — disse papai. — É como se fosse uma *união*. O demônio altera tudo na pessoa, até mesmo o sangue, o DNA. É por isso que passa de geração em geração. É por isso que não morremos mesmo se formos machucados com gravidade. Nossos poderes nos curam. — Fez sinal para a cicatriz na minha mão. — A não ser, é claro, que alguém use o vidro do demônio. No entanto, quem vira um demônio durante um ritual de possessão ainda é essencialmente a mesma pessoa que sempre foi.

— Só que com a magia mais negra e mais poderosa do mundo literalmente correndo em suas veias — adicionei.

— Exatamente.

Papai sorriu com orgulho. De repente, me lembrei de Alice no meio da floresta exclamando "Você conseguiu!" bem antes de eu cortar sua cabeça. Fiquei com um nó na garganta.

— Então, se Alice ainda era Alice, por que tinha garras e começou a beber sangue?

Papai encolheu os ombros e levantou a mão direita. Longas garras prateadas apareceram no lugar de suas unhas bem-feitas e logo depois sumiram.

— Qualquer bruxa ou bruxo pode fazer isso se quiser. Tente.

Olhei para minhas unhas roídas, que ainda tinham manchas do esmalte vermelho que Jenna usara na última vez que tentou ser minha manicure.

— Não, valeu.

— E a outra... parte, a magia com sangue é uma prática bem forte e antiga. Mais uma vez, já foi usada por vários bruxos e bruxas. Sua amiga Jenna com certeza se beneficia disso. Na verdade, foi assim que surgiram os vampiros. Quase mil anos atrás, um coven de bruxas estava fazendo um ritual de sangue muito complicado e...

— Alice matou pessoas — falei com a voz engasgada.

— Matou — disse papai com calma. — Aquela quantidade de magia negra pode enlouquecer uma pessoa. Foi o que aconteceu com Alice. Não significa que vai acontecer com você.

Papai olhou para mim com expressão firme.

— Sophie, entendo que você hesite em aceitar sua herança, mas é vital que pare de achar que demônios são monstros. — Ele esticou uma das mãos para cobrir as minhas. — Que pare de achar que *você* é um monstro.

Tive de me esforçar para conseguir falar.

— Olhe, entendo que você aceite esse negócio de demônio, mas vi um matar minha amiga. E a Sra. Casnoff me falou que sua mãe virou um demônio e matou seu pai. Então não fique esperando que eu acredite que ser um demônio é um paraíso.

— Não é — disse papai —, mas se quiser me escutar e aprender o que significa ser um demônio, vai entender que a Remoção não é a única opção. Há maneiras de... bem, de se sintonizar com seus poderes. De diminuir as chances de machucar alguém.

— Diminuir? — repeti. — Mas não de *remover*, não é?

Papai balançou a cabeça.

— Estou indo pelo caminho errado — falou, frustrado. — Só quero que entenda que... Sophie, já pensou no que vai ser depois da Remoção? Se sobreviver, é claro.

Eu havia pensado. Pode parecer bobo, mas uma das primeiras coisas em que pensei foi que ficaria parecida com a Vandy: coberta de marcas roxas, até no rosto. Não seria uma coisa fácil de explicar para humanos, mas talvez, se dissesse que tive "férias muito loucas", adiantasse.

Sem ouvir minha resposta, papai continuou falando.

— Não sei se realmente entende o que acontece de verdade nesse ritual. Você não apenas perde seus poderes mágicos. Perde uma parte vital de si mesma. A Remoção atinge seu sangue e extrai alguma coisa que é tão parte de você quanto a cor dos seus olhos. Você *nasceu* para ser um demônio, Sophie, e seu corpo e alma vão lutar para manter isso vivo. Até a morte.

Não há resposta para um discurso desses. Sendo assim, fiquei apenas olhando para ele, até que suspirou e disse:

— Você está cansada e já falei o bastante, é apenas sua primeira noite. Entendo se estiver assustada.

— Não é isso — argumentei mas ele continuou falando; um hábito chato que eu começava a descobrir nele.

— Acho que depois de uma boa noite de sono você vai estar mais receptiva ao que eu disser. — Olhou para o relógio. — Agora, com licença, estou quinze minutos atrasado para meu encontro com Lara. Acho que você sabe como voltar para casa.

— Ela está bem na minha frente, então, sim — murmurei. Papai já estava descendo o monte.

Fiquei sentada no escuro por um bom tempo vendo a casa e tentando absorver o que papai havia me falado. Só então percebi que não tinha perguntado nada sobre os outros demônios e o que estavam fazendo ali. Ou de que forma viraram demônios. Depois de certo tempo, eu me levantei, limpei o jeans e fui para casa.

Todavia, não tinha como viver como se fosse uma bomba prestes a explodir. Mesmo que papai tivesse falado sobre eu me "sintonizar" com a magia, ela podia detonar a qualquer momento. De alguma forma, minha própria existência havia se tornado um problema em si.

As coisas não estavam fáceis para mim.

Quando voltei para Thorne, papai já havia sumido, portanto fui para meu quarto. Mais cedo, estava morrendo de fome, mas a conversa tirou meu apetite. Apesar de ter dormido bastante à tarde, tudo o que queria era tomar um banho quente e me deitar.

No entanto, quando entrei no quarto, vi que minha cama já estava arrumada. Foram os criados ou a cama tinha um feitiço de arrumação?

Aí vi a fotografia no meu travesseiro.

Fiquei me perguntando se papai tinha ido colocar a foto lá. Minhas mãos tremiam. Era uma imagem em preto e branco de umas cinquenta meninas no jardim da frente em Thorne. A metade delas estava em pé, e a outra metade estava sentada no chão com suas saias cobrindo os joelhos. Alice era uma das meninas que estavam sentadas.

Fiquei olhando para seu rosto por um bom tempo. Por algum motivo, era mais fácil pensar nela como um ser possuído, uma criatura sem alma que usava o corpo da minha bisavó como uma ferramenta. Era difícil pensar na alma de Alice ainda dentro de seu corpo quando cortei seu pescoço com o vidro do demônio.

Analisei sua expressão. No que será que ela estava pensando no dia em que a foto foi tirada? Será que também achava a Abadia Thorne grande demais?

Eu sabia que ela havia estado naquele mesmo quarto havia mais de sessenta anos. Isso fez com que um calafrio subisse pelas minhas costas. Queria lhe perguntar se tinha alguma noção de que uma coisa horrível ia lhe acontecer, se perambulara pelos corredores de Thorne com o mesmo sentimento de medo dentro de si.

Todavia, congelada em 1939 com um sorriso, Alice não tinha as respostas, e, a julgar pela expressão de seu rosto, nem sabia o que o futuro guardava para ela.

E para mim.

CAPÍTULO 9



Não vi papai na manhã seguinte. Acordei cedo e tomei um banho super-rápido. Acredite: se você tivesse passado os últimos nove meses dividindo o banheiro com todos os tipos de criaturas sobrenaturais, também teria traumas. Em algum momento na noite anterior, minhas malas foram desfeitas e minhas roupas foram organizadas na cômoda. Pensei em pegar um dos vestidos, considerando o tipo de roupa que vi as pessoas usando em Thorne no dia anterior. No final das contas, acabei colocando jeans e uma camiseta vermelha, mas escolhi um par de sandálias em vez de meu tênis velho.

Parei no quarto de Jenna antes de descer, mas ela não estava lá. A porta de Cal estava fechada, e até pensei em bater antes de me tocar que ainda era muito cedo, ele provavelmente estava dormindo. Por um segundo, a imagem de Cal com sono e sem camisa abrindo a porta me veio à mente. Meu rosto ficou tão vermelho quanto minha camiseta.

Ainda estava meio exaltada quando praticamente esbarrei em Lara Casnoff no corredor principal. Vestia um terno preto, como antes, e estava equilibrando um monte de papéis, um celular e uma caneca de café (o cheiro era tão bom que salivei) nas mãos.

— Ah, Sophie, você já acordou — disse com um sorriso largo. — Aqui — ela me passou o café —, estava indo levar isto para você.

— Ah, nossa, que gentileza — respondi.

Adicionei o nome de Lara na minha lista de pessoas incríveis. No Hex Hall, éramos praticamente expulsos da cama por um alarme que se parecia com uma buzina misturada com uivo. Muito melhor acordar com uma pessoa levando café na cama para você.

— E seu pai me pediu que lhe dissesse que teve de sair para resolver negócios, mas deve voltar no final da tarde.

— Ah. Hum... tudo bem, obrigada.

— Estava chateado por perder seu primeiro dia aqui — disse ela com o rosto um pouco franzido.

Não consegui segurar uma risada sarcástica.

— Bem, meu pai perdeu vários primeiros dias em minha vida, então estou acostumada.

Acho que Lara pensou logo em defender papai, mas, antes disso, perguntei:

— Então, em qual das novecentas cozinhas posso comer cereal? Não jantei ontem à noite.

Lara imediatamente voltou à postura inicial.

— Ah, claro. O café da manhã está sendo servido na sala de jantar Leste.

Ela me deu as instruções: três viradas à direita, escadas e um "conservatório" — seja lá o que fosse. Olhei para ela sem entender. Balançou as mãos e disse:

— Levo você lá.

— Obrigada — respondi, seguindo-a. — Talvez até o final do verão eu consiga me achar aqui dentro.

Lara gargalhou.

— Venho para a Abadia Thorne há décadas e ainda me confundo.

— Nossa.

Passamos por um longo corredor, cheio de fotografias. Dei uma olhada com atenção. Havia retratos de lobisomens com fantasias do século XVIII. Outra imagem mostrava uma família de bruxas de 1600, acho eu —

usavam vestidos com muitos laços —, todas levitando embaixo de uma árvore, faíscas de magia à sua volta.

Aí, o que Lara havia dito me chamou atenção.

— Décadas? Então você conhece papai desde que são crianças?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Isso mesmo. Sua avó deu a Abadia Thorne para o Conselho antes... antes de falecer. Anastácia e eu passamos várias férias de verão aqui com seu pai. — Fez uma pausa e sorriu para mim. — É uma coisa que temos em comum, Sophie. Meu pai também foi chefe do Conselho.

— Sério?

— Alexei Casnoff. Já ouviu falar dele?

Balancei a cabeça. Lara prosseguiu.

— Os Casnoff chefiaram o Conselho por quase duzentos anos. No entanto, meu pai decidiu bem cedo que passaria o cargo para o seu por causa dos poderes dele.

Processei a informação.

— Mas o cargo é hereditário. Então se seu pai não tivesse feito isso, você seria a nova chefe?

Ela encolheu os ombros elegantemente, como se isso fosse um assunto que nem merecia discussão.

— Seria Anastácia, na verdade. É a irmã mais velha. Mas ambas concordamos com a decisão de papai, e Anastácia sentiu que seria mais útil no Hecate. — Sorriu para mim e apertou meu braço de leve. — Nenhuma de nós se arrependeu. James tem feito um excelente trabalho como nosso chefe, e tenho certeza que você fará o mesmo.

Tentei sorrir para ela, mas acho que acabei fazendo uma careta.

— Então... se você e a Sra. Casnoff são irmãs, e seu pai era um Casnoff, por que ela é a *Sra*. Casnoff? — perguntei. — Fica parecendo que ela se casou com um de vocês.

— Anastácia foi casada — disse Lara fazendo sinal para que eu passasse por outro corredor —, mas sempre mantivemos o Casnoff. Até o marido dela usou o nome.

Queria saber mais sobre isso, mas chegamos à sala de jantar. Segui Lara.

Será que tinha algum cômodo na Abadia Thorne que não me deixaria maravilhada logo na entrada? A sala de jantar Leste era provavelmente três vezes maior do que a sala de jantar do Hecate. Assim como todos os outros cômodos que vi em Thorne, não tinha nenhum espaço na parede que não estivesse coberto com pinturas ou com tinta dourada. Até mesmo as cadeiras eram estofadas com brocado dourado.

Uma mesa enorme que serviria para um exército inteiro dominava o salão, então deduzi que era onde as refeições eram servidas em Thorne. Todavia, só Cal estava ali naquele momento. Ele olhou para nós quando entramos, e moveu a cabeça lentamente.

— Bom dia.

Lara praticamente pulou de alegria.

— Sr. Callahan! Que bom vê-lo nesta manhã. Está gostando da Abadia Thorne?

Cal deu um gole no suco de laranja antes de responder.

— É ótima.

Acho que não havia como Cal soar mais desanimado, mas, ou Lara não percebeu, ou não estava nem aí, porque parecia superfeliz quando disse:

— Bem, com certeza vocês dois estão gostando da possibilidade de passar mais tempo juntos.

Cal e eu olhamos para ela. Tentei fazer com que parasse de falar, mas esse poder não estava no meu repertório. Lara deu um sorriso amigo.

— Nada me deixa mais feliz do que ver um casamento arrumado entre pessoas que realmente se amam.

Todo o clima tenso que havia desaparecido no dia anterior tomou o salão de imediato.

Ousei olhar para ele, mas Cal, como sempre, estava dando uma de homem estoico. Sua expressão se manteve como estava mas notei que sua mão apertou o copo de suco.

— Cal e eu não... nós não... não tem nenhum, hum, amor — falei com dificuldade. — Somos amigos.

Lara franziu o rosto, confusa.

— Ah. Perdão. — Virou-se para Cal, levantando as sobrancelhas. — Simplesmente deduzi que foi por isso que você recusou a posição que o Conselho ofereceu.

Cal balançou a cabeça. Acho que ia falar alguma coisa, mas o interrompi.

— Que posição?

— Não foi nada — respondeu.

Lara deu uma risada sutil.

— Depois do fim do semestre no Hecate, o Sr. Callahan foi chamado para ser o guarda-costas oficial do Conselho. Corrija-me se estiver errada, mas você não aceitou a oferta inicialmente? — perguntou para Cal.

Nunca tinha visto Cal com raiva. É claro que, em se tratando de Cal, ficar com raiva significava apenas mover as sobrancelhas um pouco.

— Aceitei, mas... — começou a falar.

— Mas aí soube que Sophie ia para o Hecate e decidiu ficar — completou Lara. Seus lábios mostraram o mesmo sorriso que eu já tinha visto várias vezes no rosto da Sra. Casnoff. Fiquei lá em pé, sem conseguir me mover. Ela se virou para mim. — O Sr. Callahan desistiu de viajar pelo mundo com o Conselho para que fosse um mero funcionário na ilha Graymalkin. Por sua causa.

CAPÍTULO 10



Depois disso, não consegui mais ouvir o que Lara dizia. Sei que mencionou alguma coisa sobre uma reunião para a qual estava atrasada, e de repente não estava mais lá. Cal e eu ficamos sozinhos.

Ele voltou-se para a comida, então fui até o outro lado do salão para me servir. Havia dúzias de bandejas de prata com ovos, batatas fritas, bacon e um monte de outros tipos de coisas cujos nomes eu nem sabia. Meu coração estava disparado, mas tentei não demonstrar o nervosismo enquanto enchia o prato.

Além disso, não sabia onde me sentar. Cabiam umas cem pessoas à mesa, então não queria me sentar ao lado dele, é claro. No entanto, seria estranho se ficasse muito longe. Resolvi me sentar na frente de Cal. Por alguns instantes, ficamos em silêncio, apenas comendo. O som dos talheres ecoava pelo salão cavernoso.

Cal estava inquieto. Pensei que ia embora sem falar nada, mas, com calma, disse:

— Não fiquei só por sua causa.

Continuei olhando para baixo.

— Lógico. É claro que não. Dã.

Ele cutucou meu pé com o dele por baixo da mesa. Olhei para ele. Estava inclinado para a frente com o rosto sério.

— Estou falando a verdade. Gosto da Graymalkin. Gosto de estar perto do oceano e de trabalhar ao ar livre. Trabalhar para o Conselho significaria... — Suspirou e olhou para o teto. — Escritórios e aviões. E gravatas. Não era a minha.

— Cal, não precisa se explicar — insisti, sentindo as bochechas queimando. — Não acho que você ficou no Hex Hall por causa de seu intenso amor por mim. Mas é isso que vou falar para todas as meninas na escola — brinquei enquanto atacava o ovo com a faca. — Acho que "pegadora" pode ser uma boa reputação, além de "bruxa vingativa".

Senti que ele ia dizer mais alguma coisa, então resolvi mudar de assunto logo, mesmo com a boca cheia.

— E aí, o que acha da Abadia Thorne?

Cal ficou surpreso com a mudança abrupta, mas respondeu.

— Esse lugar me assusta.

— Me assusta também — falei —, o que é estranho, porque o Hex Hall é tecnicamente muito mais aterrorizante do que aqui.

Cal encolheu os ombros.

— É, mas é um lar.

— Para você, não é? Nunca saiu de lá mesmo, desde os treze anos?

— Nunca. Nem mesmo para ir ao continente.

Balancei a cabeça e parti um pedaço da torrada, que mergulhei na geleia de laranja.

— Que louco. Por quê?

Ele abaixou os talheres e olhou para algum ponto atrás de mim.

— Não sei. Desde que pisei lá pela primeira vez nunca quis sair. Como disse, é um lar. Nunca sentiu isso em lugar nenhum?

Pensei em todos os lugares nos quais eu e mamãe havíamos morado ao longo dos anos. Alguns foram legais, mas nenhum deles me pareceu ser permanente. Nunca me deixei ficar muito ligada a nenhum. A palavra "lar" só me fazia lembrar de mamãe e de malas.

— Não. É uma das vantagens de ser nômade. Você nunca sente saudade de casa.

Cal ficou olhando para mim com seu jeito quieto e intenso.

— Como foi com seu pai ontem à noite?

Suspirei.

— Não foi muito bem, não. Ser um demônio me preocupa ainda mais. E é claro que ele continua sendo contra a Remoção.

— Hum — foi a resposta de Cal. Tinha a capacidade de dar sentido até mesmo a uma sílaba.

— Deixe-me adivinhar. Você está do lado da legião de pessoas que acha que passar pela Remoção é uma péssima ideia.

Para minha surpresa, Cal ficou com raiva.

— Você fala como se as pessoas fossem contra só porque são babacas. Mas a Sra. Casnoff, seus pais, eu... Não tem como nos culpar por não querer que você *morra*.

Alguma coisa mudou no clima e de repente passei a me sentir instável.

— Tem como *me* culpar por não querer ser um demônio? Alice matou pessoas, Cal. Assim como sua filha, Lucy. Ela matou o próprio *marido*.

Ele não reagiu, então continuei falando — com mais raiva do que queria.

— Aposto que não sabia disso quando aceitou ser meu "noivo", hein? Estripar maridos é comum na nossa família.

Ainda sem receber uma resposta, senti vergonha.

— É claro que você também não sabia que sua noiva era um demônio — adicionei em tom mais brando.

Poucas pessoas sabiam o que meu pai era. Achei que Cal tinha descoberto na mesma noite que eu.

Foi por isso que fiquei muito impressionada quando ele levantou a cabeça e disse:

— Sabia sim.

— O quê?

— Eu sabia o que você era, Sophie. Seu pai me contou antes do noivado. E contou o que tinha acontecido com sua avó, e como seu avô morreu.

Balancei a cabeça.

— Então, por que aceitou?

Cal pensou antes de responder.

— Primeiro, porque gosto do seu pai. Fez boas coisas pelo Prodígio. E achei que... — Parou de falar e respirou fundo. — Achei que seria uma honra, entende? Pediram que eu fosse o genro do chefe do Conselho. Além disso, seu pai, hum, me falou muito sobre você.

Minha voz quase não saía.

— O que ele disse?

— Que você era esperta e forte. Engraçada. Que não estava conseguindo usar seus poderes, mas que sempre tentava ajudar as pessoas. — Encolheu os ombros. — Achei que seríamos um bom par.

O vasto salão de repente ficou pequeno demais, como se só tivesse espaço para nossa mesa.

— Olhe, Sophie...

Antes que pudesse terminar de falar, Jenna entrou.

— Que bom que ainda como comida humana, porque esse bacon está cheirando *muito* bem... Oi! — exclamou e parou de andar alegremente. — Desculpa! Não quis interromper... vocês. Posso... ir embora? — Apontou a porta com o polegar. — E voltar, hum, mais tarde?

O encanto já tinha se quebrado. Cal se recostou na cadeira e eu arrumei os cabelos.

— Não, tudo bem — respondi rapidamente. Fiquei mais concentrada nos ovos do que em qualquer teste que já havia feito na escola. — Acho que somos os únicos acordados.

— Todo mundo já levantou, só que estão quietos — disse uma voz vinda da porta.

Olhei para a pessoa e tive de me controlar para não me engasgar. Era a menina demônio. Seus cabelos estavam desarrumados e ela ainda vestia pijama — era bem fofo, feito de seda azul-escura, cheio de luas e estrelas douradas. Ela me olhava com uma expressão difícil de decifrar.

Moveu-se pelo salão com graça, mas seus ombros estavam tensos. Sua cabeça estava um pouco inclinada para baixo, de modo que o rosto ficava coberto pelos cabelos. Pegou uma torrada e uma laranja antes de vir

sentar-se ao meu lado. Seus poderes fizeram meus dentes doerem, mas me forcei a sorrir.

— Oi. Me chamo Sophie.

Ela começou a descascar a laranja.

— É, eu sei — respondeu com um sotaque tão forte quanto o de papai. — E você é Cal e você é Jenna. Me chamo Daisy.

Eles murmuraram um oi. Jenna olhou para mim e disse "Daisy?" sem ser ouvida. Entendi o que quis dizer. Com aqueles cabelos negros e pele transparente, seria mais adequado se a menina se chamasse Mortiça.

Ficamos sentados em silêncio enquanto Kristopher, Roderick e Elizabeth entravam. Fiquei um tanto surpresa em ver os outros três membros do Conselho. Achei que já estivessem trabalhando, como Lara.

Assim que todos se sentaram, Kristopher olhou em minha direção.

— Fico feliz em ver que você e Daisy já se conheceram, Sophia.

Seus olhos azuis brilhavam. Assim como Lara, ele parecia um pouco entusiasmado demais para aquela hora da manhã.

— É, talvez mais tarde possamos cantar uma versão demoníaca de "Kumbaya" — falei.

Não era uma piada assim tão boa, mas os três membros do Conselho gargalharam como se fosse a coisa mais hilária que já tinham escutado na vida.

— Daisy, não dissemos que Sophie tem um senso de humor maravilhoso? — disse Roderick, o elfo de asas vibrantes.

Antes que Daisy pudesse responder, o menino demônio entrou na sala de jantar. Jenna tinha razão, ele se parecia um pouco com Archer. Não era tão bonito, e, quando olhou para mim, vi que seus olhos eram azuis em vez de castanhos, mas definitivamente se pareciam.

— Bom dia, Nick — disse Kristopher limpando os lábios com um guardanapo. — O novo quarto é de seu agrado?

Nick foi até o bufê. Deu uma piscada para Daisy, que respondeu com um leve sorriso.

— Muito, Kris. Obrigado — respondeu antes de se servir. Diferentemente de Daisy, ele era americano. Sentou-se ao lado dela e se

inclinou para a frente para falar comigo.

— Fiquei cansado da vista do meu quarto antigo. Tipo, quantas vezes ao dia vou ter que aguentar ficar olhando para um lago? Kris foi maneiro e me arrumou um quarto que dá para um dos jardins. — Sorriu e partiu um *muffin*. — Está bem melhor, por enquanto.

Kristopher sorriu de novo, mas com menos empolgação.

— Fazemos de tudo para agradar nossos hóspedes — disse.

— E você, Daisy? — perguntou Elizabeth, a lobisomem com cara de vovó. Tocou a mão de Daisy. — Seu quarto ainda está ao seu gosto, querida?

— Sim, obrigada — respondeu Daisy delicadamente. Posso jurar que ouvi Elizabeth suspirando aliviada.

— Então, Sophie — disse Nick —, acho que já percebeu que Daisy e eu somos seus irmãos em demonicidade.

— Sim — respondi tentando parecer calma. — Vocês nasceram demônios, como eu, ou foram transformados? — perguntei depois de tossir.

Elizabeth respondeu por eles com voz amena e solidária.

— Não se lembram. Coitadinhos. Quando os encontramos, estavam em hospícios. Nem tinham nomes.

— Sim, e agradecemos muito por termos sido resgatados, Liz — disse Nick com voz melosa.

Prestei atenção em seus olhos. Estavam avermelhados, mas não como olhos de demônio; pareciam embriagados. Meu Deus, que tipo de gente começava a beber tão cedo. E *por quê*?

— E aí — disse Nick para mim —, está gostando de Thorne?

— Amando — respondi com um tom nada convincente.

— Bem, tem que ser melhor do que aquele lixo que vocês chamam de escola — falou Nick com uma risada.

A expressão de Cal ficou turbulenta, então resolvi falar logo.

— O Hecate não é tão ruim. Só é um lugar com certa, hum, personalidade.

— O L'Occhio di Dio não invadiu o Hecate ano passado? — indagou Daisy pegando a geleia.

Foi quando vi a cicatriz protuberante e lilás na parte interna de seu braço. Era como a cicatriz na minha mão. Eu me lembrei que papai disse que Daisy e Nick quase foram assassinados e tentei não ficar olhando.

— Não, não foi uma invasão. Havia um bruxo lá. Archer Cross. — Foi a primeira vez que disse seu nome em voz alta. — Trabalhava para o Olho. Mas não machucou ninguém.

Todos ficaram em silêncio e torci para que fosse o fim daquela conversa. Mas Nick continuou falando.

— Ouvi dizer que ele quase cortou sua garganta em um porão.

Se antes não estavam prestando atenção no que eu dizia, agora estavam.

— Não é verdade — respondi depois de certo tempo. Dava para sentir o olhar de Cal em mim, mas continuei olhando para Nick. — Nós lutamos, mas ele não puxou a faca.

— Vocês lutaram? — perguntou Roderick. — Com as mãos?

— Hum, isso — respondi, confusa. — Acho que devia ter chutado ele em algum lugar, mas...

— O que Roderick quis dizer foi por que não usou seus poderes? — disse Kristopher cruzando os braços sobre a mesa. — Você é um demônio. Podia tê-lo vaporizado, se quisesse.

Minha boca ficou muito seca e gaguejei.

— E-eu não fazia ideia de que era capaz de fazer uma coisa dessas.

— E se você aprender a fazer isso, acho que não quero mais ser sua colega de quarto — disse Jenna. Se achou que fazer uma piada ia mudar o assunto, estava enganada.

Nick se inclinou para a frente. Seus olhos estavam praticamente queimando.

— Ou talvez os rumores sejam verdadeiros. Talvez você não o tenha matado porque é apaixonada por ele.

CAPÍTULO 11



Meu coração pulou na garganta. Abaixei o garfo para que ninguém percebesse que minhas mãos tremiam. Olhei bem dentro dos olhos de Nick e disse:

— Não sou, não. Mas fomos amigos. Ele tinha uma namorada, Elodie Parris. Foi ela que morreu nas mãos de um demônio no Hecate.

Minhas palavras ficaram suspensas no ar por um instante enquanto Nick e eu nos olhávamos. Ele falou primeiro.

— OK, que bom, então — disse com voz jovial. — Ainda bem que esclarecemos isso. Só queria ter certeza de que seu namoradinho não ia aparecer por aqui com a galera dele.

Sorriu para mim. Foi, de longe, uma das imagens mais assustadoras que já vi na vida.

Roderick tossiu.

— Nick, por favor, contenha-se — disse. — Sophie é nossa convidada.

— Estou apenas conversando, Rod — disse Nick. — Afinal de contas, Sophie e eu temos o Olho em comum.

— Como assim? — perguntei.

— Ah, é que tentaram me matar também.

Ele se encostou na cadeira e levantou a camisa revelando uma cicatriz roxa que se esticava da calça até as costelas como uma serpente.

Todos à mesa ficaram em silêncio mortal. Daisy estremeceu ao meu lado.

— Eu tinha quinze anos quando me encontraram. Estava morando em um lar de adoção na Geórgia, e não entendia por que conseguia fazer com que as coisas acontecessem com o poder da mente.

— Nick não se lembra de nada que aconteceu antes dos treze — interrompeu Daisy com a voz tão calma que quase não a escutei.

Nick assentiu com a cabeça.

— Fiquei sem casa por algum tempo, mas o incrível estado da Geórgia me acolheu. Me tacaram na casa dos Hendrickson. — Deu uma risada. — As coisas não deram muito certo para eles. O Olho matou os quatro componentes da família enquanto tentavam me matar.

— Como você fugiu? — perguntou Jenna. Seus ombros estavam tensos e eu sabia que ela estava se lembrando de como escapara do Olho.

Nick olhou para mim novamente.

— Usei meus poderes. Achei que fazia mais sentido do que brigar, entende? — Algo vibrou na minha pele como uma onda elétrica e o cabelo de Daisy se moveu. Nick continuou a falar com olhar distante. — Um dos caras me pegou enquanto eu tentava sair pela janela. Tinha uma faca preta. — A louça na mesa começou a tremer e percebi que Kristopher e Elizabeth se entreolharam, preocupados. — Naquela época, não sabia o que o vidro do demônio era — disse Nick —, mas sabia que doía pra cara...

De repente, Lara apareceu de novo à porta.

— Nick — disse com um tom meio ríspido. — Talvez essa história possa esperar. Se já terminou seu café, por que você e Daisy não vão praticar os exercícios que o Sr. Atherton lhes ensinou?

Do nada, a onda de poder parou e soltei a respiração que nem tinha percebido que estava prendendo.

— Claro, Lara — respondeu Nick com aquele sorriso horripilante. Ele se levantou da mesa e Daisy o seguiu. — Ah, sim — acrescentou. — Eu queria saber se eu e Daisy podemos levar Sophie e os amigos para sair hoje à noite.

Fiquei surpresa. Depois do que tinha acabado de ver, a última coisa que eu queria era sair com aqueles dois.

— Para onde? — indagou Lara.

— Só para a vila. Ela não está aqui para passar o verão, e mais tempo, com os de sua espécie?

Lara hesitou. Nick aproveitou a chance.

— James pediu que eu acolhesse Sophie, Lara — falou colocando uma das mãos sobre meu ombro. Tive de lutar muito para não me mover.

Ainda não convencida, Lara disse:

— Vou falar com James esta tarde e ver o que ele acha. Agora vá.

Nick apertou meu ombro antes de ir embora com Daisy. Cal, Jenna e eu ficamos em silêncio olhando uns para os outros. Estávamos tendo o mesmo tipo de comunicação pelo olhar que Elodie, Chaston e Anna tinham. Os outros membros do Conselho se foram até que finalmente ficamos apenas nós três.

Jenna falou primeiro.

— Aquilo foi mais bizarro do que tudo.

— Foi mesmo. Aquele garoto não é boa influência para nenhum demônio, se é que isso é possível.

Jenna balançou a cabeça.

— Não foi ele. Quer dizer, foi ele, mas não *apenas* ele. Foram os membros do Conselho também. Percebeu como ficaram estranhos com Nick e Daisy? Nick parecia que ia explodir a qualquer instante e ninguém falou nada. E o que foi aquilo de terem mudado de quarto?

— Faz sentido terem medo dele — falei. — Sou um demônio e *mesmo assim* estou com medo.

— Como podem ser demônios? — perguntou Cal encostando-se na cadeira. — Achei que o ritual tivesse sido destruído depois de Alice.

— Pelo visto, não — falei —, mas não é o *como* que me intriga, e sim o *por quê*. Tipo, criar um demônio nunca deu muito certo para ninguém.

Eu me levantei e levei o prato para a mesa do bufê. Os outros usaram magia para se livrar da louça.

— Se seu pai disser que tudo bem, vai querer sair com eles hoje à noite? — perguntou Jenna, levantando-se.

— Não. Mas acho que devíamos ir. Pode ser uma boa maneira de entendermos o que está rolando por aqui.

Jenna bateu o quadril contra o meu. Ou tentou. É tão baixinha que seu quadril bateu contra minha coxa.

— Amo quando você tem esses planos demoníacos, Soph.

Cal sorriu para nós e meu rosto ficou quente. Sério, que diabos estava acontecendo comigo?

Jenna olhou para nós dois.

— Ah! Acabei de me lembrar que tenho que... hum, tirar umas coisas da mala, então estou... indo fazer isso. Venha falar comigo mais tarde e podemos explorar mais corredores.

Ela quis dizer *Venha falar comigo quando você terminar de conversar e/ou agarrar Cal, e conte-me tudo*. Apesar de ser uma vampira, Jenna era só uma menina.

No entanto, assim que saiu, Cal se levantou.

— Prometi a seu pai que ia analisar um dos jardins esta manhã. — Moveu os dedos e pequenas faíscas apareceram.

— Certo — falei, aliviada. — Pode ir fazer suas magias nas plantas e podemos, hum, conversar mais tarde, ou sei lá.

— Combinado. — Sua voz era baixa. Senti um calafrio nas costas. Acho que ele percebeu, pois deu uma risada antes de se despedir. — Até mais tarde, Sophie.

Quando ele se foi, o salão voltou a ficar enorme. Tive de me apoiar na mesa do bufê.

A cabeça de Lara apareceu na porta.

— Sophie? Tudo bem?

— Sim, tudo. Só estou... — balancei as mãos — me adaptando.

— É muita coisa para digerir, eu sei — respondeu com carinho. — Quando seu pai...

Eu não queria ouvir nada sobre papai, então a interrompi. Acabei me sentindo mal por fazer isso.

— Estou bem. Já tive várias experiências em lidar com lugares novos.

E, pensei, já estou me saindo melhor do que me saí no primeiro dia no Hex Hall. Ninguém me atacou, não me apaixonei pela pessoa errada e não fiz inimigos. Bem, tem Nick, mas nem se compara a Elodie...

De repente, me lembrei que havia prometido a Jenna que contaria sobre Elodie para a Sra. Casnoff. Era melhor do que ter de encontrar um pônei vampiro. Eu *podia* usar o telefone que Lara tinha me dado para ligar para o Hecate, mas ninguém conseguia fazer mais perguntas do que a Sra. Casnoff. Eu sabia que viriam bilhões de indagações. De minha parte, haveria muitos gaguejos e "hum" e "não sei". Não estava com saco para lidar com isso. Aí me lembrei do laptop novinho que estava em meu quarto.

— Lara, você sabe o e-mail da Sra. Casnoff?

— Certamente. É ACasnoff arroba Hecate ponto edu.

Ótimo. Não teria de dar um pônei para Jenna, mas teria de dar dez dólares.

Quinze minutos depois, estava sentada na frente do computador digitando a mensagem para a Sra. Casnoff. Tentei soar o mais casual possível e usei a frase "não é nada sério" duas vezes. Mesmo assim, hesitei antes de mandar o e-mail. E se o fato de Elodie ter me visto *fosse* sério? A última coisa que queria era lidar com mais eventos estranhos. Além disso, aquele sentimento de antes havia voltado. Quando respirei fundo tentando me livrar dele, senti um leve cheiro de fumaça.

Todavia, quis cumprir a promessa que fizera para Jenna.

Enviei o e-mail.

CAPÍTULO 12



Passei o resto do dia explorando a Abadia Thorne com Jenna, e apesar de termos ficado horas andando pelos corredores, não chegamos nem perto de ver tudo. Todos os cômodos eram repletos de tesouros bizarros e empoeirados, incluindo um quarto que tinha cinco armaduras completas e outro que tinha apenas animais empalhados. Contei para Jenna sobre meu e-mail para a Sra. Casnoff — e paguei os dez dólares — e isso a deixou feliz.

Na hora do almoço, Lara nos trouxe sanduíches no conservatório, que era um salão com luz natural onde ficava o maior piano que eu já tinha visto e milhares de samambaias. Ela nos disse que tinha falado com papai. Ele estaria em casa mais tarde e tinha dado permissão para que fôssemos à vila com Nick e Daisy.

— Mas — acrescentou Lara — vocês devem estar em casa à meia-noite e só podem ir à vila. Qualquer coisa mais distante está expressamente proibida.

É, soava mesmo como uma coisa que papai diria.

— Qual o "mais distante" que podemos ir? — perguntei para Jenna assim que Lara foi embora. — Estamos no meio do nada.

A resposta veio mais tarde. Tínhamos de nos encontrar com Nick e Daisy na entrada dos fundos (que eu nem sabia que existia) às 20h. Às

19h45, eu estava no banheiro passando rímel. Jenna apareceu usando uma roupa que só posso descrever como “Hello Kitty gótica”.

— Isso não é um pouco demais só para dar uma volta na vila? — perguntei dando uma olhada em suas botas rosa.

Ela fechou a porta e se sentou na bancada.

— Não vamos à vila — respondeu. — Falei com Daisy. Vão nos levar a Londres.

Quase furei meu olho com o rímel.

— Londres fica a, tipo, três horas daqui. Vamos roubar um carro ou coisa parecida?

Jenna balançou a cabeça.

— Sophie, quando vai começar a lembrar que temos poderes mágicos? Não vamos de carro, vamos... bem, não sei direito como vamos chegar lá, mas vai ser — levantou as mãos — com magiiiia.

— Maravilha — murmurei. Procurei um gloss na bolsa de maquiagem. Meu estômago se revirou de nervoso. Se Daisy estava esperando que eu fizesse algum feitiço incrível de demônio... Não ia rolar. — Por que exatamente vamos para Londres?

Jenna sorriu.

— Tem uma discoteca só para Prodígios. Daisy disse que é irada.

Eca. Uma discoteca para Prodígios? Com certeza teria mais veludo, gelo seco e angústia concentrados do que eu estava a fim de encarar.

— Sei não — falei. — Isso me parece ser bem “mais distante”.

— Sim, mas se quiser descobrir mais coisas sobre Daisy e Nick...

— Eu sei. Você fica tão metida quando tem razão. Mas, enfim, não acho que Cal vá concordar com isso — falei na esperança de colocar um ponto final no assunto.

Jenna pareceu ficar confusa.

— Cal não vai.

— O quê? Por quê?

Ela encolheu os ombros.

— Ele se empolgou com algum tipo de emergência botânica. Parece que tem mais plantas doentes aqui do que achou que encontraria.

— Hum — resmunguei voltando a olhar para o espelho.

— Sophie Mercer! Acho que meus superpoderes vampirescos estão detectando uma ponta de frustração na sua voz.

— Não, eu só... só queria que tivesse vindo me falar pessoalmente que não ia.

— Hum — disse Jenna com tom presunçoso. — E você colocou essa saia curta e botas de salto alto para que eu pudesse apreciar o visual, certo?

Passei pó compacto no nariz dela.

— Ninguém gosta de uma vampira intrometida, Jenna.

Nick e Daisy estavam esperando por nós na porta dos fundos. Descemos as escadas e Nick me deu uma olhada nojenta, mas não falei nada.

— Creio que Jenna já tenha contado nossos planos para esta noite — disse Daisy com voz baixa. Seus olhos cinza estavam delineados com lápis preto e pareciam feitos de glitter.

— Contou — falei tentando soar animada. — Mal posso esperar! — Tudo o que eu queria era encontrar um bando de Prodígios e dois demônios, sendo que um era obviamente instável.

— Você sabe que se me dedurar para seu pai ele nos expulsa daqui — disse Nick abrindo a porta.

— Nossa, jamais ia querer isso depois de você ter sido tão agradável e fofo comigo — respondi com entusiasmo.

— Ela tem razão — concordou Daisy puxando a manga da camisa de Nick. — Pare de ser chato.

Ele olhou para mim com aqueles olhos tão azuis que dava nervoso.

— Vou tentar — disse Nick.

Saímos pela noite úmida. Logo atrás da porta, havia um caminho de cascalho que levava a uma longa fila de arbustos da altura dos ombros. O caminho desaparecia no escuro perto da floresta que circundava os fundos da Abadia Thorne.

Seguimos pelo caminho até a floresta. Jenna pegou meu braço; nossas sombras se estendiam no solo sob a luz do luar.

Na frente, Daisy acendeu um cigarro, dava para ver a ponta da brasa. Nick caminhava ao seu lado com as mãos nos bolsos. Conversavam. A voz de Nick era baixa e discreta. Tenho quase certeza que ouvi meu nome.

— Não são tão ruins — sussurrou Jenna —, e nem parecem ligar para o fato de eu ser uma vampira. Acho que conheceram vários nesse lugar aonde vamos hoje, o Shelley's.

— Shelley's?

— É. Sabe a Mary Shelley? Frankenstein, monstros...

— Fofo.

Chegamos à floresta. Vi que o caminho de cascalho continuava entre as árvores, só que ficava mais estreito. Meus saltos altos se afundavam no meio das pedrinhas, e logo Daisy, Nick e Jenna estavam mais adiantados do que eu. Coloquei as mãos nos bolsos. Seria difícil andar no meio de uma floresta à noite sem pensar em Alice e em todo o tempo que Elodie e eu gastamos aprendendo seus feitiços.

O caminho chegou ao fim na frente de um prédio grande de pedra. Nick já tinha sumido, mas Daisy estava em pé na entrada.

— Vamos logo — disse acenando para nós duas antes de desaparecer também.

Nós a seguimos. Embora a noite estivesse quente, a estrutura de pedra era úmida e fria. O cheiro de mofo pairava no ar. Ouvi um bater de asas e olhei para cima. Vi um pássaro negro enorme saindo da casa através de um buraco no teto.

— Que lugar é este? — perguntei.

— Era um moinho de milho da propriedade — respondeu Daisy e apontou para o teto destruído. — Uma árvore caiu ali em uma tempestade há uns seis anos.

— Por que não derrubam esta casa logo? — perguntou Jenna.

Mesmo no escuro, deu para ver o olhar incrédulo de Daisy.

— Porque abriga um *Itineris* — informou.

— Isso não é nenhum tipo de monstro em latim, é? — perguntei tentando erguer uma das sobrancelhas.

Daisy riu e continuou nos levando mais para dentro do moinho.

— *É* latim, mas significa jornada ou estrada.

Tropecei em uma pilha de pedras quebradas.

— Bem, isso soa tão legal e aterrorizante quanto o monstro — murmurei, mas Daisy já estava muito longe para me ouvir.

Nick estava perto da parede dos fundos. Havia uma abertura grande, devia ter uns dois metros e meio. Parecia uma porta. Do outro lado, só escuridão.

— Cara, espero que não tenhamos que ir para Londres nos arrastando pelo chão — falei.

No entanto, quando cheguei perto, vi que a abertura não dava para um túnel, como havia imaginado, e sim para uma alcova vazia de menos de um metro de altura.

Daisy sorriu para mim com timidez.

— Deduzo que nunca viajaram via *Itineris*.

— Nem sei como se escreve isso.

Para minha surpresa, Nick me agraciou com um pequeno sorriso que pareceu ser genuíno e não forçado. Fomos até a abertura. Não vimos nenhum feixe de luz ou a presença de magia. Em um minuto, ele estava lá; no minuto seguinte, não. Por algum motivo, foi muito mais assustador do que se tivéssemos visto um show de luzes ou um pouco de fumaça. Daisy foi em seguida. O mesmo aconteceu com ela, como se tivesse simplesmente deixado de existir.

Jenna e eu ficamos em pé olhando para o local.

— Podemos voltar — sugeri sem muita convicção — e falar depois que esse negócio de jornada mágica não deu certo para nós.

Jenna balançou a cabeça.

— Não deve ser tão ruim — murmurou.

— Podemos tentar ir juntas — falei. — Acho que conseguimos passar juntas pela porta, e aí, se acabarmos em outra dimensão ou se formos transformadas em um pedaço de parede, pelo menos teremos companhia.

Jenna gargalhou.

— Tudo bem, então. Vamos lá.

De mãos dadas, entramos na alcova.

CAPÍTULO 13



Assim que passamos pela abertura, senti a mão de Jenna sumir. Tudo ficou preto e comecei a gritar sentindo uma pressão enorme nas têmporas. Foi como uma enxaqueca, só que cem vezes mais intensa. Lá longe, alguma coisa me dizia que não fazia sentido ficar tão surpresa só porque uma magia fora pior do que eu tinha imaginado. Já era para estar acostumada com isso.

Mas eu não estava preparada para o horrível puxão no meu crânio nem para a escuridão total. Não havia nem mesmo a sensação de estar voando, outra coisa que eu de certo modo esperava da viagem mágica. Em vez disso, tudo estava bem quieto enquanto a escuridão me pressionava.

E então, lá estava eu de pé do lado de fora. Bem, na verdade, ajoelhada do lado de fora, respirando em grandes arquejos, enquanto alguém dava tapinhas nas minhas costas.

Era Daisy me ajudando.

— A primeira vez é sempre a pior — disse ela tentando me confortar.

— É, Daisy vomitou bem em cima dos meus sapatos na primeira "viagem" — disse Nick gargalhando. Daisy deu-lhe um tapa.

— Foi porque você me levou para muito longe, seu demente! *Espanha*. Que imbecil. Qualquer distância maior do que cem quilômetros é loucura para uma primeira viagem.

Jenna apareceu ao meu lado. Estava mais pálida do que o normal, o que era impressionante.

— Não sabia que uma magiiiiia podia ser tão intensa — disse brincando, mas sua voz estava estridente e ofegante.

Tentei perguntar se estava bem, porém falar estava além de minha capacidade. Apenas sorri, o que me fez sentir mais dor. Acabei encostando em uma parede até que melhorasse.

Enquanto a dor de cabeça diminuía, dei uma olhada ao redor. Estávamos em um beco cercado por vários prédios de tijolos aparentes. No alto, as nuvens baixas refletiam o brilho alaranjado dos postes. Havia um cheiro estranho no ar, uma mistura de fumaça, pedra antiga e talvez água.

Quando achei que dava para falar de novo, perguntei a Daisy:

— Aquilo foi o quê exatamente, um portal?

Ela pegou outro cigarro na bolsa.

— Basicamente isso. Mas os portais só vão de um lugar específico para outro lugar específico. Um *Itineris* pode ir... bem, para qualquer lugar. Você simplesmente cria uma entrada e diz aonde quer ir. Por isso Nick foi primeiro, para dizer que estávamos indo para o Shelley's.

— Se só vai para uma direção, como vamos voltar? — perguntei.

— Tem outra abertura aqui perto — disse Daisy apontando para a esquerda.

— Então, espere. Podemos chegar naquela abertura e falar que queremos ir para *qualquer* lugar? — perguntou Jenna.

— Qualquer lugar — respondeu Nick encolhendo os ombros. — Mas, como Daisy disse, quanto mais longe vai, mais difícil fica. Então posso falar que quero ir para, tipo, Madagascar, mas a viagem provavelmente me mataria.

Ao meu lado, Jenna tremeu.

— Não consigo me imaginar naquele negócio por mais tempo do que ficamos.

— A viagem no *Itineris* é mais difícil ainda para vampiros — respondeu Nick.

Então talvez devesse ter avisado antes de nos mandar entrar naquele buraco, seu idiota, pensei, irritada.

Senti falta de Cal, e não foi só porque curaria minha dor de cabeça em dois segundos.

— A passagem só pode ser criada por bruxos muito poderosos — prosseguiu Daisy, enquanto eu tentava fazer com que meu cérebro não explodisse. Ela acendeu o isqueiro, que iluminou seu rosto. — Ou por demônios, é claro.

— Então quem fez aquela passagem em Thorne? — perguntou Jenna.

— Não sabemos — respondeu Nick, sorrindo —, mas, considerando que é tão irado, eu diria que foi um demônio.

Fiquei me perguntando se Alice teria criado a passagem, mas antes que pudesse falar, Daisy continuou.

— OK, por mais fascinante que nossa conversa esteja, prefiro passar as poucas horas que temos no Shelley's e não neste beco. Vamos entrar, por favor?

Tive de me esforçar para não ficar encarando Daisy. O que tinha acontecido com a menina introvertida e delicada que vi naquela manhã?

Saímos do beco e fomos para a frente do prédio. Do lado de fora, parecia ser uma discoteca normal, até sem graça. Havia uma pequena placa em cima da entrada que dizia SHELLEY'S com letra branca cursiva. Várias pessoas haviam desenhado suas iniciais e alguns xingamentos na porta preta de entrada.

Procurei pelo monstro que ficaria tomando conta da porta, mas não existia. Não tinha nem aquele painel que abrem para que você sussurre a senha. Notei que a porta estava balançando sutilmente.

Daisy percebeu que eu estava olhando.

— É encantada — explicou. — Apenas o Prodígio consegue encontrar essa porta. Para os humanos, parece ser apenas mais um bêbado fedorento encostado na parede.

Que legal. Tinha razão: se eu envesgasse os olhos um pouco, só dava para ver uma figura escura inclinada exatamente onde estava a porta. Aí Daisy parou na minha frente e a porta voltou a ser uma porta novamente.

Daisy bateu e ela se abriu quase que imediatamente. Fiquei surpresa com o cheiro de fumaça e o som quase ensurdecedor de música eletrônica. A luz que saía dali era azul e pulsava devagar.

Eu só havia entrado em uma discoteca uma vez, no primeiro ano. Foi quando mamãe e eu morávamos em Chicago e fiquei um tanto encantada com a ideia de ser uma rebelde. Fui em um buraco escuro e nojento com uma menina chamada Cindy Lewis, que passava muito lápis de olho e fumava cigarro de cravo. Minhas únicas lembranças daquela noite eram uma música tão alta que com certeza danificou para sempre minha audição, e um cara com cheiro de cerveja agarrando minhas pernas e tentando lamber meu rosto. Sendo assim, discotecas não eram meu lugar predileto.

Só que o Shelley's não era um buraco enfumaçado em Chicago.

Tudo bem, tinha bastante fumaça. E a música estava muito, muito alta. Fora isso, os dois lugares não podiam ser mais diferentes. Primeiro, o Shelley's era enorme, muito maior do que parecia do lado de fora. Havia dois andares. O de baixo tinha uma pista de chão preto brilhoso. Tinha muita gente dançando e a magia que emanava era tão forte que fiquei arrepiada. Vi vários Prodígios da nossa idade, mas muita gente mais velha também. Na verdade, tinha um velhinho de barba branca em um canto que provavelmente devia ter conhecido Mary Shelley pessoalmente. Vi um lobisomem dançando com uma bruxa, cujo vestido tinha pequenos rasgos por causa das garras de seu parceiro. Acima da galera, várias fadas flutuavam no ar. Suas asas batiam de acordo com a música, e seus cabelos claros e brilhosos refletiam as luzes coloridas.

Bem no meio da pista, havia um cara de jaqueta roxa de veludo dançando cercado de bruxas. Parecia familiar. Quando se virou, vi que era Lorde Byron.

É, *o* Lorde Byron, nosso professor de inglês no Hecate antes dos ataques. Visto que era um vampiro, o pessoal desconfiou dele. Mesmo depois de tudo ter se resolvido, não quis voltar para o Hex Hall. Eu o entendo.

Pensei em dizer oi, mas ele nos viu antes disso. Não tenho certeza, mas acho que mostrou o dedo do meio para nós antes de ir embora.

Jenna e eu não éramos alunas brilhantes.

Nick moveu a cabeça indicando os fundos da discoteca.

— Vamos arrumar um lugar para sentar.

Saímos de perto da pista de dança e fomos para uma área mais escura e menos cheia. A música era bem mais calma, então parei de ter a sensação de que meu cérebro estava saindo pelos ouvidos. Daisy nos levou para uma mesa e se jogou no banco de veludo. Nick se sentou ao lado dela, deixando que Jenna e eu nos sentássemos uma ao lado da outra.

Daisy pegou outro cigarro e me ofereceu um. Fiz que não com a cabeça.

— Não, obrigada. Não fumo.

— Tudo bem — respondeu Nick.

Uma mulher alta de cabelo vermelho veio à mesa. Usava um vestido de veludo tão curto que podia ter sido uma camiseta um dia. Seu rosto seria bonito se não estivesse com cara de nojo, como se tivesse tomado leite azedo.

— Vocês dois de novo — disse.

Daisy revirou os olhos, mas Nick não pareceu estar nem um pouco afetado.

— Ah, Linda, minha querida. Estava mesmo querendo que você nos servisse hoje. Senti falta desse seu sorriso ensolarado.

Linda cruzou os braços.

— Vá para o inferno, seu maluco.

Nick sorriu e, por um segundo, ficou tão igual a Archer que fiquei nervosa.

— Só se for com você, Linda — disse Nick erguendo as sobrancelhas. Daisy bateu o cotovelo nele. Linda apenas ficou olhando até que Nick levantou as mãos. — Trégua — falou. — Tudo bem, Daisy e eu vamos beber o de sempre.

O que seria? Suco do mal? Algum tipo de bebida energética para demônios?

O olhar antipático de Linda parou em Jenna, que ficou encabulada.

— Eles têm todos os tipos de sangue que você quiser — informou Daisy.

Jenna deu um sorriso nervoso.

— Então, hum, quero um copo ou tigela, sei lá, de O-negativo.

— Certo — disse Linda. — E você?

— Hum, pode ser água — falei.

— Ah, por favor — disse Nick passando os braços por trás do banco —, pelo menos deixe que eu pague uma bebida para você — pediu, dando aquele sorriso que me deixava nervosa. Eu me sentei mais perto de Jenna.

— Não bebo.

Assim que Linda saiu, Nick gargalhou.

— Ai, meu Deus, um demônio careta! Que máximo!

— É, acho que arrancar os órgãos internos das pessoas de vez em quando já é vício suficiente para mim — brinquei.

Não devia ter dito isso.

A risada de Nick morreu e até Daisy ficou mais séria.

— Foi mal — falei rapidamente. — Não quis... — respirei fundo. — Sou mestre em ficar curtindo com minha própria cara. Não tem nada a ver com vocês.

Daisy pareceu ficar mais calma, mas Nick continuou me olhando com uma expressão indecifrável.

— Nunca machucamos ninguém, Sophie — disse ele. — Nem James nem você.

— É, mas poderíamos — respondi. — A Sra. Casnoff falou que os demônios ficam tranquilos durante anos e de repente surtam.

Nick desviou o olhar.

— Não é isso que esperam que façamos? — murmurou com voz obscura.

— Como assim? — perguntou Jenna, mas Daisy se inclinou para a frente e colocou uma das mãos sobre o joelho de Nick.

— Não vamos falar sobre isso hoje — disse. — Temos o verão inteiro para ensinar a Sophie tudo sobre ser um demônio.

Nick reclamou, mas Daisy pegou seu rosto pelo queixo e o puxou para perto do dela. Ele a beijou com uma suavidade surpreendente. Senti meu

rosto ficar quente. Não tinha percebido que estavam juntos — não daquele jeito.

Depois de certo tempo, o beijo terminou.

— OK. — Nick se encostou na parede e ficou passando os dedos na barra da saia de Daisy. — Se não vamos falar sobre demônios, vamos falar sobre o quê? — Embora seu tom de voz fosse agradável, seu olhar era duro. — Afinal de contas, não é por isso que você está aqui, Sophie? Para ter um curso intensivo sobre ser um demônio?

Seria melhor ter bebido. Por que todo mundo era tão intenso comigo logo de cara?

— Acho que sim.

Linda apareceu de novo e colocou o copo de sangue de Jenna na mesa. Bateu a taça com tanta força que o líquido transbordou. Acho que teria feito o mesmo com os drinques de Nick e Daisy, mas Nick os pegou antes que tivesse oportunidade. Suas mãos se tocaram e ela fez cara de nojo. Acho que eu devia ter ficado ofendida por estar tratando meu companheiro demoníaco daquela forma, mas não a culpo. Tinha alguma coisa em Nick e em Daisy que fazia minha pele ficar arrepiada. Imagino como deviam ser estranhos para o resto do Prodígio.

O que se confirmou quando vi que o líquido nos copos deles era bem preto e oleoso.

— Hum, o que é isso? — perguntei, depois que Linda me deu a garrafa de água e foi embora.

Nick franziu as sobrancelhas e ergueu o copo para mim, como se fosse fazer um brinde.

— Eis que as aulas começam. Isto, Sophia, é elixir de Cassandra, uma poção feita aqui no Shelley's.

Abri minha garrafa de água.

— Uma poção? Com olho de lagartixa e esse tipo de coisa?

Gargalhando, Nick mergulhou um dedo na bebida e o lambeu. Eca.

— Não, sem olho de lagartixa. Só água do mar Egeu, duas doses de conhaque centenário e muita magia. Ah, e uma pitada de sangue de fada.

Tomei um gole da água para evitar a ânsia de vômito.

— O que esse drinque faz? — perguntou Jenna com o copo de sangue entre as mãos.

— Dizem que coloca você no estado perfeito para ter visões do futuro — informou Daisy.

Ela pegou seu drinque das mãos de Nick e o bebeu em um gole, como se fosse água. Meu esôfago reclamou. Nick também virou o dele.

Daisy colocou o copo vazio na mesa. Seus olhos estavam mais claros e suas bochechas, rosadas.

— Na verdade, ele só deixa as coisas aqui — apontou para as têmporas — meio... tontas. É legal. Você devia pedir um.

— Acho que já fiquei tonta o suficiente hoje.

Nick encolheu os ombros.

— Que pena para você. — Ele se encostou na cadeira e abraçou Daisy com mais força. Ela se aconchegou no abraço. — Vamos passar para o momento intimidade? — disse ele batendo no pé de Jenna com seu próprio pé. — Como foi que virou uma vampira? Deve ser uma história interessante.

Não. Era uma história triste sobre a qual Jenna não falava desde que nos tornamos colegas de quarto. Achei que Jenna fosse dizer que não queria falar sobre aquilo.

Em vez disso, respirou fundo e disse:

— Me apaixonei por uma vampira. Deixei que me transformasse por causa daquela história de amor eterno. Aí o Olho a matou com uma estaca e eu... matei uma pessoa porque estava faminta. O Conselho acabou me levando para o Hecate.

Sua voz era estável e sem emoção, mas vi o quanto custava para ela contar aquilo, mesmo que fosse uma versão bem condensada.

— Cara, nossa — disse Daisy —, que triste.

Por um momento, achei que estivesse zoando Jenna. Minhas mãos se fecharam em punhos. Contudo, quando olhei para Daisy, vi que sua compaixão era totalmente genuína. Acho que seus olhos até se encheram de lágrimas.

— É — disse Nick com uma voz completamente sincera. — Que situação difícil.

Acho que ninguém mais no Hex Hall conhecia a história de Jenna a não ser eu e a Sra. Casnoff. Mesmo assim, todos a tratavam como um monstro assassino. E lá estavam aqueles dois demônios olhando para Jenna com toda a compaixão do mundo.

A música havia mudado. A batida eletrônica deu lugar a um som mais calmo e lento. Era um alívio bem-vindo.

— E vocês dois não sabem mesmo como viraram demônios? — perguntei.

Se iam se meter nos assuntos pessoais de Jenna, eu também podia me meter nos deles.

Não ficaram ofendidos. Daisy deitou a cabeça no ombro de Nick.

— Não sabemos mesmo. — Seu olhar ficou distante. — Nem mesmo em sonhos. É como se tudo antes disso fosse um buraco negro — disse passando os dedos na frente do rosto. Nick acariciou o ombro de Daisy.

— Tudo o que sabemos é que alguém fez isso com a gente — disse ele com a voz emocionada.

Jenna olhou para mim antes de falar.

— Como podem ter certeza?

— Dá para sentir — disse Daisy fechando os olhos. Quando os abriu de novo, brilharam com lágrimas. — É como se tivéssemos sido...

— Violentados — complementou Nick. Daisy concordou devagar.

— Isso mesmo — disse ela. — É como se tudo dentro de nós fosse diferente. Cérebro, alma, sangue...

Assenti com a cabeça. Papai tinha dito que o traço demoníaco vinha no DNA. Nasci daquele jeito, mas imagino que seja estranho acordar como um demônio um belo dia.

— É horrível — continuou Daisy com raiva. — Esse tanto de magia se mexendo no seu cérebro todo santo dia.

Suas palavras eram contidas, como se estivesse tentando não chorar. Fiquei sem saber o que dizer. Eu com certeza não estava muito feliz com o

fato de ser um demônio, mas não era *daquele* jeito. Se ser um demônio era assim para Nick e Daisy, não me espanta que bebessem muito mesmo.

— E vocês usam seus poderes?

Antes que pudessem responder, um som alto de algo se quebrando ecoou na discoteca.

— O que foi isso? — perguntou Jenna quase derramando o copo de sangue.

— Um trovão? — arrisquei, mas o som foi como o de um chicote ou de madeira se partindo.

A música parou repentinamente assim que um coro de uivos começou na pista de dança.

— Não se preocupem — disse Nick balançando a mão —, deve ser uma briga entre mutantes. Acontece toda noite.

Só que alguém — ou alguma coisa — berrou, e de repente a discoteca ficou tomada por choros e gritos e barulhos de pisadas.

— Não é só uma briga entre mutantes, não.

Eu me levantei e tentei ver a pista de dança. Era difícil enxergar através da fumaça. Só consegui ver formas inexatas correndo até a porta. Aí uma fada de asas roxas voou por cima do pessoal. Suas asas batiam com força. Alguma coisa prateada se enrolou em seu tornozelo e ela berrou de dor ao ser puxada de volta para a multidão.

Foi quando os vi. No meio da fumaça, várias figuras escuras, como se fossem feitas de sombras, se moviam. Um deles se aproximou o suficiente para que eu visse o punhal refletindo as luzes azuis.

Minha boca ficou seca e senti o coração batendo nos pés.

— Quem é? — perguntou Daisy, mais curiosa do que com medo.

Mal consegui falar.

— É o Olho.

CAPÍTULO 14



— O quê? — berrou Jenna levantando-se.

Nick se levantou devagar e balançou a cabeça.

— Não é possível.

Uma luz azul iluminou a discoteca como um raio. A bruxa que vi dançando com o lobisomem mais cedo estava lutando com três figuras negras. Os olhos de Nick se arregalaram.

— Meu Deus.

— O Olho não tem como entrar aqui — disse Daisy sacudindo a cabeça —, e nunca tentaram invadir o Shelley's antes. Nunca.

Nick piscou como se ainda não conseguisse acreditar no que via. A pista de dança estava um caos completo. Havia tanta magia emanando dali que minha pele doía, mas os feitiços não estavam ajudando. O Olho continuou avançando e havia cada vez mais deles entrando pelo salão. Estavam em menor quantidade, mas tinham o elemento surpresa a seu favor, sem falar que a maioria dos Prodígios na discoteca estava embriagada. A "tontura" que Daisy mencionou antes atrapalhava a eficiência da magia.

— Como vamos sair daqui? — perguntou Jenna. Ela respirava rápido e seus caninos estavam afiados. — Tem alguma porta nos fundos?

Nick finalmente parou de olhar para a pista de dança.

— Não — respondeu —, mas podemos fazer uma.

Pegou a mão de Daisy e a levantou.

— Esperem! — berrei. Os três congelaram olhando para mim. — É que... podemos fazer alguma coisa. — À direita, vi outro elfo tentando voar por cima da confusão. Era difícil porque sua asa transparente tinha um rasgo bem no meio. — Devíamos ajudá-los.

Nick olhou para o elfo. Sua boca se apertou numa linha fina.

— Eles não nos ajudariam. E temos que sair daqui. Vamos logo.

— Nick — falei, mas Jenna pegou minha mão.

— Sophie, ele tem razão. Vamos embora. Por favor.

Hesitei por um segundo. Apertei a mão de Jenna e segui Nick para a parte de trás da discoteca. Daisy também o seguiu.

A parede dos fundos era feita de tijolos maciços, mas Nick simplesmente levantou uma das mãos e moveu os dedos. Uma parte da parede ruiu. Acho que nunca vi nada tão lindo quanto aquela abertura.

No entanto, não fomos os únicos a nos dirigirmos para o fundo da discoteca. Assim que o buraco se abriu, um bando de Prodígios se amontoou e tentou passar por ele.

Os berros ficaram mais altos ao fundo, e eu soube, sem nem olhar, que o Olho estava vindo em nossa direção. A briga na passagem ficou mais intensa. Vi um lobisomem rosnar e morder um bruxo que estava tentando ultrapassá-lo.

— Meu Deus — exclamou Jenna. Seus olhos estavam vermelhos e os caninos, para fora.

— Vai dar tudo certo — falei, mesmo sabendo que íamos ser massacrados pelos punhais prateados do L'Occhio a qualquer minuto.

Por um segundo, me perguntei se Archer não estaria ali no meio dos Prodígios. Só de pensar nisso fiquei enjoada, então mudei o foco e abracei Jenna.

Mais corpos nos pressionavam por todos os lados. Estavam tão perto que achei que fossem me carregar junto. Fechei os olhos. Tremia toda.

Movam-se, pensei quase em pânico.

Senti a magia vindo do chão. Nem tive de levantar as mãos.

Foquei toda a minha atenção no Prodígio à minha frente e imaginei uma espécie de escudo ao redor de Daisy, Nick e Jenna. *Movam-se*, pensei de novo, mais forte.

Minha intenção foi tirá-los do caminho, como se meu feitiço fosse uma bola de boliche e eles fossem os pinos. Todavia, como sempre, meu poder foi forte demais. As pessoas foram todas arremessadas contra a parede antes de cair no chão. Apenas Daisy, Nick e Jenna ficaram em pé.

— Boa, Sophie — disse Nick batendo em meu ombro. Ele e Daisy passaram pelas pessoas e foram até a parede. Até Jenna sorriu para mim.

A abertura levava para o beco por onde chegamos. Fiquei surpresa com o frio que senti. O ar da noite era mais gelado do que o ar úmido da discoteca. Estremeci, pois o suor foi secando na minha pele. Daisy e Nick já estavam no final do beco, correndo até o *Itineris*, mas resolvi me virar para dar uma olhada no Shelley's. Jenna estava esperando por mim.

Alguns Prodígios estavam se levantando, mas o resto ainda estava inerte. Um deles, uma bruxa da minha idade, me olhou sem entender nada. Atrás dela, vi um grupo de agentes do Olho vindo até a saída, empunhando adagas.

— Jenna, vá com Daisy e Nick — falei sem desviar o olhar da parede.

— Sophie...

— Vá! — retruquei com mais firmeza do que esperado. — Alcanço vocês daqui a pouco.

Ela hesitou, mas foi correndo atrás de Daisy e Nick.

Eu não sabia quanta magia ainda tinha em mim, mas uni todas as minhas forças e levantei as mãos na direção dos homens de preto. Não houve nenhum efeito de luz, mas dava para sentir o feitiço de ataque — um dos feitiços de Alice — vindo até as pontas dos dedos. Os agentes do Olho caíram como pedras. Também caí de joelhos. Nenhuma magia em seis meses, e em alguns segundos eu fizera dois feitiços fortes. Que coisa mais idiota.

Mesmo sentindo a cabeça zonza de tanta magia e exaustão, eu me levantei com esforço. Tinha de alcançar os outros, tinha de fazer a viagem. Dava para ver os três logo à frente passando por debaixo de um poste de

luz. Jenna olhou para trás e parou bruscamente quando viu quão longe eu estava. Consegui erguer um dos braços e fazer um sinal para que continuasse. Ela ficou parada, mas Nick fez outro sinal para mim e a pegou pelo braço, puxando-a para fora do beco. Vi que os três foram para a esquerda e me esforcei muito para alcançá-los. Correr estava fora de cogitação, mas andei o mais rápido que podia. Meus saltos altos se arrastavam pela rua suja.

Mesmo com todo o esforço, fui muito devagar.

Estava quase no final do beco quando um braço me pegou pela cintura e me puxou para trás, para longe da luz. Não deu para ver se era um Olho ou um Prodígio, ou apenas um idiota qualquer — com certeza era um cara. Era bem mais alto do que eu, e ouvi sua respiração ofegante perto do meu ouvido enquanto lutava para me segurar. Não tinha como fazer outro feitiço: estava completamente exausta. No entanto, mesmo que não tivesse magia, tinha todas as dicas das aulas de Defesa da Vandy.

Golpe nove, seu imbecil, pensei e joguei o cotovelo para trás ao mesmo tempo que tentei cravar o salto alto na parte de dentro de seu pé.

Ele bloqueou ambos os golpes com facilidade, desviando as costas do meu cotovelo, e agarrou minha cintura com mais força, levantando-me um pouco do chão de modo que meus pés ficassem no ar.

Por um segundo, entrei em pânico. Qualquer pessoa que conseguisse bloquear os movimentos de defesa de um Prodígio era bem mais perigosa do que um pervertido aleatório. Já ia tentar o golpe quinze, que me faria quebrar o nariz do cara e acabar com suas chances de ter filhos, mas o algoz abaixou a cabeça e falou bem perto do meu ouvido:

— Nem pense em fazer isso, Mercer.

CAPÍTULO 15



Isto não está acontecendo.

Foi a única coisa que me veio à cabeça quando Archer me colocou de volta no chão e me largou.

Tinha de ser um engano. Devia ter outro cara na Inglaterra que conhecia os golpes e que me chamava de Mercer. Porque não era possível que naquela noite, dentre tantas outras noites, eu fosse dar de cara com...

Eu me virei.

A luz era muito fraca naquela parte do beco, mas definitivamente era Archer Cross em pé na minha frente. Seu rosto estava diferente. Tinha uma barba malfeita cobrindo a parte inferior e o cabelo estava maior. Parecia mais velho. Cansado. Mesmo assim, vê-lo de novo foi um soco no estômago.

Havia tantas emoções passando por mim naquele momento que demorei para identificá-las: medo, com certeza. Surpresa. Mas, antes de tudo, havia outra coisa, um sentimento que não sei se queria nomear.

Senti um pouco de alegria.

Abafei esse sentimento rapidamente. O choque já estava passando e me lembrei da última vez que estivera sozinha com Archer, quando ele puxara o punhal para me ferir. Não ia ficar ali parada para ver o que ia fazer daquela vez.

Reuni minhas últimas energias para fazer alguma magia. Talvez não conseguisse me transportar, mas um pequeno raio seria bem eficaz. Senti a magia começando a subir pela sola do pé, mas era fraca. Com sorte, soltaria apenas algumas faíscas em cima dele.

Antes que eu pudesse fazer isso, ele me pegou pelos braços e me levou para as sombras. Depois me virou e me encostou contra a parede.

Levantei o joelho. Não era um golpe de defesa, apenas um instinto de menina. Ele se protegeu de novo e ficou parado na minha frente segurando meus pulsos enquanto eu lutava para sair.

— Não vou machucar você — murmurou baixinho —, mas não posso dizer o mesmo sobre os outros.

Parei de lutar e me lembrei quantos agentes do Olho estavam no Shelley's. Naquele instante, ouvi uma voz jovem berrando:

— Cross!

Archer olhou para trás e moveu o corpo para que eu ficasse fora de vista.

— Não é ela — respondeu. — É só uma humana no lugar errado na hora errada.

O cara falou um monte de coisas em italiano, acho eu. Soou como italiano. Não entendi o que disse, é claro, mas Archer murmurou uma palavra *bem* reconhecível antes de responder ao rapaz na mesma língua. As palavras ficavam estranhas naquela voz tão familiar. Ouvi o som de passos se afastando.

Archer soltou meus pulsos e apoiou os braços na parede fria de tijolos. Mantive meu corpo imóvel com medo de tocá-lo sem querer, caso relaxasse.

Ele suspirou.

— Essa foi, o quê, a segunda vez que salvei sua vida? A terceira, se contar aquele dia na aula de Defesa da Vandy. Falando nisso, você ainda joga o cotovelo muito alto para trás no golpe nove.

Engoli em seco duas vezes antes de conseguir responder.

— Vou treinar mais.

Esperei que se movesse. Era *preciso* que se movesse, porque eu já estava ficando sem forças. No entanto, ele ficou bem onde estava, tão perto de mim que dava para ver a sombra violeta embaixo de seus olhos e as marcas de expressão nas bochechas. Tentei manter o olhar fixo em um ponto acima do ombro direito de Archer. Havia imaginado aquele encontro tantas vezes, e havia milhões de coisas que queria perguntar — tipo, por que salvou minha vida de novo, há quanto tempo trabalhava para o Olho...

Se tinha apenas fingido que gostava de mim.

Em vez de fazer essas perguntas, apenas falei:

— Então o Olho veio aqui hoje para me pegar?

— Na verdade, estamos aqui porque ouvimos dizer que iam dar cachorro-quente de graça. Imagine como ficamos frustrados.

Movi a cabeça para olhar para ele. Foi um erro. Estávamos tão próximos que, ao virar o rosto, meu nariz ficou a centímetros do dele. Afastei a cabeça de novo e falei para o nada.

— Na última vez que o vi, você puxou um punhal. Então, se puder me poupar das piadinhas, agradeço.

E na última vez que nos vimos, nos beijamos tão intensamente que meus cabelos quase pegaram fogo, mas era melhor não mencionar isso.

Fiquei me perguntando se ele também se lembrou do beijo, pois senti seu olhar nos meus lábios.

— Tudo bem. Sim, viemos para pegar você. O que está fazendo aqui?

Pisquei e olhei para ele.

— Eu? O Conselho quer matar *você* — sussurrei — e veja onde escolheu para se esconder. No quintal deles.

— Não estou me escondendo. Me mandaram para Londres. E você não respondeu a minha pergunta.

Arrumei uma maneira de colocar a cabeça para trás de modo que nossos rostos não se tocassem quando olhasse para ele. Ainda estávamos perto o suficiente para que eu visse os reflexos em seus olhos. Ignorei o frio na barriga e disse:

— Estou aqui com meu pai.

Ele moveu uma sobrancelha e, por um segundo, ficou mais parecido com o Archer do qual eu me lembrava.

— É uma reunião familiar demoníaca?

Estava quase contando para ele sobre a Remoção, mas o rapaz de antes berrou mais coisas em italiano ao longe. Archer fechou os olhos e respirou fundo antes de responder. Depois, colocou a mão no bolso.

Não achei que fosse possível, mas fiquei ainda mais tensa.

— Relaxe — murmurou e pegou uma moeda dourada. — Foi o Raphael. Além de ser um dos mais novos do Olho, é um dos mais imbecis. Perguntou por que estou demorando tanto e respondi que estou apagando sua mente antes de a mandar embora.

— Você consegue fazer isso?

Ele deu um sorriso de leve.

— Não, mas ele não sabe. É por isso que está tão longe. Está com medo de pegar germes dos Prodígios.

Falou com calma, mas havia raiva em suas palavras. Pela milionésima vez, fiquei me perguntando como um bruxo se tornara um membro do L'Occhio di Dio, e queria ter tempo para conversar com ele sobre isso.

Ele me deu a moeda.

— Está hospedada em Londres?

— Não, na Abadia Thorne. É...

— Eu te encontro — disse fechando minha mão com a moeda dentro. — É só ficar com isso.

— Não — falei, pegando a gola de sua jaqueta. — Archer, o Conselho está em Thorne. Meu pai também, e assinou uma ordem de execução contra você.

— Temos que conversar sobre muitas coisas, Mercer — disse ele olhando para a outra ponta do beco. — Vou arriscar.

Balancei a cabeça de novo mas ele já estava se afastando.

— Fique longe da luz e saia daqui — murmurou. — E, Mercer, de hoje em diante, fique longe das discotecas dos Prodígios, tá? Essas pessoas não são suas amigas.

— Como assim?

Tentei pegar a gola da jaqueta de novo, mas ele correu para o Shelley's. Dava para ver Raphael, e Archer tinha razão: era bem jovem. Muito jovem, na verdade. Devia ter uns catorze anos. Fiquei grudada na parede. Archer deu um abraço em Raphael e falou alguma coisa em um tom bem leve e jovial. Raphael balançou a cabeça e continuou olhando em minha direção. Aí uma luz azul explodiu na saída dos fundos da discoteca e os dois se distraíram. Foi minha chance de sair correndo.

Minha cabeça ainda girava e meus joelhos tremiam quando virei à esquerda. Apoiei as mãos nos tijolos cheios de musgo e tive de me conter para não vomitar. Não fazia ideia de onde o portal estava. Torci para que Daisy e Nick tivessem deixado migalhas de pão demoníaco no chão para me guiar.

Quando cheguei ao final do beco, vi que os três estavam me esperando na frente de um prédio de concreto. Daisy e Nick estavam fumando de novo, e Jenna caminhava para a frente e para trás. Seus caninos ainda estavam para fora e seus olhos ainda estavam vermelhos.

Quando me viu, seu rosto se iluminou. Ficou parecendo mais com uma criança na manhã de Natal do que com uma vampira. Fui cambaleando até eles e Jenna me abraçou.

— Eu tinha certeza que tinham pegado você — disse com voz rouca.

Eu a abracei e senti um bolo na garganta. Havia jurado que não manteria mais segredos na vida, mas não tinha como contar para Jenna sobre ter visto Archer. Era minha melhor amiga, mas tinha coisas que não conseguia entender.

— É culpa dessas botas de merda — falei com uma risada meio torta. — Não dá para correr direito com elas.

Jenna se afastou e colocou as mãos ao redor do meu rosto. Seus olhos não estavam mais vermelhos, porém estavam enormes e cheios de lágrimas.

— Me perdoe, Sophie — disse. — Se soubesse que este lugar seria tão perigoso para você...

— É — disse Daisy, vindo parar ao lado de Jenna. — É sério, Sophie, isso nunca aconteceu no Shelley's, juro. Nunca teríamos levado você lá se soubéssemos o que ia acontecer.

Até Nick se aproximou com expressão preocupada.

— James nos mataria se descobrisse. Nosso papel é ajudar você a se ajustar à vida de demônio e acabamos te entregando ao L'Occhio di Dio.

Os três pareciam estar tão verdadeiramente tristes e culpados que me senti enjoada de novo.

— Tudo bem — falei, como se ir a discotecas invadidas por caçadores de demônios fosse parte da minha rotina. — Estou *bem*. Agora podemos ir embora.

Daisy disse que a segunda viagem não era tão ruim quanto a primeira, mas ou estava errada ou era mentirosa. A segunda foi muito pior, provavelmente porque eu estava sem energias. Enfim, voltamos ao moinho. Mesmo que parecesse que um anão tivesse se instalado na minha cabeça com uma estaca, consegui me arrastar de volta para casa. Por sorte, todos pareciam estar dormindo, pois o hall da frente estava escuro e silencioso quando entramos. Depois de sussurrar mais pedidos de desculpas, Daisy e Nick foram para seus aposentos no segundo andar. Eu e Jenna fomos para o nosso andar.

Quando chegamos à porta, Jenna parou.

— Soph, eu realmente...

— Jenna, se você pedir desculpas de novo, vou dar um soquinho na sua cabecinha rosinha.

Ela sorriu.

— Tudo bem, tudo bem. Mesmo assim, na próxima vez que eu der a ideia de ir a uma discoteca Prodígio, pode bater em mim.

— Combinado — respondi.

Praticamente tive de me forçar a ir para o quarto. Coloquei uma camisola e escovei os dentes me sentindo tonta. Minha mente ficou reprisando sem parar aqueles minutos no beco com Archer. Seis meses antes, ele tinha puxado um punhal contra mim no porão do Hecate. Hoje, me protegera do L'Occhio di Dio. Por quê?

Joguei minhas calças no chão e, antes de ir para a cama, mexi no bolso da frente. A moeda de ouro que ele me deu ainda estava quente. Era tão

velha que não dava para ver se o rosto impresso era de mulher ou de homem.

É só ficar com isso, ele dissera. *Eu te encontro.*

Eu devia ter jogado a moeda fora. Devia ter procurado por papai nos milhões de quartos da abadia e contado tudo. Devia ter feito qualquer coisa, menos o que fiz, que foi segurar a moeda com força e colocá-la embaixo do travesseiro.

CAPÍTULO 16



Felizmente, não tive sonhos estranhos naquela noite e dormi até meio-dia. Dormiria mais se não tivessem aberto minha porta.

— Vá embora, Jenna — falei com o rosto enterrado no travesseiro.

— Eu iria, se fosse Jenna — respondeu uma voz profunda que definitivamente não era dela.

Todos os eventos da noite anterior voltaram à minha mente. Meu cérebro obscurecido se lembrou de Archer me falando para guardar a moeda para que ele pudesse me encontrar, e de que eu colocara a moeda embaixo do travesseiro.

Eu me sentei tão rápido que praticamente quebrei a barreira do som, mas era apenas Cal em pé na entrada, e não Archer. Dei um suspiro enorme de alívio — não fiquei nem um pouco frustrada.

É claro que, assim que minha mente entendeu que era Cal e não Archer em pé no meu quarto, me toquei de que *Cal estava em pé no meu quarto*.

— Oi — falei torcendo para que meu cabelo não estivesse uma confusão, mesmo tendo 99 por cento de certeza que estava. Dava para ver dos lados.

— Oi.

— Você está, hum, no meu quarto.

— Estou.

— Isso é permitido?

— Bem, estamos noivos — informou Cal.

Olhei para ele. Tirei um tufo de cabelo da frente do rosto. Não dava para saber se era uma piada ou não. Nunca dava para saber quando se tratava de Cal.

— Queria me ver dormindo, é isso? Porque se for por isso nosso noivado termina *aqui*.

Os lábios de Cal se moveram. Quase sorriu.

— Você tem uma resposta espertinha para tudo?

— Se possível, sim. Então, por que veio até aqui?

— Para saber como foi ontem à noite.

Meu coração bateu forte. Só conseguia pensar na droga da moeda de ouro que estava fazendo um buraco embaixo do meu travesseiro.

— Foi boa — falei encostando a cabeça na madeira. — Bem aconchegante. Que pena que você não foi.

— É. — Passou a mão sobre o queixo. — Foi estranho. Seu pai falou que havia apenas algumas plantas para eu ver, mas assim que terminava de curar uma, outra começava a murchar e ficar feia. Devo ter trabalhado em todos os arbustos daquele jardim. Fiquei ocupado até as dez da noite.

— Que estranho — concordei, apesar de suspeitar que era uma desculpa. Eu não era a única a achar que Cal não ia gostar da ideia de ir ao Shelley's.

— Aprendeu alguma coisa nova sobre Nick e Daisy?

Ah, sim. Essa parte da minha missão foi um fracasso.

— Não. Foi uma noite bem chata, para falar a verdade.

Apesar da prática, eu mentia muito mal e Cal não era um idiota. Ficou me olhando durante alguns segundos antes de continuar falando.

— Seu pai chegou em casa hoje de manhã. Parece que ontem à noite o L'Occhio di Dio invadiu uma discoteca Prodígio em Londres.

— Nossa — falei sem ênfase. — Deve ter sido horrível.

— Foi — disse Cal sem parar de olhar para mim nem um segundo. — E parece que ouviram dizer que a filha do chefe do Conselho estava lá com dois demônios e uma vampira.

Senti o sangue se esvaindo do meu rosto.

— Merda. Ele está bravo?

Cal encolheu os ombros.

— Pode-se dizer que sim. Também não estou muito feliz com isso.

Tirei as cobertas de cima de mim e saí da cama — com cuidado para que a camisola não subisse.

— Cal, já vou ter que lidar com um pai furioso hoje. Por favor, não dê uma de noivo machão para cima de mim, tá?

Ele segurou meu pulso.

— Não estou dando. E não é com você que estou puto. É com eles. Não deviam ter levado você lá.

Seu toque era quente.

— Acho que estavam tentando ser legais — argumentei —, e falaram que o Olho nunca tinha ido lá.

Ele apertou meu braço, quase causando dor.

— Então foram *mesmo* atrás de você?

— Pois é. Acho que sim.

Alguém bateu de leve na porta. Cal me soltou e pulamos para bem longe um do outro. Lara entrou. Se a Sra. Casnoff tivesse pego Cal no meu quarto no Hecate — com a porta fechada e com a roupa que eu estava vestindo —, acho que teria olhado de cara feia e teria dito que aquilo era "expressamente impróprio".

No entanto, Lara parecia estar... bem, contente. Sua expressão era leve.

— Sophie, seu pai quer vê-la na biblioteca.

Ai. Fiz que sim com a cabeça.

— Tudo bem. Vou tomar um banho rápido e já desço.

— E também pediu que você colocasse outra roupa que não seja jeans e tênis.

Fiquei irritada, mas não quis descontar em Lara.

— Tenho um vestido.

— Excelente — respondeu ela sem se mover para ir embora.

— Eu, hum, acho que é a minha deixa para te deixar em paz — disse Cal. Seu pescoço ficou um pouco vermelho. — Até mais tarde, Sophie.

Foram embora. Encostei minha cabeça contra uma janela e respirei fundo. Lá fora, o chafariz reluzia. Senti o cheiro de lavanda que papai tanto amava. Naquele momento ensolarado, não tinha como imaginar que uma noite como a anterior tinha mesmo acontecido.

Eu me senti melhor depois do banho. É certo que papai estaria com raiva. Talvez berrasse. Isso eu podia aguentar. O único vestido que tinha levado era um de verão — branco com flores azuis. Era bonito, mas achei que a situação pedia alguma coisa mais sofisticada. Usando magia, transformei o vestido em um tubinho preto sem manga. Adicionei uma jaqueta preta e pérolas. Só depois percebi que estava usando meus poderes de novo.

É, mas são poderes menores, falei para mim. *As chances da minha magia ficar exagerada e maligna enquanto troco de roupa são muito poucas.*

Mesmo assim, fiquei incomodada ao ver como era fácil voltar ao hábito. Fiz uma trança à moda antiga, que ficou meio torta. Decidi não colocar maquiagem. Achei que quanto mais inocente parecesse, mais difícil seria para papai me castigar ou atirar fogo com os olhos — sei lá o que um pai demônio faz quando está furioso.

Antes de sair, peguei a moeda dourada na cama e dei uma olhada no quarto. Nenhum esconderijo me veio à cabeça, então fiz um bolso no vestido e a coloquei lá.

Papai estava em pé na frente das enormes janelas quando entrei na biblioteca. Suas mãos estavam cruzadas atrás do quadril, na pose clássica de um pai decepcionado com seu rebento.

— Pai? Hum, Lara disse que você queria me ver.

Ele se virou e sua boca estava tensa.

— Sim. Você se divertiu ontem com Daisy e Nick?

Lutei contra a vontade de colocar a mão no bolso e tocar a moeda.

— Não muito.

Não falou nada. Ficamos apenas nos encarando até que comecei a me sentir desconfortável.

— Olhe, se for me punir prefiro que seja logo.

Papai continuou me olhando.

— Você gostaria de saber como passei minha noite? Quer dizer, não foi a noite exatamente, foram as primeiras horas da manhã.

Dentro da minha cabeça, dei um gemido. A Sra. Casnoff fazia isso também: dizia que não estava furiosa; aí começava a listar todas as maneiras pelas quais meus erros a afetavam. Talvez ensinem isso nas escolas de luxo para onde os Prodígios não excluídos vão.

— Passei horas no telefone. Sabe com quem?

— Com uma telefonista de uma linha pornô para seres psíquicos?

Papai rangeu os dentes.

— Quem me dera. Não, estava ocupado tentando convencer uns trinta bruxos, mutantes e elfos influentes de que minha filha, a futura chefe do Conselho, devo acrescentar, não machucou mais de doze Prodígios inocentes enquanto tentava escapar de uma discoteca durante um ataque do L'Occhio di Dio.

— Não os machuquei! — exclamei. Aí me lembrei de como bateram na parede com força. — Quer dizer, não de propósito — corrigi.

Papai abaixou a cabeça e apertou o nariz com dois dedos.

— Que inferno, Sophia.

— Me perdoe — falei com tristeza. — Mesmo. E tentei ajudá-los. Derrubei todos os agentes do Olho que estavam atrás deles.

— Não — disse ele, levantando a cabeça. — Não, é tudo culpa minha. Devia ter lidado com isso assim que você chegou.

— Com o quê?

— Venha comigo. Temos uma coisa a fazer.

Levantou o braço como se eu tivesse de sair da biblioteca antes, mas fiquei onde estava. Eu me senti muito confusa e sem chão. Quando mamãe ficava com raiva, simplesmente berrava e pronto.

Engoli em seco.

— Não sei aonde estamos indo, mas quero que Jenna venha também.

Não queria lidar com papai sozinha. Ele deu um sorriso misterioso.

— Acho que a Srta. Talbot está acompanhada.

— Acompanhada?

— Fiquei sabendo que ela e Victoria Stanford ficaram muito próximas quando Jenna estava em Savannah no ano passado. Felizmente, a Srta. Stanford ganhou algumas semanas de férias de seu trabalho junto ao Conselho. Achei que gostaria de passar um pouco desse tempo aqui com Jenna.

— Você trouxe Vix para cá?

Ele se virou para a janela e fez que sim olhando para alguma coisa lá fora.

— O voo dela chegou ontem à noite.

Fui para o lado dele. No jardim da frente, Jenna estava de braços dados com uma menina muito pálida e bonita. Suas cabeças estavam unidas. Vix parecia ter dezesseis anos, porém, visto que trabalhava para o Conselho, devia ser mais velha. Era uma das vantagens de ser vampira, acho. Jenna estava rindo. Senti um nó na garganta. Em parte, senti felicidade por ela, mas também senti ciúmes por ter de dividir minha amiga com alguém, e um pouco de raiva.

Lembrei a expressão no rosto do papai naquele primeiro dia quando Jenna me defendeu. Disse que a Sra. Casnoff nos chamava de quê?

Um time formidável.

— Boa jogada, pai — murmurei.

Achei que fosse negar, mas disse:

— É, também achei. Agora vamos.

Dei mais uma olhada para Jenna e Vix na esperança de que minha amiga me visse e acenasse. Mas Jenna não olhou.

CAPÍTULO 17



Achei que já sabia me virar na Abadia Thorne, mas quando segui papai por um corredor enorme e outro corredor menor e um lance de escadas, fiquei desorientada de novo.

Papai parou em uma parte da casa que parecia não ser usada desde os tempos de Alice. Os móveis estavam cobertos com panos pesados, e uma camada grossa de poeira e sujeira se acumulara nos quadros e nas paredes. Havia uma porta pesada de carvalho à nossa frente. Quando papai a abriu, achei que uma noiva louca trancafiada saltaria em nós.

No entanto, olhei para o cômodo escuro e a única pessoa que vi fui eu. Várias eus.

Quase todos os centímetros da parede estavam cobertos por espelhos de todos os tipos: espelhos grandes com molduras ornamentadas que pareciam pesar três vezes mais do que meu corpo; espelhos pequenos e redondos que refletiam apenas partes de mim; espelhos velhos tão retorcidos e manchados que mal refletiam.

Papai cruzou a sala para abrir cortinas de veludo cinza, porém o tecido caiu quando o tocou.

— Bem — disse ele, olhando para o monte de pano —, é minha casa mesmo, então tudo bem. — Olhou para mim. — Você com certeza está se perguntando por que a trouxe aqui.

Fui até o centro do cômodo. Minhas sandálias de tiras faziam barulho no chão de mármore.

— Acredito que o momento da punição vá começar agora — falei. — Tenho que limpar todos esses espelhos, ou, tipo, ficar olhando para meu reflexo até sentir culpa?

Para minha surpresa, papai sorriu.

— Não, não é nada tão abstrato. Quero que quebre um dos espelhos.

— Como é que é?

Papai se encostou nas janelas, agora sem cortinas, e cruzou os braços.

— Quebre um espelho, Sophie.

— Com minha cabeça? Acho que isso é castigo corporal, mamãe não vai gostar.

— Com seus poderes.

Ai. Olhei para os milhares de espelhos e murmurei:

— Acho que prefiro usar a cabeça. — Papai não falou nada. Suspirei e olhei para ele. — OK, tudo bem. Qual deles?

Ele deu de ombros.

— Não faz diferença. Escolha um.

Analisei os espelhos na parede. Um dos maiores seria um "alvo" mais fácil, mas quando a explosão inevitável acontecesse, teríamos de lidar com vários vidros voando por todos os cantos. Melhor escolher um mais difícil de atingir, mas que causasse menos danos.

Foquei no espelho à esquerda de papai. Era do tamanho da minha mão. Coloquei toda a minha concentração nele. *Quebre.*

O som foi ensurdecedor, pois todos os espelhos da sala explodiram de uma só vez. Berrei e joguei as mãos no ar, mas os cacos de vidro não me atingiram. Congelaram a poucos centímetros do meu rosto. Ficaram flutuando por um segundo, tempo suficiente para que visse meus olhos aterrorizados em milhares de fragmentos reluzentes. Aí os pedacinhos começaram a voltar para as molduras bem devagar. Ouvi um som como o de uma bolha gigante estourando, e de repente os espelhos estavam intactos de novo.

Eu me virei. Papai ainda estava perto da janela, mas suas mãos estavam estendidas e havia uma leve camada de suor em seu rosto. Quando abaixou os braços, encostou-se no vidro e respirou fundo.

— Desculpa! — exclamei. — Eu disse a você que sou péssima nisso. Sempre que tento fazer um feitiço, fica gigante e medonho e bombástico e...

Papai passou a mão na testa.

— Não, Sophie, não tem problema. Era isso que queria que você fizesse.

— Queria que assassinasse todos os espelhos?

Ele gargalhou, mas ainda estava ofegante.

— Não, queria ver quão poderosa realmente é. — Seu olhos brilhavam e pareciam estar cheios de orgulho. — Você superou minhas expectativas.

— Ah, legal — falei. — Que bom que minha habilidade de explodir as coisas te impressiona, pai.

— Seu sarcasmo é...

— Eu sei, eu sei, "uma qualidade nada atraente em mocinhas".

Papai sorriu e pareceu muito mais jovem e menos sério.

— Na verdade, ia dizer que é uma característica que deve ter herdado de mim. Grace sempre detestou comentários sarcásticos.

— Ah, eu sei — respondi sem nem pensar. — Passei a maior parte do nono ano de castigo por causa disso.

Papai riu.

— Uma vez, ela me deixou sozinho em uma estrada na Escócia porque fiz um comentário totalmente inofensivo sobre sua habilidade de ler mapas.

— Sério?

— Sério. Tive que andar quase cinco quilômetros antes de ela parar e me deixar entrar de novo.

— Cara. Mamãe é muito sinistra.

Sorrimos um para o outro. Papai tossiu e olhou para o outro lado.

— Enfim, seus poderes são definitivamente impressionantes, mas você não tem controle.

— É, já tinha percebido isso.

Papai se afastou da janela.

— Alice lhe ensinou feitiços.

Não era uma pergunta.

— Eu também mandava mal neles — falei sem encarar papai. — Elodie conseguia pegar tudo muito mais rápido do que eu.

Papai me olhou com cuidado antes de falar:

— Cal disse que você usou um feitiço de transporte para chegar perto de Alice e matá-la.

— Cal fala muito — murmurei.

— É verdade? — perguntou.

— É — falei —, mas me movi exatamente um metro. Não foi nada impressionante. Como eu disse, Elodie tinha habilidade para entender os feitiços bem mais rápido do que eu.

— Mas Elodie era uma bruxa — disse papai. — Focar poderes era muito mais fácil para ela.

— Como assim?

— Comparar seus poderes com os dela é como comparar um gêiser a uma pistola de água. Sua magia é muito maior do que a dela, mas é... mais difícil, digamos assim. Juntando isso com o estresse emocional que você sofreu no Hecate... não me espanta que seus feitiços tenham mostrado uma tendência a ser... qual foi a palavra que usou? Bombásticos?

Balancei a cabeça.

— Mas meus poderes já eram horríveis desde antes de eu entrar no Hex Hall. Lembra da professora que perdeu a memória? Ou do desastre na formatura?

— É a mesma coisa — respondeu papai. — É um poder tremendo sem controle. E quanto mais chateada e com medo você fica, mais difícil é controlá-lo. — Ele veio até mim e pegou minhas mãos. Assim como acontecia com Daisy e Nick, senti os poderes correndo pelas suas veias. — Passei cinco anos me sentindo do mesmo jeito, Sophie.

— É mesmo? — Minha voz mal passava de um sussurro.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Eu era pouco mais velho do que você quando minha mãe...

Ele se perdeu nas lembranças. Seus dedos apertaram minhas mãos.

— Depois da morte do meu pai — continuou —, teria arrancado meus poderes de mim com as próprias mãos se pudesse. Assim como você, me recusava a usar magia porque me assustava demais.

— Nunca pensei nisso, na verdade. Como deve ter sido para você. — Tentei pensar em como teria me sentido se, em vez de Alice matar Elodie, papai matasse minha mãe. Isso era muito doloroso, não dava nem para imaginar. — Então o que fez com que você mudasse de postura em relação aos seus poderes?

Papai suspirou e me deu um sorriso triste.

— Essa história é muito longa. O importante é que acabei aprendendo a controlar meus poderes até um nível bem preciso. Por exemplo...

Levantou um dedo e apontou para o menor espelho no salão — um quadrado feito de vidro prateado com uns sete centímetros de comprimento. Disse "quebre" em voz alta. Eu me contorci, mas apenas uma fenda se abriu na superfície do espelho.

— OK — falei devagar —, isso não foi nada bombástico. Como consegue fazer isso?

Papai abaixou o dedo e olhou para mim.

— É uma combinação de fatores. Concentração, respiração profunda...

— Tipo ioga para demônios? — sugeri, e ele riu.

— Tipo isso. A melhor maneira de explicar é dizendo que eu e você, Daisy e Nick, Alice e minha mãe, temos poderes de deuses, mas corpos, almas e mentes de humanos. As duas partes de nós têm que trabalhar juntas, senão a magia é muito forte.

— E aí piramos. Como Alice.

Ele concordou.

— Mais ou menos. Agora, tente quebrar um espelho de novo, mas desta vez concentre-se mais no seu lado humano do que no seu lado demoníaco.

— Hum... como faço isso exatamente?

Papai tirou os óculos e começou a limpá-los com um lenço que trazia no bolso.

— Há várias maneiras. Você pode pensar em uma memória de antes de se dar conta dos seus poderes. Ou pode se concentrar em um momento no qual sentiu emoções humanas muito fortes, como ciúme, medo, amor...

— Você pensa no quê?

Ele recolocou os óculos antes de responder.

— Em sua mãe.

— Ah.

Bem, se funcionava para ele, talvez funcionasse para mim. Escolhi outro espelho, um de tamanho médio em uma moldura feita de querubins dourados. Senti meus poderes se concentrando nos pés, mas, em vez de mandá-los para fora como sempre fazia, respirei fundo e imaginei o rosto de mamãe. Era uma memória do ano anterior, logo antes de tudo dar errado em Vermont. Estávamos escolhendo meu vestido para a formatura e mamãe sorria. Seus olhos verdes brilhavam.

Quase imediatamente, meus batimentos cardíacos diminuíram e senti a magia subindo mais gradualmente. Quando finalmente chegou nas pontas dos dedos, olhei para o espelho ainda com a imagem de mamãe na mente.

— Quebre.

O espelho escolhido e os dois ao seu lado se espatifaram em mil pedaços. Foram apenas três espelhos dessa vez, e nenhuma explosão ocorreu.

— Caraca! — exclamei.

Um sorriso bobo se abriu em meu rosto. Era a primeira vez em meses que me sentia embriagada pela magia.

— Bem melhor — disse papai. Moveu as mãos. Em alguns segundos, os espelhos estavam no lugar. — É claro que quanto mais você praticar, melhor vai ficar. E quanto melhor for em controlar seus poderes, menos chances terá de machucar alguém.

O sentimento eufórico deu lugar ao nervosismo.

— Então quer dizer que se eu controlar esse negócio de tai chi da magia, posso evitar que fique... que nem Alice?

— Estou dizendo que reduz muito as possibilidades, sim. Eu já disse, Sophie. Você tem muito mais opções do que a Remoção.

Sem ter o que argumentar, simplesmente concordei e passei minhas mãos suadas nas pernas. Praticar minha respiração e pensar em pessoas que amo me pareceram bem melhor do que cortes feitos por runas mágicas. Contudo, aquilo era bom demais para ser verdade.

— É claro que a escolha é sua, você não tem que decidir nada neste momento — disse papai —, mas mesmo assim... Pelo menos me diga que vai pensar nessa opção.

— Vou — respondi com uma voz meio rouca. Tossi. — Vou — falei de novo —, é claro que vou.

Achei que papai fosse dizer alguma coisa do tipo "Excelente. Esperarei ansiosamente pelo seu pronunciamento em relação a este assunto de grande importância". No entanto, apenas fez uma expressão de alívio e disse:

— Que bom.

Achei que havíamos terminado, então me virei para ir até a porta, mas papai se colocou na minha frente.

— Ainda não terminamos.

Olhei para ele, surpresa.

— Posso tentar quebrar mais espelhos se você realmente quiser, pai, mas estou meio cansada. Entre ontem à noite e hoje, já senti muita magia flutuando à minha volta e...

Papai balançou a cabeça.

— Não, não é isso. Temos mais um assunto a discutir.

Não era preciso ter poderes psíquicos para saber que alguma coisa ruim estava por vir.

— O quê?

Papai respirou fundo e cruzou os braços.

— Quero que me conte tudo sobre Archer Cross.

CAPÍTULO 18



Parei antes que minha mão tocasse a moeda no bolso, onde parecia estar pegando fogo. Minha mente pensou em mil coisas. Como papai sabia que Archer tinha estado lá na noite anterior? Sabia que eu estava com a moeda? Archer disse que a usaria para me encontrar. Talvez papai quisesse usá-la para atraí-lo.

Antes que eu tivesse um colapso mental, papai continuou falando.

— Sei que é um assunto chato, mas é muito importante que eu saiba exatamente o que aconteceu no semestre passado.

— Ah — respondi, tentando disfarçar meu alívio. — Já lhe contei. A Sra. Casnoff me fez escrever um testemunho para o Conselho poucas semanas depois do acontecido. Está tudo lá.

— Eu o li. E nem eu nem os outros membros do Conselho acreditamos que seu testemunho conte tudo.

Pensei ter feito um barulho de indignação, mas ficou mais parecido com um choro — provavelmente porque papai tinha razão: aquela droga de testemunho nem chegava perto da verdade.

— Seu envolvimento com Archer Cross...

— Nunca tivemos nenhum *envolvimento* — retruquei.

— Me escute! — interrompeu papai. Fechei a boca rapidamente. Ele abaixou o tom de voz e prosseguiu. — Você viu Archer no Shelley's ontem

à noite?

Por um segundo, pensei em mentir, mas alguma coisa na maneira como papai estava me olhando indicava que já sabia a resposta. Se mentisse, tudo ficaria muito pior.

— Só por um minuto — confessei rapidamente, como se falar rápido fosse facilitar as coisas. — Mas, pai, ele me protegeu do Olho. Podia ter me entregado ou matado, mas não foi isso que fez. E acho que tem alguma coisa estranha com o fato de ele fazer parte do Olho, porque ainda usa magia...

Papai me segurou pelos ombros. Seu toque não foi duro, ele não me sacudiu nem nada, mas alguma coisa em seu olhar fez com que as palavras morressem na minha boca.

— Você não pode vê-lo nunca mais. Estou decretando isso tanto na posição de pai quanto na de chefe do Conselho. É *imperativo* que não faça mais contato com Archer Cross.

Eu já sabia disso, mas ouvir daquela forma, em voz alta, fez com que até doesse.

— Entendi — falei olhando para baixo. — Sou um demônio, ele é do Olho. Se ficássemos juntos, imagine como seria estranho nos feriados familiares. Seria magia e punhais voando pela casa, derrubando a árvore de Natal...

Papai não riu com minha piada, e com razão. Acho que o fato de eu praticamente me engasgar a cada palavra matava o efeito cômico.

— Não é só isso — disse papai me soltando e dando um passo para trás. Suspirou. — Sophie, Archer Cross deve ser a maior ameaça que o Prodígio já enfrentou.

Olhei para ele.

— Tá, sei que o Olho assusta todo mundo, mas eu os vi em ação ontem, pai. Não são *tão* assustadores assim, e Archer é um dos mais jovens.

— Sim, mas também é um bruxo. No passado, o Olho usava o elemento surpresa e algumas pessoas para nos caçar, como você viu ontem à noite. Mas, e se forem capazes de usar magia? Perderíamos nossa vantagem. A

ideia de L'Occhio di Dio recrutar um de nós é aterrorizante. É por isso que temos que encontrar Archer e lidar com ele.

— Acabar com ele — complementei.

— Se assim o Conselho deliberar.

Fui até a janela mais próxima. Estava velha e distorcia a visão do jardim lá fora, que não era tão bonito quanto os outros. O chafariz estava coberto de limo e um dos bancos estava quebrado ao meio.

Papai veio até mim. No reflexo no vidro, vi que quase tocou meu ombro mas desistiu no meio do caminho.

— Sophie, sei que é difícil entender, mas estamos em um momento muito perigoso. Quando você chegou, perguntou por que o Conselho está na Abadia Thorne e não em Londres.

— Lara disse que alguns "eventos inusitados" ocorreram — falei sem me virar.

Nossos olhares se encontraram no reflexo. Nossos rostos estavam distorcidos pelo vidro.

— Sim. O L'Occhio di Dio queimou a central do Conselho há dois meses.

Agora sim tive de me virar.

— O quê?

— É por isso que só há cinco membros do Conselho aqui. Os outros sete morreram no ataque.

Mesmo que não os conhecesse, aquela notícia foi um soco no estômago. Não consegui pensar em nada a dizer, a não ser:

— Por que não nos contaram sobre isso no Hecate?

Papai se virou e foi até uma das cadeiras pequenas, decoradas com tinta dourada e veludo, que ficavam alinhadas com a parede. Sentou-se e suspirou.

— Porque estávamos fazendo de tudo para manter essa informação em segredo. Se tornarmos isso público, vamos causar pânico. Simplesmente não temos como lidar com isso agora. — Ele olhou para mim. — Posso ser brutalmente honesto com você, Sophie?

Seria bom de vez em quando, pensei em falar. No entanto, olhei para seus ombros caídos e para a expressão de puro medo em seu rosto. Respirei fundo e fiz que sim com a cabeça.

— Por favor.

— Você se lembra da guerra sobre a qual conversamos, a guerra entre o Olho e o Prodígio? Sinto que estamos prestes a enfrentar outra, mas essa teria um potencial muito, muito pior. O Olho não atacou a sede do Conselho sozinho. Tiveram ajuda das Brannick. — Parou de falar e estudou meu rosto. — Você sabe algo sobre elas?

— Irlandesas ruivas — respondi lembrando-me da foto que a Sra. Casnoff nos mostrou em palestra no Hex Hall, quando falou sobre pessoas que queriam nos exterminar. Também me lembro de ouvi-la dizer que se o Olho e as Brannick se unissem, seria nosso fim. — São tipo bruxas brancas, certo? — perguntei.

— São descendentes de uma bruxa branca, isso. Na verdade, não têm mais poderes. Ficam curadas mais rápido do que outros humanos e ainda há certa magia em algumas delas. Um pouco de telecinesia, precognição, esse tipo de coisa. Estão em menor número agora, mas têm uma nova líder, Aislinn Brannick, que parece ser bem mais ambiciosa do que seus predecessores. Tudo indica que fez contato com o Olho.

O efeito da magia em mim já tinha passado. Encostei-me contra a parede.

— Por quê? O que aconteceu para que a vontade de nos liquidar voltasse com tanta força?

— Nick e Daisy — respondeu. — O fato de alguém ter criado dois demônios depois de sessenta anos os deixou de cabelos em pé. É claro que a maioria do Prodígio também teme o fato de um de nossa espécie fazer parte de suas fileiras. A situação toda é... bem, acho que *tensa* não é suficiente. Inflamável, digamos assim. — Ele se levantou e veio parar na minha frente. — Sophie, você entende por que farei o que for preciso para que você não passe pela Remoção?

Excelente. Mais lições sobre meu dever e sobre a incrível responsabilidade que acompanha meus incríveis poderes.

— Claro — falei tentando não soar amarga. — É como você disse outro dia sobre Alice: os demônios são uma arma forte, e se uma guerra explodir vocês vão precisar de mim, certo?

Papai me encarou com o rosto franzido. Olhei para outro lado e mordi a parte interna da bochecha.

— Não — respondeu finalmente —, não é nada disso. — Ele me pegou pelos ombros até que o olhasse de novo. — Sophie, eu nunca a usaria como uma arma. Quero que tenha seus poderes para que fique protegida. A possibilidade de você lutar contra o Olho e as Brannick sem defesas... — Sua voz ficou trêmula e teve de tossir para se recompor. — Isso me deixa em pânico.

Pisquei os olhos para não chorar.

— Mas se eu passasse pela Remoção eles não teriam mais motivos para me perseguir, teriam?

Não quis que isso soasse como um pretexto, mas papai fez que não com a cabeça.

— Não interessa se vai ter ou não seus poderes. Ainda é minha filha. Com os poderes, pelo menos pode se defender.

Coloquei minhas mãos trêmulas dentro dos bolsos. Toquei a moeda e levei um susto, pois meus dedos pareceram encostar em brasa. Papai olhou para baixo; comecei a falar logo, para disfarçar.

— Por que não me falou isso tudo antes?

Olhou para mim com atenção.

— Por que não me falou a verdade sobre você e Archer?

— Éramos apenas amigos — respondi —, quantas vezes vou ter que dizer isso?

Ficou calado; tive de continuar.

— Tudo bem, eu gostava dele. Tinha uma queda por ele e... — Não sabia ao certo se o calor em meu rosto era de vergonha ou de raiva. — Sim, nos beijamos uma vez. Mas foi só uma vez e dez segundos depois descobri que era do Olho.

Papai concordou e disse:

— E é isso, essa é a verdadeira história.

Por quê, meu Deus, não tinha um buraco no chão para que eu me enfiasse, de preferência para nunca mais voltar?

— Sim, é isso.

— Bem, já é alguma coisa — disse papai, passando a mão pelos cabelos. — Quero que adicione isso ao seu testemunho mais tarde.

Ficamos em silêncio por um longo tempo antes de eu limpar as mãos suadas no vestido e dizer:

— Tem mais alguma coisa horrível acontecendo sobre a qual eu deva saber?

Papai deu uma risada fria e me levou até a porta.

— Acho que não tem mais nenhuma coisa horrível para contar.

Lembrei-me de outra pergunta.

— E Nick e Daisy, pai? Sei que você não quer me usar como uma arma, mas...

— Nunca. — Sua voz era calma, mas dura. — O que fizeram com eles foi um crime e quem quer que tenha feito isso é responsável por essa situação drástica na qual nos encontramos. É por isso que é tão importante encontrar quem os transformou.

Parei perto das escadas.

— Como assim?

— Há uma outra forma de desfazer os poderes de um demônio sem ser preciso passar pela Remoção. A pessoa que o transformou pode fazer o ritual inverso. É claro que é tarde demais para nós dois, porque somos terceira e quarta geração de demônios e nosso criador já morreu. Mas ainda é possível para Nick e Daisy.

Pensei neles na noite anterior falando com tanta tristeza sobre a magia "se mexendo" no cérebro.

— Eles iam ficar felizes com isso.

— Eu sei — respondeu papai —, e também espero que fazer isso acalme o Olho, ou que pelo menos reduza sua violência.

Olhei para papai. Olhei de verdade. O terno devia ser um número maior do que seu tamanho e havia sulcos profundos, como parênteses, nos

cantos da boca. Era bonito, sim, mas parecia mais exausto do que todo mundo.

— Olhe — falei —, não fique superempolgado, mas talvez... talvez fosse legal se fizéssemos esse treino amanhã de novo. Esse negócio de ioga para demônios.

Em algum lugar da casa, vários relógios começaram a soar. Bateram três vezes até que papai respondesse.

— Eu adoraria.

Descemos as escadas em silêncio. Papai disse que ia me ver no almoço e foi para seu escritório. Fui para meu quarto checar e-mails.

Havia uma resposta da Sra. Casnoff que simplesmente dizia "Obrigada por me informar".

Encostei-me na cadeira e cruzei os braços sob a cabeça. Ela não pareceu estar tão preocupada. Devia ser bom sinal. Principalmente porque a última coisa que precisava era ter o fantasma de Elodie me seguindo. Já tinha problemas suficientes.

A moeda de ouro pareceu mais pesada do que nunca quando a tirei do bolso. Fiquei olhando para ela por um bom tempo antes de colocá-la dentro da mesa de cabeceira.

CAPÍTULO 19



Mais tarde, fui procurar Jenna. Não foi difícil encontrá-la: ainda estava andando pelo jardim com Vix. Quando me aproximei, bloqueando a luminosidade com as mãos, estavam sentadas juntas na beira do chafariz, ombros unidos e pés descalços na água. Quase dava para ver corações voando pelo ar.

— Oi — chamei acenando.

Jenna se virou e olhou para mim.

— Finalmente! — exclamou com olhos e bochechas brilhando. — Onde esteve durante a manhã toda?

Tirei as sandálias e me sentei no lado oposto ao delas. A água estava tão gelada que meu corpo se retraiu.

— Estava com papai. Você sabe, estreitando os laços entre pai e filha.

— Seu pai é um homem maravilhoso — disse Vix inclinando-se para a frente.

Sua voz era baixa e, como a de Jenna, tinha um pouco de sotaque do Sul. Era tão linda que chegava a ser ridículo. Enormes olhos verdes e sedosos cabelos castanhos. Não me espantava que Jenna tivesse se apaixonado.

— Bem, ele com certeza é minha pessoa favorita no mundo neste momento — disse Jenna apertando a mão de Vix. — Que maneiro ter

trazido Vix, não é?

— Muito maneiro — murmurei em resposta. Será que Jenna percebia que Vix estava ali para distraí-la? O olhar dela me dizia que não. — É um prazer conhecê-la finalmente — disse para Vix. — Jenna fala sobre você o tempo todo.

Ela riu.

— Idem. E seu pai sempre falava sobre você, então com tudo que já ouvi vindo dele e da Jenna, sinto como se já te conhecesse.

Cara, primeiro Cal, depois Lara e os outros membros do Conselho, e agora Vix. Meu pai tinha um blog sobre mim? "Minha linda filha Sophie e por que vocês todos deveriam obedecê-la e/ou se casar com ela."

— O que você e seu pai fizeram? — perguntou Jenna.

Hesitei, mas Vix tirou os pés da água. Apoiou as mãos na borda do chafariz e se virou para o outro lado.

— Acho que vou desfazer minha mala — disse. — Fiquei tão animada em ver Jenna que só joguei minhas coisas no quarto. — Sorriu. Tinha covas nas bochechas rosadas. Notei que também tinha uma pedra de sangue que brilhava ao redor do pescoço para protegê-la da luz do dia.

— Nos vemos mais tarde? — perguntou para Jenna.

— Sim — respondeu Jenna inclinando-se para a frente com timidez e dando-lhe um beijo.

Vix praticamente pulou de alegria até a casa.

— Sua namorada está tãão nas nuvens.

Jenna se virou para mim com o rosto brilhando.

— Eu sei! — disse com um berrinho. Rimos.

Quando nos acalmamos, Jenna tirou os cabelos de cima dos olhos e disse:

— OK, vejo que tem coisas sérias passando por essa cabeça, Sophia Alice Mercer. O que houve?

— Melhor perguntar o que *não* houve — respondi. — As coisas estão ficando... intensas com o Olho.

Jenna prestou atenção.

— Muito intensas?

Suspirei e dei um chute na água. Não queria contar sobre a sede do Conselho e os membros que foram assassinados. Acho que nem Vix sabia disso, mesmo trabalhando para o Conselho.

— Intensas o bastante para fazer com que papai não queira de jeito nenhum que eu passe pela Remoção. Parece que os poderes de um demônio vão ter muita serventia se tentarem me matar — falei movendo os dedos no ar.

— Não diga isso — respondeu Jenna.

— Foi mal — falei colocando uma das mãos sobre seu ombro. — É que... estou morrendo de medo.

Sua expressão ficou mais tranquila, e Jenna cobriu minha mão com a dela.

— Eu sei. Essa piada sobre ser assassinada entregou a verdade. Mas Soph, por favor, me diga que isso significa que realmente não vai passar pela Remoção.

Tive de olhar para o outro lado quando a imagem de Alice cravando as garras no pescoço de Elodie me veio à mente. Lembrei do rosto de papai, tão triste e com medo. Por mim.

Eu me levantei e respirei fundo tentando me lembrar da primeira noite no Hecate, quando eu e Jenna ficamos rindo juntas no quarto. Movi a mão e a água imediatamente ficou rosa.

— Não — disse. — Se não tiver poderes, como vou poder fazer uma coisa tão maneira quanto esta?

Não era para animar Jenna, mas minha amiga sorriu, mesmo que de um jeito triste. Estava com lágrimas nos olhos quando me deu um abraço.

— Oba.

— Oba — concordei retornando o abraço.

Quando nos separamos, Jenna juntou os cabelos com as mãos, jogou a cabeça para trás e fechou os olhos.

— Seu pai falou alguma coisa sobre Nick e Daisy?

— Ele...

Já ia continuar falando, mas vi uma figura se aproximando. De repente, alguma coisa caiu no chafariz com tanta força que eu e Jenna ficamos

encharcadas de água rosa.

Nick apareceu na superfície. Balançou a cabeça, espalhando gotas de água por todos os lados. O fato de um demônio e uma vampira ficarem olhando para ele com uma cara de "Que merda é essa?" não pareceu incomodá-lo nem um pouco.

Deu o mesmo sorriso assustador de sempre.

— As senhoritas falaram meu nome?

— Falamos — respondi olhando para ele e tirando água da minha trança. — Estava dizendo "Poxa, seria tão bom se Nick se jogasse no chafariz que nem um demente e arruinasse nossas roupas". Muito obrigada por atender meu pedido.

— Sophie tem razão — disse Daisy, colocando-se ao lado do chafariz. Ela sempre aparecia junto de Nick. — Peça desculpas.

Suas palavras teriam soado mais sérias caso não estivesse olhando para ele como se fosse uma comida gostosa. Meu Deus, como eram bizarros. Nick passou pela água e veio parar na nossa frente.

— Sophie, fui um idiota com você ontem.

Não falou "idiota", mas outra palavra mais apropriada. Levantei as sobrancelhas e esperei que continuasse falando.

— Ouvi os rumores sobre você e o tal Cross e tirei conclusões precipitadas. Mas a maneira como você derrubou aqueles idiotas do Olho ontem... — Balançou a cabeça. — Eu estava errado. Espero que possamos começar de novo como amigos.

Esticou uma das mãos. Hesitei antes de tomá-la. Ficar perto de Nick era como estar com um animal selvagem. Estava sorrindo e amigável naquele momento, mas a impressão era a de que podia ficar agressivo e medonho a qualquer momento. Ele me lembrava... de Alice.

Mesmo assim, dei minha mão. No entanto, assim que nos tocamos, senti a magia passando por mim de forma tão intensa que tentei puxá-la de volta. Nick continuou me segurando até que, finalmente, a sensação parou. Eu me afastei dele, saindo do chafariz.

— O que foi isso...

Olhei para baixo e vi que estava completamente seca. Não apenas isso, mas meu vestido preto elegante foi substituído por... bem, outro vestido preto, só que bem mais curto, mais brilhoso e com um decote enorme. Até meu cabelo estava diferente: a trança descuidada deu lugar a ondas sedosas.

Nick me olhou de cima a baixo.

— Bem melhor. Agora sim se parece com um demônio que vai ser rainha.

Saiu da água e pegou a mão de Jenna. Em segundos, ela passou de um ratinho molhado para uma gostosona. Suas roupas encharcadas foram substituídas por — surpresa! — um vestidinho rosa que deixava muito mais partes de seu corpo à mostra do que ela gostaria.

— Ah, que lindo, Nick — disse Daisy rolando os olhos para cima enquanto ele a abraçava pela cintura.

— O quê? — perguntou dando-lhe um beijo na bochecha. — Está muito melhor assim.

Sem nem pensar, peguei o braço de Nick. Sua camiseta branca molhada e o jeans se retorceram e viraram uma camiseta amarela de alça bem justa e um jeans desbotado.

— E você está bem melhor assim.

Não sei se foi por causa da roupa ridícula de Nick ou pelo fato de ter conseguido usar um feitiço com tanta facilidade — e sem causar explosões —, mas senti um sorriso nascendo em meu rosto. Daisy deu uma gargalhada e Nick me olhou com seriedade.

— Ah, agora você vai ver.

Ele moveu as mãos e me senti abafada. Quando olhei para meu corpo, estava vestida de coelhinho da Páscoa. Movi uma pata e transformei o jeans e a camiseta em uma roupa de *snowboard*.

Aí ele me deixou de biquíni.

Aí eu o coloquei em um vestido roxo de formatura.

Quando finalmente ele me vestiu como uma dançarina de cabaré, com pena na cabeça e tudo, e eu o vesti com uma roupa de mergulho, estávamos embriagados com a magia e rindo muito.

Minhas roupas mudaram de novo até uma camiseta normal e calça Capri. Eu me sentei no chafariz e senti a pedra quente nas mãos. Nick ficou na minha frente; já estava com sua roupa de antes.

— Chega? — perguntou. Eu sabia que ele não estava se referindo apenas ao nosso duelo de magia.

Cobri os olhos.

— Sim — respondi. — Chega.

Alguma coisa nele ainda me incomodava, mas tonta do jeito que estava era difícil detectar o quê.

Deitei a cabeça para trás e senti os cabelos roçando meus braços. A magia corria pelo meu corpo. Com o barulho agradável da água e a luz do sol no meu rosto, a ameaça do Olho estava bem longe.

A perna de outra pessoa se juntou à minha. Era Jenna se sentando ao meu lado. Nick e Daisy estavam voltando para casa de braços dados.

— Você parece você de novo — disse Jenna com um sorriso discreto.

Fechei os olhos.

— Eu me *sinto* eu de novo.

Ficamos ali sentadas em um silêncio amigável.

— Eu me lembro da última vez que a vi assim tão feliz — disse Jenna.

Apoiei a cabeça em seu ombro.

— É, o dia em que você voltou para o Hecate foi muito feliz.

Ela riu.

— Não, não foi esse dia. Você estava feliz, mas também tensa e triste. Pensei na noite antes do baile. Lembra que invadimos a cozinha e você transformou todo o purê de batata em sorvete? — Riu mais ainda. — E toda a beterraba em cereja. Cara, acho que ganhei uns dez quilos naquela noite.

— Estava tentando animar você.

Aquilo aconteceu bem depois da morte de Chaston. A escola inteira estava culpando Jenna.

Ela apoiou a bochecha no topo da minha cabeça.

— Eu sei — disse —, e quase deu certo. Mas você estava com o humor tão bom naquela noite. Sério, chegava a brilhar.

Porque eu tinha estado com Archer no porão algumas horas antes. Naquela noite, um dos objetos que tínhamos de catalogar era um par de luvas amaldiçoadas que voavam por todos os lados como um morcego alucinado. Corremos atrás delas por uns vinte minutos antes de conseguir colocá-las em um pote. Nós dois tivemos de segurar a tampa, o que significa que estávamos muito perto um do outro, e de mãos praticamente dadas. Rimos tanto que meu rosto doía. Olhei para Archer e sorri.

— Se o feitiço dessas luvas me deixam tão perto de uma menina linda, acho que vou roubá-las — disse ele movendo as sobrancelhas.

Gargalhamos de novo. Naquele momento, Archer ainda era apenas um menino do qual eu gostava, e eu achava que o único segredo entre nós era o *quanto* estava apaixonada por ele.

Fechei os olhos de novo para que minhas lágrimas não caíssem sobre o ombro de Jenna.

— É — respondi. — Aquela noite foi muito boa.

CAPÍTULO 20



Jenna e eu ficamos no jardim até o anoitecer. Assim que voltamos para casa, ela foi procurar Vix e eu decidi ficar no quarto de bobeira. Ao subir as escadas, Lara me encontrou.

— Ah, Sophie, estava procurando você — disse entregando-me um livro marrom enorme. — Seu pai queria que lhe desse isto. Pediu que você lesse o máximo que conseguisse esta noite.

Li o título impresso na capa: *Demonologia: uma história*.

— Ah, tá... hum, legal. Obrigada.

Tentei levantar o livro, mas era muito pesado. Na verdade, quando voltei para meu quarto e o joguei na cama, o colchão chegou a gemer em protesto.

Abri o laptop e comecei a navegar na Internet. Meus olhos passavam pela tela sem ler nada. Havia outra coisa em minha cabeça.

Fechei o computador e fui até a mesa de cabeceira. Abri a gaveta e olhei para a moeda. Antes que pudesse pegá-la, Jenna entrou rapidamente no quarto acompanhada de Vix.

Fechei a gaveta e torci para que nenhuma das duas notasse meu coração acelerado.

— Caraca, Sophie, que livrão para ler durante as férias.

— É — falei indo pegar o livro. Era muito pesado mesmo. — Dever de casa demoníaco que papai passou.

— Estamos descendo para o jantar — disse Jenna —, quer vir conosco?

Olhei para as duas vampiras. Fiquei sozinha com Jenna grande parte da tarde, então não tinha problema compartilhar minha amiga. Mesmo assim, ver as duas tão reluzentes falando "nós" me fez lembrar de como minha vida amorosa era patética.

— Não, acho que vou ficar por aqui hoje à noite. Tenho que começar a ler isso.

Jenna ergueu uma sobrancelha.

— Sophie Mercer recusando comida por causa de um dever de casa?

— É, é uma nova eu, mais decepcionante e britânica.

Jenna e Vix riram e, depois de me fazer prometer que ia ficar com elas no dia seguinte, praticamente valsaram até a porta. O caminho até a sala de jantar provavelmente seria decorado com um arco-íris e pétalas de rosas para aquelas duas.

Eca. Que brega.

Jenna merecia um arco-íris e pétalas de rosas, pensei ao me jogar na cama batendo dolorosamente no livro do papai. Depois de tudo o que passara, já havia ganhado uma eternidade só de coisas boas. Então, por que vê-la com Vix me fazia querer ler *Demonologia: uma história*? Olhei para a mesa de cabeceira de novo e suspirei. Abri o livro e tentei me forçar a ler.

Nas horas seguintes, fiz de tudo para terminar o capítulo um.

Para um livro que supostamente falava de anjos caídos desvairados criando caos com sua "mágika" negra incrível, era terrivelmente chato, e os feitiços estranhos não ajudavam em nada.

Suspirei e me deixei afundar nos travesseiros. Quando mexi no livro para que ficasse sobre meus joelhos, um pedaço de papel caiu no meu colo.

Fiquei preocupada, pois achei que era uma das folhas, mas vi que o papel era bem mais branco e não tinha o mesmo cheiro de mofo.

Era um bilhete.

Reconheci a letra de papai imediatamente. Já tinha visto sua escrita nos vários cartões impessoais de aniversário que me mandava todos os anos. Eram sempre rosa e brilhantes — creio que Lara os comprava —, e ele sempre assinava apenas "Seu pai". Nada de mensagens carinhosas ou um "feliz aniversário" escrito à mão.

O bilhete não era mais afetuoso do que isso. Apenas dizia "Esteja preparada para discutir este livro e tudo o que conseguir ler até amanhã — Seu pai".

— Sim, *pai*, vou fazer isso — murmurei revirando os olhos.

Precisava mesmo me escrever um bilhete para dizer aquilo? E por que o encartou perto da página trezentos? Se achava que ia ler até lá naquela noite, estava muito enganado. Que otimismo de sua parte.

Respirei fundo e já ia amassar o papel quando as palavras do bilhete se *moveram*. Tremeram, na verdade.

Cocei os olhos achando que devia estar lendo há muito tempo, mas quando olhei de novo, as letras ainda estavam balançando. Aí começaram a caminhar. Várias foram até o final da página, mas o resto se uniu e formou uma mensagem bem diferente:

Estante de livros. Cinco da manhã

Era a letra de papai de novo. Olhei para o papel e vi as letras que foram para o final da folha subirem outra vez e formarem a mensagem original.

— Que pai mais enigmático — murmurei.

Não tinha dúvidas sobre qual a estante em questão — era a que tinha o grimório de Virginia Thorne. Mas por que o feitiço e o segredo? Havíamos passado uma manhã toda juntos. Não tivera tempo de dizer "Ah, e me encontre amanhã na estante mágica às cinco da matina, valeu"?

E que diabos queria fazer nela?

Meus olhos ardiam como se tivesse passado areia neles. O clube Prodígio na noite anterior, o encontro com Archer e tudo o mais que papai havia dito naquele dia eram muito para mim. Essas férias não estavam sendo nada relaxantes. Olhei para meu quarto enorme e desejei estar de volta no Hecate Hall, sentada na minha caminha, rindo com Jenna.

Porém Jenna estava no final do corredor com Vix ou dormindo. E eu estava sozinha.

Coloquei o livro sobre a cabeceira. Incrível o peso não ter quebrado a mesinha. Mamãe sempre dizia que poucas coisas na vida não podiam ser curadas com um banho quente. Decidi testar seu conselho.

Alguns minutos depois, estava mergulhada na água aquecida e cheia de bolhas de sabão.

Passei o polegar pela torneira, que tinha formato de cisne. Acho que tinham feito isso com o intuito de ser chique, mas parecia que o cisne estava vomitando água, o que era bem nojento. Além do mais, banhos de banheira sempre me faziam lembrar de Chaston quase morta de tanto sangrar na do Hecate.

Apesar da temperatura quente da água, tremi. Não vi Chaston depois daquela noite. Seus pais vieram buscá-la e a tiraram da escola até o final do ano. Fiquei me perguntando o que estaria fazendo naquele momento e se sabia sobre Anna e Elodie.

Estava pegando a toalha quando ouvi um barulho abafado. Meus dedos congelaram e os pelos do pescoço se arrepiaram. Em filmes de terror, aquele era o momento em que a mocinha pelada gritava "Olá?" ou "Quem está aí?" ou alguma coisa idiota dessas. Mas *esta* mocinha pelada não ia falar nada. Em vez disso, me enrolei na toalha sem fazer barulho e encostei meu ouvido na porta.

Além do meu batimento cardíaco, não ouvi nada. Peguei o roupão. É claro que o banho, e os pensamentos voltados para Chaston, me assustaram. Se tinha alguém no quarto, devia ser um dos empregados ajeitando os travesseiros. Ou deixando chocolate na cama.

Amarrei o roupão e abri a porta. O quarto estava vazio. Respirei fundo.

— Que idiota, hein, Sophie — falei para mim.

Fui até a cômoda. Aquele lugar era tipo uma versão Prodígio de Fort Knox. A ideia de que alguém estaria ali fazendo coisas nefastas era completamente...

Ouvi o som de novo — outra pancada surda, só que mais forte. Percebi que estava vindo da mesa de cabeceira.

O sangue martelou em minhas orelhas. Corri até ela e abri a gaveta depressa.

A moeda estava se movendo como se estivesse viva. Como funcionava aquele negócio? Archer disse que a usaria para me achar porém não explicara como. Talvez fosse um tipo de portal portátil e ele estava prestes a aparecer no meu quarto atrás de uma nuvem de fumaça ou alguma coisa do gênero.

A ideia de Archer se infiltrando literalmente no meio de um bando de pessoas que queriam matá-lo era horrível demais. Fechei os olhos com a moeda nas mãos e respirei fundo. Percebi que a moeda estava quente.

De repente, foi como se uma tela se abaixasse na minha frente e vi o moinho abandonado. A alcova que levava ao *Itineris*. Archer estava sentado ali perto, no peitoril da janela.

Esperando por mim.

Larguei a moeda na mesa e corri para a cômoda. Era só colocar jeans e aquela camiseta preta de manga longa. Se fosse bem discreta, provavelmente conseguiria sair da casa sem nem ter de inventar uma desculpa.

Aí pensei em papai, pálido e sério dizendo para mim o quanto era importante não ver Archer de novo. Pensei quão orgulhoso ele tinha ficado por minha causa mais cedo, e no que poderia acontecer com ele se me vissem fugindo para ir encontrar um agente do Olho.

Pensei no Conselho sendo queimado com os sete Prodígios lá dentro.

Abri a gaveta da cômoda, mas peguei a camisola em vez do jeans. Vestida, fui me deitar e desliguei a luz. Catei a moeda no escuro e, assim que a toquei, vi Archer de novo. Estava em pé andando de um lado para o outro com a mão no queixo. Ficava olhando para a porta.

Senti lágrimas correndo pelo meu rosto.

Ao menos sabia que estava vivo. Sabia que não estava tentando me matar. Era o suficiente. Tinha de ser.

Archer me esperou por muito tempo — muito mais tempo do que achei que fosse esperar. Já havia passado da meia-noite quando olhou para a

porta pela última vez e desapareceu na alcova. Segurei a moeda com força, mas assim que Archer sumiu, ela esfriou e a visão escureceu.

CAPÍTULO 21



Cinco horas da manhã era muito cedo, especialmente para quem tinha passado a noite toda chorando. Quando finalmente consegui dormir, foi um sono picotado. Ficava acordando com a certeza de que tinha alguém no meu quarto. Uma vez julguei ter visto um vulto de cabelos ruivos, mas deve ter sido sonho.

Meu coração deu um pulo quando o despertador tocou, e praticamente tive de forçar meus olhos inchados a se abrirem. Apesar disso, me senti melhor — mais leve — quando desci para encontrar papai. Sim, ainda doía pensar em Archer, mas fiz a coisa certa. Coloquei papai e Jenna e, cara, praticamente todo o Prodígio à frente do meu desejo. Se isso não era "habilidade de liderança", então não sei o que podia ser.

Estava orgulhosa de mim quando subi as escadas da biblioteca até a estante.

Infelizmente, papai não estava sentindo o mesmo.

— Eu disse cinco — sussurrou assim que virei no corredor. — São cinco e quinze.

Estava com cara de quem também não tinha dormido bem. Seu terno não estava amarrotado, mas não estava imaculado como sempre. Além disso, não tinha feito a barba, o que me assustou tanto quanto seu olhar intenso.

Surpresa, pisquei para ele.

— Desculpa... — respondi, mas ele levantou a mão e sussurrou de novo.

— Fale baixo.

— Por quê? — sussurrei de volta. Estávamos em pé ao lado da estante. O livro de Virginia Thorne estava com o mesmo aspecto maldito que vi no primeiro dia. — Por que estamos aqui?

Papai olhou em volta como se alguém estivesse escutando.

— Vamos abrir esta estante e pegar o grimório.

Fiquei mais chocada do que surpresa.

— De jeito nenhum — retruquei. — Esse negócio tem mais encantos do que o inferno, talvez *literalmente*.

Papai fechou os olhos e respirou fundo como se estivesse se concentrando psicologicamente para não berrar.

— Sophie — disse com calma —, não posso fazer isso sozinho. A magia que lacra a proteção é muito forte, até para mim. Mas se ambos tentarmos... bem, acho que conseguimos.

— Por quê? — perguntei. — Você mesmo disse que o grimório está protegido pela magia mais antiga e negra do mundo. Então para que você o quer?

Ele respirou fundo de novo.

— Motivos acadêmicos.

Fiquei com raiva e senti a magia começando a aparecer.

— Se quer minha ajuda, diga a verdade.

— O motivo é extremamente perigoso, portanto acho melhor que você fique sem saber de nada. Assim, se formos... se formos pegos, pode dizer honestamente que não sabia o que estava fazendo.

— Não — falei sacudindo a cabeça. — Estou de saco cheio das pessoas mentindo para mim ou me falando apenas metade do que preciso saber. Você disse ontem que é hora de eu aprender sobre os assuntos da família e desistir do Ar... de tudo por você, pelo Conselho. Então pode contar o que está acontecendo.

Foi a vez de papai ficar surpreso. Por um momento, achei que fosse cancelar a empreitada, mas concordou e disse:

— É justo. Eu lhe contei que o Conselho tentou evocar um demônio durante muito tempo até que Virginia finalmente localizou este livro. — Apontou para o grimório. — Depois da Alice, o Conselho concordou que a magia era muito perigosa e o livro ficou trancado aqui. Desde então, ninguém conseguiu fazer um ritual de possessão. Mas agora...

— Daisy e Nick — murmurei.

— Exatamente.

— Então você acha que alguém pegou o grimório e usou o feitiço para fazer com que Daisy e Nick virassem demônios?

Papai passou os dedos pelos cabelos e, pela primeira vez, vi que sua mão tremia.

— Não, não é isso. Essa proteção é extremamente difícil de abrir. Eu só quero ver o ritual com meus próprios olhos, quero ver o que é preciso para executar a possessão. Se eu souber exatamente *o quê* foi feito com Daisy e Nick, então talvez consiga descobrir *quem* o fez. E por quê.

A explicação parecia ser bem racional, mas, para ser sincera, ainda estava morrendo de medo. Ter acesso a um livro que contém a magia mais negra do mundo não me parece ser uma coisa muito boa, entende? Mas não falei isso para papai. Só fiz uma pergunta:

— OK, então como vamos fazer se a proteção é tão "extremamente difícil" de abrir?

Papai colocou a mão sobre a estante.

— Basicamente, vamos usar força bruta. A proteção requer que os doze membros do Conselho estejam juntos para abri-la.

Ergui as sobrancelhas.

— OK, e visto que só estamos nós dois aqui e que só você é membro do Conselho...

Papai fez que não com a cabeça e me interrompeu.

— Não, tecnicamente nós dois somos membros do Conselho. Você é a herdeira direta do chefe do Conselho, por conseguinte...

— Pai, é muito cedo para usar expressões do tipo "por conseguinte". E mesmo que eu seja um membro do Conselho, ainda faltam dez pessoas.

— Sim, então, é aí que entra a parte da força bruta. Combinando nossos poderes e o sangue, acho que a caixa se abrirá.

— Sangue? — repeti sem entender.

Papai fez uma expressão triste e puxou um pequeno punhal de prata de dentro do terno.

— Como já expliquei a você, a magia com sangue é muito antiga e muito poderosa. Agora dê-me sua mão. Não temos muito tempo.

A luz lá fora estava começando a ficar mais dourada em vez de azul, e eu sabia que todos iam acordar em breve.

Também sabia que não queria de jeito nenhum dar minha mão para papai.

— Foi por isso que treinou comigo ontem, não foi? — perguntei com um tom quase inaudível. — Queria ter certeza de que eu conseguiria fazer isso sem explodir a biblioteca em mil pedaços.

Alguma coisa mudou a expressão de meu pai. Espero que tenha sido culpa.

— Não foi só por isso, Sophie — respondeu.

— OK, mas, por favor, lembre-se de que quebrei vários espelhos. Não é melhor esperarmos até que eu tenha um pouco mais de prática?

Papai fez que não com a cabeça.

— Ontem à tarde, o Olho tentou invadir a Gevaudan.

Levei certo tempo para que me lembrar que era o nome da escola chique para mutantes na França.

— O tempo é um luxo ao qual não podemos nos dar — disse papai.

Ele moveu a lâmina sobre a palma esquerda rapidamente. Eu me assustei ao ver sua mão sangrando em cima da prateleira. O sangue escorreu pelos padrões cravados no vidro e os preencheu. Os desenhos começaram a brilhar com uma luz dourada. Dentro da caixa, o livro pareceu se mover um pouco.

Esperei que minhas novas aptidões psíquicas aparecessem e me avisassem que aquilo não ia dar certo, mas não ouvi nada. Sim, senti um pouco de enjoo, mas acho que era mais por causa do sangue do que por medo.

— Sophie — disse papai segurando o punhal. — Por favor.

Atirei minha mão para a frente antes que pudesse pensar mais. Mostrei a que já estava marcada pelo vidro do demônio. A dor foi profunda e rápida, e bem menor do que achei que seria. Seguindo o exemplo de meu pai, coloquei a palma sobre a proteção. Tive medo quando me lembrei do que acontecera na última vez que fiz aquilo.

No entanto, não senti o mesmo impacto. Senti a magia ao redor do livro e meus poderes surgindo em resposta.

— E agora? — sussurrei.

Não conseguia parar de olhar para o sangue escorrendo pelos desenhos. A luz dourada ficou ainda mais forte.

— Faça o que fizemos ontem — disse papai com voz baixa e comedida. — Pense em uma memória humana. Uma emoção humana.

De repente, vi Archer sentado na janela do moinho de novo. Um desejo enorme me tomou. Quase instantaneamente, pelo menos quinze livros voaram para fora das prateleiras ao meu lado. A força fez com que mil páginas saíssem voando pelos ares.

— Outra coisa! — disse papai com pânico nos olhos.

— F-foi mal, desculpa — gaguejei. Sacudi a cabeça como se isso fosse me ajudar a apagar a imagem de Archer.

Pense em coisas calmas e felizes. Mamãe. Aquela vez em que foram a um parque de diversões quando tinha oito anos e ela deixou você andar na roda-gigante várias vezes. Gargalhando. As luzes piscando, o cheiro de coisas doces e gostosas.

Meus batimentos cardíacos diminuíram e senti meus poderes dentro de mim, seguros, prontos para serem direcionados.

— Bem melhor. — Papai suspirou, aliviado. — Agora, concentre-se naquela caixa e pense *Abra*.

Respirei fundo devagar várias vezes e fiz o que ele mandou. Minha mão estava começando a ficar gelada e tive a impressão desagradável de que, de alguma maneira, a proteção do livro estava *bebendo* meu sangue. Meus joelhos ficaram fracos quando pensei nisso e rapidamente pisquei os olhos tentando dissipar as nuvens cinza que ameaçavam me dominar. Eu já havia

me teletransportado e já havia feito coisas desaparecerem no ar. Já havia *voado*. Não ia desmaiar por causa de uma caixinha qualquer.

No entanto, nunca tinha sentido nada como aquilo, nem mesmo quando fiz feitiços mais pesados. Minha magia não estava surgindo dos pés, e sim correndo pelo corpo todo. E mesmo que meus dentes estivessem batendo, como se eu estivesse congelando, suava muito.

Meus dedos estavam dormentes e minha mão ficou muito pálida, mas continuei pressionando a caixa. No entanto, além do brilho e do sangue, nada estava acontecendo.

Do outro lado, papai não parecia estar tão desanimado quanto eu.

— É mais do que a mera caixa — disse. Sua mão escorregou pelo vidro ensanguentado. Sua voz estava rouca. — É o livro também.

As manchas cinza estavam ficando maiores.

— Então no que devo me focar? — sussurrei. Não estava tentando evitar o barulho; só conseguia sussurrar mesmo.

— Em ambos — respondeu papai. — Imagine a proteção se abrindo e o livro em suas mãos. E não se esqueça da memória humana.

Minha cabeça estava muito pesada, não ia dar para aguentar mais. Encostei a testa no vidro.

— É muita coisa para eu me lembrar, pai.

— Sei que é, Sophie, mas você consegue.

Tentei. Fiquei com o rosto de mamãe na mente enquanto focava a caixa e o grimório e ainda tentei muito não prestar atenção em quão tonta e cansada estava me sentindo.

E aí, finalmente, a proteção de vidro começou a se mover.

— Isso aí — murmurou papai com os olhos iluminados em seu rosto cansado. — Quase lá.

Achei que o vidro fosse se abrir ou talvez cair para um lado, mas simplesmente sumiu como uma bolha quando estoura. Foi tão repentino que tanto minha mão quanto a de papai caíram sobre a prateleira de madeira.

Papai pegou o livro. Agora que estava fora de sua proteção mágica, parecia igual a qualquer outro volume velho e empoeirado. A dura capa de

couro estava enrugada pelo tempo e o cheiro era de papel antigo mofado.

Papai começou a folhear o livro. Meus joelhos não aguentaram. Eu me sentei no chão e me encostei na estante mais próxima. Parecia que estava vendo papai lá longe, como em um sonho. Olhei para minha mão e fiquei me perguntando se o resto do corpo estava tão branco quanto ela.

— Meu Deus — exclamou papai.

Eu devia ter me assustado com a expressão de desespero dele, mas até isso era muito esforço.

— O que foi? — murmurei, confusa.

Ele ergueu os olhos cheios de pânico para mim, mas demorou certo tempo para enxergar meu estado.

— É o ritual, é... Sophie!

Caí para o lado, inconsciente. A última coisa que vi foi o livro sendo jogado no chão e a capa se abrindo, revelando as marcas picotadas do papel.

Uma página havia sido arrancada.

CAPÍTULO 22



Quando recobrei a consciência, estava deitada em um dos sofás da biblioteca, perto da janela, com uma coberta sobre mim e Cal segurava minha mão.

— *Déjà vu* — falei vendo os brilhos prateados da magia correndo por minha pele.

Ele deu um pequeno sorriso, mas seus olhos estavam focados no corte em minha mão. Olhei para a outra ponta do sofá. Papai estava em pé com cara de preocupação. De repente, tudo me voltou à memória. A estante, o livro.

A página arrancada.

Papai balançou a cabeça bem devagar, mas eu já sabia que não era para falar nada na frente de Cal. Agora que eu não estava mais morrendo de hemorragia, a ficha finalmente caiu e fiquei assustada por causa da página arrancada.

Como se pudesse ler minha mente — e, até onde eu sabia, ele tinha essa habilidade —, papai disse:

— Quero que descanse aqui um pouco, Sophie. Assim que estiver se sentindo melhor, podemos discutir as ramificações daquele feitiço no meu escritório.

— Deve ter sido um feitiço muito forte mesmo — frisou Cal enquanto deitava minha mão no sofá delicadamente.

— Foi — falei sentindo um gosto amargo na boca. — Papai tem me ajudado a controlar meus poderes. Devo ter exagerado.

Papai deu a volta no sofá e, para minha surpresa, abaixou-se e beijou minha testa.

— Me perdoe — disse suavemente. — Mas também estou muito orgulhoso de você.

Foi difícil falar com aquele nó na garganta, então apenas concordei.

— Estarei no escritório. Venha me ver quando estiver se sentindo recuperada.

Assim que papai foi embora, flexionei a mão e olhei para o lugar onde o corte havia sido feito. Não havia sinal do machucado e eu podia jurar que a cicatriz do vidro do demônio estava mais sutil.

— Cara, a habilidade de curar as pessoas deve ser a mais maneira de todas — falei para Cal.

Ele quase sorriu.

— Pois é, mas eu não achava isso antes.

— Não? Por quê?

— Foi o que me levou para o Hecate.

Eu me sentei. Sempre quis saber o que teria levado uma pessoa tão certinha quanto Cal para o Hex Hall.

— Mandaram você para lá por *curar* pessoas?

— Fazer a perna quebrada de uma menina magicamente voltar ao lugar chama um pouco de atenção — disse.

— Ah, sim. Chama mesmo. Quando fez isso, as pessoas ficaram berrando e apontando para você? Foi o que aconteceu comigo.

Ele riu.

— Sim, ela não ficou nem um pouco feliz, como achei que fosse ficar.

Estávamos sentados tão perto que nossos quadris se tocavam. Ele tinha um cheiro gostoso, como o de grama recém-cortada. Ou já tinha estado lá fora pela manhã ou aquele era o cheiro de Cal mesmo.

Eu já ia perguntar mais sobre a menina misteriosa cuja perna ele tinha curado, mas Cal mudou de assunto.

— Então você está aprendendo a controlar seus poderes — disse ele olhando para mim com aqueles olhos castanhos tão claros. — Como está indo?

— Bem — respondi. É claro que perguntou aquilo; Cal achava que eu tinha acabado de me machucar seriamente durante uma daquelas lições. — Quer dizer, é bem difícil — complementei —, mas acho que estou pegando o jeito. Com certeza é bem melhor do que a ideia de passar pela Remoção.

— Isso significa que você desistiu?

Passei os dedos pelos desenhos do estampado do sofá.

— Acho que sim — respondi.

Eu me encostei nas almofadas. O corte em minha palma tinha sido curado, mas eu ainda estava bem cansada.

— Fico feliz — disse com calma.

O espaço entre nós de repente ficou ainda menor. Ele cobriu minha mão com a dele e tive de me controlar para não dar um pulo. Levei algum tempo para perceber que ainda estava usando seus poderes comigo — por isso me deu a mão. Senti uma onda passando por mim e vi os brilhos prateados ao longo do braço.

— Está melhor?

Os brilhos sumiram, mas Cal não tirou sua mão de cima da minha.

— Bastante. — Obviamente, meu cansaço foi substituído por certo nervoso. Tirei as cobertas de cima das pernas e me levantei. — Como você se sente quando cura as pessoas? — perguntei me afastando. Fiquei perto da janela. O sol da manhã brilhava na vidraça coberta de orvalho.

— Como assim?

Passei as mãos pelos braços como se estivesse com frio e encolhi os ombros.

— Parece ser uma coisa que suga bastante energia, esse lance de curar feridas e quase ressuscitar as pessoas.

— Na verdade, é o contrário — disse ele, levantando-se. — É tipo... como se eu colocasse o dedo em uma rede elétrica. Você lida com a energia

de vida de uma pessoa, então é intenso, sim, mas tem uma *carga* que vem com isso.

— Não sei se gosto da ideia de você lidar com minha "energia de vida", Cal.

Ele sorriu. O efeito do sorriso foi incrível. Cal passava tanto tempo sendo solene e sério que nem me lembrava que ele tinha dentes.

— Pago um jantar para você na próxima vez, prometo.

OK, o sorriso foi uma coisa, mas aquela frase com certeza foi um flerte. Aí, como se não bastasse, Cal se inclinou e pegou um pote com uma violeta africana na mesinha perto do sofá e o trouxe para mim. Por um segundo, achei que fosse me dar aquela flor, mas não.

— Qualquer Prodígio pode fazer isso, na verdade. Não no mesmo nível que eu, mas enfim. Só tem que ter paciência. — Ele me mostrou a planta e percebi que havia alguns pontos marrons nas flores. — Quer tentar?

Olhei para a violeta machucada e ri.

— Obrigada, mas acho que a pobre florzinha já sofreu bastante. — Girei os dedos no ar. — Sou melhor em explodir as coisas. Curar provavelmente está além das minhas possibilidades.

Eu havia conseguido fazer a água ficar rosa e mudara as roupas de Nick, mas curar me pareceu ser bem mais difícil. Sem mencionar que minha mente ainda estava concentrada naquele pedaço de papel e em como papai conseguira encobrir nosso roubo.

Cal tocou meu braço com o pote.

— Você disse que está treinando para controlar seus poderes. Não há outra magia que necessite de mais controle do que a de cura. Tente.

Pensei em argumentar que estava muito cansada por causa dos feitiços com papai mais cedo, mas a verdade era que, graças à magia de Cal, estava me sentindo bem melhor do que antes.

E tenho quase certeza de que ele sabia disso.

Peguei o pote.

— O que devo fazer exatamente?

Cal cobriu meus dedos com os dele e levantou a mão esquerda na direção da flor marrom. Seu dedão tinha um calo, mas mesmo assim o

toque era macio.

— O feitiço de cura funciona como os outros em vários aspectos. Você se concentra no que quer que mude e faz acontecer.

— Ou, no meu caso, faz explodir.

Cal balançou a cabeça.

— Quando você cura uma coisa viva também tem que levar essa outra vida em consideração.

— E como faço isso?

Os dedos de Cal apertaram os meus e meu coração pulou em resposta. A biblioteca estava bem silenciosa e quieta.

— Você vai sentir.

Engoli em seco, o que foi difícil porque minha boca já estava muito seca.

— OK.

Fechei os olhos e senti a magia correndo desde as solas dos pés. Até aí tudo bem. Pensei nas pétalas manchadas de marrom enquanto mantinha o rosto de mamãe firme na mente. *Cure-se*, pensei. Fiquei com vergonha de falar alto. A flor se mexeu mas, quando abri os olhos, estava mais marrom do que nunca.

Fechei os olhos e respirei fundo várias vezes, do jeito que papai gostava. Era por isso que o Prodígio sempre se dava mal com os humanos. Toda vez que tinham de fazer um feitiço intenso precisavam se focar e relaxar e imaginar e respirar... Não era a estratégia de batalha mais eficaz contra uma ameaça como o Olho.

Não devia ter pensado no Olho. Assim que o nome apareceu na minha mente, meu controle se quebrou.

Assim como o vaso.

A terra escura caiu sobre meus pés e a flor lilás murchou ainda mais. Posso jurar que até olhou para mim e me acusou de incompetência.

— Ai — gemi. Cal pegou o vaso rapidamente. — Desculpa, mas avisei que sou uma pessoa meio destrutiva.

— Não tem problema — disse segurando a planta. — Você quase conseguiu. — Olhou para baixo, provavelmente para analisar o estrago. —

Nossa — disse, surpreso.

Limpei as mãos sujas no jeans.

— Sujou muito?

— Não, não é isso — disse. — Olhe.

Ele me mostrou o vaso. A flor ainda estava morta, mas atrás dela havia duas outras flores menores e saudáveis. E eram de um lilás ainda mais vibrante, sem mancha nenhuma.

— Nossa, eu fiz isso? — perguntei.

Cal indicou que sim.

— Deve ter feito. Viu, pessoa destrutiva?

Dei um sorriso sem graça.

— Bem, mesmo com violetas novas, ainda temos um vaso quebrado e uma violeta velha e triste.

— Talvez — concordou. Fez uma pausa. Dava para perceber que o que ia dizer era importante. Talvez sua frase tivesse até mais do que cinco palavras. — Ou talvez sua magia não seja nada destrutiva. A chuva de Doritos, a coisa da cama, isto... Talvez o problema seja que você *cria* demais, entende?

Quando finalmente consegui falar, disse:

— Cal, acho que essa foi a coisa mais maneira que já me falaram desde que chegamos aqui.

Ele mexeu nas raízes da planta e desviou o olhar.

— O que falei é verdade. — Olhou para mim e deu um de seus sorrisos pela metade dos quais eu estava começando a gostar. — E também é verdade que tenho que encontrar outro vaso para este cara. Hum, acho que nos vemos no jantar então.

— Tranquilo. Podemos escolher as cores.

— Que cores?

— Para o casamento. Estou pensando em melão e menta. Dizem que vai ser a moda no verão que vem.

Cal gargalhou. Foi a primeira vez que o vi fazendo isso.

— Bom plano. Até mais, Sophie.

— Até — respondi.

Senti uma tristeza repentina. Archer dizia "Até mais, Mercer" toda vez que nosso trabalho no porão terminava. Nunca mais o ouvi dizer aquilo.

Que pena perdermos pessoas como ele. Você acha que aceitou a partida de alguém, que já lamentou o suficiente e que acabou, e aí tudo muda. Um detalhe faz com que você sinta que perdeu a pessoa de novo.

Pensei nele sentado no moinho esperando por mim. O que queria me dizer de tão importante a ponto de arriscar a própria vida?

Apertei um dos cacos do vaso com tanta força que meus dedos quase sangraram.

— Não faz diferença — murmurei.

O assunto Archer estava acabado. Olhei para o andar de cima e me lembrei que tinha problemas bem maiores para resolver do que minha vida amorosa catastrófica.

CAPÍTULO 23



O escritório de papai devia ser um dos menores cômodos em Thorne. Mesmo assim, era bem bonito. Tinha uma mesa de cerejeira e carpetes cor de marfim, além de cadeiras de couro confortáveis e estantes robustas. A vista para o lago era linda.

Papai estava à mesa quando abri a porta. Estava fazendo o que todos os ingleses fazem quando estão desesperados: bebendo chá. Eu me encostei na porta.

— Então... que droga, não é?

Ele acenou para que eu entrasse.

— Feche a porta.

Fiz como pediu e papai abriu uma das gavetas da mesa. O grimório parecia mais detonado sob a luz do escritório, mas mesmo assim uma sensação de ameaça ainda emanava dele. Cruzei os braços.

— Coloquei um feitiço em outro livro para que se parecesse com o grimório e refiz o vidro de proteção — papai respondeu minha pergunta silenciosa. — Mesmo assim, tenho que devolvê-lo em breve. O feitiço não vai durar para sempre.

Colocou o livro sobre a mesa no meio de vários papéis.

— Já olhei três vezes. O ritual de possessão não está em lugar nenhum.

Nervosa, peguei o livro e o abri. Já havia sentido a magia que emanava dele quando estava protegido, mas ainda assim não estava preparada para a onda de poder que me atingiu. A sensação foi como colocar o rosto para fora da janela de um carro em alta velocidade. Meus olhos queimavam ao examinar a primeira página, mas não havia palavras que eu pudesse entender, apenas símbolos estranhos e desconhecidos.

Reconheci um dos símbolos. Era muito parecido com a marca que papai havia colocado na mão da Vandy quando a baniu.

Antes de conseguir virar a primeira página, devolvi o livro à mesa.

— Meu Deus — falei, ofegante.

Papai fez que sim com a cabeça.

— Agora você entende por que tive de deixar que você fizesse mais esforço quando abrimos a caixa. Não seria possível usar aquele tanto de mágica *e* ter força para procurar pelo ritual.

— Agora me explica uma coisa. — Eu me sentei em uma das cadeiras de couro do outro lado da mesa de papai. — Como você sabe o que está lendo? Não tem nem palavras nesse negócio.

— Não foi fácil. Nem eu mesmo sabia quão poderoso este livro é. — Abriu a capa e contorceu o rosto. Eu não conseguia ver as páginas, portanto não senti a magia. Papai, por outro lado, estava visivelmente afetado. — Este grimório foi escrito na língua dos anjos.

— E essa língua não devia ser composta por música de harpa e cânticos em vez de hieróglifos sinistros?

Não sei se papai não me escutou ou se resolveu me ignorar.

— O que não entendo é por que *só* esse ritual foi retirado — murmurou falando consigo mesmo. — De todos os rituais, por que logo esse?

— E quando tiraram a página? — acrescentei.

Papai piscou para mim como se de repente tivesse se lembrado que eu estava no escritório.

— O quê?

— Este livro está na estante desde quando, 1939, 1940? Então, ou alguém arrancou a página nos últimos setenta anos ou antes de o grimório ter sido trancado.

— Não tinha pensado nisso. — Tocou a ponta do nariz e suspirou. — Curioso, curioso.

Fiquei surpresa e olhei para ele.

— Eu digo isso de vez em quando.

Mesmo com tanta preocupação, papai realmente pareceu ficar surpreso.

— É de *Alice no país das maravilhas*. Bem apropriado, não acha?

Sim, só que, na nossa história, o buraco era bem mais sombrio, pensei.

Fingi analisar a estante de livros no outro canto do escritório. Achei que só fosse ver livros chatos sobre a história do Prodígio e economia dos mutantes, e tinha alguns livros assim, mas também tinha ficção contemporânea, e vários livros do Roald Dahl. Papai subiu no meu conceito.

— Você acha que quem — ou o quê — criou Daisy e Nick está com essa página rasgada?

— Tem de estar.

Olhei para ele.

— E isso é ruim.

— Mais do que isso. — Ele se inclinou para a frente. — Sophie, Virginia Thorne criou um demônio para usá-lo como arma. Só posso concluir que quem fez o mesmo com Nick e Daisy tem um objetivo similar.

Respirei fundo.

— Pai, isso é uma mer... hum, uma bagunça.

Papai me deu um sorriso seco.

— Acho que a palavra que ia usar resume a situação atual de forma mais condizente.

— Então o que faremos?

— Não tem nada que possamos fazer agora a não ser esperar e ver o que vai acontecer.

Bati as unhas na cadeira. Nunca consegui esconder minhas emoções muito bem e o medo estava praticamente atacando minhas vísceras. A pessoa que estava com aquela página podia tecnicamente criar um exército de demônios se quisesse. E se o Prodígio tivesse esse exército em uma guerra contra o Olho? Afastei da mente a imagem de Archer deitado no

chão cheio de sangue com demônios em volta, de todo aquele horror tomando o mundo dos humanos, como já havia acontecido. Tentei manter a voz sob controle.

— Bem, esperar é tosco.

— Não sei o que isso significa exatamente, mas acho que concordo.

Papai colocou o grimório de volta à gaveta e a fechou.

Eu me forcei a sair da cadeira.

— Pai, acha mesmo que encontrar quem fez isso pode evitar uma guerra?

— Não sei — respondeu ele com calma. Estava olhando para mim mas senti como se não estivesse me enxergando de verdade. — Espero que sim.

Não era uma frase muito entusiasmada, mas teria de ser suficiente.

Eu estava quase saindo quando papai me chamou.

— Antes de ir, Sophie, você pode me dizer por que tem carregado uma medalha de Santo Antônio no bolso há dois dias?

— Quê? — Demorei para me lembrar da moeda de Archer. Relutante, eu a tirei do bolso e a entreguei a papai. — Eu a encontrei. Como sabia disso?

Ele a examinou.

— Senti a magia. — Olhou para mim. — A medalha de Santo Antônio é um objeto muito poderoso. Bruxas e bruxos a usavam na Idade Média, geralmente quando estavam viajando. Você podia entregá-la para alguém e mostrar sua localização telepaticamente. Era muito útil caso se perdesse ou se fosse pego, o que acontecia constantemente naqueles dias. — Ele me devolveu a moeda. — Na verdade, não estou surpreso que você a tenha encontrado. Temos várias no porão do Hecate.

Bem, isso explicava tudo. Ele era um caçador secreto de demônios *e* um ladrão. Que incrível bom gosto para homens!

*

Pensei em ficar em paz no meu quarto, mas quando abri a porta, Nick e Daisy estavam esperando por mim. Nick estava segurando a foto de minha mãe e Daisy estava sentada na cama folheando meu *O jardim secreto*.

— É sua mãe? — perguntou Nick. — É uma gostosa.

Mesmo que não me assustasse mais, eu ainda não morria de amores por ele — nem por Daisy — e não gostei de estarem mexendo nas minhas coisas.

— O que vocês querem?

Nick assobiou e colocou a foto de volta na mesa de cabeceira.

— Viemos apenas ver como você está. Disseram que se machucou hoje fazendo feitiços.

— Ah — respondi —, hum... é, eu estava treinando com papai. Mas já estou bem.

Nick se jogou na cama ao lado de Daisy e cruzou os braços atrás da cabeça.

— Ah, sim, toda aquela história de se concentrar e respirar.

— Uma perda de tempo — murmurou Daisy passando a mão por uma ilustração de Mary Lennox andando pelos corredores de Misselthwaite.

Preferi ignorar.

— Bem, como podem ver, estou bem. Obrigada pela preocupação.

Nick saiu da cama.

— Acho que estamos sendo mandados embora, meu amor — disse para Daisy antes de levantá-la.

— Mas não falamos com Sophie sobre a festa — disse ela com um gemido.

— Que festa? — perguntei.

Nick sorriu.

— A sua festa de aniversário. Parece que o Conselho vai dar o maior festão.

Por causa de todas as mudanças que eu e mamãe fizemos, eu não tinha uma festa de aniversário desde os oito anos de idade. A última tinha sido no McDonald's. O Conselho provavelmente tinha alguma ideia mais elaborada.

— Não precisam fazer isso — falei, colocando as mãos nos bolsos —, principalmente quando todas essas coisas estão acontecendo.

Nick me deu um sorriso selvagem.

— Esse é o seu Prodígio. Fazendo festa enquanto o mundo acaba.

Daisy passou o braço pelo dele.

— E vai ser maneiro. Eles vão todos...

Daisy parou de falar de repente e seu sorriso virou uma expressão de dor. Ficou pálida. Sua pele de marfim ficou sem cor alguma. Sua cabeça caiu para a frente e Nick a segurou pelo cotovelo.

— Daisy?

Ela se segurou na cabeceira de madeira da cama e respirou várias vezes, trêmula. Depois, levantou a cabeça e abriu os olhos. Achei que fossem estar bem vermelhos, como os de Alice na noite em que matou Elodie, mas estavam verdes como sempre.

— Estou bem — disse, mas sua voz estava estranha. — Foi só um pouco de... surto de magia. Não se preocupem.

O rosto de Nick se contorceu de preocupação, mas Daisy o afastou.

— Estou bem — repetiu e o levou até a porta. — Vamos deixar que Sophie descanse. Ela parece estar precisando.

Não devia estar com uma aparência pior do que a dela, mas não falei nada quando saíram. No entanto, assim que foram embora, senti aquele mesmo cheiro de madeira queimada. Dessa vez, porém, não foi alucinação.

Havia duas marcas de queimadura na cama. Ambas com formatos de mãos.

CAPÍTULO 24



Nas três semanas seguintes, fiquei prestando mais atenção em Nick e Daisy. Não houve mais nenhum "surto de magia", mas ambos estavam bebendo mais do que o normal, e toda vez que entravam na "ioga demoníaca" comigo e com papai, saíam mais cedo. Depois de uma das aulas, papai deu uma cópia do *Demonologia: uma história* para eles. Eu a encontrei mais tarde jogada em cima de uma urna de bronze.

Alguns dias antes da partida de Vix, Lara levou Jenna, Cal, Vix e eu de carro para Londres — papai proibiu viagens no *Itineris* —, e finalmente vi os pontos turísticos da cidade. Quando fomos à Torre de Londres, Lara nos entregou uma brochura que contava a história do Prodígio naquele lugar, e como Ana Bolena era, na verdade, uma bruxa negra (não me surpreende), e que um dos netos da rainha Vitória ficou preso na torre depois de virar um vampiro.

Acho que foi um dia legal. Comemos *fish-and-chips* e andamos nos ônibus de dois andares. No entanto, ir para Londres me mostrou o quanto me acostumei a estar sempre perto de Prodígios. Hex Hall era obviamente superisolado, assim como Thorne. Já fazia quase um ano que não ficava perto de humanos, e foi uma surpresa ver que me senti nervosa. Fiquei achando que alguém ia se ligar nas brochuras, ou ver as pedras de sangue de Vix e Jenna, ou perceber quem éramos de verdade. Foi uma situação

desconfortável. Será que os outros Prodígios se sentiam assim o tempo todo? Respirei aliviada quando o carro entrou na estrada de cascalho da abadia.

Nossa outra ida a Londres foi dois dias antes do meu aniversário. Tínhamos de levar Vix de volta ao aeroporto, mas Jenna, Nick, Daisy e eu marcamos hora na Lysander's, uma butique muito chique. O tal Lysander era um elfo, mas mantinha a loja sob feitiço para que as mulheres humanas de classe alta não percebessem. Naquele dia, no entanto, a loja estava fechada para nós.

— A fantasia está linda — falei para Lysander —, mas uma coroa? Sério?

Ele me olhou e bateu as asas. Fiquei na loja por apenas trinta minutos mas tive quase certeza de que foi o suficiente para fazer com que o cara me odiasse.

— Pelo que entendi, a ideia é ir vestida como a deusa da bruxaria. *Hecate* usa uma coroa.

— Não é exatamente uma coroa, Soph — disse Jenna, que estava sentada em um banco de cetim branco. — É tipo uma tiara.

Jenna estava com o queixo apoiado nas mãos e tinha uma nuvem negra em cima de sua cabeça. Vix já tinha ido embora, então minha amiga estava bem desanimada. Nick estava ao seu lado e Daisy no outro. Já haviam experimentado suas fantasias. Ficaram lindos, mas eu não fazia ideia do que era: Nick vestiria uma blusa branca bem larga e calças pretas; Daisy vestiria um tubinho simples de seda lilás.

— Lysander tem razão — acrescentou Lara. Ela estava sentada de pernas cruzadas. — A coroa é parte essencial da fantasia. E além disso está linda.

Eu me virei na pequena plataforma e olhei para o espelho de três faces. Tinha sido ideia de Lara que a festa de aniversário fosse traje "chique". Primeiro, achei que isso significasse traje completo, como no baile do Hex Hall. Mas parece que traje chique na Inglaterra significa festa à fantasia.

Também foi ideia de Lara que eu me fantasiasse de Hecate, em homenagem à escola. Achei meio ruim — me senti tipo uma mascote do

Hex Hall —, mas papai amou; como ele estava pagando por tudo, aceitei ir de Hecate mesmo.

Todavia, eu me olhei no espelho de novo e não gostei. Não que a fantasia não fosse linda. Lysander era o melhor costureiro quando o Prodígio precisava de fantasias, e com certeza se superou com aquele vestido. Era feito de tecido preto brilhoso que reluzia em detalhes prateados. Apesar de cobrir meu corpo todo, exceto pelos ombros, o vestido era inegavelmente sexy.

E ainda tinha a coroa.

Jenna podia dizer quantas vezes quisesse que aquilo era uma tiara, mas era uma faixa de platina com um diamante e uma lua crescente feita de safira no topo. Definitivamente, era uma coroa.

Tive de me controlar para não puxar a parte do vestido que fechava no pescoço.

— É lindo — falei pela terceira vez. — Mas é tão... elaborado.

Lysander fez um som de nojo e jogou as mãos para o alto.

— Mas é para ser elaborado! Você vai vestida de *deusa*!

Não tinha como responder, mas Nick me salvou. Ele se levantou e disse:

— E você está mesmo parecendo uma deusa, Sophie. — Ele me pegou pela mão e me tirou da plataforma. — Está vendo? — disse me girando. — Aceite seu lado deusa.

Nick podia até ser um cara estranho, mas fiquei tocada. Ele me puxou para ele como se fôssemos dançar e a gargalhada morreu na minha garganta. Por um instante, só consegui ver outra dança, outro vestido, outro menino de cabelo escuro me segurando. A dor que senti me pegou de surpresa. Sem nem pensar, coloquei a mão sobre o peito de Nick e o empurrei para trás.

Todos ficaram em silêncio. Lara tossiu discretamente.

— Nick, Daisy, vamos lá para fora? Vamos deixar que Sophie e Jenna se arrumem. Lysander, vamos discutir o pagamento?

Nick e Daisy me lançaram um olhar indecifrável e seguiram Lara e Lysander.

— Você está bem? — perguntou Jenna quando todos se foram.

Sacudi a cabeça.

— Estou. Só um pouco estressada com essa festa.

O que, tecnicamente, não era mentira. Era uma imbecilidade unir um bando de Prodígios importantes e mais quatro demônios em um só lugar. Porém papai explicou que era uma questão de honra entre os membros do Conselho que haviam restado.

— Não podemos deixar que o Olho ache que nos amedrontaram — disse papai dando um sorriso. — Além do mais, vai ser sua primeira festa de aniversário da qual vou participar.

Não tinha como resistir, mas estava muito preocupada.

Jenna se levantou e veio para meu lado. Decidiu ir de Mina Harker, personagem de *Drácula*. Ainda estava com a fantasia de Lysander, um vestido pseudovitoriano feito de laços pretos e seda rosa. Tinha até um chapéu com véu.

Não havia cabines para trocar de roupa no Lysander's, provavelmente porque fadas e elfos têm uma tendência a cultuar o corpo e ser exibicionista, então a "modéstia" é um conceito alheio a eles. Por sorte, Jenna e eu moramos juntas durante muito tempo, então não tinha problema.

— Mas ficou linda mesmo com este vestido — disse Jenna enquanto eu tentava soltar a coroa do cabelo.

— Por favor. Estou parecendo uma capa de um CD do Evanescence. *Você* está linda. — Jenna fez um cumprimento com o chapéu. Sorri. — Só espero que nenhuma foto de mim com essa roupa vá parar no Hex Hall. — Continuei olhando no espelho. Talvez se conseguisse ver onde a coroa estava presa... — Imagine isso! Vestida de Hecate? E usando isto? — Puxei com força. — Toda minha nova popularidade ia evaporar em um segundo.

Olhei para Jenna pelo espelho, mas ela estava de costas para mim. Estranho. Achei que minha piada provocaria pelo menos uma risadinha.

— Que droga pensar que vamos voltar em sei lá... quatro semanas? Vai ser difícil se adaptar... — Puxei com força, mas meu cabelo se recusava a soltar a coroa — ... depois de viver que nem princesa durante o verão todo.

Estava brincando, no entanto senti um vazio no estômago. Thorne com certeza tinha alguns problemas, mas pelo menos eu podia usar minha magia.

Jenna se virou para mim e me olhou através do espelho.

— Não vou voltar para o Hecate, Sophie.

Meus dedos congelaram e a tiara caiu perto da orelha.

— O quê? — Eu me virei e olhei para ela.

— Não vou voltar — disse com voz mais firme.

— Mas... você tem que voltar — falei meio sem jeito.

Pela primeira vez em muito tempo, o rosto de Jenna mostrou raiva.

— Não tenho, não. Não tenho que fazer nada que o Conselho manda. Eles não são...

— Seus chefes? — completei.

A frase era estranha, esnobe. Mas Jenna não podia ir embora do Hecate. Eu já estava com medo de voltar, como conseguiria sem ela?

— Não pertenço ao Hecate — disse Jenna tirando as luvas rosa. — Vix acha que é a hora certa para ficarmos com outros da nossa espécie, e eu também acho isso.

Um comentário muito maldoso veio até a ponta da língua, mas o engoli. Ia fazer dezessete anos dali a dois dias, não podia agir como um bebê magoado. Toquei a tiara e usei magia para que meu cabelo se soltasse.

— Mas no ano passado você disse que nem queria ser uma vampira. Que queria uma vida normal com aulas de álgebra e festa de formatura e tudo mais.

— O ano passado trouxe muitas mudanças para nós duas, Soph — disse ela com doçura.

— Trouxe.

Não sabia mais o que dizer. Trocamos de roupa de costas uma para a outra e não falamos nada até estarmos vestidas como sempre. As fantasias penduradas em cabides de seda.

— Não entendi por que você está tão chateada — disse Jenna pegando meu ombro e me virando para ficar de frente para ela. — Tenho que fazer

isso. Achei que fosse entender, principalmente depois do negócio da Remoção.

Dei um passo para trás; Jenna abaixou os braços.

— O que isso tem a ver?

— Cara, se você fosse para a Remoção, eu ia ficar sozinha no Hex Hall, e pelo visto você nunca pensou nisso.

— Sim, mas ia fazer isso para que não me tornasse uma *assassina* — respondi tentando não ficar com raiva (sem sucesso). — Não ia abandonar você no Hecate para ficar de gracinha com um garoto.

Seus olhos brilharam e acho que vi os caninos um pouco maiores.

— Ah, é mesmo? Então quer dizer que Archer não tem nada a ver com sua vontade de passar pela Remoção e *me* abandonar no Hecate?

Olhei para ela e senti a magia subindo.

— Como é que é?

Jenna coçou o nariz com as costas da mão. Sua voz ficou mais grossa.

— Como se você nunca tivesse pensado que se não fosse um demônio poderia ficar com ele.

Pensei, sim. Ou acho que pensei. Os motivos que me fizeram querer passar pela Remoção eram muito sinistros e complexos. Ele não foi o principal... E como é que Jenna... A ficha caiu.

— Então foi por isso que você ficou botando pilha com Cal, não foi? Achou que se eu ficasse com outro garoto não ia querer passar pela Remoção.

Ela não respondeu. Seu rosto e pescoço ficaram vermelhos, o que já era uma resposta.

— Vi Alice assassinar Elodie, Jenna. Achei que eu mesma fosse um monstro. Foi por isso que quis passar pela Remoção, e não para ficar com Archer. — Meus poderes estavam dançando a minha volta, ondulando dentro de mim. Um manequim perto de nós tremeu e tanto meu cabelo quanto o de Jenna estavam levemente arrepiados. — A Remoção podia ter me matado — continuei —, e eu teria que ser mesmo muito imbecil para arriscar minha vida por uma *paixãozinha*.

Jenna se encolheu como se eu tivesse dado um tapa em seu rosto; só aí me toquei do que tinha dito.

— Não, Jenna — falei dando um passo torto em sua direção. — Eu não quis...

— Não — retrucou se afastando. — Já entendi. Você é a Rainha Demônio do Mundo e eu sou a idiota que se deixou matar por um monstro.

— Não foi isso que falei.

— Nem precisou falar.

Impossível acreditar que estávamos rindo e fazendo piadas sobre minha fantasia há poucos minutos.

— Jenna — chamei, mas ela balançou a cabeça e foi embora.

CAPÍTULO 25



Meu aniversário de dezessete anos aconteceu no conservatório, aquele salão de vidro enorme cheio de plantas. As samambaias foram decoradas com pequenos laços roxos e luzes brancas. Um grupo de fadas se posicionou em um canto e ficou tocando um tipo de instrumento estranho, mas a música que produzia era aguda e vibrante, meio melancólica demais para uma festa de aniversário... Se bem que nem dava para escutar direito. Uma tempestade havia começado mais cedo; as gotas de chuva batiam com força no telhado de vidro. Eu estava sentada perto da janela, de onde fiquei assistindo a água escorrer pelo vidro como lágrimas.

Pensei no meu último aniversário. Apesar das esculturas de gelo, do chafariz de champanhe e do bolo gigante no formato da Abadia Thorne, ainda preferia jogar *Skee Ball* e um cara com fantasia de rato.

É claro que esse sentimento podia ter a ver com meu vestido pesar cinquenta quilos, minha coroa estar dando dor de cabeça e minha melhor amiga não estar falando comigo.

Procurei Jenna mas não a vi. Ficou distante desde o incidente na loja de fantasias. Talvez fosse mais fácil assim. Jenna estava determinada a se assumir como vampira, portanto seria menos doloroso se nos afastássemos logo. No entanto, pensar dessa forma não aliviava a dor no meu coração.

Havia uns cem Prodígios no salão, todos com fantasias chiques e reluzentes. Sorriam para mim e vinham me desejar feliz aniversário. Trouxeram presentes também: já havia uma pilha de embrulhos coloridos na mesa de mármore perto da entrada. Contudo, havia um sentimento pesado no ar, como se todos estivessem se esforçando para se divertir. As gargalhadas eram muito altas e os sorrisos muito forçados. Talvez estivessem com medo de que eu e papai os transformássemos em pó se não agissem como se estivessem na melhor festa do mundo.

Pensei em encostar a testa contra o vidro, mas não queria ver meu reflexo assim tão de perto. Lysander trouxe o vestido mais cedo naquele mesmo dia e insistiu em fazer minha maquiagem também. Consequentemente, parecia que uma bomba de glitter havia explodido na minha cara. Até meu ombro nu estava decorado com um pó azul brilhoso.

Havia muitos garçons andando pelo salão carregando bandejas com copos cheios de um líquido roxo. Não sei ao certo se eram empregados de Thorne ou se foram contratados especialmente para a festa. Estavam vestidos de forma simples, com camiseta branca e calça preta, e usavam, ainda, uma máscara prateada cobrindo metade do rosto. Um deles já viera falar comigo três vezes. Peguei um copo a cada uma delas, mas joguei o líquido na planta mais próxima assim que ele foi embora.

— Que tristeza é essa, aniversariante?

Eram Nick e Daisy, cada um segurando uma taça. Havia uma mancha roxa no colarinho de Nick. A julgar pelas bochechas avermelhadas e olhos reluzentes, eu diria que já tinham tomando alguns drinques.

— A festa é minha, fico de mau humor se quiser — respondi e me levantei.

— Esta festa está meio chata mesmo — disse Daisy arrumando a coroa de louros prateada.

— Abra alguns presentes, talvez isso anime você — disse Nick apontando para a mesa com embrulhos.

Algumas caixas se moviam. Uma delas dava voltas em cima das outras, e outra se movia como uma aranha cujas pernas eram feitas de laços brancos de cetim.

Engoli em seco.

— Hum... acho que não. Viram Jenna por aí?

Eles se entreolharam. Antes que pudessem responder, aquele mesmo garçom veio na minha direção de novo. Saco. Qual era a desse cara? Será que alguém o subornara para embriagar a filha do chefe do Conselho?

Dei os braços para Nick e Daisy e os afastei da janela — e do caminho do garçom.

— Por que vocês brigaram, hein? — perguntou Daisy.

Eu já ia começar a contar a história do Lysander's quando uma bruxa loura vestida de vermelho nos deteve.

— Oi — disse, ofegante. — Desculpe interrompê-la, mas queria desejar parabéns, Sophia.

— OK — respondi. — Obrigada.

Achei que fosse embora, mas ela ficou parada na minha frente, sorrindo para mim. Para nós três na verdade.

— É uma honra tão grande conhecer você — disse, entusiasmada. — Vocês todos. Ouvi dizer que... — Olhou em volta e depois olhou para nós de novo com as bochechas vermelhas. — Ouvi dizer que demônios conseguem fazer qualquer coisa aparecer do nada. É verdade?

Olhei para a menina. *Como assim?*

— É — respondi —, mas bruxas também conseguem. É só uma questão de...

Nick se curvou e, movendo as mãos, criou um buquê de rosas.

— É verdade mesmo — disse entregando as flores para a menina. — É claro que isso é apenas uma pequena parte do que um demônio é capaz de fazer.

A bruxa quase gritou de alegria.

— Que incrível!

O brilho nos olhos de Nick era perigoso.

— Ah, isso não é nada. — Ele se inclinou para a frente e sussurrou: — Se quisesse, poderia destruir o salão todo antes de você piscar esses seus lindos olhos castanhos. Ou poderia alterar o tempo para que...

— Valeu, muito legal, Nick — falei arrastando Nick e Daisy —, mas acho que vi meu pai, então temos que ir. Tchau! Obrigada por vir!

Quando nos afastamos, me virei para ele.

— O que foi aquilo?

Nick deu outro gole na bebida.

— Aquilo foi minha maneira de corresponder às expectativas. Querem que sejamos criaturas medonhas e poderosas que poderiam exterminar o Olho. Foi para isso que nos fizeram, não foi?

Passei as mãos nos olhos, o que só fez com que o glitter se espalhasse mais ainda pelos cílios.

Daisy tocou o braço de Nick. Sua coroa de louros estava bem inclinada para a direita.

— Querido, será que podemos não falar sobre matanças? Estamos em uma festa de aniversário.

Ela falou e soluçou ao mesmo tempo. Fiquei de saco cheio dos dois. Queria falar com Jenna. Ou com Cal. Com alguém normal — bem, normal para meus parâmetros — e, de preferência, sóbrio.

— Acho que vou dar uma olhada nos presentes, sabe — falei.

Dei uns quatro passos para a frente antes de o tal garçom vir atrás de mim de novo.

— Bebida, senhorita? — perguntou mostrando a bandeja.

— Escute aqui, cara — falei tropeçando em uma parte do vestido —, não sei se está tentando ser chato, mas...

Olhei para seu rosto mascarado e nossos olhos se encontraram.

— Você só pode estar brincando comigo.

CAPÍTULO 26



Mesmo sem poder ver, senti que Archer tinha levantado uma das sobrancelhas.

— Sua fantasia é de quê? — perguntou em voz baixa.

Respirei fundo várias vezes e tentei ficar o mais calma possível. Se alguém olhasse para nós, pelo menos acharia que eu estava falando com o garçom, e não com um agente do Olho.

— Hecate — respondi pegando uma bebida da bandeja. — O que está fazendo aqui?

Ele encolheu os ombros. Estava elegante mesmo com uniforme de garçom.

— Quem resiste a uma festinha? E também achei que pudesse ter a chance de ver você com aquele vestido azul de novo.

Apertei os dedos com tanta força em volta da taça que me surpreendeu não tê-la quebrado.

— Você é louco — falei tentando manter a voz calma. — Ou um idiota. Ou um louco idiota. Por que não fez um feitiço para mudar de rosto pelo menos?

— Ninguém aqui me conhece pessoalmente — respondeu arrumando as taças na bandeja —, então a máscara já basta. Se usasse um feitiço, ia

acabar atraindo atenção. É claro que nada disso seria necessário se você tivesse ido me encontrar há três semanas.

Não sei se foi efeito da luz na máscara, mas acho que vi, por alguns segundos, raiva de verdade nos olhos de Archer.

— Não pude — disse como se ele tivesse dito uma coisa engraçada. Meu coração estava quicando dentro do peito. Rir era a única coisa que podia fazer para controlar meus poderes. — Você tem que ir embora. Já.

Agora não tive dúvidas: ficou irritado mesmo.

— Você faz alguma ideia do que estou arriscando para estar aqui hoje? — sussurrou. — Não só para o seu pessoal, mas para o meu também?

Olhei em volta, mas ninguém estava prestando atenção em mim. Isso provavelmente mudaria quando eu começasse a gritar com o garçom. Dei uma olhada para Archer tentando indicar que devíamos sair, mas, com todo aquele glitter no rosto, não sei se funcionou.

Fui para um dos cantos do salão e me escondi atrás de um vaso imenso de plantas. A luz ali era baixa e esverdeada, e o cheiro era forte e úmido.

Archer abriu caminho por entre as plantas alguns segundos depois e se encostou na parede de vidro com os braços cruzados.

— Por que não foi me encontrar? — perguntou sem preâmbulos.

— Não sei, talvez não tenha ido porque você é um caçador de demônios e eu sou um demônio e ficar de bobeira com você é meio estranho? — Ficou calado. Suspirei e continuei falando. — Olhe, basicamente todas as pessoas da minha vida me falam para ficar longe de você, então é isso que vou fazer.

Era estranho falar com ele enquanto usava aquela máscara. Dava para ver seus olhos, mas não tinha como decifrar sua expressão.

— Acredite em mim — disse —, se a situação não fosse grave, eu nunca mais a veria. Felizmente.

Senti uma dor enorme, uma dor tão afiada quanto o punhal que Archer com certeza estava escondendo em algum lugar dentro da roupa. Torci para que não percebesse minha reação.

— Como assim, "situação grave"?

Ele balançou a cabeça.

— Não tenho tempo para explicar agora, mas é sobre seus amiguinhos demônios ali. Podemos nos encontrar amanhã à noite no moinho?

Pensei rápido. Se Archer realmente me contasse alguma coisa sobre Nick e Daisy, talvez eu e papai pudéssemos resolver o que estava acontecendo. Ou será que eu estava raciocinando assim só para que pudesse encontrar Archer sem me sentir culpada?

— Amanhã não dá. — Papai e eu não tivemos tempo de pesquisar sobre o grimório, graças à loucura do meu aniversário, mas reservamos toda a semana seguinte para isso. Eu devia ter dado fim à conversa e ter ido embora, porém falei outra coisa. — Mas papai vai fazer uma viagem de negócios em nove dias. Seria mais fácil sair.

Ele concordou.

— Tá. Nove dias, então. Às três da manhã.

— Tá. Mas se puxar aquele punhal de novo...

Para minha surpresa, ele riu.

— Você continua falando disso. Em primeiro lugar, não peguei o punhal para machucar você, foi para abrir o cadeado da janela. Em segundo lugar, estava preso em um porão com um demônio irritado. Quem de nós dois tinha mais motivos para ficar assustado?

Olhei para cima — o que não era fácil porque minhas pálpebras estavam cobertas com quilos de *glitter*. Archer passou por mim e foi embora. Quando o segui, não estava mais lá.

Caminhei até a mesa de presentes e procurei por ele, mas obviamente já tinha ido. Respirei fundo e tirei minha coroa. O que eu estava fazendo provavelmente era errado, mas papai queria saber de onde Nick e Daisy saíram. Se Archer — e o Olho — podia ajudar, por que não?

— Achei você.

Cal estava ao meu lado. Quase pulei de susto, até notar o que estava vestindo.

— Onde arrumou isso?

Estava usando o uniforme do Hex Hall. O blazer tinha ficado um pouco apertado em seus ombros largos, ainda mais quando os levantou.

— Era meu. A Sra. Casnoff o trouxe para mim. Hum... não gosto de fantasias, então achei que o uniforme era suficiente.

Achei que ninguém além de Archer conseguiria ficar bonito naquele uniforme, mas Cal provou o contrário. O azul intenso ficava lindo em contraste com sua pele bronzeada e cabelos dourados, e ele parecia até mais jovem. Sorriu para mim. Havia covinhas em suas bochechas — coisa que eu nunca havia notado antes.

— Você ficou bem de Hecate — falou.

Eu teria rido e feito um comentário sarcástico, mas alguma coisa em seus olhos me impediram.

— Obrigada.

De repente, uma coisa que ele disse chamou minha atenção.

— Peraí, a Sra. Casnoff trouxe o uniforme? Ela está aqui?

— Está — disse Cal apontando para a escultura de gelo ao lado da qual estava a Sra. Casnoff. Usava um vestido longo no mesmo tom intenso de azul do uniforme de Cal.

Ela nos viu e veio falar conosco.

— Sophie — disse com um tom ameno que eu nunca havia escutado. — Feliz aniversário. Que bom vê-la. — Até acreditei no que ela estava falando, o que era estranho. Mais estranho ainda foi o sorriso que me deu depois. — Estava conversando com seus convidados e eles me falaram sobre sua decisão de não passar pela Remoção. Estamos todos muito felizes.

Legal. Nada melhor do que minha decisão pessoal virar papinho de festa.

— Bem, deve ter sido sua primeira vez — brinquei. Ela não entendeu, portanto tive de explicar. — Sua primeira vez feliz por mim.

Fiquei totalmente bestificada, pois ela gargalhou. Tudo bem que foi uma gargalhada baixa e curta, mas mesmo assim. Antes que a Sra. Casnoff me surpreendesse ainda mais, papai veio até nós vestindo um manto preto e segurando uma bengala com uma joia vermelha em formato de romã na ponta. Novamente, não entendi o que a fantasia era. Ele e a Sra. Casnoff apenas se olharam, então acho que já haviam se cumprimentado antes.

— Está se divertindo? — perguntou papai. Sua expressão era tão esperançosa que forcei um sorriso.

— Estou, melhor festa de aniversário do mundo!

Acho que exagerei um pouco, mas papai ficou aliviado.

— Que bom. Sei que é uma festa um pouco grande demais, mas... bem, é a primeira vez que comemoro seu aniversário, então queria que fosse especial.

Senti culpa e mais outros sentimentos nada bons. Para disfarçar, olhei para a mesa de presentes. Aquele embrulho ainda estava flutuando acima dos outros em círculos lentos. Quando olhei para ele, veio até mim e parou com leveza sobre minhas mãos.

— Acho que este aí quer ser aberto — observou papai.

O papel de embrulho era roxo escuro e o laço prateado se curvava em ondas ao redor dos meus dedos como se fosse uma corrente de água. Era um presente lindo, mas a magia que emanava era muito forte. Deve ser do feitiço que o faz flutuar, pensei enquanto abria o laço.

Senti de novo o mesmo cheiro que eu já havia notado antes, aquele odor metálico que vem antes das tempestades de raios. De repente, uma forte luz vermelha e um som de explosão sônica me surpreenderam. Ouvi papai e Cal berrando e, quando me dei conta, já estava deitada de costas e sentindo uma dor cortante no ombro.

Parecia que meus ouvidos estavam tapados com algodão, mas tive a impressão de que as pessoas estavam gritando. Vi alguns pés correndo ao meu lado. Lembrei-me da festa de formatura: eu sentada naquele lago de ponche vendo o caos ao redor. Aí meu ombro parou de doer e começou a arder tão forte que gemi de dor. Havia várias pessoas perto de mim. Vi uma figura alta usando máscara empurrando a multidão para chegar à frente. Sua boca estava tensa e acho que vi medo naqueles olhos castanhos tão familiares. Quase abri a boca e mandei Archer ir embora, mas percebi que seria uma burrice fazer isso. Aí as pessoas se moveram e ele desapareceu.

O rosto de Cal veio até mim. Não dava para escutá-lo porque meus ouvidos zuniam. Acho que me mandou ficar quieta, o que não era difícil.

Ele segurou minha mão e, embora a dor não fosse embora, uma onda de calma se espalhou por mim. Por isso, quase não tive reação quando virei a cabeça para o lado e vi Cal tirar um caco de uns quinze centímetros de vidro do demônio de meu ombro. Assim que foi retirado, a sensação de ardência acabou, mas eu sabia que ia ficar com outra cicatriz.

— Que merda de presente — murmurei.

Papai me abraçou e me ajudou a sentar. A manga do manto acabou deslizando e vi que tinha vários pedaços de vidro do demônio no braço.

— Estou ótimo — disse antes que eu pudesse perguntar —, Cal cuida disso depois. Você está bem?

Meu ombro ainda estava queimando, mas não sentia mais dor. Apesar do choque da explosão e do corte, estava bem.

— Acho que sim. O que foi isso, tipo uma bomba mágica?

O presente estava estraçalhado no chão. O laço se batia e se enroscava como se fosse uma cobra. Cal pisou na fita e ela parou de se mover.

— Acho que sim — disse com tristeza.

— Ainda bem que não arrumaram mais vidro do demônio — disse Lara. Olhei para cima e fiquei surpresa em vê-la. Usava um vestido do século XVIII, com saia volumosa e decote quadrado. Seu cabelo estava escondido embaixo de uma peruca branca e comprida. — Acho que esse foi o maior pedaço — continuou, dando um chute no caco que havia perfurado meu ombro. Roderick estava atrás dela com as asas batendo devagar. — Façam uma busca. Se Cross ainda estiver aqui, vamos encontrá-lo.

Meu cérebro ainda rodava e minha voz estava fraca.

— Cross?

A Sra. Casnoff me respondeu.

— É claro que o Olho está por trás disso. Quem mais faria uma coisa dessas?

— E visto que só tem um agente do Olho que pode fazer magia — disse Lara com voz quase idêntica à de sua irmã —, fica tudo muito claro. Archer Cross acaba de tentar matá-la de novo.

CAPÍTULO 27



Os nove dias seguintes se arrastaram. A Sra. Casnoff voltou para o Hecate, o que foi um alívio. Tê-la em Thorne representava dois mundos diferentes coexistindo. Passei a maior parte do tempo no quarto, me recuperando do ferimento. Ficar olhando para o teto me deu bastante tempo para pensar, principalmente em Archer. Vi a expressão de seu rosto logo depois da explosão. Estava com medo. Até mesmo chocado, e não de um jeito "Opa, acho que o assassinato não deu certo". Não sabia que aquilo ia acontecer, portanto não podia ter colocado o presente ali. O que significava que outra pessoa estava tentando me matar, uma ideia que me fez não querer sair do quarto nunca mais. Mesmo assim, decidi manter nosso encontro. Tinha a impressão de que aquilo tudo estava conectado de alguma maneira. Nick e Daisy, a tentativa de assassinato, o Olho ter ficado mais sinistro de repente. Quanto mais rápido desvendasse tudo, melhor.

Teve uma coisa boa depois que quase virei pó: Jenna voltou a falar comigo. Veio até meu quarto na manhã seguinte da festa para ver como eu estava. Ficou meio sem jeito em pé perto da porta.

— Como está se sentindo?

Eu me encostei nos travesseiros e tentei levantar os ombros. Isso fez com que um raio de dor atingisse a parte de cima do meu corpo. Meu rosto se contorceu.

— Tranquilo, é como se eu tivesse sido esfaqueada por um vidro infernal. Mas está ficando melhor.

Jenna deu alguns passos para dentro do quarto. Sua expressão era séria.

— Você podia ter morrido.

— Sim, mas não morri.

Mais alguns passos e estava sentada na beira da cama.

— Soph — começou a falar, mas a interrompi.

— Olhe, Jenna, podemos pular essa parte em que pedimos desculpas e ir direto para o abraço?

Ela deu uma risada e, pela primeira vez, vi que estava quase chorando.

— Tá, vamos fazer assim então — disse fungando e veio me abraçar.

Ficamos lá sentadas, nos abraçando, até que perguntei:

— Você não vai voltar, vai?

Ela fez que não.

— Não posso. — Quando saiu do abraço, estava chorando muito e até a mecha rosa no cabelo parecia mais escura. — Tenho que fazer isso, Sophie.

Não dava para falar muito com aquele nó na garganta, então apenas assenti com a cabeça.

— Mas isso não quer dizer que não vou mais te ver — disse apertando minha mão. — Você pode até vir nos visitar no ninho durante o Natal.

— *Ninho?* — perguntei levantando as sobrancelhas.

Jenna ficou com vergonha.

— É como chamamos o lugar onde um bando de vampiros vivem juntos.

Tentei pensar em algum comentário espertinho, talvez alguma coisa sobre hippies e comunas, mas estava muito triste para ser engraçada.

A ideia de voltar sozinha para o Hecate, somada ao nervoso de encontrar Archer, tornou muito difícil trabalhar com papai. Só me senti disposta a estudar o grimório um dia antes de sua viagem. Acho que ninguém percebeu que tinha sido roubado. Quando fui dar uma olhada no livro

enfeitiçado que papai deixara em seu lugar na estante, entendi o porquê. Até eu achei que fosse o mesmo, e a magia que o feitiço emanava era tão fraca que só dava para sentir se você soubesse que tinha sido feito.

Estudávamos no mesmo salão no qual eu treinava o controle de meus poderes. A força que aquelas páginas produziam ainda fazia meu coração disparar e minha cabeça doer. Mesmo assim, eu me sentava ao lado de papai com o livro aberto na nossa frente e escutava todas as explicações sobre cada feitiço. Papai tinha razão: a magia que aquelas páginas continham eram as mais negras que eu já havia escutado. Havia feitiços de assassinato e rituais para escravizar a alma de outra pessoa. Papai falou sobre todos com voz lenta e calma, não importava quão bizarro fosse o encantamento. Só teve um feitiço sobre o qual ele não quis falar, o que foi estranho. Os símbolos desse feitiço só tomavam metade da página e pareciam ser bem simples. Papai virou a página e respirou fundo.

— O que foi? — perguntei e fiquei inquieta. — Não pode ser pior do que a magia com os bebês.

— Não é isso — disse papai e endireitou os óculos. — É que eu não sabia que esse feitiço existia de verdade.

— O que faz?

Papai hesitou e empurrou o livro na minha direção.

— Coloque a mão sobre o feitiço.

Fiquei surpresa mas fiz o que ele mandou. Não sei por que, mas coloquei a palma toda da mão sobre a página, cobrindo quase toda a escrita. Assim que o fiz, senti uma pressão no peito como se alguém tivesse me dado um soco nas costelas.

— Ai — reclamei afastando a mão. — Posso saber o que acabei de fazer?

Papai pegou o livro de volta.

— Não. E espero que nunca precise saber.

E foi isso. Papai fechou o grimório.

— Acho que está na hora de colocar este livro de volta no lugar — disse. — Não há mais nada que possa ensinar, e agora entendo por que o

Conselho o mantém trancado. — Olhou para o livro com nojo. — Por mim, seria destruído.

— Então, destrua-o.

Depois das coisas que lemos naquele livro, nada me faria mais feliz do que vê-lo pegando fogo. A possibilidade de ir parar em mãos erradas era realmente horripilante.

No entanto, papai não concordou.

— Alexei Casnoff queria que fosse mantido intacto como um lembrete.

— É claro que sim.

Gemi de dor ao me levantar. Papai veio logo me ajudar.

— Como você está?

— Mesmo que não pareça, estou melhor. E seu braço?

Ele o esfregou distraído.

— Dói um pouco, mas podia ter sido pior.

Colocou o grimório dentro da jaqueta e começamos a caminhar para o andar de baixo. Dava para perceber que tinha alguma coisa na mente dele, mas eu não sabia se era o grimório ou o incidente na festa de aniversário.

Estávamos já no hall quando ele disse:

— Sophie, vou ter que contar o que aconteceu a sua mãe.

Quase gemi. Sabia que isso ia acontecer, mas achei que fosse esperar até voltar de viagem. Era muita coisa acontecendo e eu não queria deixar mamãe preocupada.

— Pai, ela vai ficar desesperada. E provavelmente vai vir aqui me buscar e aí vocês vão ficar berrando e vou ter de me revoltar e usar lápis preto no olho e me drogar. Quer mesmo ter de lidar com isso agora?

Papai sorriu e passou a mão nos meus cabelos. O gesto era tão paternal e simples que eu nem soube como reagir.

— Talvez seja melhor esperar até minha volta — disse ele. — Ainda não estou pronto para devolvê-la.

Sua voz estava repleta de carinho. Será que uma pessoa conseguia se engasgar de tanta culpa? Porque foi isso mesmo que veio até minha garganta em um bolo amargo e quente como café sem açúcar.

Olhei para o outro lado tentando disfarçar.

— Aonde você vai, afinal?

— Para o Norte, perto de Yorkshire. Houve outro ataque.

Ele nem precisava dizer quem era o responsável.

— Enquanto estiver lá — acrescentou papai —, vou me encontrar com um bruxo em Lincolnshire. Parece que ele andou pesquisando tudo sobre demônios. Espero que me ajude a detectar as origens de Nick e Daisy. Se tivermos sorte, vamos começar a resolver essa situação assim que eu voltar.

Talvez eu mesma tivesse informações sobre Nick e Daisy quando ele voltasse. Não sei como ia contar sobre minhas descobertas, mas não era o momento de pensar naquilo; meu estômago já estava revirando de nervoso. Resolvi perguntar sobre outra coisa que me incomodava.

— Papai, lembra quando fui esfaqueada no começo da semana?

— Tenho uma vaga lembrança, sim.

— Vale a pena? Ser chefe do Conselho? Tipo, se as pessoas estão te perseguindo, por que não passar o cargo adiante logo? Você podia tirar férias. Ter uma vida. Namorar.

Achei que papai fosse deixar seu Mr. Darcy aflorar, mas apenas pareceu estar arrependido.

— Um, fiz um juramento solene de usar meus poderes para ajudar o Conselho. Dois, as coisas estão turbulentas neste momento, mas não é sempre assim. E tenho fé que você vai ser uma excelente chefe um dia, Sophie.

Lógico, exceto pela parte de estar dormindo com o inimigo, pensei. Quer dizer, não que eu estivesse dormindo com... Foi só uma metáfora. Só dormiria com ele metaforicamente.

Meu rosto deve ter refletido os pensamentos estranhos na minha cabeça, pois papai franziu o rosto e continuou falando.

— Quanto a namorar, não faz sentido.

— Por quê?

— Porque ainda sou apaixonado pela sua mãe.

Nossa. Não era a resposta que eu estava esperando.

Antes mesmo de conseguir processar a informação, papai foi logo se explicando.

— Por favor, não fique com esperanças. Não há maneira de eu e sua mãe nos unirmos de novo.

Ergui uma das mãos.

— Papai, relaxe. Não tenho mais doze anos de idade e não estamos em um *reality show*. Mas... é bom saber disso. Sempre achei que você e mamãe se odiavam. Achei que era por isso que eu e mamãe nos mudávamos o tempo todo... porque queria que você nunca nos encontrasse.

Papai olhou para o outro lado.

— Sua mãe teve os motivos dela — disse. Deu um suspiro e continuou olhando para o outro lado. — Toda a magia do mundo não dá conta das questões do coração — murmurou e foi caminhando para o escritório.

— E eu não sei disso? — respondi.

Dois dias depois, ele foi para Yorkshire. Estava chegando a hora de "passear" com Archer. Pensar que era apenas um passeio era melhor do que pensar em um "encontro" ou, Deus me livre, uma "tarefa". Fiquei o dia todo no quarto com medo de que Jenna ou Cal percebessem alguma coisa. Estava tão nervosa que a toda hora saíam faíscas de magia de mim.

Nem tentei dormir. O horário marcado parecia nunca chegar. Finalmente, às 2h30, coloquei uma camiseta preta e uma calça cargo. Achei que seria a roupa certa para me encontrar com um ex-caso que virara inimigo mortal.

Enquanto andava pelo caminho de pedras até o moinho, tentei me convencer de que, apesar do vazio no estômago, não tinha nada para me sentir culpada. Estava fazendo aquilo por um bom motivo. Não, talvez papai não entendesse. E Jenna certamente não entenderia, mas... não. Sinceramente, não ia deixar que Jenna me fizesse sentir culpada.

Quando cheguei no moinho, Archer estava esperando por mim na mesma posição: perto da porta que levava ao *Itineris*. Estava de costas para a entrada do moinho e usava uma camiseta de gola em V verde-escura e jeans velho. Estranho. Achei que fosse estar todo de preto, o uniforme do Olho, mas parecia um adolescente como outro qualquer.

Exceto pela espada gigante que segurava.

— Precisa disso mesmo? — perguntei quando entrei. Notei que o punhal estava preso no cinto.

Ele olhou para trás e acho que ficou aliviado em me ver. Olhou para o *Itineris* de novo. Abaixou-se e pegou uma coisa na sacola preta a seus pés.

— Melhor estar prevenido — disse.

— Me parece um pouco demais quando você tem esse punhal e eu tenho magia superpoderosa a meu dispor.

— Superpoderosa? — Ele se levantou. Estava segurando uma corrente dourada. — Duas palavras para você, Mercer: *Cachorro. Mau.*

Revirei os olhos.

— Isso tem quase um ano. Estou bem melhor agora.

— Ah, tá, mas prefiro não arriscar — disse. Notei que tinha um tipo de coldre em suas costas. Colocou a espada nele, deixando o punho aparecendo acima do ombro. — Além do mais — acrescentou —, achei que não fosse vir. Depois do que aconteceu naquela noite... — Parou de falar e olhou para mim. — Você está bem?

— Vou ficar quando pararem de me perguntar isso.

— Você sabe que não tive nada a ver com aquilo, não é?

— Sei — respondi. — E se tiver, vaporizo você agora mesmo.

O canto de sua boca se moveu.

— Bom saber.

Veio até mim e parou bem perto.

— O que está fazendo? — perguntei torcendo para não soar tão ofegante quanto estava.

Ele levantou as mãos e, com uma gentileza surpreendente, colocou a corrente em torno dos nossos pescoços. Olhei para ela e vi que os elos eram figuras de mãos dadas. Eu já tinha visto aquilo antes.

— Este é o colar que um dos anjos da janela do Hex Hall está usando.

— Isso mesmo. — Ele tomou minhas mãos e explicou: — Também faz um feitiço de proteção do qual vamos precisar.

Engoli em seco. Nossos dedos se entrelaçaram e fomos para mais perto do *Itineris*.

— Por quê?

— Porque vamos para um lugar muito distante.

Apertei os dedos dele involuntariamente. Na última vez que usei o *Itineris*, fomos para bem perto e minha cabeça parecia que ia explodir.

— Aonde vamos? — perguntei.

— Para a ilha Graymalkin — respondeu e me puxou para dentro da alcova.

CAPÍTULO 28



A corrente de Archer pode ter amenizado a dor de cabeça lancinante e a falta de ar, mas não fez com que a aterrissagem fosse elegante. Fomos jogados contra um emaranhado de árvores no meio da escuridão. Tropecei em uma raiz enorme e arranhei o cotovelo em um galho quando caí.

Infelizmente, considerando que a corrente estava presa no meu pescoço e no dele, Archer também caiu. Em cima de mim.

Em outra vida, isso poderia ter sido agradável. E sim, ele ainda tinha um cheiro gostoso. Peguei seus ombros para afastá-lo e me lembrei que era bem mais forte do que sua figura esbelta sugeria.

Mas nada disso importava. Esse tipo de coisa não me interessava mais.

O chão sobre o qual caí era cheio de musgo. Ia demorar uma eternidade para tirar todas as folhas e pedaços de árvores do cabelo.

— Sai de cima de mim! — falei.

Minha boca estava quase encostando na clavícula dele. Eu o empurrei. Ele rolou para o lado e a espada fez um estalo quando bateu contra uma pedra ou raiz. Graças à corrente, fui puxada para cima dele.

— E achei que você estivesse de charme — sussurrou.

A luz do luar brilhou em seus olhos; ele estava ofegante. Minha explicação era que estava cansado por causa da queda.

Afastei meu corpo colocando a mão em seu peito e movi a cabeça para me livrar da corrente. Assim que me libertei, fui para longe dele.

— Deixe-me adivinhar — falei olhando para a corrente. — Outro objeto que roubou do Hex Hall.

Ele se levantou.

— Acertou.

— Onde eu estava enquanto você brincava de O Grande Roubo no porão?

— Só peguei algumas coisas, e a maioria delas foi nas últimas semanas, quando você não estava falando comigo.

Eu me lembrei daquelas semanas, foram logo depois do baile. Graças ao que acontecera durante a festa, Archer e eu ficamos bastante tempo nos evitando. Por isso conseguiu roubar vários itens mágicos.

— Foi por isso que me defendeu na aula da Vandy? Queria o castigo no porão para procurar essas coisas?

Archer estava limpando a camiseta. Balançou a cabeça.

— Acredite se quiser, Mercer, não sou tão calculista. Encarei a Vandy porque quis. Pegar os artigos acabou sendo um bônus. — Ele se virou de costas e saiu andando. — Agora vamos. Temos muito que andar.

— Por que não conta logo o que está acontecendo? — perguntei enquanto saíamos do bosque.

— Porque não sei se você acreditaria. Melhor mostrar.

Nunca tinha visto aquela parte da Graymalkin. Fiquei impressionada, pois era muito diferente da parte da ilha na qual o Hecate estava. Não havia a mesma grama grossa e verde-esmeralda, nem as árvores majestosas. Só havia pinheiros retorcidos e arbustos estranhos. O solo era feito de uma mistura de areia úmida e pedras. Pelo cheiro, devíamos estar perto do mar, o que se confirmou quando subimos uma colina. A água de repente se espalhava à nossa frente e batia com calma na margem. A Lua estava quase cheia e refletia uma faixa prateada na superfície escura.

— Onde estamos? Digo, em relação à escola.

— Estamos no outro lado da ilha — respondeu Archer.

— É tão diferente.

Archer olhou para trás rapidamente.

— É porque tem um feitiço ao redor da escola. Jessica Prentiss o fez quando construiu a casa. Devia estar com saudade de sua terra natal, porque fez com que ficasse igual à sua casa na Louisiana, a paisagem toda é bem parecida. — Ele fez uma pausa. — Sério, Mercer, não prestou atenção em nenhuma aula?

— Foi mal, estava um pouco distraída com todas as pessoas que estavam morrendo.

Ele ficou parado.

— Para ser sincero — disse com voz calma apesar da tensão em seus ombros —, apenas uma pessoa morreu. Elodie.

Ambos ficamos parados a uma certa distância no topo da colina perto do mar.

— Então você ficou sabendo.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Fiquei. Nós, hum, recebemos um relatório há alguns meses. — Passou a mão pelo pescoço e se virou de frente para o mar. — Eu não... Aquilo não era de verdade. Eu e ela. Pelo menos não de minha parte. Em vários momentos, achei que fosse enlouquecer se escutasse mais um segundo sobre seus feitiços de beleza. Mesmo assim, quando li o relatório... — Abaixou a cabeça e tentou rir, mas o som era muito triste. — Foi como levar um soco no estômago, sabe?

Mesmo que ainda estivesse de costas para mim, assenti com a cabeça.

— Sei.

— É difícil de acreditar que alguém como ela tenha morrido.

Eu me lembrei do olhar fantasmagórico de Elodie para mim, o aceno de cabeça. Pensei em contar para ele que talvez ela não tivesse ido embora por completo.

Aí ele sacudiu o cabelo e andou em direção à praia. Eu o segui e fiquei nervosa com a areia entrando no sapato.

— Então por que você estava com ela?

— Era minha tarefa.

— Do Olho?

— Não, dos escoteiros. Aquela insígnia que dão quando você namora uma bruxa era meu sonho.

— Bem, você deve ter umas três insígnias por ser um imbecil, então essa daí devia valer muito mesmo. E Holly? Você fingiu também?

Eu estava respirando rápido com o esforço de alcançá-lo. É um saco ser baixa.

Ele estava com as mãos nos bolsos e olhava para o chão como se estivesse caminhando contra o vento.

— Cara, queria ter falado sobre tudo isso com você há semanas. Pena ter me dado um bolo.

Eu o tinha alcançado e segurei no cotovelo dele. Tentei ignorar o frio na barriga por causa desse pequeno toque inocente.

— Como consegue ir de ser humano decente para um idiota completo em zero ponto dois segundos? Ensinam isso na sede do Olho?

Ele parou de andar e olhou para meus lábios.

— Na verdade, estou tentando irritar você o suficiente para que me dê outro beijo.

CAPÍTULO 29



Meu coração, que já estava disparado, deu um pulo dentro do peito. Imediatamente larguei seu braço e me afastei.

— Não quero falar sobre isso — respondi e segui depressa para a praia.

Não sabia aonde estava indo nem por quê, mas andar para dentro do mar não era má ideia. Eu havia me torturado durante meses me perguntando se o beijo de Archer havia sido parte da mentira. Se bem que ele tinha razão, fora eu quem o beijara, e não o contrário. Eu o beijara e ele simplesmente... correspondera. Meu Deus, como sou idiota.

Archer me alcançou, mas continuei olhando para a frente.

— Mercer...

— Cara, esquece — falei. — Mostre logo o que quer mostrar.

— Tudo bem — respondeu sem insistir.

Fomos até a praia em silêncio total. Sob a luz do luar, nossas sombras esticadas quase se tocavam.

Finalmente, chegamos a uma pequena enseada. Archer foi para a direita, subiu uma colina e seguiu para a mata de novo. As árvores eram tão grossas que mal dava para enxergar em volta.

Tínhamos acabado de entrar na floresta quando Archer voltou a falar.

— Só achei que devíamos conversar sobre isso. Não é aonde queria chegar?

Eu me virei para ele, mas só vi uma silhueta. Talvez fosse a escuridão ou o fato de não conseguir ver seu rosto, mas de repente os seis meses de raiva, confusão e tristeza transbordaram.

— Não, Cross, não era. Tá, nos beijamos por, sei lá, três minutos. Eu o conhecia há *meses* antes disso acontecer. Nós... éramos amigos. Perguntei aquele monte de coisas sobre demônios e você sabia que eu era um. Não acha que isso pode ter me chateado um pouquinho?

Ele não respondeu. Mas também não lhe dei muita chance.

— Aquele tempo todo ficamos juntos no porão e contei coisas, coisas *de verdade*, sobre mim e você estava fazendo o quê? Mentindo? Investigando? Colhendo informações para os superiores? Tem alguma parte do Archer que conheci que realmente exista?

Eu estava respirando forte. Olhei para a figura escura e tentei ler seus movimentos. Estava parado. Depois de certo tempo, respirou fundo e respondeu.

— OK. Vivo com o Olho desde que me conheço por gente. Desde uns dois, três anos de idade.

— E seus pais?

Ele passou por mim e continuou andando.

— Foram assassinados, mas não sabem quem fez isso. A morte deles chamou a atenção do Olho. Ficaram sabendo que um bruxo e uma bruxa haviam morrido e foram investigar. Acharam os corpos e continuaram fazendo uma busca na casa até que me encontraram. Acho que não se sentiram bem em matar um bebê, então a equipe me levou para La Reina. É assim que chamam a líder do L'Occhio di Dio. Bem, pelo menos quando é uma mulher. Ela viu o potencial em criar um bruxo como parte do Olho.

Um galho bateu na minha bochecha; tive de me desviar.

— Onde isso tudo aconteceu?

Praticamente ouvi seus ombros se movendo para cima.

— Não sei. Nunca me falaram.

— Então você não sabe de onde é?

— Nem sei qual é o meu nome de verdade, Mercer. La Reina me chamava de Archer por causa de um agente do Olho que havia acabado de

morrer em batalha. Enfim, ela me deixou viver e me entregou para um bruxo que havia recrutado, Simon Cross. Foi ele quem decidiu que tinha que me infiltrar no Hecate e... O que você está fazendo?

Parei de andar assim que disse "um bruxo que havia recrutado".

— Tem outros Prodígios trabalhando para o Olho?

Ele ficou paralisado.

— Por quê? Vai contar para o papai?

Franzi o rosto, mesmo sabendo que ele não conseguia me enxergar.

— Não, o cone do silêncio com certeza caiu sobre esta noite. Eu só... Eles acham que você é o único. Por isso estão tão frenéticos para matar você.

Isso também significava que, mesmo que Archer não tivesse colocado a bomba no meu presente de aniversário, outro agente do Olho podia ter feito isso. Que legal: mais problemas.

— Não são muitos, mas existem. Quem você acha que nos contou sobre sua ida ao Shelley's naquela noite?

Bem, isso com certeza deixava tudo mais interessante. E aterrorizante.

— Continue — falei.

Ele prosseguiu andando e segurou um galho para que eu passasse por baixo.

— Simon me treinou como um bruxo e como um agente do Olho. Eu passava o verão em Roma com o L'Occhio di Dio aprendendo a lutar com espadas, manobras, golpes, esse tipo de coisa.

— Por isso sempre me derrubava nas aulas de Defesa — murmurei.

— O Olho sempre procurou uma maneira de entrar no Hex Hall, mas o processo de seleção para professores era muito intenso e não tinham um agente novo o suficiente para entrar como aluno. Até que apareci. Quando completei catorze anos, fiz com que o ginásio da escola ficasse invisível. Pronto, fui direto para o Hecate.

— O que queriam que você fizesse?

— Nada de horrível como você deve estar imaginando. Queriam que eu escutasse. Era só observar e contar o que via. — Ele parou e se virou para

mim. Embora não visse seu rosto, dava para sentir que estava me olhando.
— Que estranho — disse —, nunca falei nada disso em voz alta antes.

— É porque estou usando um feitiço de compulsão em você.

— Sério?

— Claro que não, idiota. Continue. E Holly e Elodie? — E eu, pensei. Mesmo que não tivesse falado nada, dava para sentir as palavras soltas ao nosso redor.

— O noivado com Holly foi honesto. Simon e o pai dela arrumaram tudo. — Deu dois passos para trás. Ouvi um som metálico quando se encostou em uma árvore. — Era parte do meu disfarce, mas gostava dela. Era muito doce. Quieta. Não que fôssemos apaixonados nem nada, e eu obviamente não tinha vontade nenhuma de me casar com ela, mas... sei lá. Ficar com ela não era ruim. Elodie era outra história, principalmente depois do que fez com Holly.

— Então, quando você saiu do Hex Hall depois da morte de Holly, não foi porque estava lamentando a morte da noiva. Foi contar tudo para o Olho.

— Isso. Contei que achava que Elodie e seu coven tinham evocado um demônio, então decidi ficar mais próximo dela para ver o que estava rolando de verdade.

— E aí decidiu ficar *bem* próximo dela.

Deu uma risada de leve.

— Não dá para ver seu rosto, mas acho que fica uma gracinha quando sente ciúmes, Mercer.

Cruzei os braços.

— O que está ouvindo não é ciúme e sim nojo. Você namorou uma menina da qual nem gostava para extrair informações.

Parou de rir e falou com preocupação.

— Acredite, muitos dos meus irmãos fizeram bem pior.

Tinha muito mais que eu queria perguntar, mas não dava para ficar a noite toda naquela enrolação. Hora de ir direto ao ponto.

— Então o Olho também mandou você dar uma de Mata Hari para cima de mim?

Ele ficou em silêncio um bom tempo antes de responder.

— Me mandaram prestar atenção em você, sim. Acharam estranho que Atherton tivesse mandado a própria filha para o Hecate, então achamos melhor ficar de olho. Sem trocadilhos.

Ficava falando desse jeito, dizendo "nós" e "eles" intercaladamente quando falava sobre o Olho. Não tinha como culpá-lo por ser tão ambíguo. Devia ser bizarro viver duas vidas por tanto tempo.

Ele se afastou da árvore.

— Então sim, você era parte da minha tarefa. Não me leve a mal, Mercer, gosto de você. É inteligente, sarcástica, e, fora o incidente do cachorro mau, manda muito bem em magia. E não é desagradável de se olhar.

— Vou chorar de emoção.

— Mas para responder a sua pergunta, nenhuma parte do Archer Cross da Hecate existe. Aquele dia no porão, eu a beijei porque era parte da minha meta de me aproximar de você. Se queria um beijo, então era isso que ia ter. Eu a beijei porque tinha que beijar. Não foi exatamente minha missão mais difícil, mas foi uma missão mesmo assim.

Fiquei em pé absorvendo as palavras como se fossem socos. Meu coração doeu muito. Porém não foi o que disse que me fez sentir como se estivessem chutando meu peito: foi a certeza de que estava mentindo. O discurso todo foi dito de forma muito rápida e muito exata, como se tivesse ensaiado o que dizer. Da mesma maneira que eu havia ensaiado o que dizer se o encontrasse de novo.

Não dava para lidar com essa situação naquele momento.

— Tudo bem. Quanta honestidade. Agora que já passamos da parte das confissões, por que não mostra logo o que viemos fazer aqui?

Ficou parado de novo antes de voltar a caminhar. Eu o segui. As folhas faziam barulho a cada pisada.

— Como eu disse, o Hecate Hall sempre irritou o Olho.

— Por quê? Alergia ao uniforme xadrez?

Achei que fosse rir, mas não.

— Pense, Mercer. Um lugar onde o Prodígio reúne seus membros mais poderosos? Não me diga que não é suspeito.

Nunca havia pensado nisso. Sempre nos vi como um bando de desajustados, mas Archer tinha razão. Todos fomos enviados ao Hecate porque nossos feitiços eram poderosos e perigosos. Eu me lembrei de Cal dizendo que "crio demais". Não foi isso que todos em Hecate fizeram?

Mesmo assim, a ideia de o lugar que chamei de lar por quase um ano ser, na verdade, uma fazenda do mal para Prodígios poderosos era no mínimo ruim.

— Hecate não é assim — disse sem convicção, mais para mim do que para ele.

— Não é? Faça um feitiço de iluminação.

Ergui uma das mãos e uma esfera de luz azulada apareceu em segundos. A área onde estávamos foi iluminada. Quase engasguei. Parecia que um meteoro havia atingido aquela parte da ilha. Estávamos na borda de uma cratera de dois metros de profundidade e nove de diâmetro. Ao redor, árvores caídas ocupavam o chão como palitos de fósforo. As árvores ainda de pé estavam contorcidas e pretas.

Mas não era só isso. Uma magia negra, mais negra do que tudo, tomava toda a área. Era como se aquele lugar estivesse imerso em feitiços do mal. Vinha do chão onde eu pisava e quase dava para sentir seu gosto no ar.

Havia uma pedra larga e chata no meio da cratera e alguma coisa estava talhada nela. Movi os dedos e a esfera ficou maior e mais clara até que pudesse ver os escritos.

Só tinha visto aqueles símbolos em um outro lugar: no grimório.

— Agora entende por que queria lhe mostrar isso? — disse Archer com calma. — Estão criando demônios bem aqui. No Hecate.

CAPÍTULO 30



— Isso é muito ruim — foi tudo o que consegui dizer.

— Não diga...

— Mas muito ruim mesmo. Tipo, em um nível de ruindade que nunca vi antes.

Archer se abaixou perto do topo do buraco. A luz azulada brilhou em seus olhos.

— Tem mais.

— Como assim, essa cratera come gatinhos também? O que mais pode ter?

Olhei para a pedra e tive de piscar por causa do poder que emanava.

— Desde que saí do Hex Hall, dei uma pesquisada na história da escola. Nos últimos dezoito anos, seis alunos desapareceram de lá.

Parei de olhar para o buraco e olhei para Archer. Meus joelhos estavam fracos e meu estômago doía de tanto medo, mas tentei racionalizar.

— Não são tantos. Você já frequentou uma escola de humanos, Cross? Às vezes perdem seis alunos em, sei lá, uma semana.

— Sophie, dois desses alunos foram Anna e Chaston.

Vi que falava sério porque quase nunca usava meu primeiro nome. Acabei deixando que meus joelhos fizessem o que queriam e me ajoelhei no chão.

— Depois dos ataques, ambas sumiram — disse Archer.

— Não — respondi pensando em Daisy naquela noite no Shelley's, na maneira como ficou insistindo que o Olho não podia estar naquele lugar. — Não, os pais delas foram buscá-las.

Archer se aproximou de mim.

— Você os viu? — perguntou com calma. — Alguém os viu?

Pensei. A Sra. Casnoff disse que os pais vieram buscá-las e que ficariam fora por um ano, deviam voltar depois das férias de verão.

Mas não. Não vi nem elas nem os pais depois de Alice se alimentar das duas.

— Fui visitar os pais de ambas — continuou Archer. — Os quatro estavam sob um feitiço pesado, Mercer. Estavam convencidos de que as filhas estavam passando o verão no Hecate. Disseram que falam com elas uma vez por semana. Mas nenhum dos nossos agentes conseguiu localizar nem Chaston nem Anna em lugar algum.

Meu cérebro estava cheio. Demônios, alunos sumindo... Por que minha vida tinha virado um mistério infernal da Nancy Drew?

— OK, mas isso significa... — Mal dava para continuar a frase. Era muito inacreditável. — Isso significa que a Sra. Casnoff está metida nisso... e se fosse o caso, meu pai saberia de alguma coisa.

— Não necessariamente — disse Archer. — O Hecate Hall e a ilha Graymalkin estão completamente sob o domínio da Sra. Casnoff. Seu pai assina a admissão dos alunos que entram, mas, depois disso, é tudo com ela.

Boa, pai. Delegou tarefas e se ferrou.

Eu me levantei e dei alguns passos em torno da cratera.

— Então você acha que Chaston e Anna foram sequestradas para que virassem demônios?

— Faz sentido. Daisy e Nick são adolescentes, assim como Alice. Talvez a Sra. Casnoff tenha percebido que seria fácil transformá-las porque já haviam tido contato com o lado negro.

— Mas por quê? Por que a Sra. Casnoff, logo ela, ia criar demônios?

— Talvez não seja só ela — sugeriu Archer. — Afinal de contas, a irmã trabalha para o Conselho. O pai delas era o chefe. Acho que essa história é bem pior do que imaginamos.

Chutei um punhado de terra, que rolou e parou no fundo da cratera. Por um segundo, achei ter visto alguma coisa se movendo, mas devia ter sido efeito da luz.

— Cross, meu pai acha que se pegar as pessoas que transformaram Nick e Daisy, pode fazê-las reverter o ritual e parar com a guerra entre o Olho e o Prodígio. Mas e se forem as Casnoff?

Archer se levantou e limpou as mãos na calça.

— É. Como já falamos, a situação é bem ruim.

— Então... por que queria me mostrar isso? Vocês podem lidar com a situação sozinhos. Por que arriscar ser expulso do seu clubinho de agentes que odeiam monstros?

— Porque *não* podemos lidar com isso sozinhos. Ou pelo menos eu acho que não.

— Você mesmo disse que há Prodígios trabalhando com vocês. Por que não pede ajuda a eles?

— São poucos — disse, frustrado. — E a maioria deles é muito ruim. Olhe, considere isso como um pedido de trégua, certo? É minha maneira de pedir desculpas por mentir para você. E por ter puxado o punhal na sua frente, mesmo que fosse só para abrir a janela e fugir antes que você me vaporizasse.

A maioria das meninas ganhava flores. Eu ganhava uma cratera usada para criar demônios. Legal.

— Obrigada — respondi —, mas não vai querer fazer parte disso?

Ele olhou para mim e, novamente, quis que seus olhos não fossem tão escuros. Seria bom ter alguma ideia do que estava se passando pela cabeça dele.

— Você decide — respondeu.

Mamãe sempre gostava de dizer que quase nunca percebemos como as decisões mudam nossa vida, principalmente as menores. Você pega um ônibus em vez de pegar outro e acaba conhecendo sua alma gêmea. Não

tinha dúvida de que aquele era um desses momentos. Se falasse não para Archer, nunca mais o veria. Papai e Jenna não ficariam chateados comigo, e Cal... Se dissesse sim para Archer, tudo poderia ficar mais bizarro e complicado do que o penteado da Sra. Casnoff.

Mesmo sendo uma menina bizarra e complicada, sabia o que tinha de dizer.

— É muito arriscado, Cross. Talvez um dia, quando eu for chefe do Conselho e você for... bem, sei lá como se chama o chefe do L'Occhio di Dio, poderíamos fazer algum tipo de aliança. — Imagens deprimentes de Archer e eu sentados em lados opostos de uma mesa enorme fazendo planos de batalhas em um quadro-negro surgiram na minha mente. Minha voz ficou fraca. — Mas, por enquanto, acho muito perigoso.

E não apenas porque basicamente todo mundo ao nosso redor ia querer nos matar se descobrisse, pensei, mas porque eu tinha certeza de que ainda estava apaixonada por ele e sentia que era recíproco. Não tinha como trabalharmos juntos para impedir um Apocalipse ou uma Terceira Guerra Mundial dos Monstros sem que isso virasse um problema.

Não consegui dizer nada disso.

O rosto de Archer ficou sem expressão.

— Tranquilo. Entendi.

— Cross — comecei a falar, mas então seus olhos passaram por mim e se arregalaram de horror. No mesmo instante, percebi um som escorregadio atrás de mim. Só podia ser problema; na minha experiência, nada de bom fazia sons escorregadios.

Mesmo assim, não estava preparada para o pesadelo que estava saindo daquela cratera.

CAPÍTULO 31



Havia três deles, e já haviam sido humanos. Muitos humanos. Seus corpos, ao se arrastarem para fora do buraco, eram como uma colcha de retalhos de carne humana e vísceras.

Eles cambalearam até nós. O que estava mais perto de mim esticou a mão larga de dedos finos. Seu outro braço, notei histericamente, era fino, pálido e cheio de unhas vermelhas.

— Carniçais — ouvi Archer dizer. Sua voz era baixa e tensa, como a de uma pessoa que está na frente de um animal selvagem. — São feitos de pele humana reanimada e usados como guardiões. Magia negra sinistra. Alguém com certeza não queria que encontrássemos...

— Ai, meu Deus, vamos falar menos e esfaquear mais, por favor.

Minha voz estava estridente de medo. Os olhos enormes quando virei para Archer.

Ele já estava com a espada em punho e em posição de combate.

— Posso atrasá-los, mas carniçais não morrem com espadas. É você que tem que matá-los.

— Como é que é? — berrei.

— Você é uma necromante — disse. — Eles estão mortos.

Ah, sim. Uma das "vantagens" de ter magia negra à disposição. Nunca tinha visto nenhuma vantagem em investir nos meus dons de necromante.

Quando na vida real ia precisar comandar os mortos?

Aquelas coisas estavam chegando perto o suficiente para que eu sentisse seu cheiro. Que nojo.

— Não sei o que fazer — falei em pânico.

— Melhor pensar em alguma coisa rápido — respondeu Archer.

Em um movimento ligeiro, Archer não estava mais comigo e sim no meio dos carniçais, movendo a espada. Acertou um dos monstros com a ponta afiada, mas nenhum sangue saiu. A coisa parou de se mover, mas não caiu. Em vez disso, passou a mão no ar como se Archer fosse um mosquito. Archer desviou e deu outro golpe, acertando o segundo carniçal. Dessa vez, um líquido preto saiu da ferida, mas a coisa pareceu ficar apenas irritada. Archer podia dar quantos golpes fossem que os carniçais não sentiam dor. Eu já tinha reunido o máximo de magia que conseguia, mas estava com medo de emitir raios para todos os lados. A última coisa que queria era machucar Archer, que, pelo que eu estava presenciando naquele momento, tinha se contido nas aulas de Defesa. Nunca vi uma pessoa se mover daquela forma. Rápido e certeiro. Pena que não tinha efeito nenhum.

Finalmente, um dos carniçais pegou o cabelo de Archer, que gemeu quando a coisa puxou sua cabeça para trás. Mas era difícil ouvir qualquer som por causa do barulho de meu coração disparado e da magia correndo em minhas veias.

— Dá para começar com a necromancia agora? — berrou Archer.

Ergui as mãos e apontei para os carniçais. Fiz de tudo para parar de respirar de forma ofegante, o que ficou ainda mais difícil quando o carniçal mais baixo olhou para mim. Eu o encarei. Seus olhos, boca e nariz deviam ter vindo de "doadores" diferentes.

Respirei fundo várias vezes e reuni meus poderes até sentir uma coceira nos dedos.

— Larguem-no — ordenei.

Tentei fazer uma voz de "Sou um demônio poderoso". Teria sido melhor se não tivesse gaguejado no final. Liberei a magia que estava

concentrada em minhas mãos. Senti como se tivesse soltado um elástico gigante.

Uma onda de poder saiu dos meus dedos e atingiu uma árvore. Houve uma luminosidade clara como um raio e um galho caiu no chão. Os carniçais se assustaram. O que segurava Archer puxou sua cabeça ainda mais para trás. O menor fez um som de medo, mas com certeza não estavam sob meu controle.

E não largaram Archer.

OK, minha primeira experiência como necromante foi um desastre. Hora do segundo *round*.

Lutei contra o pânico e a frustração. Jogar magia contra eles não adiantava, mas o que mais poderia fazer?

— Pense, Sophie — murmurei para mim mesma.

— Faça isso, por favor — respondeu Archer com a voz abafada.

O carniçal que o estava segurando o pegou pelo pescoço. A expressão da coisa não era ameaçadora, apenas curiosa, como se fosse uma criança que queria ver o que ia acontecer se continuasse apertando.

Fechei os olhos. OK, estão mortos. Coisinhas nojentas mortas. Com cheiro de... OK, pensar assim não ajuda.

Só que... estavam mortos. Vieram do solo. Surgiram do meio do chão na base da cratera. Pensei em como minha magia sempre me fazia sentir como se viesse do chão. Será que dava para reverter isso?

Dessa vez, em vez de mandar meus poderes para fora, eu os mandei para baixo através do solo.

— Larguem-no — falei de novo com mais calma.

Ouvi um estampido abafado e, quando abri os olhos, Archer estava aos pés do carniçal passando a mão na cabeça. Os carniçais me olharam de forma vazia. Esperavam pela próxima ordem.

— O que faço agora? — perguntei.

Archer se levantou e veio para o meu lado com a espada suja de líquido escuro nas mãos.

— Pode devolvê-los ao buraco — disse — ou libertá-los.

— Tipo, deixar que fiquem perambulando pela ilha? Acho que não.

Archer balançou a cabeça. Respirava de forma ofegante e havia suor em sua testa.

— Não, tirar o feitiço deles e deixar que virem mortos. Mortos de verdade.

— OK — respondi com voz confiante como se libertar carniçais fosse meu passatempo favorito, que nem costurar e fazer Sudoku. O estranho foi que, assim que pensei nisso, senti o feitiço que estava mantendo os carniçais vivos. Dava quase para vê-lo brilhando como uma linha preta no meio dos meus poderes. No final das contas, foi simples usar minha magia para "cortar" o fio.

Assim que o fiz, os carniçais caíram no chão. Olhei para aquelas formas prostradas e disse:

— Que seres deploráveis.

Archer riu. Vi a marca roxa começando a aparecer em seu pescoço.

— Foi mal, mas não sinto o mesmo, Mercer.

Acho que teria falado mais, mas ambos vimos uma coisa se mexendo lá longe. Uma luz.

Com um estalar de dedos, extingui a esfera azulada. Acho que nossa vontade foi fugir depressa, mas correr naquela floresta não era a melhor maneira de ir embora. Fomos nos afastando da "zona de atrito", buscando a proteção das árvores. Então, embora aquilo fosse angustiante e, com certeza, eu nunca tivesse sentido mais medo na vida, caminhei quieta para longe da cratera com muito cuidado para não fazer barulho. Ouvi o murmúrio de vozes, mas estavam muito longe para que distinguisse quantas pessoas eram. Essa foi a pior parte: saber que, se ficássemos escondidos, saberíamos quem estava por trás daquilo. Mas não tinha como arriscar. O melhor naquele momento era voltar para Thorne e contar tudo a meu pai.

Só começamos a correr quando chegamos à praia. Quando paramos nas árvores que abrigavam o *Itineris*, achei que meus pulmões fossem explodir.

Archer abraçou os joelhos e respirou rapidamente.

— Nunca achei que fosse ter que correr esse mesmo caminho de novo — disse quando finalmente conseguiu falar.

— Você usou o *Itineris* para sair da Graymalkin — falei. Agora sim eu entendia como ele conseguira desaparecer sem deixar traços.

Ele concordou e pegou a corrente no bolso, colocando-a em volta de nossos pescoços.

— Está pronta? — perguntou segurando minhas mãos.

Olhei para trás. Como tanta coisa podia mudar em tão pouco tempo?

— Mais do que nunca — murmurei e entramos no portal.

CAPÍTULO 32



O sol estava começando a nascer quando chegamos ao moinho. Fiquei surpresa, mas me lembrei que a) o sol nasce muito cedo na Inglaterra durante o verão e b) ficamos fora por quase duas horas. Com certeza, nunca tinha ficado tão exausta na vida. Eu me sentia vazia e cansada. Olhei para Archer e me senti insuportavelmente infeliz também. Tentei me convencer de que a tristeza fora causada pela viagem no tempo, mas sabia que não era esse o motivo.

Acho que Archer sentia mais ou menos o mesmo, pois suas mãos tremiam quando tirou a corrente de nós. Caí no chão com o corpo pesado. Nuvens de poeira foram para todos os lados. As partículas brilharam sob a luz rosada entre nós. Foi até bonito, apesar da sujeira.

O rosto de Archer estava coberto de suor. Havia marcas pretas em sua sobrancelha esquerda e uma mancha escura na blusa — provavelmente era sangue de carniçal. Acho que eu também estava com a aparência bem detonada.

— Bem — falou finalmente com voz rouca —, esse foi o pior primeiro encontro que já tive.

Apesar de estar exausta e sentir que ia me dissolver no chão sujo, gargalhei. Ele também. Quando ríamos juntos, não tinha como parar. Sei

que era um misto de alívio e fadiga, mas era muito bom rir com ele de novo.

As lágrimas correram pelo meu rosto. Meu corpo doía e, por um momento, esqueci que tinha acabado de me meter em outro mistério potencialmente fatal. Esqueci que, se descobrissem que eu tinha conspirado com um agente do Olho, provavelmente seria assassinada de maneira bem sinistra e mágica.

No entanto, quando fiquei em pé na frente de Archer, não consegui esquecer que estava completamente, estupidamente apaixonada por uma pessoa que nunca poderia ter.

A gargalhada morreu nos meus lábios e limpei os olhos com as costas das mãos.

— Preciso voltar — falei.

— Precisa — respondeu. Ainda estava segurando a espada com a mão direita. Virou o punho, arranhando a ponta no chão de madeira. — Então é isso. Acaba aqui.

— Isso — falei com a voz emocionada. Tossi. — E devo dizer que a primeira e última missão de um agente do Olho com um demônio correu muito bem. — Foi difícil olhar Archer nos olhos, mas consegui. — Obrigada.

Ele encolheu os ombros. Seu olhar escuro estava cheio de alguma coisa que não consegui distinguir.

— Formamos um bom time.

— Sim.

Em muitos sentidos, pensei. Por isso estava sendo tão difícil me despedir.

Dei um passo para trás.

— Enfim, preciso ir embora. Até mais, Cross. — Aí dei uma risada que mais se parecia com um choro. — Na verdade, não vou mais vê-lo, não é? Então acho que devo dizer adeus. — Senti como se fosse me partir em mil pedacinhos, como aconteceu com os espelhos que quebrei com papai. — OK, então muito boa sorte com esse negócio do Olho. Tente não matar as pessoas que conheço.

Eu me virei para ir embora, mas ele pegou meu braço. Dava para sentir a pulsação por baixo dos dedos dele.

— Mercer, aquele dia no porão... — Ele olhou para mim intensamente. Estava tentando arrumar coragem para falar o que tinha para dizer, até que finalmente conseguiu. — Não beijei você porque era obrigado. Beijei porque quis. — Seu olhar se concentrou na minha boca e foi como se o mundo todo tivesse se resumido a nós e aos raios de luz ao nosso redor. — E ainda quero — disse com voz abafada. Ele me pegou pela cintura e me puxou para seus braços.

Meu cérebro registrou o barulho da espada caindo no chão quando usou a outra mão para pegar minha nuca, mas quando nossas bocas se encontraram, tudo parou de existir. Segurei seus ombros e fiquei na ponta dos pés. Beijei Archer com toda a energia que tinha em mim. O beijo foi ficando mais intenso. Nos abraçamos com tanta força que não sei se o coração batendo forte era meu ou dele.

Que idiota, pensei, achar que podia me livrar disto. Não só do beijo — se bem que, tinha de admitir, quando Archer segurava meu rosto daquele jeito era muito bom mesmo. Mas de tudo aquilo: de fazer piadas, de trabalhar com ele. De estar com um cara que era meu amigo e que ainda conseguia me fazer sentir assim.

— Ai, Mercer — murmurou com a boca perto da minha testa quando paramos para tomar ar. — Estamos muito ferrados.

Encostei o rosto contra seu pescoço e respirei fundo.

— Eu sei.

— Então vamos fazer o quê?

Relutante, tentei me afastar. Era difícil pensar com ele tão perto.

— Se fôssemos boas pessoas, nunca mais nos encontraríamos.

Seus braços enlaçaram minha cintura e me puxaram de volta.

— Tá, mas isso não vai acontecer. Qual o plano B?

Sorri para ele. Estava até bem feliz para uma pessoa prestes a arruinar a própria vida.

— Não tenho. E você?

Archer balançou a cabeça.

— Também não. Mas... tenho de dizer uma coisa. Passei basicamente a vida inteira fingindo ser outra pessoa, simulando alguns sentimentos, escondendo outros. — Ele pegou minha mão e a levou até o peito. — Isso entre nós é a única coisa real que tenho há anos. *Você* é a única coisa de verdade que tenho. — Ergueu nossas mãos e beijou meus dedos. — E por mim já chega de mentir dizendo que não quero você.

Já li bastante sobre desmaios de amor nos romances que mamãe tentava esconder, mas nunca achei que eram possíveis. Tive de fazer um comentário bobo.

— Nossa, Cross. Acho que você errou de profissão. Pode parar de caçar demônios: você devia escrever cartões da Hallmark.

Seu rosto se iluminou com um sorriso. Acho que era a visão que eu mais amava no mundo.

— Engraçadinha — murmurou antes de abaixar a cabeça e me beijar de novo.

— Por que — perguntei ainda beijando-o vários minutos depois — sempre nos beijamos em lugares nojentos e sujos, tipo porões e moinhos abandonados?

Ele gargalhou e beijou meu queixo, e depois meu pescoço.

— Na próxima vez vai ser um castelo, prometo. Estamos na Inglaterra, afinal de contas. Não deve ser difícil arrumar um.

Ficamos sem dizer nada por um longo tempo e, quando finalmente conseguimos nos afastar, a luz lá fora estava mais clara.

— Tenho que ir — falei deitando a cabeça no peito de Archer. Eu devia estar apoiada exatamente em cima da tatuagem. Sem nem pensar, levantei o rosto e afastei a gola da camisa dele. Dessa vez, a marca preta e dourada não estava escondida; o feitiço não era mais necessário. Cobri a tatuagem com a palma da mão e as mãos de Archer seguraram minha cintura em um reflexo. Nos olhamos. — Não queimou desta vez — sussurrei.

Sua respiração estava forte.

— Engano seu, Mercer.

Havia magia correndo pelo meu corpo e, quando Archer colocou sua mão sobre a minha, faíscas azuis apareceram. Devagar, ele tirou minha

mão de seu peito e pegou meus ombros. Achei que fosse me beijar de novo — e, a julgar pela maneira como nos sentíamos, havia uma chance de causarmos um incêndio no moinho —, mas ele me empurrou com cuidado.

— OK — disse, fechando os olhos. — Se não for embora neste instante, vamos acabar... É melhor ir logo.

Quando nos afastamos mais, a neblina de desejo pareceu se dissipar um pouco.

— Ainda não sabemos o que vamos fazer.

Archer abriu os olhos e deu alguns passos para trás.

— Neste momento, você vai voltar para Thorne e falar com seu pai. Vou voltar para o meu pessoal e fazer o mesmo. Então, amanhã à noite, nos encontramos aqui. Você vai ficar ali — apontou para um canto — e eu ficarei *lá* — apontou para o lado oposto — e não vamos ter nenhum contato físico até chegarmos a alguma conclusão sobre o que devemos fazer. Combinado?

Sorri e coloquei as mãos nos bolsos para evitar a tentação de agarrá-lo de novo.

— Combinado. Meia-noite?

— Perfeito. Então tá. — Sorriu de novo. — Até mais tarde, Mercer.

Senti uma felicidade dentro de mim tão quente e iluminada quanto a luz do sol.

— Até mais tarde, Cross.

CAPÍTULO 33



Já tinha me afastado o suficiente do moinho para perdê-lo de vista quando a ficha finalmente caiu. Agora, sabia que Archer queria ficar comigo tanto quanto eu queria ficar com ele, mas havia muitas questões sérias entre nós. Principalmente o fato de todos que eu conhecia quererem matá-lo e todos que ele conhecia quererem *me* matar. Em termos de obstáculo, acho que nada era pior do que isso. E o problema não era apenas o que os outros pensavam. Já havia me acostumado à ideia de ser chefe do Conselho um dia. Em Thorne, me sentia menos como uma aberração com poderes descontrolados, e mais como... bem, como uma pessoa útil. Até valiosa.

Assim que Archer e eu nos uníssemos, isso ia acabar.

Passei pelo labirinto do jardim. Os arbustos altos faziam sombras na minha frente.

E ainda tinha Cal.

Quase tropecei quando pensei nele. Não que fosse ficar de coração partido; Cal e eu éramos amigos e, sim, talvez se interessasse um pouco por mim, mas acho que isso era resultado do noivado. Eu até havia tentado gostar dele porque facilitaria as coisas.

Quanto mais me aproximava da casa, mais tristes ficavam meus pensamentos. O Olho era a família de Archer. O Conselho era a minha.

Não queria desistir dela. Ele desistiria da dele?

Droga. Por que pensar tanto? Por que não podia ser uma menina normal e ficar feliz com a certeza de que o menino que eu queria também gostava de mim?

Entrei pela porta dos fundos. As empregadas se curvaram para me cumprimentar. Ah, sim. Porque eu não era uma menina normal.

Torci para não ver ninguém no caminho até o quarto, mas encontrei Cal no corredor. Maravilha.

— Oi — disse, com uma aparência desarrumada. — Por que está acordada tão cedo?

— Ah, estava só, sei lá, me exercitando.

Dei uma corridinha sem sair do lugar. Devia estar parecendo uma maluca.

— Okaaay — disse Cal devagar confirmando minhas suspeitas. — Bem, vou dar uma caminhada, quer vir?

Não é possível morrer de culpa, é? Mesmo sendo uma culpa que doía como se fosse um punhal cravado no peito?

— Já me exercitei — falei para ele —, mas podemos nos encontrar mais tarde?

— Claro — concordou.

Eu o observei se afastando e disse para mim mesma que não devia me sentir mal. Cal não ia ficar arrasado quando eu rompesse o noivado. Ficaria chateado, talvez, mas não arrasado. Não gostava de mim tanto assim. Se gostasse, com certeza teria tentado se aproximar antes.

Subi as escadas até meu quarto em total silêncio. Abri a porta e acendi a luz. Suspirei de alívio.

Contudo, o suspiro morreu na garganta quando vi quem estava em pé no meio do quarto.

Elodie.

Bem, seu fantasma, é claro. Estava muito mais transparente do que no Hex Hall. Quase não dava para vê-la, mas definitivamente era Elodie. Seus cabelos ruivos estavam ondulados ao redor do rosto e ela flutuava a alguns centímetros do chão.

Fiquei tão chocada em vê-la que demorou certo tempo até eu perceber que ela estava tentando falar alguma coisa.

— O que está fazendo aqui? — perguntei em um sussurro áspero. Nunca ouvi falar sobre um fantasma que saiu do Hecate. Até onde sabia, era impossível.

Não tenho certeza, mas acho que ela revirou os olhos. Pensei em uma coisa horrível: será que aquilo estava acontecendo por causa de Archer? Por favor, não me diga que está irritada, porque... tipo, você está morta.

Elodie flutuou para mais perto até ficar bem na minha frente. Primeiro, achei que fosse cuspir um ectoplasma em mim ou alguma coisa do tipo, mas vi seus lábios se movendo de novo. Não sou muito boa em leitura labial, mas ela estava bem próxima e falando bem devagar. Deu para entender a mensagem.

— Eu disse — murmurou com os lábios pálidos — que ia assombrar você.

Olhei para o espectro, horrorizada, e ela sorriu. E aí, do nada, desapareceu. O ar na minha frente se moveu devagar, como se tivessem aberto a janela.

— Não preciso de mais essa! — falei para o quarto vazio. — Meu saco já está CHEIO.

Mas ninguém respondeu.

Planejei dormir o dia todo, porém acabei passando a maior parte do tempo na biblioteca pesquisando sobre fantasmas e demônios. Não era uma leitura leve e nada que aprendi me fez bem. Todos os livros sobre espíritos e assombrações diziam a mesma coisa: fantasmas se apegam aos lugares onde morreram, não às pessoas. Quanto ao *Demonologia: uma história*, estava começando a achar que servia mais como peso para segurar a porta. Nada do que estava escrito ajudava na situação Daisy/Nick.

Pensei em perguntar aos dois durante o jantar — discretamente, de preferência a sós — se tinham algum tipo de memória que podia coincidir com o que eu tinha visto no Hecate na noite anterior, mas eles não

apareceram na sala de jantar naquela noite. E também não os vi durante o café da manhã no dia seguinte, o que era muito estranho. Perder o jantar era uma coisa, mas Nick e Daisy sempre apareciam para o café. No entanto, ninguém parecia estar preocupado.

— Você conhece aqueles dois — disse Jenna. — Provavelmente estão dando uma de Kurt e Courtney por aí.

Quando não apareceram para o jantar mais uma vez, fiquei preocupada. Andei pelo corredor onde ficava o quarto deles até umas dez da noite, mas não os vi. Ainda estava perambulando por lá quando Roderick me encontrou para avisar que papai já havia voltado.

— Que rápido — comentei.

Eu o segui para dentro da casa sentindo o estômago dar saltos de nervoso. Tinha de contar a papai sobre o que vira no Hecate, mas não tinha uma boa desculpa para explicar como conseguira a informação. Achei que teria mais tempo para cultivar uma história.

Quando passei pelo arco de mármore que levava à sede do Conselho, minha boca estava completamente seca e meus joelhos estavam bambos.

Só queria me sentar em uma das cadeiras de couro de papai e contar tudo. Pela primeira vez, entendi por que os soldados que fazem missões perigosas têm de ser interrogados. Eu queria contar a história toda o mais rápido possível para poder apagá-la da memória. Pensei de novo no carniçal com o rosto desfigurado. Quase me joguei no carpete em formato de diamante e vomitei.

No entanto, quando abri a porta do escritório, papai não estava sozinho. Lara estava lá e, apesar de estarem falando em voz baixa, a magia que pairava no ar me deixou tonta. Estavam tão concentrados se olhando que mal notaram minha presença, o que foi bom. Eu já sabia que não ia detectar as intenções de Lara por meio de sua expressão. Duvido que existisse alguma expressão sutil que significasse “Eu e minha irmã estamos criando demônios no Hecate Hall”. Mesmo assim, achei que poderia perceber alguma indicação de que ela sabia que haviam descoberto o local dos demônios.

Mas não. Ela era tão boa em esconder seus sentimentos quanto a Sra. Casnoff. Devia ser de família.

— Então é isso — disse Lara cruzando os braços —, não vai fazer nada?

— O que posso fazer — disse papai em um tom falsamente calmo — se nem você nem Anastácia querem me contar o que aconteceu de verdade na Graymalkin?

Lá estava minha resposta. Sabia que Lara e a Sra. Casnoff tinham de ter alguma conexão com o que estava rolando no Hecate, mas receber uma confirmação daquela forma foi um susto. Como? Como aquelas mulheres que trabalhavam tão perto de papai podiam estar armando uma coisa sem que ele percebesse?

— A escola é nossa jurisdição — retrucou Lara —, portanto é problema nosso.

— E no entanto você quer *minha* ajuda.

Lara se inclinou para a frente repentinamente e bateu as mãos na mesa de papai.

— Alguém invadiu uma parte proibida da ilha e o sistema de segurança foi danificado.

Eu me lembrei da espada de Archer cortando o carniçal. É, podemos dizer que foi danificado.

Ela mudou de tática de repente.

— Você prometeu. Prometeu ao meu pai que faria tudo o que pudesse para proteger os meus interesses e os de Anastácia no Hecate.

Até eu podia ter avisado a ela que era uma tática ruim. Papai ficou irritado.

— Não o coloque no meio disso, Lara.

Papai finalmente notou minha presença. Quando olhou para mim, Lara se virou. Imediatamente, sua expressão ficou mais suave e ela até sorriu. Seus olhos, no entanto, brilhavam tanto quanto o topo envernizado da mesa.

— Sophie! Quanto tempo! Por onde andou nos últimos dias? Quase não a vimos.

— P-por aí — gaguejei. Fiquei com medo. Que ótimo álibi. — Papai me deixou com várias leituras para fazer. Estou interrompendo vocês?

Lara abanou a mão.

— É só um assunto chato do Conselho. Nada que afete você. — Olhou para papai. — Podemos terminar a conversa mais tarde. Vou deixá-los a sós.

Quando saiu do escritório, Lara tocou minha mão como sempre fazia. Tive de me esforçar para não repelir o toque.

Assim que a porta se fechou, suspirei aliviada. Papai fez um sinal para que me sentasse e começou a falar.

— Acho que minha viagem não teve o sucesso que esperava. Aislinn Brannick continua...

— Estão criando demônios no Hex Hall — confessei. — Fui lá outro dia — peguei o *Itineris* — e vi com meus próprios olhos. É onde tudo está acontecendo, e seis alunos desapareceram da escola em oito anos. Dois deles são Anna e Chaston, as meninas que Alice atacou no ano passado.

Foi bom me livrar daquilo tudo. Não tive nem tempo de ficar nervosa com os detalhes mal explicados da história.

Papai ficou simplesmente me olhando como se eu estivesse falando grego. Se bem que acho provável que ele saiba falar grego, então devo ter soado como quem fala marciano. Enfim, pareceu ficar tão aterrorizado quanto confuso.

— O quê?

Contei a história de novo, mais devagar, sem mencionar a parte de Archer, é claro. Falei que me lembrei de ter visto uma coisa estranha no Hecate e que voltei para checar. Aí descrevi a cratera e a pedra no meio, e até os carniçais.

Quando terminei, papai parecia estar mais velho e triste do que nunca.

— Isso não faz sentido algum.

— Estou começando a achar que esse deve ser o título da minha autobiografia.

— Lara e Anastácia são minhas mais confiáveis aliadas — disse ele passando a mão no queixo. — Por que estariam por trás disso?

— Esta é a pergunta de um milhão de dólares. Tem como checar se Nick e Daisy já estiveram no Hecate? Deviam ter nomes diferentes ou você se lembraria deles.

Não sei por que achei que papai ia dizer algo do tipo "Ah, sim, deixe-me checar o Registro Eletrônico 9.000 de Alunos do Hecate". Esses registros provavelmente foram escritos em papiros com pena e nanquim. Fiquei decepcionada quando papai respondeu:

— Não, Anastácia guarda todos esses nomes. E se o que você falou sobre os pais de Anna e de Chaston é verdade, então as famílias de Nick e de Daisy nunca reportariam seu desaparecimento.

Papai estava olhando para o nada com aquela expressão de quem estava prestes a pesquisar citações crípticas em livros bem velhos. E de fato se levantou e foi até a estante.

Pegou um dos tomos gigantes com capa de couro dos quais tanto gostava e começou a olhar as páginas. Deduzi que já podia ir embora. Tudo bem. Eu me levantei e fui até a porta.

— Sophia — chamou assim que virei a maçaneta.

— Sim?

Olhei para ele.

— Estou muito orgulhoso de você pelo que descobriu. Não faço ideia de quais serão as futuras consequências dos seus atos, mas...

Levantei a mão.

— Vamos ficar só com a parte do orgulho por enquanto, tá, pai?

Principalmente porque aquele orgulho todo com certeza morreria quando descobrisse sobre Archer, pensei com tristeza.

Ele sorriu.

— Tudo bem. Boa noite.

— Boa noite, pai.

Fui para o corredor, que estava quase vazio exceto pelos dois vampiros que montavam guarda. A casa toda parecia estar quieta quando desci pelas enormes escadas. Dei uma olhada no relógio e vi que eram quase onze horas. Em uma hora iria me encontrar com Archer, mas não fazia ideia do que dizer para ele...

— Sophie?

Olhei para cima e vi Daisy no topo das escadas, dentro do arco. Tinha algum coisa estranha em sua postura: suas mãos estavam bem juntas ao corpo e sua cabeça inclinada para a direita. Seu rosto estava vazio. Ouvi um alarme na minha cabeça, mas ergui o braço e acenei.

— Por onde você esteve? — perguntei e andei para trás. — Não vemos vocês...

Nem consegui terminar a frase. Daisy começou a se mover em minha direção e notei seus olhos.

Estavam sem nenhum traço humano.

A cena pareceu acontecer em câmera lenta. Senti todos os pelos do corpo se arrepiarem. Já tinha visto olhos como aqueles e sabia o que significavam.

Ergui a mão e, apesar de estar exausta, a magia veio, sóbria e pura. Pensei em mamãe e, com um mover dos punhos, mandei uma onda de poder bem no ombro de Daisy. Não queria machucá-la, apenas detê-la. Mesmo tendo tropeçado, continuou vindo.

— Pai! — berrei apesar de saber que não me escutaria.

Daisy rosnou para mim e se jogou. Suas mãos eram como garras. Dessa vez, soltei uma descarga de magia grande o suficiente para derrubá-la. Ela caiu de joelhos e gemeu de dor. Mesmo aterrorizada, me senti culpada. Não era a Daisy de verdade, falei para mim. Não havia nenhum traço dela naquela coisa de olhos raivosos que estava se levantando. Olhou para mim. Vi seus lábios se movendo, mas não entendi o que dizia. Só quando ouvi um som horrível de metal e pedra se chocando foi que percebi que estava em pé bem embaixo de uma das imponentes estátuas que tanto impressionaram Jenna no primeiro dia.

Exatamente a estátua que estava prestes a cair em cima de mim.

CAPÍTULO 34



Pode parecer estranho, mas a primeira coisa que pensei enquanto via a senhora de bronze de três metros de altura vindo em minha direção foi "Bem, pelo menos não pode me matar". Só o vidro do demônio pode fazer isso. No entanto, não sabia ao certo se Cal conseguiria curar todos os ossos que se quebrariam.

Sem raciocinar direito, fechei os olhos. Senti meus poderes se amontoando em mim e uma sensação estranha de vento gelado; algo que não sentia desde aquela noite na floresta com Alice.

Ouvi um som distante e ensurdecedor. Era a estátua caindo no chão de mármore. Abri os olhos.

Eu estava distante da cena, em pé na escada atrás de Daisy. Pela primeira vez em seis meses, eu tinha me teletransportado.

Daisy se virou para mim, confusa. O som da estátua gigantesca caindo chamou a atenção de todos. Ouvi passos correndo.

— Não! — berrou uma pessoa. Era papai no topo das escadas. Respirava rapidamente e esticou uma das mãos para Daisy.

— Essa não é você — disse para Daisy. Estava se esforçando muito para manter a voz calma. — Pode lutar contra isso. Lembre-se do que lhe ensinei.

Daisy não mostrou nenhum sinal de compreensão. Essa foi a parte mais aterrorizante. Até Alice, por mais insana que tivesse sido, parecia mais humana. Daisy era apenas um monstro com o rosto retorcido pela raiva.

Daisy tocou a cintura da calça e pegou um objeto tão rapidamente que mal conseguimos reagir. Era o mesmo pedaço de vidro do demônio que havia me atingido na festa de aniversário. O vidro chiou em sua mão, queimando a pele, mas ela nem se incomodou. Veio em nossa direção com olhos violentos, como os de Alice na floresta.

Os momentos seguintes foram como uma névoa. Daisy correu até mim com o vidro do demônio em punho e aí um raio de luz veio lá de cima — era papai —, mas, novamente, era como se Daisy não sentisse dor. Papai veio até o meu lado e se colocou entre meu corpo e o vidro do demônio; acho que gritei.

De repente, ouvi um berro, uma palavra que nunca havia escutado antes. Nem sei se era uma palavra, mas fosse lá o que fosse, o poder que emitia fez com que minha cabeça doesse como se estivesse sendo aberta.

Daisy ficou imóvel, olhos bem abertos. O vidro do demônio caiu no chão e, por um segundo, seu rosto voltou ao normal. Aí seus olhos rolaram para trás, e ela caiu escada abaixo, aterrissando no hall. Em algum lugar da casa, o relógio bateu onze vezes. Fiquei surpresa ao perceber que tinha saído do escritório de papai havia menos de quatro minutos.

Papai desceu as escadas correndo até o corpo inerte de Daisy e tocou as laterais de seu pescoço. Olhei para Lara. Estava em pé ao lado da estátua caída e respirava forte.

— O que foi que você fez? — perguntei para ela, minha voz soando muito alta no silêncio.

— Um simples feitiço de imobilização — respondeu, passando pelo hall com seus sapatos barulhentos.

— Está mentindo.

Papai cuspiu essa palavras com muito mais veneno do que achei que fosse capaz. Lara deve ter ficado chocada, pois seu rosto ficou pálido.

— O quê?

Levantando-se, papai a encarou.

— Não existe nenhum feitiço de imobilização que possa atingir um demônio possuído.

A maneira como papai falou foi tão sinistra que tremi, mas Lara nem piscou.

— Como pode ver, existe sim e acabei de usá-lo com sucesso. — Apontou para Daisy. — Essa menina ia matar você, James.

Parei ao lado de papai.

— O que vai acontecer com ela agora?

Papai não tirou os olhos de Lara.

— Terá que ser contida de alguma maneira. Creio que usaremos uma das celas no subsolo.

— Contida?

Papai olhou para mim com olhos tristes.

— Ela se foi, Sophie. A parte Daisy dela se foi. Quando a magia toma conta... não há como revertê-la.

Daisy gemeu e piscou os olhos, como se *alguma* parte humana tivesse escutado e entendido.

— Alguém tem que contar para Nick — murmurei.

Papai suspirou e afrouxou a gravata.

— Claro. Jenna.

Olhei para cima, surpresa, e vi Jenna em pé perto de Lara. Devia ter ouvido toda a conversa. Estava pálida e com os olhos arregalados. Veio rapidamente para o meu lado e pegou minhas mãos.

— Você está bem?

— Estou — respondi, mas vê-la fez com que as lágrimas brotassem em meus olhos. Não sei se era de culpa ou por ver tanto medo em seu rosto.

— Preciso de um favor. Procure Nick e peça que me encontre no conservatório — disse papai para Jenna. Ela olhou para ele um pouco assustada, mas concordou e foi embora.

Papai se abaixou novamente e tirou os cabelos escuros de Daisy de sua testa. Murmurou alguma coisa que não consegui entender e ela ficou mais quieta, como se estivesse em sono profundo.

— Vou tomar as devidas providências — disse. — E Lara, depois que eu encontrar com Nick, quero falar com você. Está claro?

Ela fez que sim com a cabeça, mas sua boca estava franzida de tanta raiva.

— Pois não.

Assim que partiu, meus joelhos fracos me fizeram cair nos degraus. Roderick e Kristopher apareceram alguns minutos depois. Pegaram Daisy com todo o carinho e a levaram para uma das celas misteriosas da Abadia Thorne. A ideia de Daisy, até mesmo em forma de assassina demoníaca, presa em uma cela fez com que ondas de tristeza passassem por mim repetidamente.

Apoiei a cabeça em meus braços cruzados e tentei processar o que tinha acabado de acontecer.

— Pai — falei finalmente —, Daisy estava me atacando.

Achei que fosse falar o de sempre, tipo "Ah, Sophie, mas isso é impossível por causa de (e falaria uma palavra enorme) e também do (outra palavra enorme) e também por causa da (e explicaria um conceito bizarro)". Contudo, ficou sentado ao meu lado e apenas me pediu que continuasse falando.

— Ela chamou meu nome antes de atacar. E ainda estava com um vidro do demônio. Você foi uma ameaça mais poderosa. Eu estava muito cansada por causa do teletransporte para lutar contra ela. Mas ela só se virou contra você quando você se colocou na minha frente.

Papai tirou os óculos e massageou a base do nariz.

— Eu lhe disse que a viagem não teve êxito. Isso foi verídico em relação às Brannick, mas não em relação à viagem toda. O bruxo que visitei em Lincolnshire, Andrew Crowley, tinha informações úteis. Lembra-se da parte sobre controlar demônios no *Demonologia*? Acho que é no capítulo cinco.

— Hum... não.

Papai ficou irritado.

— Honestamente, Sophie, eu lhe dei aquele livro por uma razão.

— E peço mil desculpas, mas é muito grande e chato, e será que você pode me contar logo o que tem no livro?

— Há lendas de bruxas e bruxos que invocaram demônios e manipularam seus poderes.

— Tipo o que o coven da Elodie estava tentando fazer.

Papai fez que não.

— Não, estavam tentando evocar um demônio e ter sua posse. Isso é outra coisa. Caso o ritual tivesse dado certo, poderiam ter usado Alice até certo ponto, mas não conseguiriam controlá-la. Ainda teria livre-arbítrio. — Ele me observou por alguns segundos e continuou falando com cuidado. — Mas, de acordo com a pesquisa do Sr. Crowley, para realmente controlar um demônio, você precisa tê-lo criado; tem que ser a bruxa ou bruxo que realizou o ritual de possessão.

— Lara. Aquela palavra, ou som, sei lá, fez com que Daisy caísse morta sem mais nem menos.

Papai deu um suspiro trêmulo.

— Isso.

As coisas começavam a fazer sentido, mas só para me deixar com mais medo ainda.

— Então *é* ela a responsável por Nick e Daisy. — Meus pensamentos foram crescendo como uma bola de neve aterrorizante. — Ela sabe que fui à Graymalkin, pai. Não sei como, mas sabe. E colocou Daisy contra mim por causa disso. Só ordenou que Daisy parasse porque ia machucar você.

Lara, doce e amigável. Sra. Casnoff, bizarra. Foi como Jenna e eu as classificamos, mas a irmã doce tinha acabado de tentar me matar.

— E agora? — perguntei a ele. — Você pode prendê-la usando magia?

— Não.

Era a última resposta que estava esperando ouvir. Olhei para papai me sentindo chocada.

— Pai, ela acabou de tentar me matar. Sem falar que está criando demônios e os usando como armas.

— Você não compreende — disse papai, nervoso. — Lara, Anastácia e eu somos unidos por laços de sangue. Se eu as prender sem provas, pode

parecer uma mera briga política.

— Mas você tem provas. Aquele lugar na Graymalkin. Confie em mim, pai, qualquer pessoa pode confirmar que tem alguma coisa bizarra acontecendo ali.

— Não seria suficiente. E Anastácia tem controle total de tudo o que acontece no Hecate. Poderia arrumar uma desculpa facilmente.

Frustrada, balancei a cabeça.

— Mas Daisy e Nick...

— Daisy está completamente fora de si neste momento, e Nick não se lembra de nada que aconteceu antes de virar um demônio. Não podem nos ajudar.

Eu me levantei rapidamente, mas logo me arrependi. Havia muita magia e muito estresse no meu corpo. Fiquei tonta e me segurei no corrimão.

— Então não vai fazer nada?

Papai também se levantou.

— Sophie, eu lhe disse uma vez que ser o chefe do Conselho requer uma grande dose de sacrifício. Aquela mulher mentiu para mim, destruiu uma jovem menina por motivos pessoais e acabou de tentar assassinar minha filha. — Havia magia saindo de papai. Era tão forte que seria melhor me sentar de novo. — Acredite — continuou —, não há nada que queira mais do que destruí-la. Mas não posso. Preciso de provas concretas.

Destruí-la era uma boa ideia, mas, por mais que fosse triste, ele estava certo.

— Cara, a política é uma merda — murmurei.

Papai pegou minha mão.

— Sophie, juro que vamos dar um jeito nisso. E quando conseguirmos, Lara e Anastácia e qualquer outra pessoa que faz parte dessa loucura serão punidas.

— Obrigada, pai.

Queria esperar até que Nick aparecesse, principalmente para dar apoio moral ao papai, mas ele me mandou para o quarto.

— Você está fraca — disse ele me levando para as escadas do fundo. — Posso pedir que Cal...

— Não — respondi logo —, só preciso ficar sozinha.

Papai concordou.

— Tudo bem. Vá descansar.

Essa ordem era bem fácil de obedecer. Quando me virei para ir embora, papai disse:

— E vou ligar para sua mãe agora.

Não tinha como argumentar. Consigo perceber quando uma pessoa está determinada. Ligaria para mamãe e ela viria até a abadia o mais rápido possível para me levar para... bem, nem sei onde. Não dava para voltar para o Hex Hall.

Pensar nisso tudo me deixou exausta. Eu me arrastei pelas escadas e tomei o banho mais longo e quente de toda a história da humanidade. Sabia que esse banho não seria suficiente para tirar todo o medo e a tristeza de mim, mas ajudou. Ia me encontrar com Archer dali a pouco, era melhor estar limpa.

Estava me sentindo melhor quando abri a porta do chuveiro, mas logo fiquei nervosa quando vi Elodie dentro do banheiro. Parecia mais sólida dessa vez e bem mais assustada. Seus lábios se moviam rapidamente, mas não dava para entender nada que dizia.

— Eu sei — falei enquanto colocava o roupão —, eu devia fazer ginástica ou alguma atividade física, mas, sinceramente, se você vai me assombrar, então precisamos definir limites.

Jogou as mãos para cima e flutuou mais alto. Seu rosto mostrava raiva e ansiedade. Alguma coisa me dizia que sua mensagem era mais importante do que o peso que eu devia perder.

Um barulho na porta do quarto me fez pular de susto. Até mesmo Elodie se virou.

— Fique aí mesmo — falei apontando para Elodie. Ela me mostrou o dedo do meio. Que fofa.

Era Lara. Estava tão preocupada quanto Elodie.

— Viu Nick?

Fiquei arrepiada.

— Não, por quê?

Ela rodou um de seus anéis no dedo.

— Ainda não o encontramos. E depois de tudo o que aconteceu com Daisy, acho que você entende por que o sumiço dele me preocupa.

Ao meu lado, vi Elodie pairando fora do banheiro, movendo os braços com toda a energia.

— Vou ver se o encontro — falei antes de fechar a porta na cara de Lara, com gentileza.

— O que foi? — sussurrei para Elodie. Ela voltou para o banheiro e me pediu que a seguisse.

Quando cheguei lá, havia desaparecido.

— Ah, que legal — falei em voz alta. — Até mesmo morta você é um saco...

Mas alguma coisa estava sendo escrita nas gotas de vapor do espelho do banheiro. Era uma escrita lenta e cuidadosa, mas finalmente uma palavra se formou.

ARCHER.

Mais duas palavras apareceram. E um medo pesado como um tijolo se alojou em meu estômago.

MOINHO. NICK.

— Ai, meu Deus — murmurei.

RÁPIDO.

CAPÍTULO 35



Saí correndo pela porta da frente vestindo o roupão. Alguém com certeza perguntaria aonde eu estava indo. Entrei em pânico quando a magia subiu pelos meus pés.

O feitiço de teletransporte. Nunca havia me movido para mais de alguns centímetros, e o moinho ficava a pelo menos um quilômetro de distância. Tinha de tentar.

Fechei os olhos e respirei fundo. Reuni meus poderes dentro de mim e tentei ficar calma. Deve ter levado segundos, mas para mim foram séculos até sentir o vento ao meu redor e o sangue mais lento nas veias.

Fiquei com medo de abrir os olhos quando o vento morreu, mas olhei em volta e vi que estava na frente do moinho. O alívio que poderia ter sentido pelo sucesso do feitiço foi destruído assim que entrei. Senti o resíduo de magia no ar. Magia negra.

— Archer? — chamei.

Meu coração pulava tão forte que achei que não conseguiria ouvir nenhum outro som. Mas aí ouvi um barulho fraco vindo lá do fundo.

— Mercer.

Um choro saiu da minha garganta. Fui até a alcova. Archer estava deitado de costas com as mãos no peito. A Lua o iluminava. Parecia que haviam derramado tinta nele todo.

No entanto, a substância que cobria seu peito e se espalhava em uma piscina embaixo do corpo não era tinta preta — nem nenhuma das possibilidades que meu cérebro levantava desesperadamente. O cheiro metálico era o mesmo que sempre sentia quando Jenna ia se alimentar no nosso quarto.

Eu me ajoelhei ao lado dele e toquei seu rosto. Estava frio e úmido.

— É isso que acontece... quando... chego muito cedo — disse se engasgando e tentou sorrir.

— Por favor, não sangre e faça piadas ao mesmo tempo — supliquei.

Levantei suas mãos. Estava muito escuro para ver o ferimento — e era melhor assim. Sua camisa brilhava de tanto sangue e a respiração estava fraca.

— Foi um cara — murmurou. — Veio... do nada... acho que tinha... garras.

Meu Deus. Isso explicava os cortes, mas a ideia de Nick, tão selvagem quanto Daisy, partindo a pele de Archer fez com que bílis subisse na minha garganta.

Respirei pelo nariz até que o enjoo passasse.

— Você vai ficar bem — falei com voz fraca e trêmula. — Não deve estar tão ruim, você deve estar fazendo drama, como sempre.

Minha magia estava se movendo dentro de mim como um mar agitado e eu estava muito perturbada para me concentrar. Mesmo assim, tentei. Acariciei sua testa e tentei canalizar os poderes para ele. Tentei fechar as feridas em seu peito e estômago.

O sangramento melhorou um pouco, mas era o máximo que podia fazer. Eu me sentei e quis gritar de frustração. Para que ter o poder dos deuses se não conseguia salvar as pessoas que amava?

Tremendo, Archer apertou uma de minhas mãos.

— Caso perdido, Mercer.

— Não diga isso! — gritei.

Ele balançou a cabeça. Seus dentes batiam tanto que ele mal conseguia falar, mas disse:

— Isso ia acontecer... mais cedo ou mais tarde. Quem dera... fosse... mais tarde.

Queria dizer não novamente e afirmar que ia ficar bem, mas era inútil. Até mesmo no escuro dava para ver como estava pálido, e o tanto de medo em seus olhos. A piscina de sangue ao seu redor era tão vasta que mal dava para acreditar que aquilo tudo tinha saído dele.

Estava morrendo. Nós dois sabíamos disso. Eu não podia fazer nada.

Mas tinha uma pessoa que podia.

Eu me inclinei para a frente e sussurrei ao seu ouvido.

— Cross, por favor, resista por mais alguns minutos, OK? Você prometeu ficar comigo em um castelo, então vou cobrar.

Ele tentou rir, mas se engasgou. Tapei a boca para segurar o choro e me levantei.

Archer pegou a barra do meu roupão.

— Não me deixe sozinho — sussurrou.

Quase morri, mas saí de perto dele.

— Juro que volto logo.

Queria dizer mais coisas, mas perderia tempo. Se ele morresse antes de eu voltar... Não dava nem para imaginar isso. Antes mesmo de pensar em outras coisas, fechei os olhos e desapareci.

Reapareci no corredor e entrei no quarto de Cal.

Quando abri a porta, ele parecia estar quase pegando no sono. Ficou surpreso e feliz em me ver. Essa foi a pior parte.

Assim que percebeu que eu estava coberta de sangue, seu sorriso sumiu e ele pegou meus braços.

— Sophie, o que foi?

— Não é meu sangue — falei com pressa. — Tem uma pessoa machucada e preciso que você chegue no moinho o mais rápido que puder. Não conte para ninguém. Eu o encontro lá.

Ele franziu o rosto, confuso, mas me teletransportei de volta para o moinho antes que ele fizesse perguntas.

Não sei se foram as horas de prática com papai, mas quase não me esforcei para fazer esse feitiço tão poderoso. Quando voltei ao moinho,

não estava me sentindo nem um pouco tonta. Só sentia medo ao voltar para perto de Archer. Felizmente seu peito ainda subia e descia com a respiração. Parecia estar respirando mais rápido e seus olhos estavam fechados.

— Viu, eu disse que voltaria — falei e me ajoelhei ao seu lado.

Tentei manter a voz calma, achando que ele sentiria menos medo se eu não demonstrasse meu terror. Não sei se funcionou, mas ele pegou minha mão e, sem abrir os olhos, deu um beijo na palma. Segurei seu outro pulso para sentir os batimentos.

Eu me concentrei nisso, em cada batimento que sentia com o dedo, até que ouvi a voz de Cal.

— Sophie?

— Aqui atrás!

Ouvi seus passos passando por pedras e galhos. Quando finalmente apareceu na porta, foi a coisa mais linda que já tinha visto no mundo.

— Ah, obrigada — falei. Se foi um agradecimento para Cal ou para Deus, eu não saberia dizer.

— O que houve? — perguntou Cal, vindo para perto de mim.

Aí Cal viu que era Archer.

Várias emoções passaram por seu rosto. Ficou em choque primeiro e depois sentiu raiva, muita raiva. Seus olhos ficaram secos e a boca tensa.

— Cal — falei quase chorando.

— Saia — disse ele, seco.

Eu me levantei rapidamente e fui para o outro lado de Archer. Cal se ajoelhou onde eu estava. Pegou o braço de Archer sem a gentileza que sempre usava com todo mundo. Era como se estivesse tentando tocá-lo o mínimo possível. Hesitou por um momento tenebroso, mas abaixou a cabeça e as faíscas prateadas começaram a correr pela pele de Archer.

Então eu me sentei no chão imundo de um moinho do século XVIII e vi meu noivo curar o cara que eu amava.

— Meu Deus — murmurei —, minha redação sobre as férias vai ser bizarra. — Deitei a cabeça nos joelhos e fiquei em dúvida se devia rir ou chorar.

— Pronto — disse Cal depois de alguns minutos.

Olhei para a cena. O sangue que estava embaixo de Archer havia desaparecido quase por completo. Embora estivesse inconsciente, sua respiração era lenta e regular. Fui até eles.

— Muito obrigada — falei tocando o braço de Cal.

Ele me afastou e se levantou, virando para o outro lado. Havia muita raiva em cada canto de seu corpo, principalmente nos ombros tensos e nos punhos fechados.

Eu o segui e disse:

— Me perdoe... — Mas ele me interrompeu.

— Não. Eu sabia que você era inocente, mas não achei que fosse burra. Ele é um *agente do Olho*, Sophie. Eles matam o nosso povo. Qual parte disso você não entende?

Só consegui piscar os olhos.

— E ele é pior do que os outros — continuou — porque é tecnicamente um de nós. Traiu a própria raça, e você continua deixando que ele entre na sua vida enquanto afasta... os outros.

Olhou para mim e o que vi em seus olhos me fez tremer. Cal era tão perito em esconder emoções que eu nunca havia percebido... Meu Deus, como pude ser tão idiota?

— Me perdoe — repeti —, e-eu nunca quis magoar você, Cal.

O lampejo de dor foi embora tão repentinamente quanto apareceu.

— Não estou falando só sobre mim — disse. — Você vai ser chefe do Conselho um dia. O Prodígio tem que confiar em você, e isso nunca vai acontecer se levar um *deles* para sua cama.

Uma combinação de raiva e de vergonha fez com que minhas bochechas queimassem.

— OK, em primeiro lugar não tem ninguém "na minha cama". Em segundo lugar, Archer salvou minha vida mais de uma vez. Ele não é o que você pensa.

Cal fez um som de nojo.

— Ah, por favor, Sophie. Não está vendo? Ele é a arma mais poderosa do L'Occhio di Dio. Eles o usaram para espionar o Hecate durante anos,

então por que acha que agora é diferente? Essa deve ser a nova missão dele, ficar próximo de você de novo para pegar informações sobre o Conselho.

— Na verdade, só queria tirar uma casquinha dela, mas até que sua ideia é boa.

Cal e eu nos viramos e vimos Archer sentado contra a parede dos fundos. Seus olhos escuros brilhavam. Ainda estava pálido, mas, fora isso, não estava mais com a aparência de uma pessoa à beira da morte.

— Então, se está convencido de que sou um espião, por que me curou? — perguntou Archer gemendo de dor ao se levantar. — Podia ter me deixado sangrar até morrer. Ia ser bem mais fácil para você.

Cal o olhou com nojo.

— Fiz por ela.

O sorriso de Archer sumiu.

— Certo — disse com calma. — Obrigado.

Ficaram se encarando. A menina boba de onze anos dentro da minha alma quis que lutassem por minha causa, mas meu lado mais maduro de dezessete anos sabia que Archer tinha de sair dali rápido.

— Gente, vamos falar sobre isso depois — sugeri e fui até Archer. Ele pegou minha mão e a apertou.

Cal olhou para nossas mãos dadas.

— Vou voltar para casa — murmurou, mas seu caminho estava bloqueado.

Papai, Lara e os outros três membros do Conselho estavam na entrada olhando para nós.

CAPÍTULO 36



Minhas memórias dos momentos que se seguiram são meio obscuras. Eu me lembro de Kristopher correndo e chutando a espada de Archer, virando seus braços para trás e amarrando-os com a corda que sempre ficava em sua cintura.

Lembro que Lara pegou o braço de Cal e berrou alguma coisa, enquanto Roderick gritou comigo e suas asas negras fizeram com que ficasse parecido com um anjo da morte.

No entanto do que mais me lembro é papai em pé olhando para mim com uma expressão indecifrável. Quando tentei falar com ele, simplesmente ergueu uma das mãos e disse:

— Não tente se explicar, Sophia.

A caminhada de volta para casa foi o quilômetro mais longo e sofrido da minha vida. Não sei se estava mais preocupada com o que iam fazer com Archer ou com a ira de meu pai. À frente, ele e Lara conversavam em voz baixa. Tentei entender o tamanho da confusão em que me metera. Tinha sido pega com um dos maiores inimigos do Prodígio. Alguma coisa me dizia que a punição ia ser bem pior do que escrever mil palavras sobre algum tópico bizarro.

A Abadia Thorne estava escura e silenciosa quando entramos. Papai só falou quando chegamos nos fundos do hall principal.

— Vamos convocar uma reunião de emergência do Conselho logo pela manhã. Sophie, Cal, vocês vão para seus quartos e só saiam quando forem chamados. Kristopher, leve o Sr. Cross para uma das celas lá embaixo.

Eu e Archer nos olhamos. Kristopher fez o que foi mandado.

— Tranquilo — li nos lábios de Archer, mas nada estava tranquilo. Nunca estaria.

Depois que ele foi embora, caminhei até papai. Ele não olhou para mim. Agiu da mesma forma que Cal no moinho.

— Pai, sei que um pedido de desculpas não serve.

Ele respirou fundo pelo nariz.

— Até que seu testemunho acabe, não posso falar com você. Por favor, vá para seus aposentos até amanhã de manhã.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Pai...

— Vá embora! — berrou. Tapei a boca para não chorar.

Ele se retirou sem nem olhar para mim.

— Vamos — disse Cal. — Não há nada que você possa fazer agora.

— Você contou para eles? — indaguei. — Foi por isso que apareceram no moinho?

A fúria de Cal parecia ter se dissipado.

— Não — respondeu —, não sei por que foram lá. A não ser que tenha a ver com os testes que fizeram em mim ultimamente. Talvez tenham rastreado minha magia. Quem sabe?

Ele se virou para ir embora. O que eu mais queria no mundo era ir atrás de papai, mas segui Cal pelas escadas até meu quarto. Nossos passos ficaram abafados pelo carpete e a luz fraca das lâmpadas produzia sombras tremeluzentes. Senti os olhares dos retratos na parede em mim, como se estivessem me julgando. Todos aqueles Prodígios perseguidos por séculos pelo Olho e pelas Brannick e por sei lá mais quem.

Fiz isso por um bom motivo, quis dizer para as pinturas. *E Archer não é um deles de verdade*. Acho que nem os quadros acreditariam em mim.

— O que acha que vão fazer conosco? — perguntei para Cal sentindo frio na barriga.

— Não vai ser tão ruim quanto pensa — respondeu sem soar muito confiante. — A filha de James é importante para eles. Não vão jogar você aos lobos por causa disso.

Será que ser jogada aos lobos era uma punição literal? Deus me livre.

— Devem aumentar sua sentença no Hecate por mais um ano, mas acho que não vai passar disso — prosseguiu Cal. — Quanto a mim...

— Você estava só *me* ajudando — interrompi. Chegamos no nosso corredor. — Diga isso para eles, tá? Diga que estava, tipo, honrando nosso noivado, sei lá. Aposto que não vão ser duros com você.

Paramos à porta de Cal e ele ficou me olhando. Como sempre, não tinha como saber o que ele estava pensando.

— Talvez. — Foi tudo o que disse. Depois de uma longa pausa, continuou: — Sei que acha que vão matá-lo, mas talvez não. Archer Cross é tão importante para o Olho quanto você é para o Conselho. Ele é um bom refém, e eles sabem disso.

Tentei não me emocionar de novo. Se chorasse mais naquela noite ia virar uma gelatina.

— E agora? Vamos para nossos quartos, dormimos e fingimos que vai ficar tudo bem? — Lembrei de outra coisa. — Ou fingimos que Nick não está por aí neste momento completamente louco *e* superpoderoso? Porque fazer isso é impossível para mim.

— É possível, sim.

Ele ergueu uma das mãos, o que me assustou, e tocou meu rosto.

Quase imediatamente, uma sensação de bem-estar me tomou, uma lombeira abençoada que ia do topo da cabeça até as pontas dos dedos dos pés.

— Sério, melhor poder do mundo — murmurei.

— Vá dormir, Sophie — disse retraindo a mão como se minha pele o queimasse. — Amanhã vai ser um longo dia.

Mas aquela noite ainda não tinha acabado. Quando me virei para ir embora, vi Jenna em pé perto da minha porta. Seu rosto estava sério e cheio de raiva.

— Fui lá embaixo pegar sangue — disse sem nem mover os lábios direito — e os vi... entrando com você. E com Archer.

O feitiço de Cal que me ajudara tanto havia poucos segundos passou a ser um pesadelo. Meu cérebro estava muito lento e adormecido para que eu me explicasse. Quando tentei falar, só conseguir dizer poucas palavras.

— Ele estava me ajudando.

Ela se engasgou — ou quase começou a chorar.

— Ajudando você? Sophie, ele é...

— Um agente do Olho — completei a frase, irritada. — Sei disso. Você não é a primeira pessoa a me dizer isso hoje. Mas, Jenna, por favor. — Estiquei uma das mãos e peguei seu pulso. — Cal está furioso comigo, meu pai provavelmente me odeia... Não vou aguentar se você ficar contra mim também.

Duas lágrimas correram de seus olhos e vieram parar na minha mão. Sua pedra de sangue brilhava sob a luz das lâmpadas. Depois de um longo tempo, cobriu minha mão com a dela.

— Tudo bem — disse fungando —, mas amanhã você vai me contar tudo.

— Tudo — repeti sentindo os olhos ardendo. Quando finalmente me deu um abraço, não consegui conter o choro. — Você é mais do que mereço — murmurei com o rosto apoiado em seu ombro.

Ela apertou o abraço.

— Eu sei.

Ri e chorei ao mesmo tempo. Um pouquinho do peso no meu coração foi aliviado.

Na manhã seguinte, ouvi uma batida na porta e acordei com um susto. O feitiço de Cal já havia se esvaído completamente. Toda a ansiedade e o desespero voltaram. Em menos de vinte e quatro horas, minha vida inteira tinha ficado de pernas para o ar. Nick e Daisy surtaram, Archer era prisioneiro do Conselho e a relação frágil que eu estava construindo com

papai fora completamente despedaçada. Não me parecia justo que tanta coisa ruim acontecesse em tão pouco tempo.

Ou talvez todo o horror de uma vida estava acontecendo naquele momento. Talvez os próximos oitenta anos fossem repletos de felicidade, cachorrinhos e gatinhos. Seria ótimo.

Ouvi a batida de novo e percebi que não era na minha porta, mas sim na de Cal. Afundei a cabeça no travesseiro. Será que eu seria a próxima ou Archer iria antes?

Ou talvez já o tivessem interrogado.

Afastei essa imagem e fui tomar um banho e me vestir. Minhas roupas da noite anterior ainda estavam amontoadas no chão. Eu as coloquei no cesto embaixo da pia do banheiro. Não era a primeira vez que elas ficavam manchadas de sangue, mas torci para que fosse a última.

Quando vieram me buscar, eu estava sentada na beira da cama usando o tubinho preto que Lara tinha comprado para mim no Lysander's. Abri a porta e lá estava Kristopher.

— Sophie, eles estão prontos para falar com você — disse.

Concordei. Meu coração batia forte e minha boca estava seca.

Descemos a escada. Em vez de irmos para a sede do Conselho, ele me levou para a esquerda, para uma parte completamente desconhecida da Abadia Thorne. O corredor era mais escuro e não tinha a tinta dourada que cobria o resto da casa. Lá havia apenas paredes de madeira e proteções de aço ao redor das lâmpadas. Paramos em uma porta de madeira pesada e cheia de marcas.

O cômodo era bem diferente de tudo o que já tinha visto em Thorne. Era relativamente pequeno e escuro. Não havia janelas, e a única fonte de luz era um candelabro cheio de velas. O lugar tinha cheiro de umidade e mofo e havia manchas escuras no chão de tábuas. Nem queria imaginar de onde vieram.

À frente, uma longa mesa de madeira tomava quase todo o comprimento da sala. Havia cinco cadeiras nas quais os membros do Conselho estavam. Vi Lara primeiro e, surpreendentemente, percebi a Sra. Casnoff ao seu lado.

Fiquei tão chocada em vê-la em Thorne de novo que não percebi que papai não estava lá. Quando Lara sentiu minha presença, fez um sinal para que eu me aproximasse. Havia um banco baixo feito da mesma madeira escura que fora usada no resto da sala na frente da mesa. Era como estar presa em uma enorme gaiola de carvalho.

Archer estava sentado no banco com os cotovelos apoiados sobre os joelhos. Seus pulsos ainda estavam presos com a corda de Kristopher e suas roupas estava estraçalhadas e sujas de sangue. Quando me sentei ao seu lado, levantou a cabeça e tentou sorrir para mim. O sorriso saiu pela metade. Quis tocá-lo mas sabia que isso só pioraria as coisas. A magia correu pelo meu corpo e, por um segundo, imaginei jogando-a contra aquela mesa formada por cinco rostos sinistros.

Podia fazê-lo. Meus poderes eram maiores do que os deles.

Mas e aí? Eu sairia correndo, destruiria tudo o que papai levara anos para construir e passaria o resto da vida me escondendo. Não, obrigada. Não sei o que o Conselho tinha em mente para mim, mas não devia ser pior do que isso.

— Sophie, como deve ter percebido, seu pai não está aqui conosco — disse Lara enquanto Kristopher se sentava ao seu lado. — Decidimos, e ele concordou, que seria impossível para ele manter o nível de objetividade necessário para participar de seu julgamento.

Olhei em volta e finalmente vi papai encostado na parede dos fundos, praticamente escondido no escuro. Seus braços estavam cruzados, mas não consegui ver seu rosto. Lara disse que ele não participaria do meu julgamento. Será que havia participado do de Archer?

— No entanto, visto que as leis do Conselho mandam que tenhamos cinco membros em todas as tomadas de decisões, Anastácia concordou em ocupar seu lugar. Vocês dois estão sendo acusados de coisas muito sérias. — A voz de Lara devia ter sido alta e forte, o som de um julgamento vindo de cima. Contudo, sua voz era baixa e calma, quase intimista. — Archer Cross, você se infiltrou no Hecate Hall como um agente do L'Occhio di Dio. Admite isso?

Nunca quis tanto ter poderes telepáticos. *Por favor, não seja espertinho, por favor, não seja espertinho*, pensei tentando fazer com que as palavras alcançassem o cérebro de Archer. Deu certo ou Archer tinha mais juízo do que eu pensava.

— Admito — disse com calma.

Os cinco Prodígios quase suspiraram juntos. Depois, como se fossem um só corpo, olharam para mim.

— Sophia Mercer, você invadiu uma região proibida da ilha Graymalkin e conspirou com um agente do L'Occhio di Dio para tal. Admite isso?

Milhões de argumentos e explicações me vieram à mente, tipo, que só fui até aquela parte da ilha porque as irmãs Casnoff estavam fazendo merda, mas engoli palavra por palavra. Queria que aquilo acabasse logo.

— Admito.

Lara concordou com a cabeça e acho que vi um lampejo de alívio em seu rosto. Rabiscou alguma coisa em um longo pergaminho. Continuou falando sem nem olhar para cima.

— Sr. Cross, visto que admite sua culpa diante das acusações, vamos pronunciar sua sentença agora.

Meu coração bateu mais devagar e me senti gelada, como se fosse me teletransportar. Porém, não era magia, apenas medo.

— O Conselho deliberou que o senhor será executado no próximo amanhecer aqui na Abadia Thorne.

Foi como se todo o ar saísse de meus pulmões. Da sala. Achei que as paredes estivessem tremendo, mas não, era eu. Tremia tanto que mal conseguia ver as pessoas. Amanhã. Ao amanhecer. Em menos de vinte e quatro horas. Em menos de um dia, Archer estaria morto. As palavras berravam dentro de mim. A dor de cabeça era tão intensa quanto a dor no coração.

Ao meu lado, Archer respirou fundo. Cravei as unhas nas palmas das mãos para ter a força de não tocá-lo. Se o fizesse, nem sei o que aconteceria. Meus poderes amoleceram dentro de mim da mesma forma que na noite anterior, quando achei que ele estivesse morto. Acho que não

tinha nada em que pudesse pensar que me impedisse de explodir a abadia inteira se soltasse uma vírgula do meu poder.

— E você, Sophia — disse Lara tomando minha atenção. — Você é outro assunto.

Estava tão preocupada pensando em como iam matar Archer que até me esqueci que estava sob julgamento.

Lara franziu o rosto. Uma linha vertical apareceu em sua testa.

— Esse foi apenas o último de uma série de eventos nos quais você está envolvida. Teve a situação no Hecate no outono passado. Você machucou vários Prodígios no Shelley's semanas atrás. Conseguiu, quase sem ajuda alguma, abrir a proteção na qual o grimório de Virginia Thorne estava.

Balancei a cabeça. Como ela sabia daquilo? Quis olhar para papai de novo, mas meus olhos estavam grudados em Lara. Vi seus lábios se movendo lentamente.

— E talvez o mais preocupante de tudo sejam suas habilidades como necromante. Nunca existiu nenhum outro Prodígio tão proficiente nisso quanto você.

— Como assim, está se referindo aos carniçais? — perguntei, confusa. — Porque, tipo, sim, consegui controlá-los, mas isso sugou quase tudo o que eu tinha.

A Sra. Casnoff se encostou na cadeira e colocou as mãos unidas sobre a mesa. Falou pela primeira vez.

— Os carniçais não, Sophie. Estamos falando de Elodie Parris.

CAPÍTULO 37



As palavras caíram sobre mim como uma pedra.

— Você me contou que ela tentou se comunicar com você no Hecate. É verdade?

Senti todos os olhos em mim, até os de Archer.

— Sim.

A Sra. Casnoff se inclinou para a frente.

— E tentou o mesmo aqui em Thorne?

Meus dedos estavam congelando no meu colo, mas não falei nada. Mesmo assim, a Sra. Casnoff fez que sim com a cabeça como se eu tivesse falado.

— Nunca houve um caso de comunicação entre um fantasma e um Prodígio, muito menos assim em dois lugares diferentes e separados pelo oceano Atlântico. Elodie devia estar assombrando o Hecate. Em vez disso, está assombrando *você*. — Balançou a cabeça levemente como se não acreditasse. — É possível que isso seja um efeito de ter compartilhado magia com você enquanto morria, mas, novamente, esse fenômeno não tem precedentes. Se considerarmos isso e mais os poderes que você já demonstrou e mais sua herança, temo que não tenhamos outra escolha.

Minha mente ficou como uma esponja inflada. Era muita informação, não dava nem para tentar começar a raciocinar. De alguma maneira,

Elodie estava ligada a mim. Apesar de tudo o que fiz durante o verão para tentar não virar um ser assustador, era exatamente isso que o Conselho estava dizendo que eu era. E o que quis dizer com minha "herança"?

A Sra. Casnoff abaixou a cabeça e Lara novamente escreveu no pergaminho antes de falar.

— O Conselho deliberou que a senhorita será submetida à Remoção.

Em uníssono, o Conselho murmurou uma palavra ou frase em uma língua que não era nem familiar. Não sei o que era, mas tinha poder, tanto que meus cabelos se moveram. Fiquei grudada ao banco sem nem saber o que fazer. A mão de Archer tocou a minha, quente e pesada. Eu me lembrei da primeira vez que nos tocamos, naquela noite da assembleia no Hecate. No fundo da sala, papai disse alguma coisa, sua voz era afiada como uma navalha. Sei que é bobeira, mas me deu vontade de rir. Acho que finalmente conseguira o que tanto queria.

De repente, papai estava ao meu lado com as mãos sobre meus ombros.

— Sophie esteve na Graymalkin com Archer porque eu mandei — disse.

Peguei suas mãos imediatamente.

— Não, pai!

Ele nem olhou para mim. Continuou encarando a Sra. Casnoff.

— Suspeitei que você era responsável pela transformação de Daisy e de Nick, então mandei Sophie e Archer investigarem. Se alguém deve passar pela Remoção, esse alguém sou eu. — Apontou para Lara com a cabeça. — Você sempre quis ser chefe do Conselho. Cedo meu lugar de bom grado.

Papai repetiu a mesma frase que o Conselho falou quando declarou minha sentença e a de Archer e, novamente, um pulso de poder correu pelo salão.

Dessa vez, a onda foi mais forte. A chama das velas se moveram e quase se apagaram. Lara respirou fundo e moveu os ombros, como se alguma coisa pesada tivesse pairado sobre eles. Papai soou um tanto cansado quando disse:

— Apenas deixem que Sophie volte para sua mãe intacta.

— Ah, James — disse Lara quase com tristeza. — Seu sacrifício é nobre, porém inútil e previsível.

Kristopher, Roderick e Elizabeth estavam olhando para papai com a mesma expressão: um misto estranho de pena e desdém. O medo que me rondara por mais de um mês de repente se instalou em mim, forte e pesado, tirando meu fôlego. Era chegada a hora. Aquilo que eu havia sentido que ia acontecer estava acontecendo.

— Você nos decepcionou tanto. — O olhar de Lara veio parar em mim. — Vocês dois.

A sala estava em total silêncio, mas Lara não precisou de incentivos para continuar falando. Era visível que havia esperado por aquele momento.

— Quando meu pai e Virginia Thorne transformaram Alice, acharam que haviam criado a arma perfeita: um ser contendo mais poder do que era possível imaginar, mas sob controle. Em vez disso, se depararam com uma menina louca e histérica, que teve que ser sacrificada como um cachorro. Papai ainda teve esperanças em Lucy, mas ela se recusou a trabalhar para o Conselho. Sendo assim, o Conselho esperou até que você fosse velho o suficiente, James, e aí se livrou dos seus pais.

Levei alguns segundos para entender o que ela estava dizendo. Alexei Casnoff fora o criador de Alice para poder controlar seus descendentes. Fizera com que Lucy matasse seu marido. Meu avô. E aí arrumara uma maneira de matá-la também. Não sei como consegui continuar ouvindo com tanto sangue circulando nas minhas orelhas. Lara prosseguiu.

— Papai viu o potencial em usar demônios na guerra contra o Olho. Infelizmente, sua avó e sua mãe foram... incapazes de ser utilizadas como armas. Papai achou que você seria melhor do que elas.

Papai já estava bem pálido, mas, quando as palavras de Lara o atingiram, ficou da cor de um papel. Senti ódio e horror. Achei que meus poderes fossem surgir, mas, apesar de estarem circulando em meu sangue, era como se estivessem em uma redoma de vidro. Dava para senti-los, mas não para acessá-los.

— Nem precisa tentar — disse Roderick para mim. — Assim que foi sentenciada a passar pela Remoção, seus poderes lhe foram vedados. Os de seu pai também, visto que proferiu o feitiço do enlace. É um feitiço muito útil. Se não fosse por ele, bruxas e bruxos poderiam lutar contra a Remoção.

Ao meu lado, Archer esticou as costas e vi pequenas faíscas azuis em seus dedos. Olhei para ele e fiz que não com a cabeça. Archer lutava muito bem, mas não era um bruxo forte. Se tentasse fazer alguma coisa, acabaria virando mais uma mancha no chão de madeira.

Lara ainda olhava para papai.

— No entanto, meu pai era um homem esperto. Guardou o ritual que usou para criar Alice, caso você não se tornasse bom o suficiente. E foi o que aconteceu. Com sua filha também. Vocês fracassaram, mas temos outros.

Papai gargalhou.

— Nick e Daisy? São muito selvagens para serem utilizados.

— Não — disse a Sra. Casnoff. Ela estava em silêncio desde que fui sentenciada. — Nick e Daisy são apenas os que você conhece. — Se não fosse a Sra. Casnoff falando, eu diria que seus olhos estavam repletos de súplica. — Você nunca daria o passo agressivo que necessitamos para lutar contra nossos inimigos, James. Sei que tem razões pessoais para isso, mas simplesmente não podemos mais permitir nossa vulnerabilidade.

— Isso é loucura — disse papai com a voz emocionada. — Vocês acabaram de dar ao Olho e às Brannick, a todos esses desgraçados, mais motivos do que nunca para nos exterminarem.

— Eles se infiltraram na nossa espécie, James — disse Lara tocando os lábios. — Precisamos de todas as armas à disposição.

Ela estava errada. Eu tinha certeza disso. Não sei se era por causa dos meus dons ou apenas bom senso. Criar demônios seria entendido como uma tática de guerra. Isso era muito claro. Senti muito desespero quando pensei em todo o mal que aquela família tinha feito. Alexei Casnoff destruíra Alice, Lucy, meu avô... e agora as filhas dele queriam nos tirar do caminho. Era tudo tão louco que eu não sabia se devia rir ou gritar.

Mas essa decisão foi feita por mim quando Lara moveu a cabeça e dois guardas vampiros, talvez os mesmos que eu tinha visto na noite anterior, saíram das sombras e pegaram papai.

— Não! — gritei, mas os guardas já estavam levando-o.

— Não se preocupe — disse papai olhando para mim. Sua voz foi firme, mas vi medo em seus olhos.

Olhei para ele e minha mente em pânico tentou pensar em alguma coisa, qualquer coisa, para lhe dizer. Afinal de contas, talvez fosse a última vez que o veria. No entanto, meu cérebro estava repleto de terror e tudo o que consegui dizer foi:

— Papai.

E aí ele sumiu. O som da porta se fechando ecoou pelo aposento.

CAPÍTULO 38



Archer e eu fomos levados para o subsolo de Thorne e colocados em uma daquelas celas que papai havia mencionado na noite anterior. Não eram como eu havia imaginado; pensei em barras de aço e uma cama estreita — como em uma prisão. Eram apenas cavernas com portas de ferro. Fomos jogados em uma das maiores. A parede feita de pedra branca brilhava de tão úmida. O lugar era iluminado por uma pequena esfera, como a que eu havia feito naquela outra noite, que pairava acima de nós. Havia algum poder na cela. Archer me informou que era um feitiço que impedia que qualquer pessoa realizasse magia ali. Disse ter descoberto isso na noite anterior.

Por muito tempo, ficamos sentados no chão molhado de mãos dadas. Em algum lugar da casa, papai estava passando por um ritual que talvez o matasse. Eu seria a próxima e, naquele mesmo horário no dia seguinte, Archer estaria morto. Era muita informação para processar, muito mais para mencionar, portanto ficamos em silêncio por um bom tempo.

Olhei o reflexo da luz no cascalho até que Archer disse:

— Queria ir ao cinema com você.

Olhei para ele.

— Estamos em um calabouço. Há grandes chances de que eu morra daqui a pouco. Você *vai* morrer daqui a pouco. E se você tivesse um último

desejo seria ir ao cinema?

Ele balançou a cabeça.

— Não foi isso que quis dizer. Eu queria que a gente não fosse o que é. Entendeu? Demônio e caçador de demônio. Queria ter conhecido você em uma escola normal, ter marcado encontros normais, ter, tipo, carregado seus livros, essas coisas. — Olhou para mim com o rosto franzido. — É isso que os humanos fazem?

— Só nos seriados dos anos 1950 — respondi e toquei seu cabelo. Ele me abraçou e se encostou na parede comigo deitada em seu peito. Encolhi as pernas e acomodei a bochecha na clavícula dele. — Então, em vez de ficar por aí nas florestas brigando com carniçais, você prefere ir ao cinema e às festinhas da escola.

— Podemos dar uma caçada e pegar uns carniçais de vez em quando — disse antes de beijar minha testa. — Para apimentar a relação.

Fechei os olhos.

— O que mais faríamos se fôssemos adolescentes normais?

— Hum... vejamos. Bem, primeiro eu gostaria de ter um emprego para poder ter dinheiro e bancar nossos passeios bem normais. Talvez pudesse trabalhar no depósito de algum supermercado.

Meio bizarro imaginar Archer com um avental azul empilhando caixas e mais caixas de comida em um supermercado, mas tudo bem.

— A gente podia ter várias discussões no corredor onde ficam os armários — falei. — Isso foi uma coisa que vi vários humanos fazendo.

Ele apertou o abraço.

— Exatamente! Isso seria muito divertido. E aí eu podia ir até sua casa no meio da noite e tocar música bem alto na janela até você me perdoar.

Eu ri.

— Você vê muito filme. Cara, podíamos ser uma dupla nas aulas de laboratório!

— Não foi mais ou menos a mesma coisa nas aulas de Defesa?

— Sim, mas em uma escola normal tem mais ciência e menos chute na cara.

— Maneiro.

Passamos os minutos seguintes imaginando outras situações como essas, incluindo esportes nos quais Archer poderia usar as habilidades que aprendeu no L'Occhio di Dio, e peças de teatro. Quando terminamos, eu já estava gargalhando e acabei me esquecendo, só por alguns minutos, da confusão enorme em que nos encontrávamos.

E era para isso mesmo que estávamos nos distraindo.

Assim que as risadas morreram, o medo começou a voltar. Mesmo assim, tentei usar meu humor.

— Sabe de uma coisa, se eu sobreviver, vou ficar cheia de tatuagens sinistras que nem as da Vandy. Tem certeza que quer namorar uma menina cheia de ilustrações, mesmo que por pouco tempo?

Archer pegou meu queixo e me fez olhar para ele.

— Pode acreditar — disse com doçura —, mesmo que tivesse uma tatuagem de um tigre gigante no rosto, ainda assim eu ia querer você.

— Tá, falando sério, chega desse papinho romântico — disse para ele, chegando mais perto. — Prefiro o Archer irritante e maldoso.

Ele sorriu.

— Sendo assim, cale a boca, Mercer.

Nos beijamos. Eu estava consciente de que provavelmente era a última vez que nos beijávamos, e acho que ele sentia o mesmo. Esse beijo foi diferente de todos os outros. Era mais lento e cheio de desespero. Quando terminou, ambos estávamos ofegantes. Acariciei a testa dele com a minha.

— Sophie — murmurou Archer, mas o pesado portão de ferro se abriu.

Kristopher apareceu. Seu cabelo estava azul sob a luz da esfera. Acho que nem prestou atenção em nós. Apenas se virou para trás e latiu:

— Aqui.

Duas figuras altas entraram na cela carregando alguma coisa entre eles.

Era papai.

Estava vestindo um manto negro parecido com o que usara na minha festa de aniversário. Sua cabeça ficou pendurada para trás quando os dois homens — também eram vampiros — o colocaram no chão. Primeiro, só consegui ver aquelas marcas subindo pelo pescoço e se espiralando nas

bochechas e testa como videiras venenosas. No escuro, pareciam ser pretas, mas deviam ser roxas como as da Vandy.

Mas nada disso importava. O importante era que seu peito se movia e que, quando peguei seu pulso, senti os batimentos cardíacos.

— Pai — eu disse com calma, mas ele não acordou.

Apertei sua mão com mais força. Tinha alguma coisa diferente nele. Demorei um minuto para perceber que o que eu estava sentindo era sua falta de poderes. Já estava bem acostumada a me sintonizar com a energia do papai. Era como uma estação de rádio de baixa frequência que só eu podia ouvir. Agora só havia silêncio. Meus poderes, presos dentro de mim, pareceram bater contra a caixa invisível em sinal de compaixão.

Minhas lágrimas rolaram e foram parar em seu manto.

Senti as mãos ásperas dos vampiros nos meus ombros enquanto me levantavam. Kristopher estava perto da porta com uma expressão impassível.

— Venha, Sophia.

Olhei freneticamente para papai e para Archer. Não, não era possível. Não podiam ser os últimos segundos em que os via. Ainda tinha tanto para dizer aos dois.

— Vou cuidar dele — disse Archer ajoelhando-se ao lado de papai. — E vejo você quando voltar.

— Tá — falei, molhando os meus lábios, que de repente ficaram tão secos que doíam. — Vejo você quando voltar.

Falei como se fosse um mantra, ou uma promessa. E fiquei repetindo aquilo na cabeça. *Quando voltar, quando voltar*. Se papai sobreviveu, eu também sobreviveria.

Empurrei as mãos dos vampiros.

— Sei andar sozinha — falei.

Mesmo que meus joelhos estivessem chacoalhando, consegui andar até Kristopher.

Eu o segui para fora da cela mantendo as costas retas e a cabeça altiva.

Mas quando cheguei na base das escadas que levavam ao resto da Abadia Thorne, minha confiança vacilou.

Lá estava a Sra. Casnoff em pé, esperando por mim.

CAPÍTULO 39



Mal dava para olhar a Sra. Casnoff dentro dos olhos. Eu nunca tinha sido sua fã, mas confiara nela. Só consegui pensar na noite em que ela e Cal me acharam com Alice, em como se sentara ao meu lado na cama e segurara minha mão. Em como me dissera que meu destino era chefiar o Conselho. Que pena não ter mencionado que o Conselho me mataria se eu não correspondesse às suas expectativas.

Fomos subindo degrau por degrau de pedras retorcidas.

— Sophie, sei que se sente traída.

— Traída, emputecida, aterrorizada... são várias emoções ao mesmo tempo, na verdade.

Ela parou e colocou uma das mãos em meu braço.

— Existem razões válidas para tudo isso.

Afastei sua mão.

— Sua irmã já fez a cena em que a vilã explica tudo. Não preciso ouvir tudo de novo.

— Mas é exatamente isso — insistiu. — Não somos vilãs. Estamos fazendo o que é melhor para o Prodígio como um todo. Estamos em números cada vez menores, enquanto facções como o L'Occhio di Dio e as Brannick aumentam. Você e seu pai deviam nos proteger, porém ambos parecem preferir a companhia do inimigo.

— Não é isso que... peraí, como assim "ambos"? Desde quando papai é amiguinho do Olho? Ou das Brannick?

Ela balançou a cabeça e continuou subindo as escadas.

— Não faz mais diferença.

Chegamos ao final da escadaria, mas ainda estávamos no subsolo. Não havia janelas no corredor. Havia várias armaduras alinhadas contra a parede, mas eram diferentes das que eu tinha visto em outras partes de Thorne. As dimensões eram estranhas e várias armaduras eram incrivelmente enormes. Senti o medo passando em mim e por mim e, de novo, a magia deu saltos lamentáveis e inúteis em meu corpo.

— É só me seguir — disse a Sra. Casnoff, mas antes de darmos o terceiro passo, uma voz berrou:

— Anastácia.

Era Elizabeth correndo pelo corredor com suas perninhas de vovó e a bata esvoaçante.

A Sra. Casnoff não gostou da interrupção.

— O que foi?

Elizabeth chegou até nós sem fôlego e com as bochechas rosadas.

— Lara precisa vê-la imediatamente.

A Sra. Casnoff franziu o rosto.

— Estou levando Sophie para a câmara de Remoção. Avise que logo estarei lá.

— Não! — Elizabeth sacudiu a cabeça. — Ela pediu que venha agora. É — olhou rapidamente para mim — sobre Nick.

Mesmo naquele corredor escuro, vi o sangue sumindo do rosto da Sra. Casnoff.

— É...

— O mesmo de antes — disse Elizabeth. — Com os pais dele, mas desta vez... — Suas palavras viraram um choro e ela tapou a boca antes de dizer: — Meu Deus, Anastácia, está acontecendo tudo de novo.

Eu não fazia ideia do que Elizabeth estava querendo dizer, mas a Sra. Casnoff disse uma palavra que jamais achei que diria. Ela se virou para mim.

— Venha conosco, Sophie. E se tentar escapar, juro que mato você com minhas próprias mãos, entendeu?

Fiz que sim com a cabeça. Estava tão aliviada por não ir para a câmara de Remoção que nem senti medo. Segui a Sra. Casnoff e Elizabeth até o final do corredor com a cabeça rodando. Se alguma coisa muito ruim tivesse acontecido, talvez todos ficassem distraídos o suficiente para que eu pudesse formular um plano de fuga, mesmo com as ameaças da Sra. Casnoff. Primeiro, teria de encontrar Jenna. Fiquei até surpresa quando percebi que nem tinha pensado nela durante aquela confusão toda. Será que sabia o que tinha acontecido? Se contaram sobre Archer, é claro que jamais ia querer morar comigo de novo. Tentei pensar em outra coisa, mas não adiantou. E Cal? Tinha de encontrá-lo e ver se tinham feito alguma coisa com ele. Aí talvez, de alguma maneira, Cal, Jenna e eu pudéssemos arrumar um jeito de tirar papai e Archer da cela. Podíamos correr com eles para o *Itineris*. Teríamos de ser rápidos como se as bestas do apocalipse estivessem vindo atrás de nós.

E provavelmente estariam.

Chegamos ao hall central e já dava para ouvir a gritaria lá em cima.

Elizabeth e a Sra. Casnoff correram pelas escadas e pensei em ir para meu quarto na esperança de encontrar Jenna e Cal por lá. Não dei nem meia-volta quando um choque de magia me atingiu em cheio perto do ombro. Caí de joelhos. Foi um feitiço de ataque — Alice havia me ensinado um encantamento desses, mas não tão doloroso. Era como se tivesse sido eletrocutada e levado uma porrada com um taco de beisebol ao mesmo tempo.

Levantei a cabeça e vi a Sra. Casnoff no corredor com a mão esticada para mim.

— Eu avisei — disse. — Venha logo.

Obedeci. Não dava para fazer nada além do que ela havia ordenado. Mal conseguia andar.

O resto do Conselho estava reunido do lado de fora do escritório de papai. Algumas palmeiras estavam caídas e havia terra preta pelo carpete.

Vi pedaços de vidro no chão e manchas escuras. Lara e Roderick estavam no meio do saguão discutindo aos berros.

— Você garantiu que isso não ia acontecer. Você jurou que ele estava sob controle.

As mãos de Lara estavam fechadas em punhos ao lado do corpo e ela olhava para Roderick com fúria.

— Ele está sob controle. É lógico que isso é algum tipo de aberração. Podemos consertar o problema.

— Não — exclamou Elizabeth —, não podemos! Lara, ele matou quase vinte pessoas esta noite. *Vinte* em apenas alguns minutos.

Meu estômago se revirou. Então essa era a emergência. O demônio de estimação deles estava surtado. Senti uma alegria macabra vendo aquilo. Bem feito, pensei. É isso que ganham por transformar crianças em demônios. Aí me lembrei de Nick, de como era doce com Daisy, de como seu sorriso me lembrava Archer, e toda a minha satisfação foi embora imediatamente.

— E o Olho sabe que estamos com Cross — continuou Elizabeth com uma voz estridente. — Estão vindo para Thorne. Oh, meu Deus, vai ser exatamente como na outra guerra!

— Não — latiu Lara com o rosto enlouquecido. — Desta vez, não. Ainda temos Daisy. Vamos conseguir.

Kristopher apareceu embaixo do arco de mármore. Seus olhos azuis estavam cheios de raiva.

— É muito tarde para isso. Elizabeth tem razão. Eles estão vindo, Lara. Eu sinto. Sei que você também.

Mas Lara ficou imóvel. Seus cabelos louros haviam se soltado do coque. Seus olhos estavam selvagens.

— Que venham. Anastácia, tire Daisy da cela.

Mas a Sra. Casnoff não se moveu.

— Se deixarmos que Daisy os ataque... Lara, e se não conseguirmos controlá-la?

Eu me senti invisível ali no meio deles, vendo aquela cena. Foi estranho, mas senti pena daquelas pessoas. Fizeram uma coisa idiota e perigosa

porque estavam com medo e agora iam sofrer as consequências. Contudo, essa consequência era uma guerra que ia causar a morte de vários Prodígios e de humanos também.

Era tolice, mas tentei acionar meus poderes uma última vez. Não sei o que faria se funcionassem, mas, novamente, tentei em vão. Só sobrou aquele sentimento passivo de que minha magia estava dentro de mim, mas fora de alcance. Tinha de haver uma maneira de acioná-la. Se não houvesse, por que haveriam criado a Remoção? Talvez o feitiço de enlace não fosse permanente.

No meio daquele silêncio, olhei para o carpete e alguma coisa reluzente me chamou a atenção. Aqueles pedaços de vidro. Não, não era o vidro que brilhava na luz. Era uma corrente fina de ouro.

Um som engasgado, meio choro, meio grito, saiu pela minha garganta quando me ajoelhei e percebi o que era aquele objeto.

Era uma pedra de sangue estilhaçada.

CAPÍTULO 40



— Onde ela está? — perguntei para a Sra. Casnoff. — Isto aqui é de Jenna. — Levantei a corrente. — O que você fez com ela?

Minha voz virou um berro nas últimas palavras e meu corpo tremia muito. Se destruíram a pedra de sangue de Jenna durante o dia, ela estava morta. Pior do que morta, teria queimado viva, gritando. Pensei na premonição que tive, a de que Cal, Jenna e eu não voltaríamos ao Hecate juntos.

O cheiro de fumaça.

Meus dedos apertaram a corrente e minhas unhas furaram a palma da mão. Lara olhou para mim com desdém e disse:

— Era hora de limpar a casa em vários sentidos.

Dei um berro de raiva e me levantei. Talvez não tivesse mais poderes, mas isso não me impediria de matá-la com minhas próprias mãos se tinham machucado Jenna. Não sei o que teria acontecido se um barulho alto não tivesse reverberado pela casa naquele exato momento. Assim que o ouviram, tiraram os olhos de mim e se viraram para o arco de mármore.

Outro estrondo, e mais outro, e depois o som horrível e aterrorizante de madeira se partindo.

Sem dizer nada, Lara sumiu no ar, deixando um leve vento que me indicou que havia se teletransportado. Devia ter ido para a cela libertar

Daisy. A Sra. Casnoff murmurou alguma coisa repetidas vezes em uma língua que não dava para entender. A vestimenta de vovó de Elizabeth se rasgou e deu lugar ao pelo cinza. Seu rosto virou um focinho e seus óculos caíram revelando olhos amarelos.

Acho que estavam esperando que alguém aparecesse no arco dizendo "Eu me rendo" ou alguma coisa assim. O estranho era exatamente isso: esperavam que aquela situação fosse se resolver de uma maneira formal e civilizada. Foram pegos de surpresa quando um punhal de prata voou pelo arco e acertou Kristopher bem no peito. Ele caiu sem fazer qualquer ruído e seus olhos ficaram fixos no nada.

O que aconteceu em seguida foi digno de um pesadelo.

O lobisomem que tinha sido Elizabeth uivou e se lançou no saguão em direção às escadas, seguido da Sra. Casnoff e de Roderick. Fiquei parada. Que mais poderia fazer no meio de uma batalha mágica descomunal sem que pudesse usar minha magia?

Só consegui ouvir gritos e uivos e coisas se quebrando. Papai e Archer ainda estavam presos na cela e sabe-se lá onde estava Jenna. E Cal. Não dava para ficar ali esperando que mais daqueles raios luminosos me atingissem. E se os agentes do Olho me encontrassem, não iam perguntar se eu ainda conseguia usar minha magia ou se estava apaixonada por um deles.

Tinha de sair dali. A única maneira era passando pelo arco de mármore e enfrentando a batalha épica.

Respirei fundo e coloquei a corrente de Jenna no bolso. Se queria saber o que tinha acontecido com ela, se queria salvar meu pai e Archer, se queria encontrar Cal, teria de sair dali viva, com ou sem magia.

— Elodie, se você estiver por aqui e puder dar uma mãozinha fantasmagórica, agradeço muito — falei.

Estava meio que brincando, mas Elodie apareceu flutuando na minha frente com uma expressão vagamente irritada.

— Nossa — murmurei. — Então... o que falaram sobre você estar conectada a mim é verdade?

Ela cruzou os braços e fez que sim com a cabeça, o rosto franzido.

— OK. Bem, foi mal por isso, mas prometo que se me ajudar a sair dessa vou fazer o que for preciso para nos... hum, desconectarmos.

Elodie olhou para mim e seus lábios se moveram. Não entendi direito, mas acho que disse "Acho bom mesmo".

Ela flutuou até um dos quadros e passou os dedos pela moldura como se fossem feitos de fumaça. Depois de alguns instantes, o quadro se abriu revelando uma passagem. Ela a indicou com a cabeça. Posso jurar que sua postura era bem presunçosa.

— Obrigada — falei, mas ela já tinha desaparecido.

Hesitei para entrar, mas ouvi um barulho sinistro lá embaixo. Não sei do que se tratava, mas parecia que o chão inteiro tinha se partido. Senti outra onda de magia e, mesmo sem ter meus poderes, ainda sabia o que era. Lara havia libertado Daisy. Não sei o que fez, mas os berros em seguida foram desumanos.

Papai, pensei. *Archer. Jenna. Cal. Fuja para que consiga ajudá-los.*

O túnel era tão baixo que tive de me agachar. Depois de uma curva, não vi mais a sede do Conselho. Tudo estava escuro. Instintivamente, levantei a mão e invoquei uma esfera, mas logo me lembrei que não conseguia mais fazer isso.

Enquanto me movia o mais rápido possível, ouvi os sons da batalha dentro da casa. Eram quedas e batidas como trovões, e acho que ouvi gritos. Eu me forcei a continuar mesmo estando desesperada para saber o que estava acontecendo. *Pai. Archer, Jenna, Cal*, continuei repetindo. *Você não vai conseguir ajudá-los se estiver morta.*

O teto ficou mais baixo quando o túnel se curvou para cima. Tive de ficar de joelhos e engatinhar até o final. Finalmente, minha cabeça bateu em alguma coisa sólida. Passei os dedos para sentir o que era. Uma porta.

Empurrei a porta e levei uma chuva de pedrinhas e areia. Vi os arbustos altos do labirinto ao meu redor, então acho que me arrastei até o fundo da casa.

Eu me impulsionei para fora e me contorci quando uma luz clara me deixou desorientada — achei que o sol já havia nascido, mas não, pois estava escuro quando andei pela casa com Elizabeth e a Sra. Casnoff. Com

certeza não havia passado tanto tempo assim para que o dia nascesse. E a luz não era do mesmo brilho amarelo-lima do sol, mas quente e laranja como o fogo.

Eu me levantei e me virei para a casa.

Estava em chamas.

Vi labaredas quebrando as janelas nos andares mais altos e lambendo a construção. Todo o telhado sobre o qual Lara nos falara no primeiro dia estava tomado. O calor queimou minha pele e a fumaça quase me fez engasgar. Fumaça.

Bem, pelo menos agora eu sabia de onde vinha.

Uma das enormes portas dianteiras de madeira explodiu. Era a casa onde Alice havia sido transformada em um demônio. O lugar no qual meu pai vivera a vida toda. A sede do Conselho.

Tudo acabado.

E papai e Archer ainda estavam lá dentro.

Quis me ajoelhar e começar a chorar ali mesmo, mas alguém segurou meu braço. Berrei e me debati com toda a força do mundo. Pela primeira vez, percebi como ficava vulnerável sem minha magia. Meus golpes eram fracos e sem efeito, e meus poderes berravam dentro de mim.

— Sophie, sou eu. Sou eu!

Cal.

— Está tudo bem — falou me dando um abraço. — Está tudo bem.

Eu desabei em seus braços. Estava muito fraca de medo e de preocupação para chorar.

— Onde você estava?

— Depois do julgamento, o Conselho me mandou de volta para o Hecate. Mas eu... Não sei, achei que tinha alguma coisa errada aqui, então usei o *Itineris* para voltar. O que foi que aconteceu? — perguntou.

Olhei para ele e vi seus olhos de mel refletindo o inferno.

— É o Conselho. Estão criando demônios. Criaram Nick e Daisy e agora Nick matou um bando de pessoas. Condenaram Archer à morte e... — Comecei a chorar. — O L'Occhio di Dio está atacando a casa por causa

disso, e Lara está usando Daisy contra eles. E... e meu pai ainda está lá. E Archer. E fizeram alguma coisa com Jenna, mas não sei o quê — contei.

Uma das várias chaminés de Thorne explodiu em labaredas e fumaça. Foi estranho porque só quando contei a história toda foi que me toquei de sua magnitude. Eu não tinha mais magia. Jenna havia sumido, talvez estivesse morta. Archer e papai estavam presos dentro de um palácio em chamas.

— OK — disse Cal com calma, e depois com mais firmeza. — Vá para o *Itineris*. Usei aquela corrente que Cross usou para ir ao Hecate e voltar, então ainda está lá. Coloque a corrente e saia daqui.

— Como? — perguntei tentando pensar. — Não tenho mais poderes.

Cal balançou a cabeça.

— Não tem problema. O *Itineris* tem magia própria. Não precisa da sua.

— Para onde vou? Não sei onde minha mãe está. — Minha garganta ficou tão apertada que senti dor. Papai disse que ia ligar para ela. E se estivesse indo para Thorne naquele momento? E se desse de cara com aquilo tudo? — Você esteve no Hecate. Ela está lá?

Cal fez um sinal negativo.

— Não. — Outra explosão aconteceu lá dentro e Cal olhou para a casa. — Vá para o *Itineris* e diga que quer ir para Aislinn Brannick. Deve ser o suficiente para chegar lá, ou pelo menos perto.

Se tivesse dito que eu devia ir para Nárnia, acho que não teria ficado tão chocada.

— O quê? — berrei mais alto do que as chamas. — Por que eu iria para perto dela?

— Porque é onde sua mãe está — disse olhando para mim intensamente.

Meus punhos se fecharam pegando a camisa dele.

— Ai, meu Deus, eles a capturaram?

Cal balançou a cabeça.

— Não, mas não tenho tempo de explicar agora. Confie em mim. Ela não vai te machucar, e é o único lugar onde você vai ficar a salvo. Vou ver

o que posso fazer pelo seu pai. E por Cross.

Peguei os braços dele.

— Cal, isso é suicídio — falei.

Só Deus sabe o quanto eu queria que papai e Archer fossem salvos, mas só de pensar em Cal entrando naquela loucura já fazia meu peito doer de medo.

Ele tirou minhas mãos de seus braços com delicadeza.

— Tenho de ir — disse com calma.

Ele se virou e logo parou, talvez para reconsiderar o que fazer. Mas em vez de concordar em ir para o *Itineris* comigo, segurou meu rosto com ambas as mãos e me deu um beijo.

Fiquei tão chocada que literalmente congelei. Minhas mãos ficaram no ar ao lado dos ombros de Cal. O beijo foi breve — um pouco longo demais para ser chamado de casto —, mas, quando Cal se afastou, só consegui olhar para ele sem saber o que dizer, boquiaberta. Ele passou o polegar pelo meu lábio inferior e emitiu faíscas para mim.

— Adeus, Sophie.

Aí saiu correndo e entrou na casa em chamas. Era mais um nome que eu podia adicionar à lista dos que perdi.

Já ouvi pessoas falando que, quando você passa por um trauma muito grande, seu cérebro simplesmente se desliga e fica em modo de sobrevivência. Deve ter sido o que aconteceu comigo, porque me senti como se tivesse tomado uma megainjeção de anestésico.

Eu me virei de costas para a Abadia Thorne e comecei a andar para o moinho. Não corri nem andei rápido. Apenas caminhei. Um passo de cada vez. *Vá para Aislinn Brannick*, dissera ele. *Sua mãe está lá*. Então tá. Vou para Aislinn Brannick.

Quando cheguei ao moinho, logo achei a corrente. A espada de Archer estava por perto. Sim, ele a tinha deixado ali naquela noite horrível.

Meus dedos estavam tão adormecidos quanto o resto do meu corpo quando peguei a espada e senti seu peso sólido nas mãos. Eu a levaria comigo caso visse Archer de novo.

Aquela velha sensação apareceu novamente, o mesmo impulso psíquico que senti quando saí da ilha Graymalkin. Todavia, não era preocupação e medo o que sentia.

Era alegria. E esperança.

Eu *com certeza* ia vê-lo de novo. Não sei explicar como soube, mas era certo.

Minha magia borbulhou dentro de mim, inútil mas viva, e senti a dormência indo embora, dando lugar a uma determinação de aço. Se Archer conseguisse sobreviver, talvez papai e Cal também conseguissem. E Jenna, onde quer que estivesse.

E, juntos, talvez pudéssemos acabar com aquilo tudo. Peguei a espada com mais força e coloquei a corrente no pescoço com a outra mão.

— Aislinn Brannick — murmurei baixinho. — Onde quer que esteja, espero que Cal não esteja enganado a seu respeito.

Dei um passo para a frente e entrei na alcova.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Hex Hall – A Maldição vol.2

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/livro/287467-hex_hall

Resenha do livro
http://www.mixliterario.com/2013/04/resenha-hex-hall-maldicao-rachel-hawkins.html

Página da série no facebook
https://www.facebook.com/pages/Hex-Hall-Series/194834944604

Resenha do livro
http://saletadeleitura.blogspot.com.br/
2013/05/resenha-do-livro-sortilegio-da-serie.html

Perfil da autora no goodreads
http://www.goodreads.com/author/show/
2261547.Rachel_Hawkins

Blog da autora
http://readingwritingrachel.blogspot.com.br/

Site da autora
http://readingwritingrachel.blogspot.com.br/

Capa
Obras da autora publicadas pela Galera Record
Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Capitulo 1
Capitulo 2
Capitulo 3
Capitulo 4
Capitulo 5
Capitulo 6
Capitulo 7
Capitulo 8
Capitulo 9
Capitulo 10
Capitulo 11
Capitulo 12
Capitulo 13
Capitulo 14
Capitulo 15
Capitulo 16
Capitulo 17
Capitulo 18
Capitulo 19
Capitulo 20
Capitulo 21
Capitulo 22
Capitulo 23
Capitulo 24
Capitulo 25
Capitulo 26
Capitulo 27
Capitulo 28

Capitulo 29
Capitulo 30
Capitulo 31
Capitulo 32
Capitulo 33
Capitulo 34
Capitulo 35
Capitulo 36
Capitulo 37
Capitulo 38
Capitulo 39
Capitulo 40
Colofão
Saiba mais